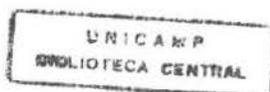


MARIA LÍDIA LICHTSCHEIDL MARETTI

UM POLÍGRAFO CONTUMAZ
(O Visconde de Taunay e os fios da memória)

Tese de doutorado apresentada ao
Departamento de Teoria Literária do Instituto
de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Francisco Foot Hardman.

Campinas - novembro de 1996



74 n.5a22

UP:	BC
N.:	A:
F. Unicasmp	
M:	326p
V:	Ex
TOMBO:	30115
PROC:	281197
C:	<input type="checkbox"/>
D:	<input checked="" type="checkbox"/>
PREC:	R\$ 11,00
DATA:	13-09-97
N.º CPU:	

CM-00 099208-7

M326p

Maretti, Maria Lídia Lichtscheidl ✕

Um polígrafo contumaz (o Visconde de Taunay e os fios da memória) / Maria Lídia Lichtscheidl Maretti. -- Campinas-SP: | s.n.], 1996.

291 f. : 30 cm.

Orientador: Francisco Foot, Hardman ✕

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Teoria Literária.

1. Crítica literária ✕ 2. Literatura - Teoria ✕ 3. Literatura brasileira - História e crítica ✕ 4. Memorialismo ✕ 5. Taunay, Alfredo d'Escagnolle, Visconde de Taunay, 1843-1899. I. Título

CDD - 869.909

Índices para Catálogo Sistemático

1. Literatura brasileira : História e crítica 869.909
2. Literatura : Brasil 869.09

Prof. Dr. Francisco Foot Hardman - Orientador

Flora Süsskind

Profa. Dra. Flora Süsskind

Flora Süsskind

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas

Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo

Odilon Nogueira de Matos

Prof. Dr. Odilon Nogueira de Matos

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Maia Lidia Bittelwald
Mautti

e aprovada pela Comissão Julgadora em
19, 12, 96.

Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

Aos só aparentemente esquecidos.

"O passado ajuda a compor as aparências
do presente, mas é o presente que escolhe
na arca as roupas velhas ou novas."
(Alfredo Bosi, *Dialética da Colonização*)

"Il voyagea. Il connut la mélancolie des
paquebots, les froids réveils sous la tente,
l'étourdissement des paysages et des ruines,
l'amertume des sympathies interrompues.
Il revint."
(Gustave Flaubert, *L'Éducation sentimentale*)

RESUMO

A obra do Visconde de Taunay é lida sob o signo da experiência marcante e decisiva da guerra contra o Paraguai, o que teria determinado também a atenção sempre vigilante do escritor sobre outros acontecimentos históricos, que se passaram no período em que viveu. O resultado desse processo é a manifestação do que chamo de "aspectos transitivos da obra", que denunciam a precariedade da duração, o caráter efêmero de um "olhar em trânsito". A grande profusão de textos, escritos ou transcritos a partir de sua produção oral, mais ou menos ficcionais, conhecidos do grande público ou quase clandestinos, sugere, de um lado, a construção progressiva de um grande projeto nacional-monarquista, logo frustrado pela história, e, de outro, a constante presença da prodigiosa memória de que Taunay era dotado e que se expressa sob a forma de inúmeras tramas discursivas.

RÉSUMÉ

L'oeuvre du vicomte de Taunay est lue sous la perspective de l'expérience marquante et décisive de la guerre contre le Paraguay, ce qui aurait aussi déterminé la surveillance constante de l'écrivain envers d'autres événements historiques qui ont eu lieu pendant la période où il a vécu. Le résultat de ce processus est la manifestation de ce que j'appelle "les aspects transitifs de l'oeuvre", qui dénoncent la précarité de la durée, l'aspect éphémère d'un "regard en transit". La grande quantité de textes, écrits ou transcrits à partir de leur production orale, plus ou moins fictionnels, connus du grand public ou, au contraire, presque clandestins, suggère ou bien la construction progressive d'un grand projet national-monarchiste, bientôt frustré par l'histoire, ou bien la constante présence de la prodigieuse mémoire dont Taunay était doué et qui se manifeste sous la forme de plusieurs trames discursives.

ÍNDICE GERAL

Nota Introdutória: As peripécias da pesquisa	5
PARTE 1: Transitando pela biografia e pela crítica	14
Capítulo I: As peripécias de um polígrafo contumaz (com um ardor de cavaleiro andante)	15
. Um nome em várias listas.....	16
. Um nome encabeçando outras listas.....	34
PARTE 2: <i>Sic Transit</i>	44
Capítulo II: Os fragmentos de futuro	45
. Por que Taunay?.....	45
. Os fragmentos do passado.....	46
. Nacionalismo: uma "incômoda anomalia".....	52
. Tudo tinha adormecido à sombra do manto do príncipe feliz.....	58
. Os contrastes da vida da guerra.....	63
. Uma pequena trégua nos morros: da doçura da vida não civilizada às cruezas inexplicáveis.....	70
. Da hesitação ao humor.....	72
. Um projeto é um embrião subjetivo de um objeto em gestação.....	74
Capítulo III: A experiência da transição	76
. <i>Hors-d'oeuvre</i> (ou o lápis e a letra de forma).....	77
. TAUNAY ou TONÉ: eis uma questão.....	86
. Um nó em uma rede.....	92
. As figurações de um Brasil-em-transição.....	104
PARTE 3: A construção de um estilo	114
Capítulo IV: A construção da memória de um arauto do rei	115
. O método e o processo mnemônico.....	115
. A importância da família e das outras instituições.....	128
. A memória da nacionalidade: construção e ruínas.....	134
. A regra do azul.....	141
Capítulo V: A veia discursiva	142
. Concepções e tipos de discurso.....	142
. Os discursos epidíticos.....	147
. Os discursos parlamentares.....	162

Capítulo VI: O virtuosismo descritivo	174
(ou Uma poética do espaço)	
. A língua como nomenclatura.....	174
. A descrição técnica.....	178
. As cenas de viagem.....	182
. As cenas da história.....	185
. Uma <i>ouverture</i>	187
. A narração dos objetos.....	191
Capítulo VII: A veia cômica	193
. O teatro numa poltrona.....	193
. Afinal, quem perdeu a sopa?.....	197
. À beira da figueira.....	211
À guisa de conclusão: Os fios da memória	
(sobre inclusões e exclusões)	218
. Os critérios para esquecer.....	219
Anexos	225
. Anexo I: Cronologia das publicações.....	225
. Anexo II: Listagem dos discursos.....	240
. Anexo III: Poemas do Visconde.....	244
Bibliografia Geral	250
1. obras do Visconde de Taunay.....	250
1.1. em livro ou sob forma de opúsculo.....	250
1.2. em revistas.....	254
1.3. traduções, prefácios e introduções.....	257
1.4. documentos.....	258
1.4.1. do IHGB.....	258
1.4.2. do Arquivo Nacional.....	261
2. biografias e estudos críticos sobre o autor.....	261
3. obras de teoria, crítica e história literária.....	271
4. sobre a guerra em geral e a guerra do Paraguai, em particular.....	279
5. obras de cunho histórico, cultural, político, sociológico.....	284
6. sobre o nacionalismo.....	289
7. sobre tradição e modernidade.....	289
8. de e sobre memorialismo, viagens, índios.....	290

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

As referências bibliográficas feitas neste texto obedecem a um código especial, elaborado para facilitar a organização da bibliografia consultada (vide páginas finais). Assim, quando menciono por exemplo, em nota de rodapé, o número em negrito **1.1.13**, trata-se de uma remissão à listagem bibliográfica final, onde será encontrada a referência completa, nos seguintes termos:

1.1.13. _____ - *A retirada da Laguna* (trad. de Ramiz Galvão). Rio de Janeiro, Garnier, 1901.

NOTA INTRODUTÓRIA

AS PERIPÉCIAS DA PESQUISA

"um espírito novo não invade uma época à maneira de um regimento de granadeiros prussianos avançando numa linha reta impecável, mas antes à moda de atiradores dos quais uns avançam aqui, enquanto os outros se retardam: a linha de batalha será portanto irregular."

(Leo Spitzer, *Études de style*)

Em uma das viagens que fiz para recolher dados para minha pesquisa, ocorreu um episódio cujas conseqüências quero deixar aqui registradas. Já instalada no ônibus que me levaria de Campinas ao Rio de Janeiro, vi que teria como vizinha uma senhora bem idosa, que lamentava o fato de não ter conseguido uma poltrona junto à de seu marido. Dispus-me então a trocar com ele, apesar de ter sido prevenida de que sua poltrona era ao lado do banheiro. Confesso que estranhei logo a minha gentileza numa troca até aquele momento tão desfavorável para mim, mas mesmo assim insisti no gesto que só poderia explicar pelo assomo de caridade que às vezes toma conta de mim e que vem, quase sempre à minha revelia, da formação católica que tive e cuja prática mantive até o final de minha adolescência. Minha nova vizinha, agora bem mais jovem, estava já dormindo quando me sentei ao seu lado, de maneira que só pude ouvir sua voz algum tempo depois da partida do ônibus. Depois das primeiras frases trocadas amigavelmente, e que são tão freqüentes em situações como essa, fiquei sabendo que Maria Luísa, médica com emprego no Rio e com um namorado em Barão Geraldo, era na verdade sobrinha de uma das netas do Visconde de Taunay e podia por isso intermediar um encontro entre mim e sua tia. Notei logo que minha viagem de pesquisa tinha começado antes do previsto, e a confirmação disso veio dois dias depois, quando, graças a uma casualidade inesperada e ao empenho de Maria Luísa, pude me encontrar com cinco netas do Visconde de Taunay, que gentilmente se dispuseram a conversar comigo, numa tarde inesquecível. Foi nesse encontro, na casa de uma delas, que me delicieei com as anedotas que estão na memória da família e que têm como principal personagem o avô de todas elas: que pude ter em minhas mãos um pouco trêmulas pela emoção a pena usada por Taunay; que soube detalhes a respeito das polêmicas campanhas reformistas do ancestral político; que fui informada por Clarice Taunay da manutenção a sete chaves dos manuscritos das *Cartas da*

Campanha e das Cartas do grande amigo André Rebouças - por temer por sua conservação caso elas saiam de seu poder - e que, sobretudo, iniciei meu contato com Marina Taunay Leite Guimarães, cuja solicitude e cujo zelo arquivístico, talvez herdado dos antepassados, causaram-me sempre uma forte impressão. E foi aí também que soube da existência de Odilon Nogueira de Matos, professor de história da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com quem troquei posteriormente várias idéias, muitas impressões, textos, cartas e o carinhoso "nosso Taunay", sempre que nos referimos à razão de nossa aproximação. Recordar tudo isso ao iniciar esta tese significa marcar o reconhecimento do quanto uma viagem, tal como aconteceu com Taunay, pode mudar um percurso já anteriormente previsto e traçado, além de ser uma homenagem carinhosa a pessoas a quem devo muitos agradecimentos. Quando retornei da viagem, narrei o episódio a meu orientador, que me perguntou: "Lídia, como você explica isso?", ao que respondi: "Não sei, e nem quero explicar, só sei que aconteceu." Minha mãe teria dito que foi meu anjo da guarda...

Mas esse foi apenas um dos episódios da pesquisa. Na verdade, esta história começou no primeiro semestre de 1991, durante o curso de pós-graduação "Movimento Literário I", onde o que se pretendia era rever, sob perspectivas relativamente inusitadas, o período da literatura brasileira tradicionalmente identificado como *pré-modernismo* (1870-1920) - o tema do curso era "Pré-modernismo no Brasil: problemas de definição e periodização". Naquele momento, discutimos a possibilidade de considerar o período não mais sob o estigma de ter (apenas?) precedido o Modernismo, e nem mais sob a tutela crítica de muito do que lhe seguiu historicamente, mas em sua autonomia própria, de maneira a poder resgatar o que na perspectiva já tradicional havia sido esquecido ou, talvez injustamente, desmerecido. Dentre as várias possibilidades de pesquisa e de estudo com que me deparei para ser avaliada, escolhi a de tecer considerações em torno dos livros *A Retirada da Laguna* (1871) e *Memórias* (postumamente publicadas em 1948), de um escritor que tinha, por detrás do conhecido título de Visconde, o até então para mim desconhecido nome Alfredo (Maria Adriano) d'Escragnolle Taunay. Naquele momento, eu ainda não tinha condições de constatar, como fiz várias vezes depois, a confusão que as fichas dos catálogos das bibliotecas costumam fazer entre o nome do pai - Alfredo - e o nome do filho - Affonso -, ambos com iniciais idênticas, o que é um sintoma de que os desconhecimentos que se têm em torno desse (ou desses?) nome não eram

¹ Ministrado pelo professor Francisco Foot Hardman, que passou posteriormente a ser meu orientador.

só meus. Naquele momento ainda, a perspectiva que eu tinha sobre o trabalho a respeito do escritor era a de que ele se encerraria na data proposta pelo professor para a entrega do texto final. Os limites temporais da pesquisa eram, portanto, vislumbrados como bem mais curtos do que passaram posteriormente a ser. Aliás, era sobre outro escritor que o meu projeto de doutorado propunha originalmente o seu estudo: foi só no final de 1991 que a nova perspectiva passou a se delinear. A opção por Alfredo d'Escragno Taunay em detrimento de Hernâni Donato se deu sobretudo porque conheci, nesta pesquisa inicial, o surpreendente episódio memorialístico do *formica leo* - e talvez ele seja um dos responsáveis imediatos da decisão - e porque achei (e ainda acho) que teria futuramente tempo e disposição para me deter sobre alguns dos romances do escritor que naquele momento resolvi esquecer.

Por outro lado, não sei se tudo começou exatamente naquele momento. Ou se é possível fixar um momento preciso no tempo para demarcar a origem de um processo que - talvez só agora constate - já vinha acontecendo. E esse processo diz respeito ao surgimento das muitas e permanentes dúvidas que comecei a ter a propósito de valores ilusoriamente tidos como já assentados por mim, como o que fundamenta as fronteiras já-demarcadas entre os gêneros literários e entre os literários e os não-literários, a atribuição de menoridade a alguns desses textos, e a conseqüente possibilidade de descartá-los de uma consideração histórica e histórico-literária. Talvez tudo isso tenha começado a acontecer na primeira vez em que li Foucault - sobretudo o de *L'ordre du discours* ou o de *L'Archéologie du savoir*, ou quando percebi em Antonio Candido outras vertentes de estudo como a que se propõe a "mostrar de que maneira [*a literatura do Brasil*] está ligada a aspectos fundamentais da organização social, da mentalidade e da cultura brasileira"². Ou mesmo, quando li o Terry Eagleton que faz pensar na arbitrariedade dos condicionamentos acadêmicos que nos levam a privilegiar este escritor e não aquele³, ou este livro e não um outro, e percebi que as críticas e ressalvas que ouvia sobre os livros e autores considerados "menores" podiam ser suspeitas de uma nostalgia intransigente de um tempo em que uma certa ordem era ainda capaz de evitar certas "desordens".

Mas voltemos ao curso. Ele me fez então acreditar em novas possibilidades de pesquisa e essa nova crença determinou em grande parte as escolhas que fui fazendo e o conseqüente perfil que a tese adquiriu. À constatação inicial da importância histórica e cultural d'*A Retirada* e das *Memórias* seguiu-se a impossibilidade de descartar outros títulos que foram se

² 3.36, p. 163.

³ 3.58.

acrescentando numa proporção que, em princípio, é quase assustadora. Uma dessas escolhas foi a de não desconsiderar os textos de Taunay que não possam passar sob o rótulo de "literários"; o contrário, aliás, teria sido muito mais fácil e mais prático. A decisão de só excluir os textos publicados em jornal que não tenham sido reunidos posteriormente em livro pelo filho, o historiador Affonso d'Escragnolle Taunay, foi tomada por uma razão meramente prática: seria (será?) um projeto de uma vida e não o de uma tese de doutorado. Em princípio, os limites para a delimitação do material estudado foram esses, o que me fez colocar lado a lado, ou numa mesma listagem bibliográfica, títulos como *Inocência* e "Considerações acerca da idéia de elevar-se uma estátua a Cristovão Colombo, no Pão de Açúcar", que, apesar de parecerem (e serem, sob certa perspectiva) de uma heterogeneidade flagrante, denunciam por outro lado uma mesma vontade intransigente de perseguir trilhas que, apesar de distintas, conduzem à execução de um mesmo e grandioso projeto para o Brasil.

Alguns meses depois da decisão sobre o novo objeto de estudo, submeti-me ao exame de qualificação - em agosto de 1992 -, munida de muitas dúvidas e inquietações, do texto do projeto, de uma primeira versão para um primeiro capítulo (resultante de alterações que fiz ao texto original sobre as *Memórias*), e de um sumário do que eu pretendia que fossem os capítulos da tese. A idéia de um exame tão prematuro para os padrões do programa de pós-graduação vinha de uma tentativa de mudar tais padrões, e talvez acelerar o processo de confecção da tese, e da oportunidade da presença no Brasil do professor John Gledson, com quem eu havia feito um outro curso, no segundo semestre de 1991, do qual resultou o texto sobre um conto de Machado de Assis, com ressonâncias sobre a obra de Taunay⁴. Confesso que eu não estava em condições de pôr em prática a idéia da mudança nos tais padrões, seja pela falta de amadurecimento teórico que o pouco tempo de reflexão sistemática não pôde suprir, seja pela falta de contato com os inúmeros outros textos de e sobre o escritor, o que vim a fazer posteriormente. E este amadurecimento e este contato determinaram mudanças substanciais no projeto original. Por outro lado, as críticas e sugestões dadas pelos examinadores - professores John Gledson e Luiz Carlos Dantas - foram de grande valia para minhas reflexões posteriores e me fizeram inclusive desistir de caminhos que pretendia naquele momento seguir.

Estudar Taunay nos moldes que delineeí significou também fazer visitas a instituições como a Biblioteca Nacional, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Arquivo Nacional, o Arquivo Português de Leitura, a Academia

⁴ Trata-se do texto "Isto acaba: uma leitura do conto 'D. Benedita', de Machado de Assis", publicado em *Remate de Males*, Campinas, (14): 111-28, 1994.

Brasileira de Letras, todas na cidade do Rio de Janeiro, e, em São Paulo, a biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros e a dos cursos de História e Geografia (ambas na Universidade de São Paulo), o Museu Paulista e a Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Em Campinas, e em especial na Universidade Estadual de Campinas, passei longas horas na Biblioteca Central, em suas Coleções Especiais e Seção de Obras Raras, na biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem e na do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, no Centro de Documentação Alexandre Eulalio e no Centro de Memória desta Universidade. No final da pesquisa, já morando em Assis, admirei-me muitas vezes com as surpresas que a biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras dessa cidade, um dos campus da Universidade Estadual Paulista, me proporcionou, o que me fez recordar longas buscas anteriores; lá descobri, por exemplo, uma coleção quase completa da *Revista Brasileira*, com todos os números de suas duas últimas fases, com a qual me delicieei longamente. Aproveito aqui para agradecer a todos os funcionários destas instituições que, com sua presteza e gentileza, sempre facilitaram as minhas pesquisas e foram em alguns momentos mensageiros de surpresas que muito me estimularam. A primeira edição - raríssima - de *A Mocidade de Trajano*, por exemplo, só pude ver no Arquivo Português de Leitura, os manuscritos de cartas e documentos emitidos e recebidos pelo escritor, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e a maior parte dos textos de difícil acesso, na Biblioteca Nacional.

E significou, ainda, ter que lidar com suportes dos mais variados tipos: desde originais manuscritos de cartas e outros documentos que avidamente e com muita dificuldade copiei à mão, passando por raríssimas primeiras edições que pude manusear no momento da consulta ou com as que só pude ter contato através de cópias microfilmadas como medida de preservação, até a infinidade de cópias xerox de originais, cuja obtenção escapava da vigilância preventiva dos funcionários, ou de cópias microfilmadas de outros originais, obtidas onde as normas de preservação dos textos são executadas com mais rigor. Todas essas cópias - manuscritas, xerocopiadas, microfilmadas - foram sendo acumuladas ao longo do tempo e foram aos poucos constituindo o meu material de pesquisa. Esta tese é apenas uma pequena parte do que é possível realizar a partir dele: quando vislumbro o que (ainda?) não fiz, constato que as possibilidades de pesquisa são inumeráveis.

Não posso me esquecer dos vários sebos visitados e dos imprevistos e frustrações que invariavelmente tive dentro deles. Era sempre excitante saber da existência de mais um sebo onde eu pudesse procurar - e encontrar! - alguma edição de Taunay perdida entre inúmeras outras desprezadas pelo comum dos

leitores. O entusiasmo pela aquisição da primeira edição das *Memórias* (1948), cuja raridade constatei ser menor do que pareceu à primeira vista, só foi superado quando adquiri um exemplar da primeira e única edição das *Narrativas militares* (1878), que satisfazia aos poucos a minha curiosidade bibliófila. Mas a alegria que superou todas as outras foi o presente de aniversário que ganhei de um amigo, em 1992: uma "caixa de surpresas" com nada menos que dez livros de Taunay, ricamente encadernados por um certo C. A.. Meu amigo conhecia e partilhava minhas buscas, e não podia ser mais inventivo na escolha de um presente. Não sei se já lhe agradei suficientemente, mas em todo caso deixo aqui de novo registrada esta minha alegria, entre outras que ele me proporcionou.

Taunay também foi o motivo de minha ida a alguns congressos, e muitos dos textos neles apresentados foram aos poucos se constituindo nos germes de alguns dos capítulos de minha tese. No segundo semestre de 1992, participei, em Aquidauana, do *I Encontro de História da ANPUH - Núcleo de Mato Grosso do Sul*, com o texto "Taunay: olhares contrapostos diante da guerra do Paraguai", em que já apontava, ainda que de forma incipiente, para questões retomadas posteriormente, como a da construção de um novo olhar nacionalista, diverso do adotado até então pelo Romantismo, já que determinado pelas contingências da guerra contra o Paraguai.

Em maio de 1994, foi com o texto "A veia discursiva do Visconde de Taunay" que participei em São Paulo do *XLII Seminário do GEL*. Procurei mostrar, então, o profundo conhecimento demonstrado por Taunay das regras que subjazem às condições de produção dos discursos e a eficácia com que maneja certos recursos argumentativos, baseados em estratégias linguísticas de resistência e de luta contra as investidas retóricas dos seus adversários políticos.

Em agosto de 1994, no *4º Congresso da ABRALIC*, ocorrido em São Paulo, apresentei o texto "A experiência da transição na obra de Taunay", em que propus a discussão sobre o caráter transitivo da obra em outros termos que não os já consagrados pela historiografia literária brasileira: desprezando a polêmica "romântico ou realista?", procurei ater-me a outros aspectos transitivos da obra, como o da experiência do soldado-viajante como narrador-viajante, o da vontade de abrangência como critério para o método mnemônico e o de certas alegorias construídas pelo escritor e tidas por mim como figurações de um Brasil-em-transição.

No *Congresso de Literatura e História do IEL/UNICAMP*, no final de setembro de 1994, apresentei o texto "O Visconde de Taunay e a imigração no século XIX", com o novo título "TAUNAY ou TONÉ?: eis uma questão", no qual procurei estudar em que sentido a condição de imigrante dos ancestrais

franceses e os problemas políticos e sociais daí advindos contam com reflexos na obra.

Em maio de 1995, desta vez em Ribeirão Preto, fui ao *XLIII Seminário do GEL*, tendo em mãos um estudo sobre "O virtuosismo descritivo do Visconde de Taunay". Para além da constatação da virtuosidade descritiva do escritor, responsável pela exemplaridade com que é tradicionalmente encarado, procurei estudar outros aspectos da descrição, como o do apelo à memorização, o do arquivamento de dados, o da hierarquia e o da concepção de língua como nomenclatura, com funções de denominação e de designação do mundo, concluindo, num movimento arqueológico, com a tendência enciclopedista do viajante-a-(re)descobrir-o-Brasil.

No *I Seminário Teses em Andamento*, promovido pela pós-graduação do IEL, em outubro de 1995, com o texto "Memória e Nacionalismo em Visconde de Taunay", fiz uma apresentação sumária dos fundamentos teóricos e dos capítulos que iria desenvolver em minha tese.

Ainda neste mesmo mês, apresentei o texto "O visconde de Taunay e as figurações do Brasil em transição" no *I Congresso Internacional de Cultura e Literatura Ibero-americana*, em Divinópolis - MG, onde analisei duas imagens alegóricas - a do *formica leo* e a do "caleidoscópio colossal" - que se caracterizam por uma atitude de oposição frente à história: a partir de uma perspectiva histórico-projetiva, elas demonstram a frustração de um olhar que tem que encarar o que não gostaria de ver.

E, finalmente, no final de julho de 1996, no *5º Congresso da ABRALIC*, no Rio de Janeiro, apresentei o texto "O Visconde de Taunay e as imagens da nacionalidade: construção e ruínas", a partir, principalmente, da leitura dos livros *A Retirada da Laguna* (1871) e *A cidade do ouro e das ruínas* (1891 e 1923), nos quais procurei me deter sobre o olhar que percorre o interior da nação em construção-mas-já-em-ruína, e que procura reconstruir histórias a partir da evidência dos seus vestígios.

Em 1993, o sesquicentenário do nascimento de Taunay foi comemorado com um número especial da revista *Notícia Bibliográfica e Histórica*, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a responsabilidade do professor Odilon Nogueira de Matos. Em meio a outros textos selecionados, contei aí com um espaço para a publicação do meu "Nem tanto ao mar, nem tanto à terra", em que apresento uma leitura do primeiro romance do escritor - *A Mocidade de Trajano*. Discuto neste texto as razões pelas quais o romance foi rejeitado pelo escritor, pela família e pela crítica, e a possibilidade de uma

reabilitação do seu valor, tendo em vista as contingências históricas do momento em que foi escrito.

Este texto se estrutura em três grandes partes, compostas de capítulos pontuais: a primeira, intitulada "Transitando pela biografia e pela crítica", inclui apenas um capítulo, "As peripécias de um polígrafo contumaz (com um ardor de cavaleiro andante)", onde procuro, face à riqueza dos dados biográficos e à quantidade de intervenções críticas suscitadas pela obra de Taunay, construir "histórias" que possam abranger minimamente tamanha profusão de informações; a segunda parte - "*Sic transit*" - trata basicamente do que considero como manifestações da transitividade da obra, onde incluo dois capítulos, intitulados "Os fragmentos de futuro" e "A experiência da transição"; e a terceira e última parte - "A construção de um estilo" -, abrangendo os quatro capítulos finais, levanta questões relativas à memória, à oratória, à descrição e ao teatro de Taunay.

A minha decisão recente pelo ensino de Língua e Literatura Francesa, na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista / campus de Assis, se por um lado se justifica, por outro cria uma razão a mais para a minha aproximação e o meu interesse pelo escritor que foi o objeto de estudo desta tese: alguns textos originalmente escritos em francês - *La retraite de Laguna*, *La conquête du fils*, *As Cartas da Campanha* - suscitam, e talvez agora de forma mais contundente, uma reflexão sobre o processo de tradução e sobre as ligações enviesadas do escritor com a cultura francesa. Novos projetos, novos horizontes de pesquisa, portanto.

Os amigos, alguns colegas, meus pais e meus irmãos talvez não saibam e não possam por isso avaliar o alcance significativo de alguns gestos que chegaram no momento exato e, muitas vezes, sem que eu pudesse prever. A memória é capaz de selecionar e registrar nomes, palavras e atitudes; e por isso pretendo, na continuidade da convivência com eles, e em momentos e circunstâncias que sejam mais propícios, mostrar devidamente o quanto lhes sou grata. Mesmo assim, aproveito aqui para agradecer a confiança e o carinho do Heitor, da Fanny, das duas outras Marias e dos três Josés, a paciência dos colegas do Departamento de Letras Modernas, e em especial da área de francês, as trocas e papos sobre vida e trabalho com a Fran, o Zorzato, a Cléo, a Ingrid e o Cláudio, contatos que a vida impediu que continuassem com a frequência que todos queríamos, as alegrias e angústias partilhadas longamente com a Viviana e o Vinícius, a qualidade das discussões teóricas que pude ter com a Jussara, que teima em ficar tão longe, a gentileza e a amizade do sempre querido Alagoinhas,

o encanto e a energia contagiante da Meire Bala e, sobretudo, a prontidão sempre alerta da Ana, que desde o fim da década de 70 insiste em me mostrar o quanto a vida pode ser bonita. Muitos desses amigos estão hoje muito distantes do meu cotidiano, mas a memória que tenho deles às vezes consola a falta que sinto.

O Foot e o Fernando merecem um agradecimento especial, sobretudo por terem acreditado sempre que eu seria capaz de continuar, apesar de tudo. Talvez sejam a insistente paciência e a contínua sensatez dos dois as responsáveis pelo meu sentimento de que valia a pena persistir. Porque eles souberam sempre e por vias diversas cobrar de mim o que eu nem sempre sabia que podia.

Um desses amigos costuma dizer que, em projetos de mestrado ou de doutorado, a gente nunca consegue prever realmente o que vai acontecer. Porque a vida, às vezes, prega peças que podem desestruturar muita coisa, ou quase tudo. Eu o admiro por isso e por saber lidar com os revezes súbitos e inesperados. Agradeço suas sábias palavras: elas trazem um consolo e uma compensação para o fato de as coisas não terem saído como eu originalmente pretendia.

P A R T E 1

TRANSITANDO PELA BIOGRAFIA E PELA CRÍTICA

Esta primeira parte, formada por um único capítulo, pretende examinar a biografia e a crítica sobre Taunay. O texto poderia ter sido escrito a partir da seqüência cronológica das publicações do escritor (vide Anexo I), com as correspondentes manifestações críticas que a elas podem ser relacionadas (Vide item 2 da bibliografia).

Contudo, dada a quantidade de informações de que disponho e em vista do risco de elaborar um texto enfadonho - ou muito semelhante a outros já escritos -, preferi proceder a um critério diverso, de maneira a perseguir outras linhas de condução do texto, como se verá a seguir.

CAPÍTULO I

AS PERIPÉCIAS DE UM POLÍGRAFO CONTUMAZ (COM UM ARDOR DE CAVALEIRO ANDANTE)¹

"Apreciá-lo em todas as modalidades do seu talento polimórfico exige o desenvolvimento de alentada monografia e não se pode abranger em síntese muito condensada o exame de sua individualidade."
(Arthur Motta, "Perfis acadêmicos")

"Quem entrar, das 2 às 3 horas da tarde, no *comptoir* da livraria Faro & Lino, à rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, encontrará um círculo de homens espirituosos, em animada discussão. De todos os lados, chispam os rasgos de espírito, sucedem-se os ditos picantes, e todos os acontecimentos do dia são esmerilhados. Acham-se ali reunidos, àquela hora, muitos dos mais conspícuos escritores do Brasil, os quais, sorvendo o *moka* brasileiro, fazem a permuta de suas idéias. Tais são Ferreira de Araújo, o gordo, hábil e talentoso redator-chefe da *Gazeta de Notícias*, Dermeval da Fonseca, seu amigo leal, Valentim Magalhães, o crítico desapiedado, André Rebouças, o pensador profundo e excelente engenheiro, Joaquim Serra, o gracioso folhetinista, Machado de Assis, o poeta primoroso, e muitos outros. Dentre eles todos, porém, o mais vivo, o mais chistoso, o mais falante, é um homem de quarenta anos de idade, alto, esbelto, de olhos azuis, cabelos castanhos ondedados e fisionomia extremamente expressiva. A sua *verve* é a mais percuciente, sua palavra, a mais incisiva; quase sempre tem ele, do seu lado, aqueles que riem. Tal é Alfredo d'Escragolle Taunay..."²

O gaúcho Carl von Koseritz, autor do *Esboço característico* do qual foi retirado este trecho, teve a chance histórica de ver cenas como essa, o que lhe permitiu registrá-la nos seus detalhes mais graciosos. Escrevendo em 1884, ano em que Machado de Assis era ainda considerado mais pelos poemas que compôs do que pelos textos em prosa que o tornaram tão conhecido, ele teve condições de flagrar e testemunhar a tão acalentada prática intelectual da *causerie*, que reunia no Rio de Janeiro alguns dos nomes mais importantes da vida cultural da época, e que foi decisiva para a fundação da Academia Brasileira de Letras³. O "homem

¹ O título deste capítulo me foi sugerido por José Verissimo, em artigo reproduzido em 2.171

² 2.54, pp. 1-2.

³ A esse respeito, Roberto Ventura escreve que "a Academia nasceu das reuniões na *Revista Brasileira*, dirigida por [José] Verissimo. De tais encontros, tomavam parte os monarquistas Joaquim Nabuco, visconde de Taunay e Carlos de Laet, e republicanos, como José do Patrocínio, Lúcio de Mendonça e Coelho Neto. Encontravam-se para tomar chá e conversar sobre literatura, sem o envolvimento de discussões políticas. A redação, situada na rua do Ouvidor, abrigou a Academia até o fechamento da revista em 1900." (5.92, p. 113) Talvez estas não fossem exatamente as mesmas reuniões mencionadas por Koseritz, já que aqui o chá substitui o café e as

de quarenta anos de idade" se destaca dos outros por algumas razões talvez um tanto fúteis, e por outras que teriam determinado alguns dos traços característicos de sua obra. Saber que ele foi o mais falante de seus pares, que teve a *verve* mais percuciente e a palavra mais incisiva, e que provocou o riso em quem estava à sua volta, são informações que contam com ressonâncias passíveis de serem constatadas aqui e ali nos seus escritos. Mas o resultado deste flagrante dado na rua do Ouvidor é apenas uma das inúmeras fontes para começar a conhecer um pouco mais deste homem "de fisionomia extremamente expressiva", e de sua obra. Vamos, portanto, a elas.

I - UM NOME EM VÁRIAS LISTAS

"Pela variedade das suas aptidões, o Sr. Taunay mereceria esse feio nome de polígrafo, com que os bibliógrafos alcunham os que trataram e escreveram de muitas coisas."
(José Veríssimo, *Discurso fúnebre ao Visconde de Taunay*)

À página 76 do volume I de uma publicação recente (1993) intitulada *História de Curitiba em Quadrinhos*, pode-se ler, em meio a uma lista de outros nomes ligados a essa história, os seguintes dizeres:

"Presidente Taunay, visconde Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay - (* Rio de Janeiro/RJ, (?) 1843 + idem, (?) 1899). De família de artistas, o futuro visconde de Taunay ingressa na carreira militar, participando da Guerra do Paraguai. Tomou parte da operação militar, que imortalizou com seu livro *A Retirada da Laguna* (1871). Ocupou vários cargos políticos, tendo sido também presidente de Santa Catarina. Promotor das artes, no Paraná soube apoiar o talento do aquarelista suíço Michaud, que vivia no Superagüi. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a esta instituição confiou suas memórias. Dedicou-se à crítica de arte, mas foi como autor de vários romances, destacando-se *Inocência* (1872), que firmou seu nome no mundo das letras, para ser membro fundador da Academia Brasileira de Letras."⁴

Quem conhece pouco a biografia do visconde, e porventura leia esse pequeno fragmento, talvez constata algumas novidades e confirme algumas informações que são de domínio de um público minimamente afeito às letras brasileiras. A menção à responsabilidade pela imortalização do episódio famoso da guerra contra o Paraguai e o destaque dado ao romance de 1872 são imediatamente assimilados como mera confirmação de conhecimento, do qual se

discussões evitam a política, o que não parece ser o caso daquelas. Mas a *causerie* parece ser uma prática cultuada nas duas.

⁴ 2.23.

infere necessariamente o fato de que ele foi também um militar do exército brasileiro e o de que viajou com a coluna expedicionária ao Paraguai, viagem que resultou na famosa Retirada. A essas informações pode ser acrescentada a de que essa profissão não era a originalmente desejada - ele queria ser médico -, tendo sido na verdade quase uma imposição dos pais. Taunay não conseguiu fazer objeções ao argumento de que devia seguir a carreira militar, já que se tratava de uma tradição familiar, e o de que a medicina era uma profissão demasiado servil, não condizente portanto com a nobreza a ser mantida na família:

"Também, por causa deste doutor Bento [*diretor do hospital dos doentes de febre amarela no Saco da Jurujuba, amigo da família*], sentia eu aspiração bem forte, contrariada desde logo por meus pais, do modo mais positivo.

- Que idéia, dizia meu pai, ser médico, a carreira mais dependente e servil que há! É o escravo da sineta; está dia e noite às ordens de quem o venha chamar. Só há, aliás, uma carreira - a militar.

- E as guerras? objetava eu timidamente.

- E que tem a guerra? respondia, como legítima espartana, minha Mãe; irás à guerra e serás, do mesmo modo que os teus avós, feliz nela, voltando honrado e glorioso. Não podes desmerecer do que foram todos os seus antepassados."⁵

A submissão à vontade dos pais capacitou Taunay para o exercício de sua primeira atividade profissional: diplomado como engenheiro geógrafo e bacharel em ciências físicas e matemáticas, ele foi professor de várias disciplinas, sendo que a disparidade entre elas - ele ensinou tanto francês quanto geologia, mineralogia e botânica -, sugere já aqui o avesso da especialização e a amplitude quase enciclopédica dos conhecimentos que detinha e que podem ser comprovados em toda a sua obra.

É preciso um pouco mais de informações, porém, para comprovar uma vez mais que ele nasceu e morreu no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, que foi também autor de um livro de memórias e de outros romances, que participou da fundação da Academia Brasileira de Letras, da qual ocupou a cadeira de número 13, que sua família era de artistas e que exerceu cargos políticos. O detentor dessas maiores informações vai estranhar, contudo, o longo nome que se esconde por detrás do título nobiliárquico: com certeza ele não saberia que o "Maria Adriano" faz parte do nome de batismo de Alfredo d'Escragolle Taunay e que foi suprimido posteriormente por ele.

Pertencem, por outro lado, à categoria dos "especialistas em Taunay" os que já saberiam, por exemplo, que, dentre os vários cargos políticos ocupados por ele, encontram-se a presidência das então províncias do Paraná e de Santa Catarina; os que conheceriam com exatidão as datas de seu nascimento e de sua

⁵ 1.1.44, pp. 50-1.

morte - e por isso iriam querer, com maior ou menor rapidez, dependendo de que valor atribuir a essa informação, substituir os dois pontos de interrogação do texto por, respectivamente, 22 de fevereiro e 25 de janeiro; os que iriam esclarecer que a "família de artistas" era proveniente da França; que aos "vários romances" seria preciso acrescentar ainda alguns contos, peças de teatro e muitos outros textos de gêneros diversos; que desejariam esclarecer que o fato de ter confiado suas memórias ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (doravante, IHGB) deveu-se à sua decisão de manter os manuscritos do texto na famosa (?) Arca do Sigilo dessa instituição, por um período mínimo de 50 anos após o término de sua redação (previsto para 1893, o que faz coincidir a data da liberação para a publicação com o ano do centenário de seu nascimento); que teriam conhecimento de que, no momento da entrega dos originais ao Instituto, ele já havia, em nome da fidelidade ao imperador deposto e exilado, se desligado da instituição, traidora a seu ver do antigo Presidente Perpétuo; que gostariam de esclarecer que, dentre suas manifestações como crítico de arte, encontram-se o texto chamado "Estudos sobre belas artes", além de textos sobre Zola e sobre a ópera *Os Huguenotes*⁶, tendo este último provocado uma intensa polêmica com Tobias Barreto; que saberiam que a expressão "futuro visconde de Taunay" se justifica pelo fato de a aquisição do título nobiliárquico ter ocorrido após a presidência do Paraná, e apenas dois meses antes da Proclamação da República; e que poderiam, enfim, dizer que esta sua participação na guerra não foi a única, tendo sido seguida pela presença na operação chamada "Campanha da Cordilheira", que determinou o fim do conflito. Destas participações na guerra, resultaram muitos títulos de sua obra completa - são, na verdade, os que foram publicados em primeiro lugar⁷ -, nos quais se percebe a grande variedade de motivos que o levaram à escritura: desde aqueles que, escritos no calor da hora, relatam o dia a dia das campanhas, com a profusão de detalhes técnicos e descritivos, até os escritos posteriormente, com elaboração diferenciada, e que foram suscitados e sugeridos pela memória que foi se acumulando face aos acontecimentos bélicos. A novidade para o especialista seria talvez o apoio do visconde ao "talento do aquarelista suiço Michaud, que vivia no Superagüi", o que, no entanto, não é de estranhar, tendo em vista outros apoios irrestritos e constantes a artistas, como aos músicos Carlos Gomes e José Maurício Nunes Garcia.

⁶ A propósito destas manifestações críticas, vide os textos 1.2.30, 1.1.15 (pp. 5-49), 1.1.31 (pp. 87-94) e 1.2.33.

⁷ Vide no Anexo I as publicações que se deram entre os anos 1867 e 1874, e a de 1878.

O quadrinho dedicado a Taunay nesta *História de Curitiba* encontra-se à página 58 e traz em destaque um mapa e um retrato do escritor, encabeçados pela seguinte legenda:

"O Passeio Público, obra do Pres. Taunay, inaugurada em 2 de maio de 1886. Sua implantação liga-se à proposta de reforma urbana da região pelo engenheiro Lazzarini. Sua concepção atende ao espírito da administração Taunay, que promoveu calçamentos e arborizações. O projeto de Lazzarini introduz o boulevard 2 de julho, a rua Fontana e soluciona os alagamentos do atalho da Graciosa."⁸

A data da inauguração da obra antecede de um dia apenas a uma outra data importante: a da *Exposição com que S. Ex. o Sr. Dr. Alfredo d'Escragno Taunay passou a administração da Província do Paraná ao Ex. Sr. Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho - 1º Vice-presidente, a 3 de maio de 1886*⁹. Trata-se de um longo relatório de uma curta administração da província em que Taunay expõe minuciosamente a sua atuação, citando este e muitos outros atos, e que aponta para o destino final de sua carreira política: o de senador do Império (A saída desta presidência, que durou apenas 5 meses - de 29 de setembro de 1885 a 3 de maio do ano seguinte, deveu-se à sua candidatura para a vaga aberta no senado com a morte do Barão de Laguna, senador pelo partido conservador e pela província de Santa Catarina). Além disso, ao mencionar os "calçamentos e arborizações", o trecho destaca o traço reformista-modernizador da atuação política de Taunay, coerente com suas idéias, tidas como avançadas para a época, e com as inúmeras campanhas empreendidas por ele, ligadas sobretudo - mas não só - ao seu projeto de imigração européia, e nem sempre com o resultado satisfatório e imediato que parece ter tido a inauguração do Passeio Público, em Curitiba.

O mapa do quadrinho representa esquemática e plasticamente as mudanças efetuadas no local e faz lembrar os vários outros mapas feitos por Taunay em seus relatórios técnicos sobre a Guerra contra o Paraguai, neste caso sem a solução para os alagamentos com que os expedicionários se depararam na longa marcha que resultou na retirada da Laguna. E, enfim, o retrato de corpo inteiro dá uma idéia da beleza física do escritor - da qual manifestou sempre uma grande vaidade -, e reafirma, pelo uniforme que a figura veste, as suas atividades militares, bem como aponta, pelas inúmeras medalhas que traz no peito, para o reconhecimento oficial de sua dedicação à nação brasileira. Dentre os títulos obtidos, Taunay foi oficial da Ordem da Rosa, cavaleiro da de S. Bento de Aviz e

⁸ 2.23.

⁹ 1.1.66.

da de Cristo, foi condecorado com medalhas militares, além de ter sido, como se sabe, agraciado com o título nobiliárquico com que ficou conhecido.

O leitor que se interesse pela história de Curitiba talvez despreze as informações sobre Taunay que venho acrescentando àquelas, de caráter sintético e circunstancial, da publicação de 1993, que é um dos mais de 170 títulos¹⁰, mais ou menos sintéticos e circunstanciais em sua variedade, que recolhi para conhecer e dar a conhecer a biografia e a crítica sobre o escritor. A impressão de caos e de labirinto sem Ariadne e nem mesmo Minotauro tomou conta de mim por várias vezes, ao notar a imensidão de possibilidades de perspectivas passíveis de serem adotadas por quem se dispõe a escrever sobre Taunay. Essa da história de Curitiba é somente mais uma e, apesar de ser tão sintética e circunstancial, decidi mantê-la - e a muitas outras - para dar uma idéia minimamente representativa dessa profusão de possibilidades. E por isso continuo - talvez um pouco à maneira labiríntica de Borges - nesta mesma trilha, agora com um fio de Ariadne, que pode subitamente se romper ou se transformar num emaranhado de vários fios soltos, sem continuidade aparente, e com um fantasma do Minotauro prestes a todo momento a adquirir uma consistência mais sólida.

O caráter circunstancial já apontado para este texto é partilhado por outros, e por motivos diferentes. Um primeiro motivo seria o de os textos conterem um nome - o da personalidade que aqui me interessa - em meio a uma série de outros que compõem uma lista - neste caso específico, o critério para a composição da lista é a enumeração das personalidades importantes na história de Curitiba. E é possível, nesta mesma linha, supor a existência de outras listas ligadas à política brasileira, em que o nome do Visconde também estaria circunstancialmente presente: a dos membros do Partido Conservador, a dos deputados pela província de Goiás, a dos presidentes e deputados pela província de Santa Catarina, a dos senadores do Império, a dos parlamentares que mais se destacaram na tribuna, a dos articulistas polêmicos dos jornais da época, a dos membros da Sociedade Central de Imigração e a dos proponentes da restauração da monarquia.

Supondo a existência de uma hipotética *História do Partido Conservador Brasileiro* feita em moldes semelhantes aos da *História de Curitiba*¹¹, o nome de Taunay figuraria entre outros e talvez nos seguintes termos sintéticos: filiado a este partido, o que explica um dos inúmeros pseudônimos - "Tory" - usados para assinar artigos na imprensa, Taunay teve sempre uma atuação polêmica em

¹⁰ Vide item 2 da relação bibliográfica apresentada no final deste volume. Estou certa, por várias razões, de que esta lista pode ser alongada numa proporção que é impossível definir.

¹¹ Não nego a existência dessas *Histórias* que aqui considero hipotéticas; apenas me proponho a imaginar essa existência nos mesmos moldes desta *História de Curitiba*.

relação aos seus pares, seja por defender projetos de inspiração mais propriamente pessoal do que partidária, seja por acatar propostas reformistas tidas como mais comuns junto aos adversários liberais ou "muito adiantadas" para a época. E eu acrescentaria que o seu primeiro desentendimento com o partido é registrado por um de seus vários biógrafos:

"Em incisivo discurso, no dia seis de junho [de 1873], embora fosse deputado da ação governante [pela província de Goiás], exprobou com energia o sistema de conscrição militar, prática disciplinar instituída para promover o preenchimento das vagas nos quadros militares do país.

Na posse de chefes políticos vingativos, a conscrição convertera-se em arma poderosa empregada contra adversários de ideologia partidária que, contrariando a vontade de intolerantes próceres regionais, eram capturados e remetidos à caserna sob a alegação de ir prestar serviços ao governo. Taunay era amigo da lei, decidido a ampará-la no respeito devido, mas condicionava-a a um atributo essencial a sua exata interpretação, para que se evitasse o ensejo de originar pretextos facciosos, materializando abusos. Embora ciente de escamecer da doutrina conservadora a que se filiara, ocupou-se detidamente do assunto, reprovando a criminosa prática. Entre o direito postergado de cidadãos anônimos e a ambição de políticos poderosos, definiu-se favorável àqueles, certo de ser justo.

Foi a sua primeira desinteligência com o partido Conservador."¹²

Os outros biógrafos invariavelmente acentuam este traço de sua atuação política. É o caso, por exemplo, de Olivier du Chastel, tradutor e prefaciador da edição francesa de *Inocência* (de 1896):

"Comme homme politique, il a été toujours, un peu à la manière anglaise, le plus libéral des conservateurs: l'abolition de l'esclavage, l'encouragement à l'immigration, l'institution du mariage civil ont formé les points principaux d'un programme qu'il a su développer par ses écrits ou sa parole avec une verve et une sincérité reconnue même par ses adversaires."¹³

O seu contemporâneo Carl von Koseritz, por outro lado, diz: "Vê o leitor que o meu amigo, Taunay, apesar de pertencer ao partido conservador, defende com esplêndida intrepidez as idéias mais adiantadas"¹⁴. Ou mesmo, o seu também contemporâneo Joaquim Nabuco: "Taunay foi um modelador do novo Brasil, porque este será o campo das grandes migrações européias como o outro o fora das antigas importações, os dos últimos resíduos africanos..."¹⁵ Tal atuação sofria reparos tanto de membros do seu partido como dos do Liberal e suscitou análises finas e esclarecedoras como esta, também de Joaquim Nabuco:

¹² 2.11, pp. 146-7.

¹³ 2.32, p. VII.

¹⁴ 2.54, p. 11.

¹⁵ Citado em 2.171, p. 138.

A morte do barão de Laguna abre uma vaga no Senado e o partido Conservador há de ver-se embaraçado ao formar a sua lista triplíce por Santa Catarina. Não será por falta de homens, mas pela posição especial do principal candidato. É evidente que nenhum chefe conservador veria com bons olhos a escolha do Sr. Taunay, porque, illogicamente conservador hoje, ele é um conservador instável, com o qual não se pode contar, dada uma pressão forte da opinião. Nenhum dos chefes estimaria ver a formada senatorial da situação começar com um *novus*, suspeito de liberalismo, inclinado à independência, e vergonhoso de pertencer ao grupo tardigrado. O mais interessante é que a província de Santa Catarina foi invadida por intrusos que vão se julgar incompatíveis entre si: nem o Sr. Taunay pode querer na chapa o Sr. Pinto Lima pela regra geral do Imperador, de escolher ex-ministros em qualquer estado de decomposição que se achem (sem referência, que eu não acharia por esta forma, ao Sr. Pinto Lima), nem o *Carpet-bagger* baiano pode querer na chapa o Sr. Taunay, autor da magnífica *Retirada da Laguna*, oficial do nosso exército do Paraguai, escritor de talento, e sobretudo encarnação de uma série de idéias novas, mais populares talvez do que quaisquer outras nas províncias do sul e em todo o mundo da imigração. Está visto que a escolha do Sr. Taunay seria infinitamente mais simpática do que a de qualquer outro não-catarinense conservador, e o Imperador, que, se perdesse essa ocasião, não teria provavelmente mais a fortuna de escolher senador o Sr. Taunay, há de se inclinar além do mais pelas tradições monárquicas da família Taunay à escolha. Se a fizesse, escolheria uma individualidade, e não um homem 'que fez o que qualquer outro teria feito no lugar dele'. O futuro político do Sr. Taunay é um enigma. Ele diz-se conservador por insinceridade de espírito, mas uma vez senador, isto é, obtido tudo que podia esperar do partido no qual se alistou talvez por fascinação pessoal pelo Visconde do Rio Branco, ele trataria de regularizar-se com as suas idéias criando um cisma liberal na velha Sinagoga.¹⁶

Ou ainda esta, do amigo Azevedo Castro, tão fina e contundente quanto a anterior, retirada de um artigo originalmente publicado no jornal francês *Le Brésil*, em 10 de março de 1899, logo após a morte de Taunay:

Mais la politique n'était pas à vrai dire le fait de Taunay. L'âme artistique avait des élans vers un idéal peu en harmonie souvent avec les principes du parti auquel il s'était allié et menaçait de rompre des liens qui l'attachaient. On le trouve trop avancé; on se demande comme autrefois à propos du conseiller Zacarias, libéral doctrinaire de l'école de Guizot: sont-ce là des idées d'un conservateur? Il en a été un enfant terrible à la manière de lord Randolph Churchill dans le parti *tory*, ce qui lui attira un jour cette remarque caustique de la part du baron de Cotegipe [*chefe do partido conservador, com quem Taunay teve sérios conflitos*]: - Vous ressemblez à ces petits canards que nos fermiers font élever par une poule. Un beau jour les poussins qui d'habitude se tenaient à l'abri de ses ailes, s'envolent tout à coup dans la rivière en laissant la mère nourricière tout ébalee sur la rive.¹⁷

A defesa da abolição da escravatura foi uma dessas idéias inovadoras pouco coerentes com os propósitos políticos de alguns dos membros do partido ao qual se aliou, e dela dá testemunho o seguinte trecho biográfico:

¹⁶ 2. 83, p. 60.

¹⁷ 2.25, pp. 9-10.

"Le vicomte de Rio Branco avait, comme premier ministre du cabinet du 7 mars, engagé devant le parlement la campagne en faveur de l'abolition de l'esclavage. Il [Taunay] soutint vaillamment dans la presse les actes de ce ministère qui marqua la première étape du déracinement de l'institution noire. Cette question, qui malheureusement, divisa pour un temps le parti conservateur, n'en restera pas moins une de celles où le tact et la courtoisie du journaliste se manifestèrent de telle sorte que ses articles portaient juste, sans faire, toutefois, ces blessures mortelles qu'on ne pardonne jamais."¹⁸

Ou, enfim, é ainda a este tipo de atuação partidária que se pôde atribuir a derrota de 1885 na eleição para a Câmara dos Deputados, pelo primeiro distrito de Santa Catarina: "Atribuiu-se este fracasso, em parte, ao espírito de independência com que sempre agira no seio do seu partido, cujos chefes eram, em geral, pouco simpáticos, senão adversos, às suas idéias reformistas."¹⁹

Por outro lado, é possível que esta *História* hipotética suscitasse também a menção aos textos de Taunay que satirizam a afamada indistinção ideológica entre os partidos políticos brasileiros da época, expressa na famosa frase "nada tão parecido com um saquarema [= *conservador*] como um luzia [= *liberal*] no poder". Estes textos dão conta mais uma vez desta independência crítica do escritor e da conseqüente "infidelidade" ao partido sob o qual atuou. E em nome disso talvez fossem citados o capítulo V do primeiro romance do escritor - *A Mocidade de Trajano*, de 1871 -, em que uma reunião bipartidária objetivando propósitos conciliatórios demonstra que, sem exceção, todos fazem sobrepor suas motivações pessoais e oportunistas aos eventuais interesses especificamente partidários e políticos, e a comédia *Por um triz coronel!*, de 1880, publicada originalmente com o pseudônimo Eugênio de Mello, em que a queda abrupta do ministério conservador traz como conseqüência, para uma cidadezinha do interior, o mero - e também abrupto - desvio da atenção da população do líder conservador local para o correspondente do partido liberal. E aqui cabe a observação de que, se consideradas as datas das publicações destes textos, pode-se concluir que essa veia crítica sempre se manteve, apesar da constante atuação política sob a égide do partido conservador. Um trecho memorialístico também é ilustrativo desta persistência à toda prova:

"Era a 6 de junho de 1889, e não se falava senão do ministério, de que tinha de ser presidente do conselho o visconde de Ouro Preto.

Com ele me encontrei na barca de Petrópolis e colegas como éramos do Senado começamos a conversar amistosamente.

- Então, organiza gabinete?

- Creio, ou antes é certo...

¹⁸ 2.25, p. 17.

¹⁹ 2.26, p. 645.

E depois de uma pausa:

- A propósito, por que é que o senhor não entraria nele?

Fiz um gesto de surpresa.

- Sim, não há motivos de admiração... Vamos apresentar ao parlamento não poucas das idéias progressistas, pelas quais há tanto tempo se tem batido, e fazer tudo para consegui-las. Declare com verdade ao país o móvel que o levou a querer ajudar-nos e não colherá senão aplausos da parte sensata da nação, desejosa de caminhar para adiante, pondo de lado a esterilidade da politicagem, que tanto a tem prejudicado. Preciso de um nome simpático ao Exército, e o fato do senhor não pertencer mais às fileiras, depois de ter prestado bons serviços sob as armas, é circunstância favorável no momento presente, em que as muitas e crescentes dificuldades mais devem excitar o patriotismo de todos nós.

- Não, repliquei com gravidade depois de algumas frases de gracejo, mas que faria eu do eleitorado de Santa Catarina, a quem sou tão ligado e a quem tanto devo? Ele não me regateou uma só das minhas opiniões e só me impôs um dever, implícito, já se sabe - fazer oposição aos seus adversários, os liberais. Como abandoná-los agora? A simples possibilidade me conturba a consciência. Estou em extremo honrado com a sua lembrança tão espontânea e inesperada; mas não me é lícito entrar para um gabinete ministerial, sobretudo como este seu que precisa de muito prestígio, fraco ante os meus próprios olhos. Conheço bem e sei, que os chefes do partido, a que me filiei desde mocinho, em mim nunca viram, com exceção do grande Paranhos, nem jamais hão de ver, senão um espírito irrequieto e um propagandista perigoso até; mas que fazer? *J'y suis, j'y reste*, a lutar contra a maré, mas batendo energicamente o pé, como fiz com Cotegipe, a quem me queria dar passaportes [*sic*]... Atribuirão logo a minha presença no seu ministério a mil razões deprimentes, nunca ao desejo sincero de fazer vingar os ideais porque tenho combatido desde 1872, na Câmara e no Senado... Eu me havia de tomar a bigorna em que todos malhassem...

Após longas considerações recíprocas, ainda no momento de tomar lugar no seu vagão especial, o ilustre estadista perguntou sorrindo amigavelmente:

- Então, sim?

- Não, tornei-lhe dizendo-lhe adeus.

E, nas condições da política brasileira, que aliás poucos meses depois ia ser tão violentamente subvertida, tinha e tive toda a razão."²⁰

Uma outra lista seria a dos deputados pela província de Goiás. Trata-se do primeiro cargo político ocupado por Taunay, de 1872 a 1876, por indicação do Visconde do Rio Branco, de quem tinha sido oficial de gabinete. A nova história poderia trazer como exemplo de contribuição relevante do deputado a redação do livro *A província de Goiás na exposição nacional de 1875*, cuja segunda edição, de 1931, traz o título sumário de *Goiás*²¹, dado pelo filho Affonso. O livro foi escrito de maneira a reunir eventuais contribuições da província para a Exposição Nacional preparatória da Universal, que aconteceria um ano depois, na Filadélfia. Foi objeto de um estudo recente da historiadora Maria Lúcia Ricci²² e teria sido sem dúvida citado e comentado por Francisco Foot Hardman em sua tese de

²⁰ 1.1.44, pp. 599-600.

²¹ 1.1.32.

²² 2.102.

doutorado²³, caso tivesse sido conhecido por ele pelo menos até a data da publicação desta tese em livro. Aqui caberia também lembrar o texto "Ao entrar para o parlamento (1872)"²⁴, em que Taunay expõe, em meio a inúmeras digressões, as circunstâncias em que recebeu a notícia da sua vitória nas eleições, os planos íntimos de atuação como deputado, os conselhos dos políticos mais experientes, e as cerimônias de posse, durante as quais diz ter repassado, "em mente, toda a [sua] vida de até então, como que chegado a um momento de parada, de onde tinha começo uma evolução nova e de ordem diferente."²⁵

Taunay figuraria também numa eventual lista dos políticos que representaram a província de Santa Catarina. Esta representação se repetiu por várias vezes: a primeira se deu no período de 7 de julho de 1876 a 2 de janeiro de 1877, quando foi seu presidente; a segunda, como deputado, de 1881 a 1884; a terceira, nessa mesma condição, quase não foi desempenhada, já que a morte do senador por Santa Catarina, ocorrida um mês após mais essas eleições vitoriosas, propiciou a Taunay a candidatura para o novo cargo, assumido em agosto de 1886 e exercido até a proclamação da República. A atuação respondendo por Santa Catarina foi exaustivamente estudada por Odilon Nogueira de Matos²⁶, que entre outras coisas, escreve:

"Se lembrarmos esta particularidade de nossa vida política, no regime monárquico [*a transitoriedade constante nos cargos e a nomeação de políticos sem qualquer vínculo efetivo com as províncias*], é tão-só para ressaltar o quanto, sob este aspecto, a obra política do futuro Visconde de Taunay pode constituir uma exceção nos quadros da administração imperial: não só trazia em seu pensamento um corpo bem definido de idéias acerca dos mais diversos problemas que poderiam ocorrer a um político e homem público, como demonstrou o mais vivo interesse pelas duas províncias que presidiu - Santa Catarina e Paraná - nas quais seu nome, um século depois, continua lembrado sempre com o mais respeito."²⁷

O exercício desses cargos propiciou a Taunay a redação de textos que foram posteriormente publicados. Um deles é o *Relatório ao deixar a presidência de Santa Catarina*²⁸, publicado em 1877, em que relata, como no relativo ao Paraná, o conjunto de atos realizados durante sua gestão. O livro *Paisagens*

²³ Especialmente no capítulo 2 "Exposições universais: breve itinerário do exibicionismo burguês" (pp. 49-65 de 7.6).

²⁴ I.1.44, pp. 579-90.

²⁵ I.1.44, p. 589.

²⁶ No primeiro capítulo de seu livro *Páginas Catarinenses* (2.69, pp. 11-39), intitulado "Santa Catarina na obra dos Taunay", no qual também discorre sobre a atuação do historiador Affonso de Escragnolle Taunay junto a Santa Catarina.

²⁷ *Idem*, p. 11.

²⁸ I.1.65.

*brasileiras*²⁹, organizado pelo filho historiador em 1926, reúne textos inéditos ou já publicados esparsamente em periódicos, mais ou menos desenvolvidos ou truncados, que exibem os estudos, as impressões e as lembranças relativas aos períodos de atuação como presidente das províncias do sul do país.

E esta atuação suscitou em um político liberal opositor a composição de um poema satírico intitulado *Taunaydes (um poemeto político do Conselheiro do Império João Silveira de Souza)*, escrito em 1880, por ocasião da candidatura de Taunay à Câmara por Santa Catarina, quando já havia exercido a presidência desta província, e republicado em 1991, juntamente com prefácio de Oswaldo Rodrigues Cabral, que esclarece qual era a conjuntura política da província na época, sobre que particularidades pessoais e políticas de Taunay incide a sátira, e, sobretudo, de que maneira o poeta aproveita maldosamente alguns incidentes relativos à atuação do "Presidente Pomada". O prefácio diz, entre outras coisas, que João Silveira de Souza :

"... abriu sangria para criticar Taunay, possivelmente quando este, em 1881, candidatou-se à Câmara por Santa Catarina, para a 18ª legislatura. O Partido Liberal havia indicado os Drs. Olímpio A. de Sousa Pitanga e Manuel da Silva Mafra, concorrendo, pelo Conservador, Taunay e o advogado Manoel José de Oliveira.

Silveira de Souza não era candidato à reeleição, mas resolveu ridicularizar Taunay, exumando fatos ocorridos durante a sua passagem pela Presidência da Província e atacando pontos fracos daquele ilustre brasileiro."³⁰

Reproduzo a seguir algumas das muitas estrofes do poema, em oito cantos, composto em redondilhas maiores e com rimas bem marcadas, a fim de dar uma idéia da extensão da euforia que ele deve ter provocado na época³¹ :

²⁹ 1.1.58.

³⁰ 2.20, p. 9

³¹ As notas reproduzidas após cada estrofe são do autor do poema.

<p>Qu'importante novidade Que risível babuseira: Acaba o Major Tomeira (1) D'espalhar n'esta Cidade. Boletim que traz no meio um calunga muito feio, com seu nome escrito em baixo, e que fora mais perfeito, se não tivesse o defeito de vir sem o seu penacho. (2)</p> <p>(1) Tomeira ou Tomeiras, segundo o estilo do secretário Cameu, da Capitania do Porto. Nos ofícios que escrevia para S. Exa., Cameu tratava-o exatamente como o Conde de Alma-Viva tratava o pobre D. Bertholdo, no <i>Barbeiro de Sevilha</i> ora Escramella Tonéis, ora Escangalha Tomeiras.</p> <p>(2) Penacho encarnado com que S. Exa. muito gostava de apresentar-se e que nos faz lembrar sempre o muito aplaudido "Enfin j'ai le penache" da Grã-duquesa, de Offenbach.</p> <p>CANTO I, estrofe 1</p>	<p>Na Matriz, quando lá ia, este tipo singular, da cadeira de espaldar, que magna questão fazia. (4) E quando assim, na busul se impertigava o taful, que magnífico pagode. Era uma delícia vê-lo a endireitar o cabelo, a retorcer o bigode.</p> <p>(4) Há, na nossa Matriz, uma cadeira de espaldar, um lugar mais alto, destinada aos Presidentes nas festas solenes. Nenhum lhe deu jamais grande importância, mas nosso homem tomou-a a sério, e uma só vez não se apresentou ali, que não se apressasse em impertigar-se nela com uns ares verdadeiramente cômicos.</p> <p>CANTO II, estrofe 7</p>
---	---

<p>Mas, enfim, é cousa certa que entrastes [<i>sic</i>] n'esta eleição como n'igreja entra o cão por achar a porta aberta. E vendo-te, oh meu Dinarte candidato em toda parte nesta constante mofina, não se me dá d'apostar, qu'inda hás de te apresentar pelo Congo ou Cochinchina.</p> <p>CANTO VII, estrofe 3</p>	<p>Já basta o que aí se diz, que mais de uma vez, oh traste, perante alguém lamentaste, como sucesso infeliz, o ter um teu Tomeirinha [<i>o filho Affonso</i>], nascido em nossa terrinha, nesse mimoso torrão. Sabe, pois, cabeça louca, que para honrar-nos é pouca toda a tua geração.</p> <p>CANTO VIII, última estrofe.</p>
--	---

<p>Teu governo transcendente obrou até um prodígio; quanto não pode o prestígio d'um nome que engasga a gente. (2) Por teu lirismo atraídos, pelo teu nome vencidos, nossos próprios urubus, que dantes tão chucros eram, desde então viver vieram co'as galinhas e perus. (3)</p> <p>(2) D'Escragnolle Taunay é, na verdade, um nome que arranha a garganta da gente. (3) É verdade isto. De oito anos para cá, os nossos urubus, que eram uns verdadeiros selvagens, domesticaram-se de um modo extraordinário. Afirma-se que isto data da Presidência do Sr. Torneira, valha a verdade. CANTO III, estrofe 3</p>	<p>Quando pela rua andava com seu chefe de polícia, se este (ao certo com malícia) a ele se emparelhava, ele logo, incontinente, dava um passo mais à frente, pondo-o sempre para trás. E era isso bem feito, que aquilo prova, com efeito, que o tal chefinho era audaz. (5)</p> <p>(5) É real este fato embora custe a crer-se em tanta toleima.</p> <p>CANTO IV, estrofe 8</p>
---	---

<p>Com quantos outros iguais ofícios não nos regalas; como aquele em que nos falas nuns cofres eleitorais. (9) "Umas" quisestes dizer, pois ainda estou por saber, que haja cofres na eleição, salvo aquele em que se lançam as notas com que se alcançam certos votos de leilão.</p> <p>(9) Os fatos a que se alude nas diversas estrofes deste Canto constam em ofícios na Secretaria do Governo.</p> <p>CANTO V, estrofe 13</p>	<p>Sempre que se requeria alguma obra, ele primeiro ao Major Lago, Engenheiro, para informar remetia; Mas, uma vez, o farsante, nos papéis de um suplicante que ainda em lembrança trago, que despacho que lançou: nos próprios termos o dou era ele assim: "Vá ao Lago".</p> <p>Este despacho, ó Dinarte, é muito fácil de ver-se que equivale a dizer-se que vá alguém a tal parte. Mas um tal equivalente na boca tão elegante dum sábio de quint'essência, será idéia comum, ou cousa própria da tua desasada presidência?</p> <p>CANTO VI, estrofe 8</p>
--	---

Uma lista dos senadores do Império brasileiro também conteria o nome de Taunay. A história do seu ingresso nesta instituição política já foi mais ou menos esboçada anteriormente, mas valeria a pena incluir aqui a menção ao texto "A minha escolha senatorial"³², que narra em detalhe como foi a eleição e a escolha feita pelo Imperador a partir da lista tríplice que trazia o nome de Taunay em primeiro lugar. O que se poderia ainda acrescentar a esta história seria o seu desfecho, que coincidiu com a Proclamação da República e o conseqüente desencanto do senador com o futuro da nova nação republicana. Sobre este período, são inúmeros os textos escritos por Taunay. Destaco, porém, o romance *O Encilhamento*³³ - tido por José Veríssimo, em notável resenha, como uma crônica³⁴ - que aproveita em sua narrativa, sob o pseudônimo de Heitor Malheiros, as conseqüências do descontrole da política financeira dos primeiros anos da República, sobretudo as advindas da emissão desenfreada e inconseqüente de papel-moeda e da febre especulativa reinante³⁵. O prefaciador deste romance, Veridiano Carvalho, expõe com muita graça a seguinte impressão, dentre muitas outras suscitadas pelo texto:

"... todos os personagens do romance (...) são diáfanos narizes de cera que mal disfarçam vultos conhecidíssimos, provenientes do pilha-pilha que se desenfreou à sombra do primeiro barrete frígido que o simplório caboclo, indiferentemente, deixou pôr na cabeça, ou antes - bestificadamente - como disse em tempo uma notabilidade democrática."³⁶

³² 1.1.44, pp. 612-40.

³³ 1.1.52.

³⁴ 2.167, p. 325.

³⁵ A este respeito, José Murilo de Carvalho escreve o seguinte: "Ora, além de ter surgido em uma sociedade desigual e hierarquizada, a República brasileira foi proclamada em um momento de intensa especulação financeira, causada pelas grandes emissões de dinheiro feitas pelo governo para atender às necessidades geradas pela abolição da escravidão. A febre especulativa atingiu de modo especial a capital do país, centro dos acontecimentos que levaram à República. Em vez da agitação do Terceiro Estado, a República brasileira nasceu no meio da agitação dos especuladores, agitação que ela só fez aumentar pela continuação da política emisionista. O espírito de especulação, de enriquecimento pessoal a todo custo, denunciado amplamente na imprensa, na tribuna, nos romances, dava ao novo regime uma marca incompatível com a virtude republicana. Em tais circunstâncias, não se podia nem mesmo falar na definição utilitarista do interesse público como a soma dos interesses individuais. Simplesmente não havia preocupação com o público. Predominava a mentalidade predatória, o espírito do capitalismo sem a ética protestante." (5.16, pp. 29-30, os itálicos são meus)

³⁶ 2.22, p. XIV. A notabilidade democrática referida por Veridiano Carvalho é Aristides Lobo, sobre quem José Murilo de Carvalho escreve o seguinte: "Em frase que se tornou famosa, Aristides Lobo, o propagandista da República, manifestou seu desapontamento com a maneira pela qual foi proclamado o novo regime. Segundo ele, o povo, que pelo ideário republicano deveria ter sido protagonista dos acontecimentos, assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava, julgando ver talvez uma parada militar." (5.16, p. 9) A frase apareceu em Carta de Aristides Lobo, publicada no *Diário Popular* de São Paulo, em 18 de novembro de 1889, três dias depois, portanto, do dia consagrado como o da proclamação da República.

Merecem destaque também o conjunto de textos publicados na imprensa depois de 1889, e organizados pelo filho Affonso no livro *Império e República*, e muitos dos trechos das *Memórias*. Todos eles propõem comparações entre os dois sistemas de governo, fazem elogios intensos e constantes a D. Pedro II, lamentam a sua queda e criticam os primeiros atos republicanos. Cito, a título ilustrativo, dois dos inúmeros trechos mais ou menos esparsos em que se pode perceber a posição nostálgica e ao mesmo tempo crítica assumida por Taunay:

"Os três elementos que concorreram para o resultado inesperado de 15 de novembro foram o *desgosto*, o *desejo de vingança* e a *habilidade*; *desgosto* da classe militar ou antes da força de terra, *desejo de vingança* do fazendeirismo e *habilidade* de alguns republicanos históricos."³⁷

"Como poderia eu, (entre parênteses) conciliar toda essa série de gratas reminiscências, tão suaves ao meu espírito e que rodeiam a ideia da monarquia de tanto prestígio, como sagradas tradições, com a atual ordem das coisas? Não, não, é de todo impossível! Fora o abandono vil e miserável dos melhores e mais puros sentimentos, que se aninham no peito humano. A outros, que não experimentaram, desde criança, o influxo de tantas impressões, a volubilidade de opiniões.

E assim mesmo quanta verdade nas seguintes palavras da valente *Tribuna* de 12 de novembro de 1890: 'Se toda a luz elétrica que se vai empregar no dia 15 de novembro iluminasse o coração dos brasileiros, só havia de desvendar dor e tristeza'.

Acréscimo sem hesitação 'e vergonha'."³⁸

Taunay foi também um dos oradores brasileiros do século XIX que mais se destacaram na tribuna. A essa atividade pode ser associada a do articulista polêmico que com frequência se manifestava em jornais da época, sobretudo no *Jornal do Comércio* e na *Gazeta de Notícias*. Tais intervenções se davam a propósito de inúmeros temas, mas na maior parte dos casos eram pronunciamentos em defesa dos projetos econômicos e sociais pelos quais se bateu intensamente. Muitos dos discursos foram publicados³⁹, o que constitui a meu ver um dos índices do interesse que eles despertaram junto ao público.

Um desses projetos era o do incentivo à imigração européia como forma de solucionar os problemas de mão-de-obra advindos da abolição da escravidão. Com esse propósito foi criada a *Sociedade Central de Imigração*, em 17 de novembro de 1881, da qual Taunay foi um dos fundadores, vice-presidente e presidente. Muitos textos surgiram com o objetivo de persuadir sobre as vantagens da medida e sobre a necessidade de garantir aos imigrantes formas

³⁷ 1.1.35, p. 22. É desse modo que Taunay, no texto "Algumas verdades (a propósito do *Agradecimento aos pernambucanos* de Joaquim Nabuco)", introduz a longa análise conjuntural que faz das circunstâncias que teriam levado à República.

³⁸ 1.1.44, p. 73.

³⁹ Vide Anexo II.

mais dignas de vida e de trabalho. Neste sentido, podem ser lembrados desde os trechos finais do romance *A mocidade de Trajano* - que propõem uma verdadeira reforma agrária, com a distribuição de terras a imigrantes portugueses, como solução para os conflitos envolvendo escravos - até a tradução feita por ele de um livro de Louis Couty⁴⁰, sem esquecer os inúmeros documentos oficiais emitidos e recebidos por ele na presidência da instituição⁴¹. Em meio a eles, destaco o ofício encaminhado ao Presidente do Banco do Brasil, e que foi publicado em 1885 com o título *Divisão em lotes para imigrantes das fazendas hipotecadas ao Banco do Brasil*, sugerindo uma solução para os problemas de trabalho dos imigrantes. Dentre outros argumentos para fazer valer sua proposta, o então vice-presidente da *Sociedade Central de Imigração* escreve o seguinte:

"Na oficina de trabalho nacional, há ferramentas demais. Só faltam operários. E o que valem aqueles poderosos auxiliares da atividade humana sem inteligências e braços que delas se utilizem?"

É, além disso, impossível a conveniente evolução moral do liberto, do agregado, do camarada, do caipira, do capanga, do sertanejo e do capoeira, em trabalhador livre, independente e laborioso, sem as lições do exemplo, sem o estímulo dado praticamente pelas mais adiantadas raças da Europa, ricas de idéias, ávidos do pacífico gozo das comodidades que, na vida social da América, proporcionam o suor cotidiano e a consciência dos deveres e direitos.

O exemplo - eis a grande questão.

E nesta esfera pode o Banco do Brasil assumir papel eminente e de maior relevância patriótica.

Peça a ilustrada diretoria aos acionistas autorização, que decerto lhe será amplamente concedida, ficando assim respondida e posta de lado a principal objeção exarada no ofício de V. Ex. de 27 de julho e ensaie a organização de núcleos coloniais com imigrantes e gente livre, em qualquer das suas muitas fazendas."⁴²

Esse seu empenho, um tanto ingênuo, em apresentar propostas que, se acatadas, talvez tivessem revolucionado a história da ocupação fundiária no Brasil, é apenas um exemplo da notável intensidade quixotesca com que alguns projetos foram defendidos.

A última lista em que Taunay apareceria por ter desenvolvido atividades políticas é a dos proponentes da restauração da monarquia. O livro *Os subversivos da República*, de Maria de Lourdes Janotti, traz uma grande quantidade de nomes de políticos que teriam combatido o novo regime tendo em

⁴⁰ Trata-se do livro *Pequena propriedade e imigração europeia* (1.3.1).

⁴¹ O número de documentos recolhidos é grande; dentre eles, cito os seguintes: 1.1.8, 1.1.9, 1.1.25, 1.1.60, 1.1.61, 1.2.28, 1.2.40, 1.4.1.7, 1.4.1.8, 1.4.1.11, 1.4.1.12, 1.4.1.14, 1.4.1.15, 1.4.1.16.

⁴² 1.1.25, pp. 6-7.

vista a restauração; a única menção a Taunay, no entanto, encontra-se no seguinte trecho:

"Por toda parte faziam-se referências às quantias fabulosas que os monarquistas arrecadavam no país. 'Só pelas do Visconde de Taunay, afirmava-se, haviam passado setecentos contos. E isso nada era diante da magnífica colheita que, através dos cafezais, fizera o Sr. Andrade de Figueira, antes de se transportar para a Europa.'"⁴³

A quase ausência de referência ao Visconde, à primeira vista incoerente com o grande número de textos de combate à República que ele escreveu, deve-se talvez ao fato de ele não ter aderido como os outros a campanhas sistemáticas e coletivas pela restauração monárquica. Além disso, a situação em que se encontrava a sua vida pessoal nesse momento - as crises de diabetes passaram a ocorrer com mais insistência, pode levar à conclusão de uma incapacidade de ordem física. E, talvez sobretudo, o tom mais nostálgico e menos esperançoso de seus textos, se comparados com os descritos no livro de Maria de Lourdes, mais combativos e veementes, pode fazer pensar que para ele a República tendia a ser encarada como um fato lamentável, mas consumado e irreversível.

Nos outros casos de listas possíveis, a enumeração de nomes seria composta por outros critérios, não mais políticos. O estudo da participação de Taunay na vida artística e cultural do Brasil da época sugere a formação de outras listas: a dos polemistas literários, a dos colaboradores da *Revista Brasileira* - sobretudo em suas duas últimas fases (de 1879 a 1881 e de 1895 a 1899), a dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, a dos associados ao IHGB, a dos escritores que, além de romances, contos e poesia também se arriscaram no teatro, a dos artistas da família Taunay, a dos biógrafos brasileiros, a dos viajantes-expedicionários que percorreram o Brasil e registraram o seu olhar em trânsito nos famosos relatos de viagem do século XIX, a dos escritores que se destacam na história da Literatura Brasileira.

Muitas destas listas estarão implicitamente consideradas nos capítulos desta tese, quando a razão da inclusão do nome que me interessa nesta ou naquela lista será objeto de estudo mais aprofundado. Não é o caso, portanto, de adiantar ou esmiuçar aqui certas considerações sobre as quais me aprofundarei posteriormente.

É o caso, no entanto, de adiantar desde já a menção a um episódio da vida intelectual de Taunay pouco lembrado por seus biógrafos. A leitura do verbete

⁴³ 5.47, p. 73.

'polêmica' do *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*⁴⁴ relaciona algumas das polêmicas literárias mais famosas do Brasil, como a travada entre José de Alencar e Gonçalves de Magalhães. Não há aí, no entanto, qualquer menção à querela travada em 1879 e 1880 entre Taunay e Tobias Barreto, a propósito da publicação do texto "Meyerbeer e a ópera *Os Huguenotes*"⁴⁵. Aliás, nem mesmo os críticos de Taunay se preocupam em mencionar ou estudar a polêmica, apesar de ela se ter arrastado por réplicas e trélicas veementes e cáusticas. Uma rara exceção, além da menção feita *en passant* por Koseritz⁴⁶, é a de Alcides Bezerra, que escreve:

"O desalinhado Tobias Barreto, que tinha suas pretensões musicais, negava essa prenda elegante ao autor carioca e a propósito de Meyerbeer travou com Taunay azeda polêmica, depois inserta em *Estudos Alemães*. Como tudo que saía de sua pena, os artigos do filósofo de Escada, são vibrantes, eruditos e... malcriados. Logo no primeiro diz Tobias, com a sua habitual irreverência, que a crítica musical de Taunay era perfeitamente adequada à *dilettare le femmine e la plebe* que, aliás, não eram parte no debate. Avaliem agora a pancadaria desadorada que desancou no adversário.

Quero crer que Tobias levasse sobre Taunay a vantagem de um conhecimento mais profunda da história da música, mas Taunay tinha sobre ele apenas isto: a aptidão de interpretar os clássicos.

Tobias, orgulhoso, talento de primeira ordem, sabia muita coisa e, fiado na incultura do meio, simulava saber muito mais."⁴⁷

A intensidade da ironia com que Tobias Barreto desautoriza a competência crítica de Taunay pode ser percebida em vários trechos, e especialmente neste:

"Georges Brandes, o ilustre dinamarquês, autor da *Hauptstroemungen der Literatur des 19 Jahrhunderts*, nos fala de uma certa classe de espiritos, que têm o condão de eletrizar, cujas palavras se espalham como ondas luminosas sobre aquilo de que eles tratam e que não só causam impressão nos outros, como também despertam nos outros o ímpeto de produzir. O Sr. Taunay, quero crer que não me engano, está bem longe de pertencer propriamente a essa raça principesca de pensadores de sangue, de escritores por graça de Deus; mas nem por isso o seu elaborado crítico-musical está menos em condições de tornar produtivo a mais de um leitor, pelos reparos que suscita, pela contradição que provoca. Eu sou um dos, não sei se muitos ou poucos, a quem ele há ocasionado doces momentos de inocente prazer, como soem motivá-los todas as coisas impregnadas de um bafô cômico, ainda quando não visem semelhante efeito, caso em que se acha o escrito mencionado, por causa de enorme desproporção entre a plumagem e o canto, entre o prometido e o dado, entre a arrogância do autor e a mesquinhez da sua obra."⁴⁸

⁴⁴ 2.78, pp. 330-1.

⁴⁵ 1.2.33.

⁴⁶ 2.54, p. 4.

⁴⁷ 2.15, pp. 19-20.

⁴⁸ 2.13, p. 222.

II - UM NOME ENCABEÇANDO OUTRAS LISTAS

"Talento polimórfico, produzindo com facilidade, era natural que o Visconde de Taunay tentasse outros gêneros literários além da história e o romance."

(Alcides Bezerra, *Visconde de Taunay: vida e obra*)

Os aspectos circunstanciais apontados como relevantes para caracterizar a vida e a obra de Taunay vão além do fato de ele poder figurar como um dos nomes de várias listas. É possível considerar outras circunstâncias que suscitaram manifestações seja em letra de forma, seja na tela do cinema ou no palco do teatro, e que não supõem aquele tipo de parceria com outros nomes, o que inverte a situação anterior: agora é o nome Taunay que pode encabeçar ou realmente encabeça as listas. É o caso por exemplo dos "vários romances" mencionados rapidamente naquela *História de Curitiba* - a que se pode acrescentar também os livros de contos e as peças de teatro⁴⁹ -, dos vários gêneros aos quais se dedicou, das traduções de livros de sua autoria (em alguns casos, para várias línguas), das traduções feitas por ele de livros e textos alheios, das edições e reedições que trazem seu nome na capa, das adaptações de sua obra para o cinema e o teatro, dos poemas, romances e contos inspirados em seus textos, das comparações com outros escritores, dos pseudônimos adotados, das antologias que freqüentou e das várias comemorações a que seu nome deu ensejo e que são tão coerentes com o valor dado por ele à preservação da memória.

A propósito de várias destas circunstâncias, é preciso citar o trabalho de Arthur Motta⁵⁰ que, em 1929, preocupou-se em organizar pela primeira vez a obra de Taunay em função de suas edições e reedições, das suas traduções e de uma classificação por gêneros ou tipos de suporte em que os textos foram publicados. As listas se estendem por várias páginas, organizadas sob os itens "romances", "contos e narrativas", "narrativas de campanha", "viagens e descrições da natureza brasileira", "memórias", "crítica literária e artística", "teatro", "história, corografia e etnologia brasileiras", "questões políticas e sociais", "assuntos de vulgarização científica", "discursos", "biografias", "traduções", "colaboração na imprensa", "composições musicais", "fontes para o estudo crítico", além de uma "notícia biográfica e subsídios para um estudo crítico", seguida de um "sumário para o estudo completo" de sua biografia, cujas indicações consulto sempre, a fim de conferir se aquele fio de Ariadne a que já

⁴⁹ Para essas últimas, vide o estudo feito no capítulo 7 desta tese.

⁵⁰ 2.82.

me referi não corre o risco de se desfazer em emaranhados de fios soltos. Já nessa época, portanto, era possível, graças a esse trabalho paciente, reconhecer em Taunay o que Arthur Motta e Alcides Bezerra chamam de "talento polimórfico".

Seus romances são em número de seis, sendo os quatro primeiros escritos e publicados nos anos setenta - é o caso de *A mocidade de Trajano* (1871), *Inocência* e *Lágrimas do coração*⁵¹ (ambos de 1872) e *Ouro sobre azul* (1875) - e os últimos, na fase de desencanto político, ou seja, nos anos noventa - *O Encilhamento* (1894) e *No declínio* (1898). Quanto aos contos, há três livros, sendo os dois primeiros também publicados nos anos setenta - *Histórias brasileiras* (1874) e *Narrativas militares* (1878) - e o último em 1899 (*Ao entardecer*). Além dessa regularidade flagrante nas datas - anos 70 e anos 90 -, há também a possibilidade de perceber a sugestão de frustração e desesperança contida em títulos como os do romance de 1898 e do livro de contos de 1899. A propósito deste último, aliás, o filho Affonso dá a seguinte notícia:

"Resolvera meu pai enfeixá-los [aos contos] num livro, para o qual fixara melancólico e modesto título: *Já crepúsculo*, bem adequado ao seu estado d'alma, na época. Ia imprimi-los quando, a 25 de janeiro de 1899, a morte o surpreendeu. Chamou a si ultimar esta publicação meu bom e prezado tio, Dr. Luiz Godofredo de Escragnolle Taunay, que lhe sugeriu título mais suave e expressivo e aliás equivalente ao que o autor escolhera: *Ao entardecer*, feliz substituição, incontestavelmente."⁵²

Além disso, convém ressaltar que, excetuando-se o caso de *Inocência*, foram raros os críticos que se pronunciaram a propósito dos livros de ficção de Taunay. Eles são quase sempre mencionados, e eventualmente analisados ou comentados, pelo fato de serem do mesmo autor do famoso romance de 1872. As exceções são José Veríssimo⁵³, o já citado Veridiano de Carvalho⁵⁴, e um ou outro historiador que se vale de *O Encilhamento* para efeito de estudo do período correspondente ao final do século XIX⁵⁵.

As traduções da obra constituem também um capítulo à parte. Além dessa iniciativa de Arthur Mota, há outras que se propuseram a apontar as várias vezes em que alguns títulos de Taunay foram traduzidos, ou mesmo as que fizeram disso objeto de estudo mais aprofundado. As afirmações como a de Martim Francisco III, a propósito de *Inocência* - "o livro português mais vezes traduzido depois dos *Lusíadas*"⁵⁶ - e a de Frederick Garcia - "é a mais traduzida das obras

⁵¹ A partir de sua segunda edição (1899), este título foi mudado para *Manuscrito de uma mulher*.

⁵² 2.159, p. 3.

⁵³ 2.166 e 2.167.

⁵⁴ 2.22.

⁵⁵ Vide, por exemplo, 5.82.

⁵⁶ 2.43, p. 389.

brasileiras do século passado"⁵⁷, se valem do fato deste romance ter sido vertido para o francês, o inglês, o alemão, o italiano, o espanhol, o croata, o sueco, o dinamarquês, o polonês, o flamengo, e até para o japonês!, sem contar outras eventuais traduções, que porventura tenham sido feitas depois do século XIX, e que não são de meu conhecimento.

Além de outras traduções esparsas, como a do livro *Histórias brasileiras*, para o italiano, por G. P. Malan, em 1894⁵⁸, são dignas de nota as que se fizeram a partir do original francês de *La Retraite de Laguna*. Para o português, existem três traduções brasileiras deste livro, sendo a última a mais corrente hoje em dia: a de Salvador de Mendonça, de 1874⁵⁹; a de Ramiz Galvão, de 1901⁶⁰, e a de Affonso d'Escragnolle Taunay, de 1927, com várias reedições⁶¹. Há ainda outras, para o alemão e o sueco, o que é um sintoma do grande interesse internacional pela narrativa bélica.

Taunay também foi tradutor⁶², tendo vertido para o português, em 1887, o livro francês já mencionado de Louis Couty, num projeto da Sociedade Central de Imigração. Mas seu trabalho mais significativo como tradutor foi o relativo à obra de Hercules Florence, o "patriarca da iconografia paulista", de quem traduziu quatro livros⁶³, divulgando a obra desse importante viajante da expedição Langsdorff, obra tida até então como em grande parte perdida:

"Revolvendo, há poucos meses [*ele escreve em 1875*], uns papéis velhos por ocasião de uma mudança de casa, tive a fortuna de se me deparar com um manuscrito de 84 páginas de letra muito miúda, um tanto apagada pela ação do tempo, mas ainda perfeitamente inteligível. Folheando-o, vi que continha a narração de uma viagem e o pus de parte.

Mais tarde, aplicando-me à sua leitura, achei que continha a descrição minuciosa da primeira parte da desconhecida jornada do cônsul Langsdorff, pois era o diário de um dos membros dessa expedição.

(...)

Sem demora, pois, escrevi-lhe [*ao autor, Hercules Florence*] e, além das informações que tão digno cavalheiro se apressou em fornecer-me, colhi a grata certeza de que, se os estudos técnicos e observações científicas da comissão se desencaminharam, a parte pitoresca dessa longa e curiosa viagem está toda escrita,

⁵⁷ 2.46, p. 84. Neste texto, Frederick Garcia desenvolve um interessante estudo sobre três traduções de *Inocência* para o inglês, de maneira a compará-las e a distinguir os objetivos circunstanciais de cada uma. A conclusão genérica a que chega é que, nos três casos analisados, "há a intenção expressa de, usando o romance como instrumento, fazer divulgação do Brasil" (p. 97).

⁵⁸ Citada por Arthur Motta, em 2.82, p. 44.

⁵⁹ 1.1.12.

⁶⁰ 1.1.13.

⁶¹ Vide 1.1.11 para uma dessas reedições (a 18ª).

⁶² Vide item 1.3 da bibliografia.

⁶³ Vide 1.3.2, 1.3.3, 1.3.4 e 1.3.5.

omada de mais de 300 desenhos e pronta, há quinze anos, para entrar no prelo em ocasião propícia."⁶⁴

A propósito da tradução do texto *Zoophonia*, aliás, parece ter havido uma intervenção de Taunay que ultrapassou os limites das traições próprias ao trabalho tradutório. E o organizador da sua última edição, Jacques Vieillard, manifesta a sua suspeita neste sentido:

"não é possível saber se as diferenças com o texto de 1831 são de autoria de Florence ou de Taunay [já que o manuscrito em francês teria desaparecido]. É provável que sejam de ambos, já que vimos a propensão de H. Florence em reescrever e reorganizar seus textos, mas percebe-se, também, pelo estilo, que Taunay imprimiu sua marca."⁶⁵

Uma nova listagem pode ser composta pelas edições e reedições dos livros de Taunay. A consulta ao Anexo I desta tese pode dar uma idéia, de um lado, do sucesso editorial de alguns livros, como *Inocência* e *A Retirada da Laguna*, cujo número exato de edições é quase impossível definir, e, por outro, das obras um tanto esquecidas em suas primeiras edições, ou trazidas à lembrança do público pelo filho Affonso, no grande projeto empreendido por ele de reeditar e de estabelecer e organizar em livros, entre os anos 20 e 30 deste século, os textos assinados pelo pai.

As adaptações de obras de Taunay para o cinema ou o teatro são também um caso à parte. Desde a longínqua e desconhecida *Inocência: peça de costumes do interior em cinco actos (adaptação à scena do romance original do Visconde de Taunay)*, de Carlos Goes⁶⁶, publicada em 1915, até o encantador *Inocência*, filme de Walter Lima Jr.⁶⁷, baseado em roteiro do cineasta Lima Barreto, mais recente (1983) e conhecido que o trabalho anterior, e que suscitou um interessante ensaio comparativo com o romance, de Vera Maria T. Silva⁶⁸, passando ainda por outras adaptações para o cinema, desta vez a partir d'*A Retirada da Laguna*, usada como uma das fontes de pesquisa em filmes como *A guerra do Brasil*, de Sylvio Back⁶⁹, pode-se constatar que é possível compor uma lista dos que perceberam que valia a pena seguir algumas sugestões de Taunay e realizar adaptações de sua obra.

⁶⁴ 1.3.2, p. 18. Esta citação foi retirada do texto introdutório de Taunay, intitulado "A expedição do Cônsul Langsdorff ao interior da Brasil", e originalmente publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

⁶⁵ 2.169, p. 42.

⁶⁶ 2.47.

⁶⁷ 2.59.

⁶⁸ 2.112.

⁶⁹ 4.16.

Ainda nesta linha de inspiração, são dignos de destaque os poemas e romances que têm como tema as histórias de Taunay. É o caso, por exemplo, dos romances *Avante soldados para trás*, de Deonísio da Silva⁷⁰, *O guia de Mato Grosso: episódio da guerra do Paraguai, conforme o interessante livro do escritor brasileiro d'Escragnolle Taunay*, do português Eduardo Noronha⁷¹, publicado em 1909, em Portugal, e de *A solidão segundo Solano Lopez*, de Carlos de Oliveira Gomes⁷², nos quais Taunay comparece ou como personagem, ou como a fonte textual básica da pesquisa ou, ainda, como uma dentre as várias fontes consultadas por estes autores.

Taunay foi também motivo de inspiração para alguns sonetos - de qualidade duvidosa, mas com alguns encantos - que fazem de seus temas objeto de exploração poética. O primeiro deles, creio que jamais impresso, foi composto por Milton Duarte Segurado, com o título "Lendo Taunay"⁷³:

De raça prosador, em nada te adiantou
Na capa se ocultar de um tal Silvio Dinarte;
Feliz sou: te hospedou um tal Tico Duarte
De Campinas, - o meu materno bisavô.

Trajano a mocidade aqui também passou,
Descrita em romance ao som de tua arte,
A heróica retirada esta praça alcançou,
memória a guardará de pedra um marco aparte

Em ouro sobre azul e prata sobre anil,
Filologia, direito, arte, crítica e ciência
Se harmonizam nos céus e terras do Brasil.

De Pereira ao "retiro" em terras junto ao rio,
Cirino curandeiro encanta a "Nocência"
Num amor que jamais o tempo consumiu.

Apesar de propor o seu soneto como o resultado poético da sua atividade enquanto leitor de Taunay, o poeta campineiro se vale, em suas duas estrofes iniciais, de dois argumentos extratextuais que têm como objetivo destacar-se como alguém duplamente "feliz", ou seja, privilegiado por duas vantagens de ordem pessoal: a de ser descendente de um antigo hóspede de Taunay e a de ser natural da mesma cidade da personagem Trajano, do romance *A mocidade de*

⁷⁰ 4.82.

⁷¹ 4.70.

⁷² 4.52.

⁷³ 2.107. Uma cópia datilografada deste poema me foi passada generosamente pelo professor Odilon Nogueira de Matos, que o encaminhou com os seguintes dizeres: "No meu exemplar de *Casamento Civil*, o dr. Milton Duarte Segurado (que vai comentar o texto), após o seguinte soneto de sua autoria: "

Trajano, palco também de um dos pousos da coluna expedicionária, cujo percurso resultou na Retirada da Laguna. É só a partir dos tercetos que o leitor realmente se manifesta a propósito da obra, deixando de lado o assomo de provincianismo pelo qual havia se deixado invadir; e essa manifestação se resume à menção a títulos e a temas desenvolvidos por Taunay, e ao argumento a partir do qual se desenrola o seu mais famoso romance.

Os sonetos de Dom Aquino Corrêa, intitulados "A Retirada da Laguna" e "Inocência", foram publicados na *Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso*⁷⁴, em 1919, e são de qualidade um pouco superior ao daquele poeta campineiro:

A Retirada da Laguna	Inocência
<p>Fora tão bela e heróica essa avançada! Trazieis tantos louros ao Brasil, Quando eis que o céu e o fogo e a peste irada, Tudo vos assaltou com fúria hostil!</p>	<p>Sertão bruto. Além correm as selvagens Águas do Sucuriú. Eis a tapera: A casa de Inocência! A primavera Cobre-a de agrestes silvas e pastagens.</p>
<p>Martírio atroz! Toda essa terra amada Banhou-se em vosso sangue tão gentil! Ah! fostes mais heróis na retirada Do que batendo a fera em seu covil!</p>	<p>Não mais cantos da graúna entre as ramagens Do laranjal em flor. Não mais a austera Figura do Pereira ali, à espera, Nem do anão Tico as trêfegas visagens!</p>
<p>Qual outrora os Dez Mil, vendo raiar, Ao longe, o azul da imensidade equórea, Romperam neste grito: o mar! o mar!</p>	<p>Tudo deserto! Só, de quando em quando, Passa uma borboleta sertaneja, Asas de azul e branco ao sol ondeando...</p>
<p>Assim vós, ao entrardes para a História, Que então se vos abriu, de par em par, Fostes cantando: a glória! a glória!</p>	<p>É a grande borboleta do seu nome, O <i>Papilio innocentia</i> que inda beija As saudades que o tempo não consome.</p>

Se no primeiro, o elogio extremado aos retirantes só é possível graças ao livro que registrou o episódio malogrado, e a comparação com os Dez Mil da retirada narrada por Xenofonte só é mencionada graças às inúmeras vezes em que isso já havia sido feito, no segundo, dedicado à memória de Taunay, há um investimento poético de maior apelo criativo: o poeta se imagina aí, para descrever o espaço em que a história de Inocência se deu, num momento posterior ao da ação romanesca. Tudo se localiza então na memória, e o espaço registra apenas a tapera, o deserto, a ruína. No presente, só resiste a famosa borboleta, imortalizada pelo naturalista Meyer em homenagem à protagonista, símbolo da permanência do romance na memória cultural brasileira.

⁷⁴ 2.34.

As comparações feitas entre Taunay e outros escritores são inúmeras. Desde o quase óbvio Euclides da Cunha, outros nomes são lembrados aqui e ali com propósitos comparativos: os brasileiros Manuel Antonio de Almeida, Franklin Távora, José de Alencar, e uma longa série de autores estrangeiros, tais como Fenimore Cooper, Walter Scott, Balzac, Flaubert, Paul de Kock, Bernardin de Saint-Pierre, Jorge Isaacs, até nomes menos evidentes como o de Goethe.

Outra longa lista é a dos pseudônimos adotados por Taunay em seus vários textos. O mais conhecido é Sylvio Dinarte, o da maioria dos romances, contos e peças teatrais, e do livro *Céus e terras do Brasil*. Mas, ainda para a ficção, há outros, como Heitor Malheiros, para o romance *O Encilhamento*, e Eugênio de Mello, para a comédia de costumes *Por um triz coronel!*. O nome Jorge Palmer assinou o texto *Como me tornei kneippista*, e Flávio Elysio, as suas inúmeras composições musicais. Há ainda um enigmático "T." de pelo menos dois textos: os poemas em homenagem a D. Pedro I e o texto *A Classe Militar perante as Câmaras*⁷⁵. Na imprensa, foram adotados os pseudônimos A Sentinela, Tory, A velha de Syracuse, Carmontaigne, André Vidal, Mucio Scaevola, etc. Essa tendência a ocultar a identidade sob outros nomes foi uma prática constante no século XIX, e, segundo Brito Broca, configurou-se como uma estratégia adotada pelos escritores em função do preconceito que ainda se tinha contra o gênero romanesco e a própria literatura, que "nessa época, já constituía em si mesma um mister secundário". E o autor de *Horas de leitura* se estende em sua explicação "dessa insistência no anonimato":

"Melhor compreenderemos a questão, se atentarmos para o divórcio que havia entre as letras e a dignidade das funções públicas, no Brasil Imperial de 1850. (...) E os que desejavam vencer na vida pública, como um Francisco Otaviano, um Cardoso de Meneses, procuravam logo romper com o passado acadêmico, assumindo atitudes sisudas e burguesas. Um Bernardo Guimarães, insistindo em conservar fidelidade à boêmia antiga, era demitido do cargo de juiz municipal de Catalão, e jamais conseguiria situação social de relevo. Em 1883, ainda vemos Raimundo Correia, promotor de São João da Barra, todo alarmado, quando o chefe político da localidade, chama-o reservadamente, para dizer-lhe em tom soturno: '- Doutor, andam assoalhando por aí que o senhor é poeta... Mas eu não acredito... São as más línguas...' "⁷⁶

Taunay manifestou-se mais de uma vez contra esse preconceito - em um texto sobre o Alencar político, por exemplo, pode-se ler o seguinte relato, em cujo comentário percebe-se a veemência com que defendia os colegas que conciliavam a política e a produção literária:

⁷⁵ Cf. respectivamente os textos 1.1.79 e 1.1.2.

⁷⁶ 3.17, pp. 104-5.

"Na discussão do voto de graças [isto se deu em 1869], foi José de Alencar, ministro da justiça, alvo direto dos mais veementes ataques e acusações. Dando-o como simbolo de frenética reação partidária, contra ele vibrou o terrível senador pela Bahia [trata-se de Zacharias de Goes] os mais farpados dados do ridículo, motejando até da sua estatura e feição fisiológica, chamando-lhe *fanadinho* e metendo à bulha as suas *pretensões* literárias, emprego banal do tempo que lhe não podia consentir a apreciação séria e grave das necessidades do país. Despejou-se então todo o arsenal das constantes e tolas increpações da política brasileira contra aqueles, bem raros aliás, que procuram, de par com ela, cultivar as letras, mostrar amor às artes, e também por ai ganhar algum renome, encontrando, mais que tudo, em seu ameno trato consolo e abrigo aos muitos dissabores da vida pública."⁷⁷

Ainda no intuito de demonstrar o alcance do talento poligráfico a ele atribuído, é curioso observar que Taunay, em função de uma de suas múltiplas formas de manifestação do nacionalismo, também é motivo de citação em livros que se dedicam, por exemplo, a estudos voltados à sociolinguística. A seleção feita recentemente por Edith Pimental Pinto, em seu *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos*, inclui "O português de Portugal e do Brasil", de 1897, em que Taunay demonstra também o seu interesse - claramente marcado pelo intuito nacionalista - por reflexões a que hoje chamamos de linguísticas, e a que o seu autor chamou de filológicas. Algo dessa tendência já havia sido sugerida pelo uso dos itálicos para demarcar e posteriormente explicar em notas de rodapé os termos e expressões regionais empregados em *Inocência*, o que foi objeto de um estudo de Dino Preti⁷⁸.

E por isso é com muito prazer que podemos reconhecer a graça com que Taunay, naquele texto citado por Edith Pimentel, tenta, através de termos e expressões mais intuitivas do que científicas, demonstrar clareza numa área em que muitos conceitos da linguística ainda não haviam sido estabelecidos e convencionados no nível em que são hoje em dia:

"Além do que temos dito, a acentuação e pronúncia aqui usadas vão também determinando notável disparidade entre o português falado por lábios lusitanos ou brasileiros. O nosso modo de enunciar as palavras doce e pausado dá valor a cada sílaba e ainda mais a cada letra, ao passo que o da gente de além-mar é muito mais acelerado, eliminando as vogais, carregando as consoantes e com tendência sempre a contrações, o que origina peculiar aspereza e constitui o *falar cerrado*. *D'Olvêr'*, *d'Almad'*, dizem por lá, ao passo que aqui *de Oliveira*, *de Almeida*. Constantes as elisões, tornam-se os acentos precipites, e daí certas caídas de voz, que produzem um como que cantar ou gouguejar, insuportável, por vezes, aos nossos ouvidos. Provável é que a ortoépia esteja com eles: mas a língua que vamos, senão formando, pelo menos arranjando ao nosso sabor, ganha sensivelmente melodia e suavidade, nas transgressões em que incorre, se perde energia e vigor."⁷⁹

⁷⁷ 1.1.67, p. 153.

⁷⁸ 2.92.

⁷⁹ 1.1.54, p. 374.

Para quem escreveu em francês um dos livros mais famosos de sua obra e da literatura brasileira, esta preocupação com "a língua que vamos, senão formando, pelo menos arranjando ao nosso sabor" - objeto, aliás, de muitas de suas manifestações de purismo lingüístico contra os galicismos freqüentes na época - faz pensar em uma contradição lógica. Escrever em francês não seria então uma manifestação anti-nacionalista, tão contrária aos seus propósitos e de tantos outros escritores da época? Afinal, todos os outros textos escritos por ele em francês tinham um endereço certo e a escolha da língua se justificava por isso mesmo: as *Cartas da campanha* foram escritas ao pai e à irmã durante a guerra e a peça teatral *La conquête du fils* foi originalmente elaborada para ser encenada na França. O crítico brasilianista Jean Soublin arrisca uma explicação para essa decisão, vista como uma das "failles créatives" apontadas na obra, "soigneusement dissimulées sous le discours martial"; e a explicação para a aparente contradição estaria no estudo das condições de produção desse tipo de discurso⁸⁰:

"Or Taunay a prouvé dans ses autres livres qu'il maniait le brésilien avec élégance. Pourquoi alors avoir choisi une langue qu'il dominait plutôt moins bien?"

Les péripéties de la publication nous donne une piste. À la fin de 1867, de retour à Rio, il publie à compte d'auteur la narration d'une reconnaissance d'un mois faite l'année précédente dans les marais du Mato Grosso: un récit de voyage, illustré de nombreux dessins dont certains seront utilisés par Élisée Reclus⁸¹. Ce petit texte, écrit en portugais, n'a aucun succès. Sur les instances de son père, il rédige alors, en trois semaines, *la Retraite de Laguna*. Il en publie les cinq premiers chapitres et les dédicace à l'empereur. Pourquoi en français et pourquoi cette édition tronquée? (La traduction portugaise complète ne paraîtra que deux ans après la fin des hostilités.)

On ne peut ici qu'avancer une hypothèse: la guerre était loin d'être terminée et, au vu du militarisme ambiant, le jeune officier a jugé prudent de limiter le cercle de ses lecteurs à une petite élite civile et francophone, principalement à l'empereur (qui détestait les militaires) et au comte d'Eu (qui intriguait pour se faire nommer commandant en chef).

La précaution fut d'ailleurs inutile. Dès son retour, Taunay avait publié dans la presse un long résumé de la retraite⁸². L'article, très remarqué, avait été commenté à la chambre. Avec l'emphase du temps, un député avait évoqué un nouveau Plutarque. Mais c'était un député de l'opposition libérale. Les militaires, eux, se

⁸⁰ Vide as notícias que Taunay dá a respeito das condições em que escreveu e publicou *A Retirada da Laguna* em 1.1.44, pp. 440-3. É nelas que Jean Soublin se baseia para aventar suas hipóteses a respeito da razão pela qual o livro foi escrito em francês.

⁸¹ Trata-se, sem dúvida, do apêndice ao livro *Cenas de viagem*, de 1868, que aparece aí com o seguinte título: "Memória descritiva do reconhecimento do caminho entre os rios Taquari e Aquidauana, feito pelos engenheiros capitão bacharel Antonio Florencio Pereira do Lago e segundo tenente bacharel Alfredo d'Escragnoille Taunay, ajudantes da comissão de engenheiros junto às forças em operações no sul da província de Mato Grosso" (vide 1.1.16, pp. 181-210).

⁸² Infelizmente, não tive acesso a este texto. A respeito dele, Taunay escreve em suas *Memórias*: "Logo de chegada ao Rio de Janeiro, resumi tudo num artigo que o senador Pompeu, interpellando o governo sobre os fatos de Mato Grosso, achou digno da pena de um Plutarco. Daquilo, porém, ao livro que devia ser escrito [*A Retirada da Laguna*], havia um mundo." (1.1.44, p. 440)

renfrognèrent. Le ministère de la guerre refusa de subventionner le récit de voyage et, malgré les titres qu'il pouvait faire valoir, le jeune lieutenant dut attendre longtemps sa promotion à capitaine. Il protesta toute sa vie contre cette injustice, et finit pour quitter l'armée cinq ans plus tard."⁸³

Soublin se vale de argumentos que consideram, de um lado, a vontade de obter sucesso aproveitando a oportunidade de escrever sobre um assunto de muito interesse no momento, e, de outro, a prudência do escritor em um período tão conturbado e delicado, em que o militarismo estava em causa. A solução encontrada - escrever só para uma elite capacitada para a leitura - parece não ser satisfatória, dadas as conseqüências que Taunay, mesmo assim, sofreu. Ou tudo se explica ainda uma vez pela falta de contenção do escritor, que, apesar de tentar se precaver, ousou dizer em português o que Soublin alega que ele pretendia que ficasse escondido sob o francês.

⁸³ 2.115, pp. 14-5.

PARTE 2

SIC TRANSIT

Esta segunda parte da tese reúne os capítulos II e III, que procuram analisar o que chamo de "aspectos transitivos da obra de Taunay". Desprezando a polêmica que atribui a Taunay o caráter de "escritor de transição entre o romantismo e o realismo", procuro estudar em que termos se dá a transitividade em sua obra. Neste sentido, estudo, no capítulo II, a *idéia de nação* construída sobretudo a partir dos livros *A Retirada da Laguna* e as *Memórias* e, no capítulo III, alguns aspectos mais pontuais dessa transitividade, como os primeiros poemas esquecidos pelo autor e pela crítica, a influência exercida na obra pela condição de estrangeiros ilustres e nobres dos membros de sua família, a possibilidade de reabilitação do seu primeiro romance, *A Mocidade de Trajano*, desde que encarado sob a perspectiva de algumas injunções históricas, e algumas imagens que representariam de forma alegórica a intensidade da transição histórica vivida por ele.

CAPÍTULO II

OS FRAGMENTOS DE FUTURO

"Se o caráter principal do acontecimento é poder situar-se com precisão nas coordenadas do espaço e do tempo, o mesmo não se dá com o processo ideológico. Este não surge de improviso ou por acaso, de um dia para o outro. Sua matéria-prima são idéias afetadas de valores, e idéias e valores se formam lentamente com idas e vindas, no curso da história, na cabeça e no coração dos homens. No entanto, como a ponta do *iceberg* é claro indicio da existência de massas submersas cuja profundidade não se pode calcular a olho nu, também certas situações, rigorosamente datadas, ao se armarem, servem de pista ao leitor de ideologias para detectar correntes que vêm de longe. A data exerce, então, o papel de signo ostensivo de uma viragem."

(Alfredo Bosi, *Dialética da Colonização*)

I. POR QUE TAUNAY?

Dentre outros fatores de ordem ideológica, as fronteiras epistemológicas, que foram se estabelecendo ao longo do tempo de maneira a criar áreas de especialização para organizar nossas tentativas de conhecimento do mundo, acabaram por compor uma historiografia - literária ou não - com lacunas que não mais se sustentam e que por isso estão sendo revistas. A nova sensibilidade criada em torno de nomes como o de Jean-François Lyotard, face à crise dos grandes relatos da modernidade e às tentativas de redescoberta ou de atribuição de novas ressonâncias culturais e políticas a vários textos ficcionais, teóricos e críticos, revistos sob a ótica da chamada pós-modernidade, deixa entrever perspectivas que não podem ser desprezadas (pelo menos não tão facilmente).

No que concerne a literatura propriamente dita, a questão do valor - a famosa *literariedade* - entra em causa e provoca polêmicas que trazem à tona a historicidade dos critérios axiológicos vigentes. Nomes como o de Terry Eagleton e o de Harold Bloom pronunciam-se no sentido de revelar ou constatar a crise e posicionar-se frente a ela. E seja qual for a posição adotada - de questionamento ou de imposição do cânone -, é indiscutível o fato da revisão dos valores tidos anteriormente como assentados de uma vez por todas.

Dentro desta perspectiva, a obra do Visconde de Taunay, tal como foi e ainda vem sendo encarada pela crítica e pela historiografia literária brasileira, tem, excluído do seu conjunto, tudo o que não corresponde aos critérios de

valorização e periodização literária de que esta historiografia sempre se valeu: geralmente, restam apenas *Inocência* e *A Retirada da Laguna* como textos passíveis de atenção e consideração do estudioso. Os numerosos outros textos do autor são desprezados, como se não tivessem sido escritos, publicados e lidos. Uma "reabilitação" se faz necessária, sobretudo se considerarmos a importância destes textos numa re-construção da *idéia de nação*, básica para a compreensão do século XIX em sua perspectiva cultural. A análise deles, de maneira a ir recompondo a contribuição gradual de Taunay, em várias áreas da esfera pública, revela um percurso de atuação intensa e constante, e que culminou no isolamento, na frustração e numa conseqüente nostalgia de um Brasil imaginado mas não concretizado pela história. E, além disso, a inscrição do autor na história literária brasileira encontra-se invariavelmente rodeada pelo aspecto polêmico da *transição*: a dúvida, tantas vezes explorada, entre o romântico e o realista é uma das questões que a historiografia não se nega a discutir quando trata do autor de *Inocência*. Sem pretender decidi-la, o meu estudo procura ampliar os seus termos ao analisar também a contribuição memorialística do escritor na re-constituição do nacionalismo a partir da guerra contra o Paraguai.

II. OS FRAGMENTOS DO PASSADO

"Crisálida dourada, donde surge inseto obscuro e sem valor." (Visconde de Taunay, *Ouro sobre azul*)

"Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína."
(Caetano Veloso, *Fora da ordem*)

Alfredo d'Escragnolle Taunay nasceu em 1843 e morreu em 1899, no penúltimo ano do século XIX, portanto. Ouso suspeitar que este detalhe biográfico do autor de *Inocência* possa configurar, ao lado de alguns dados representativos de sua intervenção na história, na literatura, na política, numa certa formação ideológica e na cultura de sua época, a composição de um *traçado alegórico* que representaria a constatação de que *ele foi um homem daquele século*. Apesar de lidar com um (só) aparente determinismo cronológico, do tipo que considera arbitrariamente que a virada do século por si só teria sido responsável pela mudança na ordem geral das coisas, penso que não se pode recusar, pelo menos não tão simplesmente, a impressão de que Taunay não se teria dado bem com o século que o sucedeu. Um indício claro desta impressão é o intenso lamento nostálgico que caracteriza tanto as suas *Memórias*, só publicadas após cem anos de seu nascimento, como os outros escritos posteriores a 1889, e que seria originário, nas palavras de Antonio Candido, da "intransigente

fidelidade com que permaneceu monarquista"¹. Mas o *ser um homem daquele século* não implica, por outro lado, que ele tenha se dado bem no século em que viveu. Isto porque os seus projetos, para o seu tempo, são sempre frustrados. E por isso eu diria que, mais do que uma nostalgia do que foi, trata-se de uma nostalgia do que poderia ter sido o Brasil monárquico, aos olhos de Taunay.

A transição para a modernidade no Brasil começou a se dar, sob vários aspectos, a partir da guerra contra o Paraguai, com uma conseqüente e gradativa mudança na ordem instaurada pelo Império. Se considerarmos alguns destes aspectos - como o nacionalismo, o romantismo, a escravidão negra, a visão da natureza brasileira, a questão do índio, os problemas políticos, entre outros - e o modo como o escritor se pronunciou a respeito deles, a conclusão resultante é a de que a historiografia literária brasileira não faz jus à importância cultural do escritor ao valorizar somente textos como *Inocência* e *A Retirada da Laguna*. É certo que estes textos tiveram uma repercussão imediata à sua publicação, e que seu sucesso se deveu também à consagração obtida internacionalmente, mas há outros textos - romances, contos, peças, biografias e relatos basicamente memorialísticos, históricos e de viagens - dignos de uma nota que, por não vibrar no mesmo acorde consagrado pela tradição teórico-literária, faz com que eles permaneçam esquecidos em suas primeiras e raríssimas edições. Um interesse diverso daquele que orientou até agora os historiadores literários pode revelar algo bem superior a 100 títulos de textos publicados, que abrigam surpresas inesperadas, e que justificam afirmações esparsas e longínquas no tempo, como esta de 1957, que mantém uma atualidade surpreendente: "Faz falta, sobre ele, um estudo amplo, tanto biográfico quanto crítico."²

Inscrevendo esse *interesse diverso* numa perspectiva de abordagem semelhante à que foi descrita como "crítica política" por Terry Eagleton, o lugar ocupado por Taunay assume uma dimensão em que os termos *literatura*, *cultura* e *política* já não supõem mais os limites arbitrários que a teoria literária construiu ao longo do tempo:

"não devemos supor *a priori* que aquilo que é atualmente chamado de 'literatura' será, sempre e em toda parte, o foco mais importante da atenção. *Tal dogmatismo não tem lugar no campo do estudo cultural*. Nem é possível que os textos hoje classificados como 'literatura' sejam vistos e definidos da mesma maneira como o são hoje, quando tiverem sido devolvidos às formações discursivas mais amplas e profundas de que são parte. Serão inevitavelmente 'reescritos', reciclados, terão usos diferentes, serão inseridos em diferentes relações e práticas. Sempre o foram, é

¹ 3.37, Vol. 2, p. 389.

² *Idem. ibidem*, p. 422. Há, conforme se pode ver na relação bibliográfica final (Item 3), vários estudos críticos e bibliográficos sobre o escritor. No entanto, o tom laudatório que reveste grande parte deles reduz o alcance crítico que a constatação de Antonio Candido com certeza supõe.

claro, mas um dos defeitos que a palavra 'literatura' tem é o de nos impedir de enxergar isto."³

O conceito de *formação discursiva*, explicitamente acionado para compor esta nova perspectiva de abordagem, remete ao Foucault d'*A arqueologia do saber*⁴ - com o corolário teórico que envolve aspectos como *sistemas de dispersão, regularidades e regras de formação discursiva* - impõem-se como questões pertinentes a qualquer análise que se atenha a processos históricos e culturais.

O apreço de Taunay pela monarquia, por exemplo, que não se explica somente por uma decisão de ordem política sobre o sistema de governo mais apropriado para o país, mas que advém também de sua admiração e fidelidade à figura ilustrada e moderadora de D. Pedro II, contribui para compor a faceta *conservadora* de seu amplo *projeto para o Brasil*. Numa atitude que eventualmente poderia ser caracterizada como um mecenato *après-la-lettre*, ou como a de um intelectual orgânico, nos termos de Gramsci⁵, ou, ainda, apenas coerente com o comportamento já tradicional de sua família em relação ao trono, o que importa observar é que seu conservadorismo não coincide exatamente com o do partido sob o qual atuou politicamente: os conflitos frequentes entre ele e seus pares são exemplos de um comportamento mais afeito a princípios nacionalistas e éticos que às contingências circunstanciais partidárias⁶. Trata-se de um projeto que por vezes se assemelha mais de perto - sem necessariamente coincidir - à perspectiva liberal que à conservadora, configurando uma contradição sobre a qual conviria decidir se reside na história dos partidos ou na do homem que se filiou a um deles.

A leitura do texto "A escravidão entre dois liberalismos", de Alfredo Bosi, que diz que "o nosso liberalismo esteve (...) apenas à altura do nosso contexto"⁷, pode ajudar a decidir a questão: a constante e prolongada pressão sobre a política e a economia brasileira no sentido de se submeterem, durante parte do século XIX, aos imperativos - talvez abstratos em demasia para os interesses dominantes locais - do liberalismo inglês demonstra mais uma vez - e "cá e lá" - que a prática

³ 3.58, p. 228 (Os itálicos são meus).

⁴ 5.31, sobretudo às pp. 43-4.

⁵ 5.38.

⁶ Para uma avaliação da singularidade deste posicionamento político, recomendo a leitura do capítulo V do primeiro romance do escritor - *A mocidade de Trajano* [1.1.7, pp. 51-60] -, em que se pode perceber a clareza com que ele, já aos 26 anos, via a falta de distinção partidária no que diz respeito à anteposição de certos interesses aos propriamente nacionais. E esta postura crítica também se repete, entre outros, no romance *Ouro sobre azul* [1.1.57], onde o autor reveste de um tom caricatural evidentes personagens como o hilariante delegado de polícia.

⁷ 3.18, p. 199.

é capaz de criar adaptações à teoria de modo a satisfazer às imposições econômicas, políticas e, sobretudo, ideológicas:

"O par, formalmente dissonante, esgarçamento-liberalismo, foi, no caso brasileiro pelo menos, apenas um paradoxo verbal. O seu consórcio só se poria como contradição real se se atribuísse ao segundo termo, *liberalismo*, um conteúdo pleno e concreto, equivalente à ideologia burguesa do trabalho livre que se afirmou ao longo da revolução industrial europeia.

Ora, esse liberalismo ativo e desenvolvido simplesmente não existiu, *enquanto ideologia dominante*, no período que se segue à Independência e vai até os anos centrais do Segundo Reinado."⁸

A constatação de tal singularidade em Taunay, que nunca chega a compor de fato uma dissidência política, mas sim o que proponho chamar de *dissidência discursiva*, não advém do extremismo de perspectiva condenado por Karl Mannheim, ao estabelecer o conceito de *estilo de pensamento*: "Assim, as qualidades ímpares do pensamento de cada indivíduo são supervalorizadas e o significado do *milieu* social para a natureza de seu pensamento é ignorado."⁹ Trata-se, por outro lado, de encarar a obra do escritor sob o signo da participação atuante no momento decisivo da história brasileira que foi o da guerra contra o Paraguai. Isto teria determinado a configuração de uma imagem de nação que supõe, por exemplo, a necessidade de interiorização geográfica do olhar nacionalista para além (ou aquém?) dos estreitos limites litorâneos tradicionais. Na perspectiva do Taunay-pós-guerra, começa a se vislumbrar uma pergunta que se tornou constante em todo o seu trabalho e que pode ser traduzida nos seguintes termos: que unidade nacional é esta que, apesar de ser apregoada aos quatro ventos, (ainda) se baseia em um pretense e enganoso conhecimento do território extra-corte? Trata-se de uma pergunta que encara de frente, e sem mistificações políticas, a grande questão mal resolvida da nacionalidade e que acaba por nortear as suas produções enquanto escritor e político do Segundo Reinado. Ou por outra, é uma pergunta que envolve relações de ordem espaço-temporal, ao incidir sobre o descompasso histórico e cultural entre as regiões que compõem a nação, o que foi muito bem expresso por Capistrano de Abreu, ao dizer em 1879 que "entre o sertão e a colônia são estreitas e profundíssimas as relações."¹⁰ É uma pergunta, enfim, que pode ser ilustrada pela descrição que Jorge Jobim faz de um quadro cujo tema é o próprio Taunay, de maneira a compor com propriedade uma *metáfora do olhar* com que ele procurou encarar o Brasil:

⁸ *Idem, ibidem*, p. 196.

⁹ 5.58, p. 79.

¹⁰ 2.1, p. 102.

"Em um belo quadro, cuja reprodução foi dada em algumas de suas obras, Taunay é visto de pé, na madureza dos anos, destacando-se de um fundo ardente de batalha, nobremente tranquilo, uma das mãos crispada sob o óculo de longa-mira, numa postura de patriotismo vigilante."¹¹

Seja sob a expressão "patriotismo vigilante" ou não, o pensamento (conservador?) de Taunay pode ser observado, então, em sua idéia de nação brasileira, construída a partir da contradição experimentada entre a imagem de Brasil, ora veiculada em bases românticas¹², e a que se construiu a partir da experiência da guerra. É uma idéia que pontilha, fundamenta e caracteriza tanto a obra escrita, seja ficcional ou não, quanto a vida pública, e sempre com um "óculo de longa-mira" a espreitar as possibilidades do futuro.

E a "crisálida dourada" - que vai se transformar no inseto desprezível da primeira epígrafe deste texto - já antecipa alegoricamente, no romance de 1875¹³, a frustração de um projeto para o Brasil-nação, intensamente perseguido em todas as atividades públicas do escritor, e que a história brasileira acabou por levar de roldão. E a essa frase da epígrafe podem ser acrescentadas outras de mesmo teor, retiradas do mesmo trecho, que dão igualmente conta do desencanto face à frustração dos projetos malogrados:

"Cálculos humanos!
Castelos gigantes erguidos em movediça areia!
Folhas viçosas, cuja duração parece ligada à árvore que adornam, e que ligeira brisa arranca, dispersa e impele Deus sabe para onde!
Lâmpada brilhante que consome preciosos óleos e que um sopro apaga!
Farol cintilante que de repente se extingue!
(...)
Tudo desenganos, dúvidas, surpresas, resoluções inesperadas, ilusões baqueadas, realidades imprevistas, mistificações repentinas, combinações do acaso, gracejos do destino!..."

A enumeração exaustiva e de efeito generalizante de tais imagens compõem a espécie de *imaginário do desencanto* que aos poucos vai sendo construído pelo autor, ao longo de sua obra.

Se, contudo, considerarmos a reflexão de Karl Mannheim, baseada na sociologia do conhecimento, a respeito do pensamento conservador do século

¹¹ 2.52, p. 1 O quadro é um retrato a óleo de L.-A. Moreaux, oferecido em 1876 ao então major Alfredo d'Escragno Taunay pelos oficiais da guarnição do Rio de Janeiro, como "lembrança e homenagem dos seus amigos do exército". Ele se encontra hoje no Museu Imperial, de Petrópolis.

¹² Cf. especialmente as obras *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*, de Maria Helena Rouanet [3.120] e *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, de Flora Süssekind [8.23]. É bom lembrar que Taunay, por várias vezes, manifestou ter sido um assíduo leitor dos relatos de viagem que estão na base da reflexão destas autoras.

¹³ 1.1.57, p. 242.

XIX¹⁴, ou a de Michel Löwy sobre a abrangência do conceito de Romantismo - como uma ampla *Weltanschauungen*, de que a nostalgia de um passado pré-capitalista seria o eixo principal¹⁵ -, ou, ainda, o que Arno J. Mayer observou a propósito da permanência da tradição numa Europa posterior à queda do *ancien régime*¹⁶, ou mesmo o que Ilmar R. de Mattos nos apresenta em seu *O tempo saquarema*, concebendo as noções de construção, produção e controle do tempo como decisivas para a compreensão do processo de formação do Estado Imperial e do seu "tempo conservador"¹⁷, teremos condições de avaliar mais detidamente, e talvez menos dogmaticamente, a importância cultural e histórica da obra de Taunay. Amparados por este tipo de reflexão, estaremos em condições de perceber, por exemplo, que, para além da polarização que se convencionou estabelecer entre os termos *tradição* e *ruptura*, ou entre *conservadorismo* e *liberalismo*, há outras formas de manifestação discursiva neste sentido não tão radicais, mas não por isso historicamente menos significativas. Em outras palavras, creio poder adiantar a afirmação de que Taunay é tradição e é também ruptura, apesar de tudo (e às vezes até dele mesmo).

E por isso não é à toa que acredito também poder afirmar que o Caetano Veloso da segunda epígrafe, ao contrapor os termos "ainda construção" aos "já ruína", na sua tentativa recente¹⁸ de situar a contraditória modernidade atual brasileira na "nova ordem mundial", concluindo inclusive que aqui "nada continua", encontra-se em ressonância longínqua com o acorde vibrado pelo Taunay de, por exemplo, *A cidade de Matto-Grosso, antiga Villa-Bella, o rio Guaporé e a sua mais illustre vítima*¹⁹ que, em 1891, ao reorientar o seu olhar para o interior do Brasil, já se deparava com as ruínas de uma nação em construção.

É nesse sentido que Lévi-Strauss, por exemplo, se pronuncia a respeito da disparidade entre as cidades da costa e as do interior do Brasil, na tentativa de explicar as razões que teriam levado às contradições de uma certa modernidade brasileira, ligada ao extremo do processo de abandono, no caso das cidades afastadas do litoral, enquanto as outras se expandiam constantemente. Nos termos do estudioso francês, haveria a possibilidade de comparar as etapas extremamente longas da paleontologia aos períodos extremamente curtos de ocupação do

¹⁴ 5.58.

¹⁵ 3.88.

¹⁶ 7.10.

¹⁷ 5.61.

¹⁸ VELOSO, Caetano - "Fora da ordem", do disco *Circuladô*, de 1991.

¹⁹ Vide 1.1.1 para a segunda edição, com o título modificado pelo filho.

espaço brasileiro que, em sua espessa densidade histórica, produziria maior volume de transformação do que de desenvolvimento:

"Ce cycle d'utilisation de l'espace correspondait à une évolution historique dont la marque était également passagère. C'est seulement dans les grandes villes de la côte - Rio et São Paulo - que l'expansion urbaine semblait avoir une base assez solide pour paraître irréversible (...). Mais, dans l'intérieur, les espaces urbains naissaient et disparaissaient, en même temps qu'elle se peuplait, la province se dépeuplait. En se déplaçant d'un point à un autre sans toujours s'accroître, les habitants changeaient de type social, et l'observation côte à côte de villes fossiles et de cités embryonnaires permettait, sur le plan humain et dans des limites temporelles extrêmement courtes, l'étude de transformations aussi saisissantes que celles du paléontologiste comparant au long des étages géologiques les phases, s'étendant sur des millions de siècles, de l'évolution des êtres organisés.

Dès qu'on quittait la côte il ne fallait pas perdre de vue que, depuis un siècle, le Brésil s'était transformé plus qu'il ne s'était développé."²⁰

IV - NACIONALISMO: UMA "INCÔMODA ANOMALIA"

"O que faz com que as minguadas imaginações da história recente (pouco mais de dois séculos) dêem origem a sacrifícios tão colossais?"
(Benedict Anderson - *Nação e consciência nacional*)

"Em história literária, basta estabelecer uma divisão para vê-la escorregar entre os dedos, arbitrária e insuficiente, embora necessária."
(Antonio Candido - *Formação da literatura brasileira*)

As diversas interpretações históricas surgidas até há bem pouco tempo a propósito da Guerra contra o Paraguai podem ser agrupadas em duas grandes tendências que se distinguem ora pelo relevo ao seu caráter nacionalista, de defesa intransigente das novas nações recém-emergentes, ora pela via marxista, que vê no imperialismo inglês o verdadeiro motor do conflito. As duas, entretanto, invocando quase que invariavelmente a idéia da civilização contra a barbárie para fundamentar seus argumentos. Como exemplos da primeira tendência, encontram-se basicamente os relatos, senão contemporâneos, ao menos apegados ao empenho nacionalista reinante à época em todo o mundo ocidental, como são os casos, dentre outros, do Visconde de Taunay e do General Dionísio Cerqueira²¹. Para exemplificar a segunda tendência, podem ser citadas

²⁰ 5.50, pp. 92-3.

²¹ Os textos sobre a guerra produzidos por eles, não se propondo a uma *análise* histórica, restringem-se à composição de narrativas feitas sempre do ponto de vista da participação-em-came-e-osso dos fatos relatados. São testemunhos memorialísticos que fazem com que seus

as contribuições historiográficas de Leon Pomer, Júlio José Chiavenatto e Paulo Miceli, além do trabalho cinematográfico de Sylvio Back²².

Ao lado desta primeira oposição mais flagrante - dada pela excludência teórica entre nacionalismo e interpretação marxista²³ -, há outro traço distintivo entre as duas tendências que pode ser apreendido pela análise das diferentes modalidades discursivas empregadas, e relativas a concepções metodológicas divergentes de história. Da convicção teórica de que o simples relato memorialístico dos fatos conduz à verdade histórica²⁴ à concepção de que tal verdade só surge a partir de uma análise fundamentada em conceitos e categorias tidos como mais abrangentes, muitas páginas foram escritas, levando à observação de que as formas discursivas resultantes também compõem uma história. É uma história que parece não se ter esgotado:

"Seria mais exato dizer que o nacionalismo tem se revelado uma incômoda *anomalia* para a teoria marxista e, exatamente por essa razão, tem sido amplamente evitado, mais do que enfrentado", que "tanto a teoria marxista quanto a liberal têm-se debilitado em um tardio esforço ptolomaico para 'salvar o fenômeno': e que se requer, com urgência, uma reorientação de perspectiva num espírito por assim dizer copernicano."²⁵

E essa *reorientação de perspectiva*, que deve deixar de ignorar a questão do nacionalismo como se ela de fato não existisse, é abordada também em um

narradores assumam uma dupla caracterização: são ao mesmo tempo *agentes e relatores* do fato histórico.

TAUNAY, Visconde de - 1.1.11, 1.1.16, 1.1.17, 1.1.18, 1.1.22, 1.1.23, 1.1.24, 1.1.28, 1.1.39, 1.1.43, 1.1.44, 1.1.64

CERQUEIRA, Gen. Dionísio - 4.33

²² POMER, Leon - 4.72, 4.73, 4.74

CHIAVENATTO, Júlio José - 4.35, 4.36, 4.37

BACK, Sylvio - 4.16. Este filme é uma mescla de ficção e documentário, já que tenta reproduzir o cenário da guerra através de "um vasto e inédito acervo iconográfico, cenas de três filmes de ficção (um argentino e dois brasileiros), além de revisitar todo o teatro de operações da Guerra do Paraguai."

²³ A publicação recente (1995) das intervenções proferidas no colóquio "Guerra do Paraguai - 130 anos depois" - 4.62 - procuram, entre outras coisas, relativizar esta oposição, numa tentativa de fazer uma revisão dos critérios historiográficos tradicionalmente empregados na interpretação da guerra. O texto de Leslie Bethell, "A Guerra do Paraguai: história e historiografia" (pp. 11-24), procura relacionar e classificar as diversas tendências interpretativas existentes, segundo critérios semelhantes aos aqui apresentados. Chamo a atenção sobretudo para o texto de Francisco Alambert, "Civilização e Barbárie, História e Cultura" [anteriormente publicado em 4.0], cuja preocupação com as "representações literárias e projeções da Guerra do Paraguai nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República" se aproxima mais de perto do meu estudo.

²⁴ "Resta-nos solicitar a maior indulgência para esta narrativa cujo único mérito pretende ser o dos fatos expostos. Tiramo-los de um diário escrito em campanha. Assim nela hão de abundar as incorreções, demasias e repetições: cremos dever deixá-las; *são indícios da presença da verdade*". 1.1.11, p. 29 (os itálicos são meus).

²⁵ 6.1, p. 12.

artigo de Michel Löwy que, ao tratar dos conflitos do leste europeu, diz entre outras coisas:

"o marxismo permanecerá desarmado, face aos acontecimentos atuais, se não conseguir se desfazer de alguns mitos e ilusões que pertencem à sua própria tradição. Entre os mitos, há um que tem a pele particularmente dura: o da definição 'científica' e 'objetiva' da nação. (...) Felizmente, a maior parte dos marxistas que estudam, hoje, a questão nacional compreenderam perfeitamente que as nações não podem se definir unicamente em termos objetivos (território, língua, unidade econômica etc.) - mesmo se estes elementos estão longe de serem negligenciáveis - mas são 'comunidades imaginárias' (Benedict Anderson), 'criações culturais' (Eric Hobsbawm)."²⁶

As novas linhas da história - das idéias, das mentalidades e a história cultural - tentam preencher os vazios que a historiografia marxista, sobretudo a de base economicista, que se quer objetiva e científica, deixou em seu caminho. Para o que me interessa mais de perto neste estudo, o trabalho de Ricardo Salles é significativo, principalmente por levantar a controvérsia que envolve as interpretações sobre a guerra contra o Paraguai, por considerá-las parciais e insuficientes²⁷ e por propor uma nova interpretação, mais afeita às novas tendências da história, já que ele procura estudar

"como o exército, enquanto instituição, tem sua formação vinculada à crise da sociedade imperial escravista brasileira e, especificamente, como ao ligar esse fato ao desempenho na guerra do Paraguai criou-se em seu interior uma *mentalidade* de que seus porta-vozes expressavam anseios do conjunto da nação."²⁸

Reorientar a perspectiva de análise "num espírito por assim dizer copernicano" importa, na visão de Benedict Anderson, em considerar a nacionalidade e o nacionalismo como "artefatos culturais de um tipo peculiar" que, para serem compreendidos adequadamente, "é preciso que consideremos

²⁶ 6.7, pp. 35-6.

²⁷ "A versão revisionista das origens da guerra tem seu ponto fraco talvez exatamente naquilo que caracterizou sua novidade: a inserção do conflito no contexto mais geral da expansão do capitalismo. A supervalorização da ação direta da Inglaterra e a subestimação das motivações particulares das nações envolvidas (à exceção do Paraguai) acabaram por obscurecer a eventual originalidade da abordagem." 4.78, pp. 36-7.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 151 (o grifo é meu). A respeito dessa relação entre exército e mentalidade nacional, lembro um trecho das *Memórias* de Taunay, em que ele conta que um companheiro de exército, ao vê-lo desanimado diante das perspectivas que a vida da guerra lhe oferecia, diz: "Deixe-se de tolices, Taunay, censurou com acrimônia. Seja digno dos galões de oficial, do seu nome e nada de crianças. Há muito já passou o tempo. Que lhe pode acontecer de pior? Morrer, não é? E que tem que você morra? Tanta gente não desaparece? Porventura você tem a pretensão de ficar para a semente? Para quê, aliás, o Estado o tem pago até hoje e o está pagando? Não é exatamente para ter o direito de dispor de sua vida? É dívida que contraimos e dívida de honra. Trate de saldá-la como homem de dignidade e deixe-se de lágrimas. Morrer com cara de alegre e até risonha é, no nosso caso, obrigação restrita a que não há a fugir." (I.1.44, p. 176).

com cuidado como se tornaram entidades históricas, de que modo seus significados se alteraram no correr do tempo, e por que, hoje em dia, inspiram uma legitimidade emocional tão profunda."²⁹ O estudo da origem do nacionalismo brasileiro pode ser entrevisto no trabalho de Maria Helena Rouanet³⁰ que, em uma perspectiva semelhante, estuda a obra de Ferdinand Denis de modo a concebê-la como determinante da "fundação de uma literatura nacional". Ao lançar as bases da *brasilidade* no incentivo ao que era tido como genuinamente brasileiro (a natureza sob o prisma exótico e pitoresco), a obra de Denis teria, segundo a autora, contribuído para a primeira construção da imagem da nossa nacionalidade.

Nesta tentativa de me situar diante das tendências teóricas mais recentes a respeito da questão do nacionalismo, cabe ainda uma consideração de ordem metodológica sobre o objeto e os fundamentos da abordagem literária em sua perspectiva histórica, e que de alguma forma se aproxima das considerações de Terry Eagleton, já mencionadas aqui. Para isso, valho-me da reflexão - tão longínqua e repentinamente tão atual - de Lúcia Miguel Pereira, que escreve:

"Adstrita a levar em consideração elementos estranhos ao conteúdo artístico - e neste se incluem tanto o sentido estético como o ético - corre a história literária o risco de dar apreço excessivo a livros que só valem como documentos, pelas informações que encerram, e a se desviar do seu fim: estudar os sucessos literários, isto é, as obras que por si mesmas ou pela repercussão que tiveram significam alguma coisa. Fica assim entre a crítica, que lhe permite a avaliação, e a história social, que a ajuda a discriminar as relações entre a vida e a literatura, particularmente importantes quando os livros mencionados representam sobretudo sintomas da evolução espiritual e social de um povo. Não será essa a posição ideal, mas é a única possível na nossa situação, já que, se poucos escritores de grande mérito possuímos, muitos temos a exigir atenção pelas tendências que refletem."³¹

Se os critérios de Lúcia diferem dos de Eagleton, os resultados acabam por coincidir: e a posição do estudioso diante do objeto de estudo adquire uma feição mais nítida, seja pela imposição situacional, seja pela decisão de caráter teórico-metodológica.

Sob esta perspectiva, o relato memorialístico, factual, pode passar a ganhar dimensões de *alegoria*, nos seus sentidos de "representação que trai a presença da modernidade"³² e de "forma alusiva do fragmentário"³³, a partir da dificuldade de se ter a visão da totalidade, da abrangência. Participante e testemunha do

²⁹ 6.1, p. 12.

³⁰ 3.120.

³¹ 3.108, p. 18.

³² 7.5, p. 81.

³³ 3.3, p. 28.

processo histórico, o escritor pode optar pelo mergulho na singularidade, no circunstancial, para, num movimento alegórico, tentar suprir o discurso histórico. Segundo David Arrigucci Jr., que se debruça sobre o caso semelhante da literatura dos anos 70 do nosso século e que se vale da reflexão de Walter Benjamin, o problema no caso está em observar "se a aparência do conteúdo de verdade se deve à história dos eventos mais na cara, mas que não é a verdade, ou se o factual que está lá está de fato sustentado por um teor de verdade, o que seria a grande literatura."³⁴

A partir deste quadro teórico mais geral, o objetivo deste estudo é o de analisar os textos escritos pelo Visconde de Taunay, de modo a tentar caracterizá-los como um *discurso de transição* entre as imagens da nacionalidade já então criadas e em exploração pelo romantismo brasileiro - imagens que, de certo modo, foram questionadas e alteradas pelo fato histórico da guerra, como se poderá ver adiante - e aquelas que o conflito levou a criar, quase como uma imposição histórica. Desse modo, alguns aspectos da obra ganham realce para a análise e constituem o foco de minha atenção: desde a guerra e o nacionalismo, passando pelo romantismo, memorialismo, viagem, natureza, o que importa observar por enquanto é o fato de não se poder atribuir sem discussão os rótulos de *modernidade* ou *tradição* ao escritor.

O caráter de transitoriedade atribuído ao discurso de Taunay não resulta, porém, de um projeto consciente e deliberado: ele é percebido quase que apesar-de-seu-autor, deixando entrever o processo de transformação nas entrelinhas, na revelação do que o não-dito é capaz de proporcionar, na força comunicativa da ambigüidade. Pois, como escreve Maria Helena Rouanet ao caracterizar o requisito fundamental do que chama de *Manual do perfeito viajante* romântico, "nem tudo pode ou deve ser dito; ou, pelo menos, tudo o que for dito deve sempre poder ser interpretado como melhor convier."³⁵

Antonio Candido, ao escrever sobre o escritor, coloca-o, juntamente com Franklin Távora, em uma classificação histórica intitulada "romance de passagem", dizendo que ambos teriam contribuído para um encerramento harmonioso do período romântico, ao se inscreverem "em pleno nacionalismo literário". Acrescenta ainda que "poucos terão efetuado levantamento tão cabal do país quanto Alfredo de Taunay que, na ficção e no documentário, só fez descrever as cidades e os campos, a natureza e o homem, preocupado em registrar, depor, interpretar." Mas o que é mais significativo é a discussão do critério usado para a atribuição de *transição* à obra de tais escritores: "... alguns

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 19.

³⁵ 3.120, p. 159.

críticos situam ambos os romancistas fora do período romântico, o que é perfeitamente defensável, pois são com efeito escritores de transição. (...) apesar disso prefiro enquadrá-los no romantismo, onde os prende a retomada das preocupações centrais do nacionalismo literário, e uma espécie de balanço que dão (ao lado do primeiro Machado de Assis) de todos os temas das etapas anteriores."³⁶

Alfredo Bosi também discute a atribuição mas, para recusá-la, alega motivos de outra ordem: "Há quem veja nele um escritor de transição para o realismo. Não é bem assim. Quando maduro, criticou o naturalismo. E a postura fundamentalmente egótica, reflexa nos romances mundanos que se seguiram a *Inocência*, nos diz que se algo mudou foi a sociedade, não o estofado individualista do escritor."³⁷

Convém esclarecer em vista disso que a atribuição de *discurso de transição* aqui proposta não se refere a uma transição do tipo "do romantismo ao realismo", mas de uma certa imagem de nação criada pelo romantismo para outra fundada a partir da guerra contra o Paraguai, e que não deixou de ser romântica. (E talvez a falta de consenso nos termos da inscrição de Taunay na história literária brasileira se explique e se resolva neste sentido, em que o apelo à história da cultura se torna inevitável). Seria uma preocupação próxima à de Benedict Anderson, ao propor que se estude "de que modo seus significados (os de nacionalidade e de nacionalismo) se alteraram no correr do tempo".

Finalmente, é preciso acrescentar que a análise tem como base a proposta de definição de *nação* do mesmo B. Anderson: "é uma comunidade política imaginada - e imaginada como implicitamente limitada e soberana."³⁸ E pelos paradoxos que envolvem o conceito: "1. A modernidade objetiva das nações aos olhos do historiador vs. sua antigüidade subjetiva aos olhos dos nacionalistas. 2. A universalidade formal da nacionalidade como conceito sócio-cultural (...) vs. a particularidade irremediável de suas manifestações concretas (...). 3. O poder 'político' dos nacionalismos vs. sua pobreza, e até mesmo incoerência, filosófica."³⁹ Observar, portanto, o modo como Taunay trabalha no sentido de contribuir para a composição da comunidade política *imaginada* que foi o Brasil do século XIX, e como ele se situa face aos paradoxos descritos por Anderson, importa em pensar como a guerra se constituiu num divisor de águas desse momento histórico e cultural.

³⁶ 3.37, vol. 2, pp. 296-7.

³⁷ 3.19, p. 161.

³⁸ 6.1, p. 14.

³⁹ *Idem. ibidem*, p. 13.

V - TUDO TINHA ADORMECIDO À SOMBRA DO MANTO DO PRÍNCIPE FELIZ

Dentre os historiadores da literatura brasileira contemporâneos a Taunay, José Veríssimo talvez seja o que mais se aproxima dos fundamentos discursivos do escritor. Ao incluí-lo entre os "últimos românticos", que ainda sofriam a influência dos "românticos de primeira hora", o historiador se vale do conceito de *nacionalismo*, conferindo-lhe valor *tradicional*, pois verifica o seu desabrochar "desde ainda mal iniciada a formação do nosso povo". Mas ele questiona o que chama de "legitimidade do propósito nacionalista" entre os românticos: "A espontaneidade do fenômeno não prova, entretanto, que não assentasse em um errado conceito de nacionalismo na literatura". E o fundamento de sua crítica vem dos termos do famoso e polêmico texto de Machado de Assis, o *Instinto de Nacionalidade*, de 1873. Ao falar das primeiras manifestações da reação contra o romantismo, reabilita o sentimento nacionalista, qualificando-o de "legítimo e necessário", opondo-se apenas ao "conceito abusivo de sua aplicação" pelos românticos⁴⁰. Aos olhos de Veríssimo, parece ser de responsabilidade do momento histórico a mudança de perspectiva na avaliação do sentimento:

"Iniciava-se, porém, a reação contrária ao Romantismo, sob o seu aspecto de nacionalismo exclusivista. Após largos anos de paz, de tranquilidade interna, de remansosa vida pacata sob um regime liberal e bonachão, apenas abalada por mesquinhas brigas partidárias que não lograram perturbá-la, rebentou a guerra do Paraguai, que durante os últimos cinco anos do decênio de 60 devia alvoroçar o país. Pela primeira vez depois da Independência (...) sentiu o povo brasileiro praticamente a responsabilidade que aos seus membros impõem estas coletividades chamadas nações. Ele, que então vivia segregado nas suas províncias, ignorando-se mutuamente, encontra-se agora fora das estreitas preocupações bairristas do campanário, num campo propício para estreitar a confraternidade de um povo, o campo de batalha. De província a província trocam-se idéias e sentimentos; prolongam-se após a guerra as relações de acampamento. Houve enfim uma vasta comunicação interprovincial do Norte para o Sul, um intercâmbio nacional de emoções, cujos efeitos se faziam sentir na mentalidade nacional."⁴¹

A percepção de que a guerra é responsável por um movimento de coesão, em que as noções de coletividade e mentalidade nacional - aliadas aos sentimentos e idéias que lhe são próprios - passam a ter um sentido, e de que se trata de um sentido *histórico*, assemelha-se à posição defendida por Anderson. A partir do campo de batalha, espaço inicial de veiculação desta nova emoção,

⁴⁰ 3.139, pp. 262-7.

⁴¹ *Idem, ibidem*, pp. 263-4. (Nestas páginas se incluem também os outros trechos citados a seguir.)

ocorre a sua disseminação para outros espaços, o que determina o surgimento de novos temas para os escritores⁴²:

"A mocidade das escolas, cujos catedráticos se faziam soldados e marchavam para a guerra, alvoroçou-se com o entusiasmo próprio da idade. Os que não deixavam o livro pela espada, bombardeavam o inimigo longínquo com estrofes inflamadas e discursos tonitruantes, excitando o fêrvido entusiasmo das massas. O amor, a morte, o desgosto da vida, os queixumes melancólicos, remanescentes do Romantismo, cederam lugar a novos motivos de inspiração."

Mas os motivos históricos do mundo europeu não deixam de continuar influenciando a mentalidade nacional:

"Por outro lado, acontecimentos exteriores que tinham aqui grande repercussão, as lutas do liberalismo francês contra o segundo império napoleônico, lutas em que a poesia e a literatura tomavam tão grande parte, a implantação de uma monarquia européia na América, a revolução republicana na Espanha e o fenômeno de um grande poeta, Victor Hugo, contrapondo-se em toda a grandeza do seu gênio e da sua cólera republicana ao império e desafiando-o em face do mundo atônito, comoviam também a mente nacional. Impressões de todos esses sucessos há na poesia do tempo. Poetas e ainda prosadores eram por eles solicitados em outras direções que o estreme subjetivismo romântico."

E a análise minuciosa da influência desse processo na literatura dá a medida da resistência frente à transição:

"Debuxou-se então a reação anti-romântica. Iniciava-se, porém, sem alvoroço, nem decisão como que a medo. Ainda vencedora, não o suplantara de todo na radicada opinião de que o assunto brasileiro primasse em a nossa literatura e até em quaisquer lucubrações nossas. Salvo o que o cumprimento deste preceito pudesse ter de excessivo, não era ele inteiramente desarrazoado. A função faz o órgão. A aplicação constante dos nossos sentimentos nacionais na idealização ou noutro labor intelectual a assuntos brasileiros devia em rigor acabar por criar e desenvolver em nós aquele instinto. A história da nossa literatura prova, aliás, que assim sucedeu."

A reprodução [quase] integral deste longo parágrafo se justifica pelo que ele tem de exemplar para a compreensão do período. A percepção de que o nacionalismo romântico - baseado sobretudo numa certa visão *construída* da natureza e do índio brasileiros, visão que imperou naqueles "largos anos de paz" - teve o início de sua ruína a partir da guerra (e pelas razões apontadas), é extremamente significativa para a reflexão que estou propondo desenvolver a

⁴² Exemplares desta incorporação temática são os vários poemas, contos e crônicas de Machado de Assis (vide itens 4.6 a 4.15 da bibliografia), escritos senão simultaneamente à guerra, ao menos imediatamente após, e com o tom que Veríssimo atribui às produções "escolares". Outro exemplo é o de Afonso Celso Jr., cujos poemas (4.32), apesar de terem sido escritos posteriormente, contêm a mesma inflexão dramática, inflamada e "tonitruante".

propósito do que Taunay escreveu. Como se pode claramente perceber, funda-se com a guerra um nacionalismo "responsável", comungado por todos, a partir do campo de batalha, espaço em que o sentimento se desenvolve e a partir do qual se estabelece uma "vasta comunicação interprovincial"⁴³. As tarefas de enfrentamento do inimigo se resumem a duas possibilidades essenciais: o livro ou a espada. E Taunay desempenhou as duas! Os acontecimentos exteriores (principalmente os da França) também comoviam. E Taunay também se manifestou a esse respeito. E, finalmente, a constatação de que o processo foi gradativo, "como que a medo", comprova que a mudança se deu a partir de bases históricas, retirando o que depois da guerra passou a ser visto como excessivo no "preceito" nacionalista romântico. Afinal, "a função faz o órgão", como bem ensinava o pensamento organicista reinante na época...

Neste contexto de início da reação anti-romântica, surge o escritor Taunay, que "era um genuíno brasileiro de índole e sentimento", "não obstante a sua dupla origem estrangeira"⁴⁴. Após discorrer sobre outros aspectos biobibliográficos, o historiador faz uma avaliação geral do escritor, apontando falhas - a "desleixada facilidade" devida a "sua esquisita bonomia e o ingênuo ardor de propagandista que nele sempre houve e se manifestou nas suas campanhas de imprensa e de tribuna por questões públicas tomadas calorosamente a peito", como as do casamento civil, da imigração européia, do imposto territorial, entre outras; em relação à obra ficcional, atribui-lhe falta de "coesão e intensidade que lhe dessem mais solidez e distinção" e roçando "pelo banal e inconsequente". Os elogios se voltam exatamente para os aspectos nacionalistas que podem ser apreendidos na

⁴³ Este fenômeno se assemelha, guardadas as proporções históricas, conjunturais e geográficas, aos efeitos do *capitalismo editorial* na Europa, descritos por Benedict Anderson, o "que tomou possível, a um número cada vez maior de pessoas, pensarem sobre si mesmas e se relacionarem com outras, de maneira profundamente renovada." (6.1, p. 45). Para o nosso caso, seria interessante lembrar um trecho de uma crônica de Machado de Assis em que, em 1894, relembra com nostalgia a ânsia de notícias sobre a guerra, estando no Rio de Janeiro: "Oh! a sensação do tempo! A vista dos soldados que entravam e saíam de semana em semana, de mês em mês, a ânsia de notícias, a leitura dos feitos heróicos, trazidos de repente por um pacote ou transporte de guerra... Não tínhamos ainda este cabo telegráfico, instrumento destinado a amesquinhar tudo, a dividir as novidades em talhadas finas, poucas e breves. Naquele tempo as batalhas vinham por inteiro, com as bandeiras tomadas, os mortos e feridos, número de prisioneiros, nomes dos heróis do dia, as próprias partes oficiais. Uma vida intensa de cinco anos. Já lá vai um quarto de século. Os que ainda mamavam quando Osório ganhava a grande batalha, podem aplaudi-lo amanhã revivido no bronze, mas não terão o sentimento exato daqueles dias..." (4.7, p. 360). Cabe lembrar que o tom nostálgico da recordação dá bem a medida da resistência à transição que o momento comporta.

⁴⁴ É interessante notar com que intensidade a ascendência estrangeira do escritor se transformou no elemento para a composição de uma contradição que, dada como implícita, tinha que ser constantemente negada pelos críticos e biógrafos do escritor, em tentativas constantes de "defender" o seu nacionalismo. Essa preocupação está presente, inclusive, numa tese de doutorado defendida na USP, por Norma Wimmer (2.172).

vida e na obra: "Não lhe faltam sequer sinais das nossas peculiaridades, o que lhe completava a caracterização nacional. A sua literatura de inspiração, sentimento e intenção brasileira é a expressão sincera desta sua feição", contrapondo-se ao seu "europeísmo ainda muito próximo", que "apenas lhe transparece no ardor com que, apesar de conservador de partido, se empenhou por idéias liberais". A constatação da mudança em relação ao romantismo é manifestada por José Veríssimo, compondo o que chama de "materialismo literário" de Taunay [ao mesmo fenômeno, Antonio Candido dá os nomes de "sertanismo prático" e "realismo mitigado"⁴⁵]; os traços deste estilo estariam numa atenuação da "sentimentalidade excessiva" própria do romantismo, importando numa descrição da paisagem e dos costumes "com mais senso de realidade e mais sobriedade e exatidão de traços", o que se soma a outros interesses, ligados "aos aspectos políticos, sociais e morais, que ressaíam da ação, das personagens e dos usos."⁴⁶

O que por ora importa reter das palavras de José Veríssimo é que, para além da acuidade na análise da alteração do "instinto de nacionalidade", o que é perfeitamente coerente com o ideário/imaginário nacionalista construído a partir da guerra, surge a impressão de que justamente as falhas apontadas compõem outros indícios do transitório, do ainda não estabelecido ideológica e esteticamente, mas em gestação histórica. E que a ambigüidade liberal vs. conservador talvez seja, mais do que uma constatação de "europeísmo", um índice suplementar da transição - frente a uma certa modernidade em vias de se constituir - , aqui concebida como marca essencial de seu discurso.

Com uma preocupação maior de abrangência, é distinto o esforço de contextualização do período feito por Sílvio Romero, emocionalmente empenhado em explicar as mudanças a partir da contribuição científica da *Escola de Recife*, sem contudo deixar de justificar a sua reflexão com a menção às "mais fundas comoções da alma nacional":

"O decênio que vai de 1868 a 1878 é o mais notável de quanto no século XIX constituíram a nossa vida espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por não ter sentido diretamente em si as mais fundas comoções da alma nacional. Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo, a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais insignificante oposição, a autoridade das instituições monárquicas o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes proprietários a mais indireta opugnação; o romantismo, com seus doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo tinha adormecido à sombra do manto do príncipe feliz que havia acabado com o caudilhismo nas províncias América do Sul e preparado a engrenagem da peça política de centralização mais coesa que já uma vez houve na história de um grande

⁴⁵ 3.37, pp. 308 e 422.

⁴⁶ 3.139, pp. 262-7.

país. De repente, por um movimento subterrâneo que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguai estava ainda a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão, e então a questão dos cativos se agita e logo após é seguida a questão religiosa, tudo se põe em discussão: o aparelho sofisticado das eleições, o sistema de arrocho das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas econômicos; o partido liberal, expelido grosseiramente do poder, comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programa de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo; o partido republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada fazia parar. Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico, o travamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso. Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos, hoje que são elas correntes e andam por todas as cabeças, não têm mais o sabor de novidade, nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio: positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do Direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da Escola de Recife."⁴⁷

A reprodução integral e contínua deste longo extrato é proposital. Um eventual corte ou omissão de fragmentos ocultaria do texto o seu movimento apaixonado, para o qual contribui a *enumeração* como recurso estilístico para representar o grau de transformação que caracteriza o período. A "análise de conjuntura" empreendida, com uma longa relação de situações estáveis a que repentinamente sucedem vários abalos, típicos de momentos de crise, perfazem um movimento que responde por uma visão distinta do período.

Para Sílvio Romero, o que instaura o "novo nacionalismo" não é a guerra em si, mas as causas e as conseqüências sociológicas e políticas que podem ser auferidas dela e de outros processos contraditórios que tiveram lugar no fim do período imperial brasileiro, sobretudo. Sem querer discutir o mérito do alcance crítico de suas colocações⁴⁸, é inegável que, para ele, as novas idéias, de que foi um dos principais porta-vozes, teriam sido as reponsáveis pela mudança. Como se a elas pudesse ser creditado o mérito de ordenar o caos, criando um novo cosmos, e sem que isso significasse um visão por demais entusiástica do processo. Como se o ideário veiculado pela Escola de Recife tivesse tido realmente a abrangência renovadora capaz de abolir a alteridade e de transformar a mentalidade alheia (e tradicional), de modo a reduzi-la à mentalidade nacional (e única). Tal como ocorreu no esforço marxista, o de Sílvio Romero parece também ser um "esforço ptolomaico para 'salvar o fenômeno' "...

⁴⁷ 3.118, pp. XXIII-XXIV.

⁴⁸ Para essa discussão, lembro o estudo feito por Antonio Candido em 3.39.

VI - OS CONTRASTES DA VIDA DA GUERRA

A análise da biografia e da bibliografia de Taunay revela antes de qualquer outra coisa um homem público que passou pela política, pela imprensa e pela literatura. A intensidade de seu empenho pode ser entrevista em sua participação em campanhas sociais polêmicas, através dos jornais e da tribuna parlamentar. Questões como a do casamento civil, da grande naturalização, da imigração européia, do imposto territorial, da abolição gradativa dos escravos, percorrem o seu discurso e compõem uma imagem modernizada de Brasil que só não coincidiu com a que se estabeleceu oficialmente por manter várias facetas problemáticas:

um viés *ainda-monarquista* - "Se a República, em menos de dois anos, estragou a obra paciente, constante, patriótica da monarquia e sobretudo de D. Pedro II, o que teria sido este Brasil, se os patriarcas da Independência tivessem tomado caminho diverso daquele que lhes era apontado pelo mais alto civismo, pela exata apreciação das coisas e pelos interesses do novo país a construir? Em que atraso estaríamos, se começássemos pelas tais instituições democráticas? Naturalmente, há muito, imperaria o esfacelamento, puxando cada Estado a formar agitada e ridícula republiqueta. Se agora, apesar da resistência que a todas as violentas causas de separação opõe o sentimento da unidade e integridade implantado pela monarquia essa é a tendência, que não fora uns setenta anos atrás?"⁴⁹;

ainda-religioso - "Depois de muito pensar, tenho hoje para mim que no momento em que a máquina material, ou por desconcerto progressivo e material, ou por qualquer causa violenta perturbadora cessa de funcionar e para sempre pára, essa força essencial e singular que se chama *alma* desaparece à maneira do fluido elétrico que deixa de ser desferido de um aparelho eletrodinâmico. Não sou, entretanto, materialista e firmemente creio na existência de Deus, inteligência suprema e onipotente. Por que é assim? Não sei. Quais os objetivos que visou, criando tudo que existe? Ignoro."⁵⁰;

e *ainda-romântico*, apesar de tudo. Sua resistência ao regime republicano, às novas idéias científicas de base materialista e ao projeto realista-naturalista perfazem um conjunto desarmônico frente às tendências da época, mas que em sua totalidade não nos leva a admitir a atribuição de *passadista*: a ambigüidade que o caracteriza, e que pode ser flagrada na mescla de racionalidade cientificista, fé e dúvida sobre os limites do conhecimento do último trecho reproduzido, não sela o passaporte para a modernidade, mas em compensação leva à desconfiança de que o carimbo que lhe garante a validade pode se esfumazar com o tempo.⁵¹

⁴⁹ 1.1.45, p. 163.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 85.

⁵¹ Veja-se para isso a análise que o autor faz do que chama de "atual ordem das coisas", no capítulo XVIII da "Primeira Parte" das *Memórias* (1.1.45, p. 61), que conclui com as seguintes

Desse perfil mais genérico do escritor, interessa-me destacar por ora o binômio *viajante-soldado*, que caracteriza sobretudo o narrador de *A Retirada da Laguna* (1871), mas que também se mantém na redação das *Memórias*, mais de vinte anos depois, sem contar os muitos outros livros de narrativas de viagem. A data póstuma de publicação deste último (1948) corresponde, como já vimos, a uma exigência do escritor de manutenção do manuscrito original, lacrado, na *Arca do Sigilo* do IHGB, podendo ser aberto e publicado somente após o centenário do seu nascimento (a partir de 1943, portanto), e com a aquiescência dos familiares⁵². Esta circunstância que envolve a publicação das *Memórias* leva à suposição de que ele precisava de uma liberdade para escrever (e publicar) com a qual não contava em vida. A série de pseudônimos sob os quais publicou vários textos - Sylvio Dinarte, Heitor Malheiros, Tory⁵³, A Sentinela, Velho Siracusa, entre outros - talvez seja outro indício do mesmo constrangimento. E isto pode ser confirmado em quase toda a obra, apesar das ousadias intermitentes que ela manifesta. Para o que aqui me interessa mais de perto, porém, são esclarecedoras as menções que nas *Memórias* são feitas à *Retirada*:

"Não quero, porém, rememorar nestas páginas o que já contei; mas deixarei aqui saliente que naquela minha obra [na *Retirada*] busquei, no mais possível, diluir as cores das terríveis e lúgubres cenas ali contadas, evitando a pecha de exagerado."⁵⁴

"Quando Marques da Cruz chegou de Mato Grosso e, prestes a partir para a guerra, no Paraguai, levei-lhe o manuscrito da *Retirada da Laguna*. Leu-o com muita atenção e observou: 'Como é, Taunay, que você se lembra tão exatamente de tanta coisa, de tão numerosos incidentes?' Perguntei-lhe se havia achado exageração no que contara, receoso como me sentira de ser hiperbólico na narração dos nossos sofrimentos. '- Não há tal, replicou-me com vivacidade, em muitos pontos pareceu-me até que você diluiu demais as cores.'"⁵⁵

Apesar do escrúpulo perante o perigo do exagero e da hipérbole, permanece uma dúvida: tal "diluição de cores" não seria mais condizente, naquele momento [1871], com o processo de transformação da imagem da nacionalidade, cujas novas bases ainda estavam em gestação e portanto ainda não

palavras: "Julgá-los-á a História sem dúvida de sobrececho carregado a [sic] imparcialidade dos pósteros, descamando os horrores morais desta dolorosa época..." E esta mesma desconfiança em relação ao futuro republicano se repete à p. 89.

⁵² Vide o "À guisa de intróito", em 2.163, assinado pelos filhos do escritor (Afonso d'Escagnolle Taunay e Raul de Taunay), nas primeiras páginas da obra.

⁵³ Como se sabe, este termo era usado em referência aos políticos conservadores ingleses; o seu emprego por Taunay revela a assunção, nos textos jornalísticos, de um posicionamento claro quanto à política partidária.

⁵⁴ 1.1.45, p. 235.

⁵⁵ *Idem. ibidem*, pp. 303-4.

totalmente definidas? Afinal, o primeiro leitor oficial da *Retirada* e o alvo de sua dedicatória foi justamente D. Pedro II... O empenho em amenizar a tonalidade das cores "reais" teria este propósito ideológico, apenas, ou já apontaria, também, para uma tendência estética que teria seu desenvolvimento mais pleno nos anos que se seguiram à guerra?

O traço *viajante-com-olhos-de-pintor* do narrador, essencial para a composição da *brasilidade* tradicional romântica - como o demonstram Flora Süssekind e Maria Helena Rouanet - teria sido (também) tradicional na família, já que o pai e o avô do escritor teriam contribuído, através da pintura, para a criação de uma *imagem de Brasil* oficial, que até hoje freqüenta o imaginário ocidental:

"Com a educação artística que recebera de meu pai, acostumado desde pequeno a vê-lo extasiar-se diante dos esplendores da natureza brasileira, era eu o único dos companheiros, e portanto de toda a força expedicionária, que ia olhando para os encantos dos grandes quadros naturais e lhes dando o devido apreço."⁵⁶

O *soldado*, no entanto, apesar de ser tradicional na família - "Teus antepassados foram militares; isto obriga; nem há outro destino para o homem superior", é o que lhe dizem o pai e a mãe, no momento da escolha da profissão⁵⁷ - não o era na composição da imagem na nacionalidade pela literatura: "... nem bacharel nem médico, mas militar, enfronhado em problemas práticos, é particularmente um caso raro na literatura do tempo, para a qual trouxe uma rica experiência de guerra e de sertão (...)"⁵⁸.

Mas é a conjunção *soldado-viajante* que quero acentuar, pois é ela que instaura a mudança, e daí a dúvida; é ela que cria a nova perspectiva em que o olhar não pode se furtar a ver uma nova realidade, *que ainda sobrevive com a natureza-mãe (ou a natureza-espetáculo)*, mas que, apesar disso ou por causa disso, foi a grande inimiga a ser enfrentada durante o trabalho da força expedicionária de Mato Grosso, como veremos adiante.

A natureza não corresponde mais ao sentimento benfazejo de ver o mundo, apesar da tentativa de correspondência com os símbolos da nação:

"A marcha era lúgubre, tanto mais horrível, quanto a beleza das perspectivas, a louçania da natureza fazia contraste com tamanhas desgraças. Tudo sorria ao nosso

⁵⁶ *Idem, ibidem*, p. 131. Às pp. 15 e 57 há outras referências à pintura como atividade profissional destes ascendentes familiares. Quanto ao avô, não se pode esquecer que foi membro destacado da Missão Artística de 1816, que veio ao Brasil contratada por D. João VI com o propósito de desenvolver projeto de divulgação artística no país.

⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 69.

⁵⁸ 3, 37, 2º vol., p. 307 (os itálicos são meus).

redor. Entre nós, só as cores de nossas bandeiras respondiam a esse bafejo de alegria."⁵⁹

Neste sentido, o de uma nova relação com a natureza, também é significativo, e pelo que traz de alegórico, o fato da perda e da recuperação do material composto em campanha:

"Ao regressarmos a Nioac, após os horrores da Retirada da Laguna, foi das primeiras coisas que vi, junto ao barranco do córrego Urumbeva, aquela minha canastra estripada e ao lado, rotas, espalhadas, sujas de barro, maculadas pela chuva, muitas das páginas do meu manuscrito⁶⁰ e o desenhos do álbum. Cuidadosamente recolhi o que não estava lá muito estragado e, com efeito, uma vez no Rio de Janeiro, pude recompor quase tudo quanto escrevera. (...) Quanto aos restos do álbum, mandou-se-lhe pôr encadernação luxuosa de marroquim verde, tendo figurado com certa vantagem na *Exposição Geral da Biblioteca Nacional*, em cujo catálogo mereceu várias referências lisonjeiras."⁶¹

A natureza, que anteriormente havia sido objeto de contemplação e motivo para a produção artística, *depois da guerra* (ou, neste caso, da Retirada) passa a ser o agente da destruição do produto da arte. Este produto é, no entanto, recuperado, sendo retirados dele todos os indícios da destruição. A imagem da natureza-espetáculo é portanto mantida, mas o relato das avarias que sofreu é significativo, porque alegórico do estado agonizante desta imagem.

Mesmo nas relativamente poucas manifestações de êxtase diante da paisagem, ocorre, na *Retirada*, um movimento gradativo em direção a uma visão cada vez mais "negativa", porque menos mitificada e mais crítica, da natureza brasileira. Para isso, observem-se os trechos selecionados:

TRECHO I

"Era a estrada larga e corria ao longo de magníficos bosques, onde predominavam os umbus balsâmicos, espalhando ao longe o perfume das flores abertas, os piquis, carregados de frutos, e as inesgotáveis mangabeiras.

São mui belos os acidentes do terreno; os ribeirões e riachos, a correrem volumosos por toda a parte, ofereciam excelente água. Já não mais pousávamos os olhos sobre as tristonhas perspectivas dos pântanos. Pelo contrário, nos comprazíamos agora em contemplar verdejantes campinas, trechos que

⁵⁹ TAUNAY, Visconde de - 1.1.45, p. 249.

⁶⁰ Dado que o autor não identifica a obra a que se refere este manuscrito, suponho que seja o do *Relatório geral da comissão de engenheiros junto às forças em expedição para a província de Mato Grosso*, publicado primeiramente em 1867, como anexo ao *Relatório do Ministério da Guerra*. Posteriormente, foi publicado, em 1874, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, e, em 1928, em livro, com o título *Marcha das forças*. Creio não se tratar do manuscrito da *Retirada*, pois a sua redação se deu em 1868, conforme é narrado às pp. 440-1 de 1.1.44.

⁶¹ 1.1.45, p. 302.

apresentavam os mais poéticos aspectos, à sombra de poderosos contrastes luminosos. Até Lauiad ruma a estrada, diretamente, para leste. A partir deste ponto toma a direção sul-sudeste. O panorama que então subitamente se desdobra é realmente grandioso. Aos pés do espectador, vasta campina a que embelezam magníficos acidentes; além, as grandes águas do Aquidauana; ao longe a extensa serra de Maracaju, com os pincares escavados, refletindo os esplendores do Sol, e coroando toda essa massa prodigiosa, azulada pela distância. Foi este ponto, com razão, chamado pelos Guaicurus Campo Belo (Lauiad).

Parece ser apanágio dos povos civilizados o sentimento admirativo; pelo menos bem raro é nos homens primitivos a sua manifestação exterior. No entanto, as grandes linhas de um quadro majestoso da natureza conseguem, às vezes, vencer a feição material do selvagem, unindo ao autor da obra o rude espectador maravilhado. O primeiro Guaicuru que sobre esta região encantada deitou os olhos, não pôde conter a exclamação de surpresa; com a voz gutural e cavernosa pronunciou a palavra Lauiad, que para sempre a assinalou.

(...)

Tão brilhante, tão suave a luz que a toda aquela paisagem cobre que, involuntariamente, vem a imaginação emprestar a sua magia a este irresistível conjunto dos encantos da terra e do céu. Apertadas entre altas ribanceiras, cobertas de taquariçus, correm as águas frescas do Nioac sobre um leito, quase contínuo, de grés vermelho, disposto em grandes lajes; e, em vários lugares, é a ação da correnteza sobre a água tão notável, que se recomenda à atenção e ao estudo do geólogo. Mas quem, sábio ou artista, não acharia farta messe nestes campos admiráveis?⁶²

TRECHO II

"Fomos acampar perto do morro do Retiro, onde ocupamos a vertente em cuja base nasce o volumoso ribeiro do mesmo nome. É nesse lugar admirável a natureza, corre a água emoldurada de palmares, entre margens ligeiramente sinuosas, revestidas de relva curta e fina, da mais bela cor esmeraldina."⁶³

TRECHO III

"(...) de repente, partido de diferentes pontos, reboou um grito: A fronteira! Da elevação onde se achava o destacamento avistava-se com efeito a mata sombria do Apa, limite das duas nações.

Momento solene este, em que entre oficiais e soldados não houve quem pudesse conter a emoção! O aspecto da fronteira que demandávamos a todos surpreendeu. É que realmente era novo. Podiam alguns já tê-lo visto, mas com olhos de caçador ou do campeiro, indiferentes. A maior parte dos nossos só haviam ouvido vagamente falar; e agora ali estava à nossa frente como ponto de encontro de duas nações armadas, e como campo de batalha."⁶⁴

⁶² 1.1.11, p. 35.

⁶³ *Idem, ibidem*, p. 51.

⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. 51.

TRECHO IV

"Declinava o sol, do seu disco grandes raios alaranjados se desferiam, na fimbria do horizonte, realçando a mais admirável perspectiva, tão bela que a memória nã-la reproduz ainda agora. Este esplendores eternos da natureza ainda mais pungentes nos tomavam o sentimento de nossa próxima ruína."⁶⁵

No TRECHO I, para além da profusão de adjetivos que compõem uma natureza paradisíaca em que o homem somente atua como espectador, contemplador, ou virtualmente "sábio ou artista", há a exploração da oposição homem civilizado vs. homem primitivo, no que diz respeito à sua capacidade contemplativa, oposição que se desfaz diante da grandiosidade da obra divina. Todos, sem exceção, ficam necessariamente extasiados diante do esplendor da natureza. A mitificação, solenidade e sacralização desse olhar a-histórico se confirmam pelo fato inaugural da nomeação adâmica feita pelo "primeiro Guaicuru" que, neste sentido, se iguala à situação do primeiro poeta romântico em sua relação com a paisagem brasileira.

Deste primeiro trecho para o TRECHO II, mantém-se a necessidade de adjetivação paradisíaca; o olhar, no entanto, se mostra menos extasiado, já que a linguagem, apesar de compor claramente um quadro pictural (com a "água emoldurada", inclusive), é mais concisa, mais condensada, limitando-se a poucos detalhes descritivos do lugar em que "é (...) admirável a natureza."

O TRECHO III, por sua vez, é o que marca a ruptura. À "voz gutural e cavernosa" (e inaugural) do Guaicuru que funda a relação mítico-primitiva com a natureza, contrapõe-se outro grito, fundante de outra origem: o que institui o início de uma relação mediatizada por um novo elemento - a visão da fronteira ameaçada pela guerra e transformada em campo de batalha. Os traços de solenidade, surpresa e emoção, ao substituírem os de sacralização e mitificação anteriores, envolvem a novidade de um tipo de olhar que é agora o do soldado, e não mais do caçador ou do campeiro. E eu diria que nem mesmo mais o do primeiro poeta romântico.

Os raios de sol do TRECHO IV iluminam uma nova perspectiva, inscrita na memória, e são também o registro plástico da transição, por se oporem à ruína próxima. Não se harmonizando com ela, os raios revelam em seu próprio declínio, o declínio da visão anterior da natureza.

Para além das diferenças na intensidade da relação com a natureza, existe um traço de semelhança que permanece em todos estes trechos: a impressão de que o tempo está suspenso, congelado; de que a perspectiva mítica só é

⁶⁵ *Idem. ibidem*, p. 116.

questionada no momento solene em que um novo ciclo se inicia e de que a história entendida como transformação só tem lugar quando um esquema mítico é substituído por outro, fundando o ciclo posterior. Neste novo ciclo, a arbitrariedade romântica na composição de uma natureza que representasse o Brasil é substituída irremediavelmente por outra, em que o homem deve estar presente e que precisa enfrentá-la, mais do que contemplá-la. Como Antonio Candido já havia observado a propósito de Taunay, "a natureza deixou de ser, para ele, um espetáculo: integrou-se na sua mais vivida experiência de homem."⁶⁶

No extremo oposto desta resistência, inscrita na tentativa de (ainda) fazer valer a tradição mítica cultuada pelos viajantes românticos, surge a constatação da existência da *natureza-madastra*, adversa, inexoravelmente alheia aos projetos e planos estratégicos da coluna expedicionária, a maior inimiga dos brasileiros e que os paraguaios tão bem souberam explorar:

"Felizmente, e contra qualquer expectativa, [os paraguaios] mantiveram-se imóveis em ordem de marcha, prontos a nos seguir, enquanto procuravam alguns dentre eles um vau a montante e outro a jusante para, quando nos aproximássemos, incendiarem o campo. São habilísimos, tanto o sabemos, neste gênero de manobras que entre eles chega a constituir uma arte, com regras baseadas nos conhecimentos dos terrenos e lugares, arte, aliás, diabólica, quando empregada como arma de guerra."⁶⁷

Exemplos desta nova face da natureza brasileira - a não mais contemplável, mas a ser enfrentada -, percorrem toda a narrativa e é contra ela que os brasileiros realmente lutam:

contra a distância:

"Ao norte, do lado de Mato Grosso, eram as operações infinitamente mais difíceis, não só porque corriam a milhares de quilômetros do litoral atlântico, onde se concentram todos os recursos do Brasil, (...) "⁶⁸

contra a insalubridade:

"Após longas hesitações, forçoso se tornou romper ao acaso, através do pestilento pantanal, onde a coluna foi desde o principio provada pelas febres. (...) Aí uma epidemia climática de novo gênero, a paralisia reflexa, ou beribéri, acabrunhou-a, dizimando-a ainda mais."⁶⁹

contra as chuvas torrenciais:

"A 18, desde a madrugada começou copiosa chuva que não tardou em ensopar o nosso pobre fato e nos dispôs mais tristemente para uma marcha ainda mais lenta que a dos dias precedentes. Nem sempre caía chuva com a mesma força, mas havia de vez em quando aguaceiros que não tardavam em encharcar o solo, de modo tal que a cada passo ficavam as carretas presas e retidas nos caldeirões que abriam.

⁶⁶ 3.37, vol. 2, p. 308.

⁶⁷ 1.1.11, p. 101.

⁶⁸ *Idem, ibidem*, p. 31.

⁶⁹ *Idem, ibidem*, p. 32.

Que espetáculo confrangedor o do grupo de nossos miseros enfermos, a quem, sob desabaladas bâtegas e no meio dos regatos que elas formavam, tínhamos de deixar no chão!"⁷⁰

contra as variações de temperatura:

"Quase diariamente sucedia que o sol, fraco de manhã, após as noites glaciais, tomava-se depois escaldante. Variação perene que acabava arruinando-nos a saúde. (...) Morriamos de frio; estávamos a jejuar, e só com muito trabalho, à meia-noite pudemos ter fogo, à custa de empilhar muita lenha verde que ardia quase sem labaredas."⁷¹

E as conseqüências destas contingências da natureza são as piores possíveis, já que os planos de guerra, por não as conhecerem, não as pressupuseram, advindo daí as verdadeiras razões do extermínio do contingente expedicionário: a fome, as doenças, os afogamentos e outros motivos semelhantes.

"Quanto ao plano primitivo, fora ele mais ou menos abandonado: quando muito ia servir de pretexto a que se infligissem as mais terríveis provações a uma pequena coluna expedicionária, quase perdida nos imensos e desertos sertões brasileiros."⁷²

E assim, ao espetáculo original da natureza, segue-se outro tipo de espetáculo, em que o apelo à força metonímica da imagem dá conta de uma visão agora fragmentada da natureza:

"A carreta e o carroção, com o dobro da lotação, de todos os lados deixavam pender braços, pernas, cabeças onde já se imprimiam os sinais da morte. Aos manchegos, aos armões das peças igualmente atulhavam desesperados recentemente atacados e já agonizantes."⁷³

VII - A PEQUENA TRÉGUA DOS MORROS:

DA DOÇURA DA VIDA NÃO-CIVILIZADA ÀS CRUEZAS INEXPLICÁVEIS

De março a julho de 1866, porém, há uma trégua nos enfrentamentos que a guerra demanda - uma interrupção aqui concebida como uma suspensão do processo histórico -, com a estadia nos Morros da serra de Maracaju, onde se mantinham foragidos, desde fins de 1864, os "residentes habituais da vila de Miranda, de que haviam sido tangidos com a notícia da entrada dos paraguaios em Nioac."⁷⁴

⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 102.

⁷¹ *Idem, ibidem*, pp. 102-3.

⁷² *Idem, ibidem*, p. 31.

⁷³ *Idem, ibidem*, p. 107.

⁷⁴ 1.1.45, p. 186.

Trata-se de um episódio, narrado nas *Memórias*, e digno de nota pelo que traz de repentina redescoberta daquele Brasil paradisíaco veiculado pela idealização romântica, já que é uma "situação só comparável com a dos primeiros exploradores de regiões desconhecidas no meio de populações selvagens, mas de trato simpático e meigo."⁷⁵ É uma situação que revive as experiências dos viajantes originais que circularam pelo país e que contribuíram por longo tempo, com seus relatos e reproduções pictóricas, para a manutenção da *obsessão pela origem* de que fala a Flora Süssekind de *O Brasil não é longe daqui*.

Taunay se transforma aí, de maneira abrupta e provisória, em mais um dos "eternos Adãos"⁷⁶, envolvendo-se numa miragem originária que o mantém *in pace* com o mundo por meses consecutivos: "É que experimentei ali, na prática das idéias de Jean-Jacques Rousseau, a doçura da vida não-civilizada e o contato do homem bom de índole, mas inculto e agreste."⁷⁷

Contudo existe um *MAS* e a situação não tem como se sustentar *ad infinitum* no mesmo tom idílico: o retorno à origem se revela, uma vez mais, como "necessário sobretudo para que se possam romper com mais precisão os laços com ela."⁷⁸ Os olhos adâmicos de Taunay são embaralhados pela história, que não deixa de reclamar o registro de sua presença através das contradições que lhe são próprias. E isso pode ser percebido nos seguintes aspectos:

. as recordações são "amáveis", "sorridentes", "numerosas", "cheias de encanto", mas "monótonas em sua repetição", fazendo suspeitar de uma ponta de enfado provocado pela suspensão da história.

. o índio é ao mesmo tempo visto como "bom de índole", "simpático" e "meigo" - a justa medida rousseauniana -, mas também "selvagem", "inculto" e "agreste". E, ao mesmo tempo, é visto como objeto de estudo racionalizado, através de uma perspectiva virtualmente etnolingüística: "Achava imenso prazer em com eles estar, em buscar aprender-lhes a língua doce, cheia de vogais, rudimentar nas combinações, a merecer-lhes elogios e estima."⁷⁹

. o que, porém, retira qualquer vestígio maior de solenidade para esta *nova origem* é, na perspectiva de Flora, o rebaixamento de tom que marca o *começo histórico*; para isso, considerem-se uma outra lembrança e a dúvida que ela provoca:

"Lembro-me da dor agudíssima que certo dia me deu a ferroada de grande mutuca, amarela, cor de ouro. Urrei, pulei, atirei-me no chão, tendo, entretanto, a feroz

⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 185.

⁷⁶ 8.23, p. 17.

⁷⁷ 1.1.45, p. 186.

⁷⁸ 8.23, p. 17.

⁷⁹ 1.1.45, p. 186.

alegria de esmagar nos dedos aquele terrível inseto que voa em rodopio e de que se temem em extremo os animais e o gado. Abundam no Paraguai e vi burros e cavalos estremecerem e se debaterem agonizantes, literalmente cobertos destes odiendos sugadores. (...) A natureza tem assim *cruezas inexplicáveis!* Para quê, sem ir muito longe, o gracejo bárbaro, medonhamente atroz do gato que apanhou um camundongo? Qual a vantagem do instinto que leva certas aves rapineiras a só [*sic*] nutrirem de carne viva e palpitante? Não é senão depois de dilacerarem os membros inferiores e arrancarem, uma a uma, as penas e asas das pobres vítimas que atacam os órgãos indispensáveis à vida e lhe dão a morte."⁸⁰

E a natureza volta a ser vista como não mais (só) idílica, não mais (só) protetora, e não mais solidária aos termos originais da constituição da nacionalidade romântica.

VII - DA HESITAÇÃO AO HUMOR

Em uma outra perspectiva, a análise da atuação e das características de algumas personagens da narrativa da guerra leva uma vez mais à confirmação da imagem em trânsito da nacionalidade. O caso mais curioso e emblemático talvez seja o do Coronel Camisão, comandante-em-chefe da força expedicionária que, premido por episódio anterior em que sua honra militar e valentia haviam sido questionadas, age constantemente sob o estigma da hesitação:

"Esta alternativa, semelhante opção [a de retomar à fronteira à procura de provisões], veio por completo arrancar a calma do nosso comandante. Pôs-se de novo a imaginar a calúnia a abocanhá-lo em toda a província de Mato Grosso, sobretudo na capital, e assim, pois, como a refletir em voz alta, deixava escapar exclamações que debalde tentava sufocar: 'Por toda parte me atassalham, dizia, apregoam que até agora nunca tivemos encontro sério com o inimigo e apostam que jamais o teremos.'⁸¹

Somente na *Retirada* há menção a pelo menos seis momentos⁸² em que a sua indecisão é vista como uma ameaça ao avanço dos trabalhos, sem com isso comprometê-lo em sua autoridade de militar hierarquicamente superior aos integrantes da força e digno de respeito e admiração. A título de ilustração, cito um desses momentos, a meu ver o mais significativo deles:

"Fortalecido em sua primeira resolução, não pode, entretanto, o coronel Camisão executá-la sem deixar perceber algumas das antigas hesitações. Fora ele que para 13 de abril marcara a partida; adiou-a para o dia imediato, embora, desde o romper d'alva, tudo estivesse pronto e o corpo do exército em ordem de marcha. Só em hora avançada tornou conhecida a nova determinação, a tal respeito estendendo-se em

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 186.

⁸¹ 1.1.11, p. 62.

⁸² Às pp. 41, 41-2, 49, 102, 114.

explicações que a todos espantavam, provocando malignas interpretações, principalmente a propósito dos pousos, que fixara (...) Treze de abril foi, pois, ainda um dia perdido: gastaram-se as horas da manhã em preliminares de viagem, inteiramente supérfluos, e cujo objetivo parecia procurar entreter os soldados. (...) No entanto caíra a noite, que se passou sem que nos houvésemos movido. Viram todos o comandante, meditativo como sempre, passear na sombra, em frente à sua barraca, por mais tempo e mais tarde do que geralmente fazia."⁸³

Observe-se que o traço característico da hesitação, mais do que identificador da personagem, acabou por se transformar historicamente em fator de particularização desse episódio da guerra, diante do qual a versão oficial, em seus projetos de implantação de imagens da nacionalidade, procurou atenuar a inevitável dimensão polêmica. Taunay também contribui para isso quando, no prólogo à narrativa, relaciona outras retiradas históricas semelhantes, apontando para a sua importância estratégico-exemplar e prevenindo-se - a si e aos outros retirantes - ante qualquer eventual crítica, já que "pela variedade dos perigos e das misérias, chama a atenção da história."⁸⁴

Além de Camisão, outras personagens são, neste sentido, também representativas da nova imagem de Brasil em processo de gestação:

... os *índios*, não mais idealizados como bem prescrevia o ideário romântico, transformam-se em auxiliares na guerra e são motivo de questionamento rigoroso:

"Tão pequena disposição para o combate haviam mostrado que, na nossa carreira, ao lhe tormarmos a frente, lhes bradáramos: Vamos! Avante! valentes camaradas! Agora se lhe transmutara a indolência num ardor sem limite para o saque. Já se haviam disseminado pelas roças de mandioca e de cana, de lá trazendo, imediatamente, cargas sob as quais vergavam, sem, contudo, encurtar o passo."⁸⁵

... o *sertanejo-guia* da coluna, o "guia Lopes", que, apesar de, no início, ter motivos mais propriamente pessoais do que patrióticos para acompanhar o exército, acaba "morrendo pela causa da pátria";

... e, finalmente, a dimensão *lúdica* de um Saraco, personagem que, para afugentar o pavor que lhe vem quando imagina a hipótese de se defrontar sozinho com o inimigo, reage comicamente, como um Dom Quixote diante dos moinhos de vento:

"O maior terror o perseguiu durante todo o trajeto, mas a ele contrapusera o inato pendor para o cômico. Por uma fantasia armada para se incutir coragem, rodeara-

⁸³ *Idem, ibidem*, p. 49.

⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 29.

⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. 57.

se, contava-nos, de imaginários batalhões a quem, de tempo em tempo, dava ordens em voz alta, simulando manobras. Entre outras cenas deste gênero relatava que às dez horas de uma noite trevosa, ao transpor o Apa-mi, mandara, com todo o fôlego dos pulmões, cruzar baionetas, à vista de um capão de mato que lhe inspirava receios.⁸⁶

Desse modo, traços como a hesitação, a violência, o personalismo mascarado em patriotismo, o terror e a comicidade, mais ou menos genéricos conforme o caso, compõem um mosaico de reações diante da guerra e contribuem para que o texto que os contém adquira sentidos que ultrapassam o de mero relato de um episódio específico. Na intensificação ou na atenuação destes traços, vai-se dando a construção de um novo nacionalismo que, literalmente "aos trancos e barrancos", concorre para o trânsito rumo à modernidade.

VIII- UM PROJETO É UM EMBRIÃO SUBJETIVO DE UM OBJETO EM GESTAÇÃO

A definição de projeto transcrita acima é de 1798: trata-se do início do fragmento nº 22 do livro *Athenaeum*, de Friedrich Schlegel⁸⁷. As metáforas "embrião" e "em gestação" e a relação estabelecida entre sujeito e objeto aludem à concepção organicista da história e às possibilidades de constituição do sujeito face a ela, as quais norteiam grande parte do pensamento romântico no século XIX. A continuação do fragmento se dá nos seguintes termos:

"Um projeto perfeito teria de ser, a um só tempo, inteiramente subjetivo e objetivo, um vivo e indivisível indivíduo. Por sua origem, totalmente subjetivo, original, e possível apenas justamente dentro desse espírito, em seu caráter, totalmente objetivo, física e moralmente necessário. A tendência para projetos - que poderiam ser chamados fragmentos de futuro - difere da tendência para fragmentos do passado somente em sua orientação, que é progressiva em uma e regressiva na outra. O essencial é a capacidade de, direta ou simultaneamente, idealizar objetos, realizá-los, completá-los, executá-los parcialmente em nós mesmos. Posto que transcendental é justamente o que se refere à união ou separação do real e do ideal, poder-se-ia dizer que a tendência para fragmentos e projetos é a componente transcendental do espírito histórico."

Parece ter sido essa a concepção de projeto que Taunay tinha em mente ao criar sua obra. Tanto antes quanto depois das várias circunstâncias em que pôde constatar que o Brasil ideal não coincidia com o Brasil real, ou que a

⁸⁶ *Idem, ibidem*, pp. 66-7.

⁸⁷ 3.124, p. 93.

distância entre os dois era insuperável, foi sempre o mesmo espírito histórico que o tornou capaz de idealizar, mas nem sempre realizar, completar ou executar os seus projetos.

CAPÍTULO III

A EXPERIÊNCIA DA TRANSIÇÃO

"Apesar de todas as canseiras, que belos dias, que impressões para todo o sempre! Ah! o passado, nas condições sobretudo do Brasil hodierno [1897], tem tamanho prestígio para quem viu este belo país outro e bem diferente. Com que segurança se encarava então o futuro!"

(Visconde de Taunay, *Memórias*)

Em 25 de março de 1894, Machado de Assis publica uma bela crônica, onde se pode ler o seguinte trecho: "Mas então que é o tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou este tufão imperioso que parece apostar com a eletricidade? Não há dúvida que os relógios, depois da morte de López, andam muito mais depressa."¹ A percepção machadiana de que a concepção do tempo muda sensivelmente depois da Guerra contra o Paraguai aponta para um aspecto essencial da caracterização do que pode ser entendido por *modernidade*: a velocidade com que os fatos acontecem e, talvez mais importante do que isso, a rapidez com que eles passam a chegar ao conhecimento do público, determinam um novo ritmo à vida brasileira. Vale lembrar que a imprensa, o telefone, o telégrafo e as ferrovias, que tiveram sua origem ou sua expansão acentuada neste período, são elementos cruciais neste processo de aceleração do tempo. E essa impressão é também partilhada por Monteiro Lobato que, em crônica publicada em 1920, escreve: "Foi de ontem a guerra do Paraguai; seus veteranos ainda vivem por aí ao léu, às dezenas; no entanto, parece um fato de priscas eras - tão rapidamente o Brasil evoluiu daí para cá, aos pinotes."²

A consideração desta "evolução aos pinotes" é decisiva para a compreensão do que significou a transição na obra de Taunay. Em sua origem latina, a palavra "transição" recobre um sentido quase que exclusivamente ligado a fatores de ordem espacial, significando 'passagem, ida de um lugar para outro'³. Com o passar do tempo, este sentido - de deslocamento no espaço - se estende para outros fatores, mais propriamente de cunho temporal, que é o que nos vem mais prontamente à lembrança quando deparamos com a palavra. O duplo sentido espaço-temporal adquirido passa a sustentar uma ambigüidade que, se explorada, pode me favorecer no propósito de discorrer sobre alguns aspectos *transitivos* da obra do Visconde de Taunay. Ilustrativos dessa *dupla transitividade* são, por

¹ 3.5, p. 604.

² Trata-se da crônica "Uruguaiana", de 4.57, p. 95.

³ CRETELLA Jr., José e ULHÔA CINTRA, Geraldo de - *Dicionário Latino-português*. 3 ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953, p. 1270

exemplo, os "mapas narrativos" que freqüentam certos relatos de viagem e que, sobre a abstração convencional de pontos e linhas contínuas que demarcam fronteiras, trazem em acréscimo o *em-trânsito* pontilhado e *cronologicamente marcado* do movimento espacial de uma história da guerra.

No que concerne a historiografia literária brasileira, o *trânsito* por alguns dos seus títulos mais significativos revela uma certa polêmica na caracterização do escritor: romântico ou realista? Esta é a questão que invariavelmente se coloca. Alguns historiadores propõem a segunda opção, com o argumento básico de que o escritor manifesta um grande senso de observação, aliado a uma freqüente preocupação com detalhes descritivos. A opção pelo romantismo se explica pelo fato de Taunay ter-se mantido fiel a alguns dos grandes temas românticos, como é o caso do nacionalismo. Outros ainda optam por considerá-lo ainda romântico, mas em plena transição para o realismo. Não espero nem pretendo decidir a questão; considero apenas a espécie de vácuo, o "sem lugar", a atopia de Taunay na história literária.

A minha proposta é a de ampliar tal questão, buscando marcas deste caráter transitivo em toda a obra, inclusive na produção memorialística, de maneira a tentar visualizar outros elementos para o seu aprofundamento.

1- *HORS-D'OEUVRE* (OU O LÁPIS E A LETRA DE FORMA)

"Os artigos ministeriais reduzidos a versos podiam figurar entre as produções da Arcádia, do Caldas, sem quebra nem descor."

(Machado de Assis, *Crônica de 1/4/1862*)

"É nova coroação de Inês de Castro."

(Teófilo Ottoni, *A estátua equestre: Carta*)

"Sem dúvida um criticismo generalizado conservaria museus, medalhas e monumentos, ou seja, o arsenal necessário a seu próprio trabalho, mas de maneira a esvaziá-los do que, a nossos olhos, faz deles lugares de memória."

(Pierre Nora, *Les lieux de mémoire*)

Às páginas 31 e 32 da primeira e única edição de um livro chamado *A inauguração da estátua eqüestre do fundador do Império*, de 1862, encontram-se respectivamente um "Soneto" e uma "Ode" assinados por um certo "T.". No único exemplar que encontrei, o da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro¹, segue-se ao T. impresso, e numa caligrafia segura, anônima e a lápis, os seguintes

¹ 1.1.79.

dizeres indiscretos: "aunay, Alfredo d'Escragnolle". A consulta a algumas das outras páginas denuncia o mesmo propósito de revelação: "Carlos T. esta, Domingos José Gonçalves de Magalhães, etc." Estes poemas talvez sejam os dois primeiros textos do então futuro Visconde de Taunay que vieram a público. A incerteza vem do fato de que a autoria é só provável, aventada por sinais a lápis, que podem portanto ser apagados e cuja origem não se pode determinar. E de uma aludida publicação anterior, num jornalzinho escolar⁵, que, se pudesse ser localizada, retiraria dos poemas a sua posição inaugural. Os poemas são os seguintes:

SONETO

Bradaste um dia "Independência ou morte",
E livre um povo, sim, um povo inteiro
Aclamou-te contente o seu primeiro,
Entre vivas do sul, vivas do norte.

Em meio das nações, com braço forte,
O estandarte alçaste brasileiro;
Enquanto fulgurar o seu cruzeiro,
Há de teu NOME ter a mesma sorte.

Sobe, SENHOR, ao pedestal da glória,
Que este povo t'erige grato e puro,
O NOME teu dourando em sua história.

Inda que o tempo roa o bronze duro
Há de intacta ficar tua memória,
Em pátrio amor firmada, amor seguro.

T.aunay, Alfredo d'Escragnolle

⁵ "Por esse tempo [1858] apareceu no Colégio um jomaleco, publicado pelo aluno do quinto ano, José Carlos Rodrigues e, não sei porquê, intitulado *O Tamoio*. Nele se estampou, pela primeira vez, impressa em *letra de forma*, uma composição minha!". 1.1.44, p. 67 (o itálico é meu). [O autor tinha quinze anos nesta data. E José Carlos Rodrigues é o então futuro bibliófilo e jornalista, fundador de *O Novo Mundo* e dono do *Jornal do Comércio*].

ODE

Acorda, musa minha carioca,
A nobre lira toma,
Nos ombros põe teu manto de tocanos (?),
É dia brasileiro!
Nunca a tirano viste dar meus hinos,
Nem o vício cantar;
Deste peito onde imperam Deus e pátria,
Não sai canto d'escravo.
Embora em trono se assentasse outrora,
Cingida d'ouro a fronte,
Esse que a mente abraça do poeta,
Amou a liberdade.
Escuta a voz sublime - independência -
Que os ecos do Ipiranga,

Ufanos a repetem neste dia,
Saudando o MONUMENTO.
Os Caligulas, Neros, os Tibérios,
Fabricam seus lauréis,
Enquanto o rei que é pai, o rei que é justo,
Tem seu louvor no povo
Do tirano se apaga a vil memória
No pó da sepultura,
Co'a morte se eterniza o Justiceiro,
No pedestal da glória
Um hino, ó musa, um hino sublimado,
Ao PEDRO, teu PRIMEIRO.

T. Taunay, Alfredo d'Escagnolle

A autenticidade dos textos, a menos que seja devidamente comprovada ou definitivamente negada, se aventa a partir das seguintes considerações: a) com 19 anos na data em questão - 25 de março de 1862 (dia da inauguração da estátua), o futuro Visconde bem poderia ter escrito poemas desse tipo, dada a intensa e sólida formação clássica que teve e que manifestou por diversas vezes (se bem que a produção poética é rara, praticamente inexistente, em sua vida de escritor); b) a tradição de culto à monarquia, característica da atuação de sua família no Brasil, e que os poemas revelam no tom laudatório à figura homenageada; c) o costume - romântico por excelência e tantas vezes manifestado em seus textos - de "se esconder" por detrás de vários pseudônimos e dentro da "Arca do Sigilo"⁶, procurando manter assim o anonimato⁷; d) o gosto, ou talvez melhor, a

⁶ Como já foi detalhado no capítulo I, os pseudônimos obedeceram a critérios genéricos e temáticos, ou seja, para cada gênero textual ou para cada tema desenvolvido, havia pseudônimos específicos. A respeito de um deles - o Hudibras, usado em 1870, Taunay escreveu o seguinte: "Com este então, despertara interesse especial e bastante curiosidade, a analisar humoristicamente as conferências republicanas de Quintino Bocaiuva, no teatro São Luis, e as palestras radicais do senador Silveira da Mota, no Fenix. Com que prazer, entre parênteses, lá do meu cantinho, obscuro e desconhecido, ouvia da boca dos oradores referências bastante azedas e estes artigos, atribuindo-os a penas conceituadas!" (I.1.44, p. 582).

⁷ A respeito desta mesma necessidade de anonimato, há outras ocasiões lembradas por Taunay: "Tive aí veleidades de atirar-me também à arena jornalística (...). E para isto escrevi pelo correio, e com endereço a Azevedo Castro, uns artigos com letra cuidadosamente disfarçada.

Esperei ansioso pelo resultado e tive grande decepção, pois só vi uns gracejos meus impressos na seção das *Frutas do tempo* [do jornal *O Constitucional*], onde muitos escreviam pondo aí o Firmino em circulação os anexins, depois tão repetidos: *de cobra não nasce passarinho, pitangueira não dá mangas*, etc.

constância com que Taunay se fez ouvir publicamente, em discursos - esta publicação é a reunião dos textos, na maioria poéticos, que teriam sido declamados por autoridades políticas e intelectuais da época na solenidade pública de inauguração da estátua de D. Pedro I⁸; e) a semelhança com as circunstâncias da criação dos outros poucos poemas que escreveu, sempre de mesma qualidade duvidosa, sob encomenda ou de caráter circunstancial⁹; f) o fato de ter usado a mesma notação - "T." - em pelo menos uma outra publicação, ou seja, *A Classe militar perante as Câmaras*, de 1879¹⁰.

Estes dois poemas não integram as reuniões dos textos que compõem a obra completa¹¹ do escritor e podem evocar por isso a expressão francesa *hors-d'œuvre*, que significa, entre outras coisas, uma parte não integrante de uma obra literária ou artística, e que pode ser retirada sem prejuízo do conjunto. Proponho, no entanto, que eles sejam lidos de maneira a marcar uma origem, ou seja, de modo a considerá-los, pelo que explicitam, como instigadores de questões a meu ver pertinentes a toda a obra.

O soneto institui uma situação imaginária de interlocução entre o eu lírico homenageante e o tu homenageado, o próprio D. Pedro I, "presentificado" na elevação da estátua. A voz poética se coloca como a mensageira inquestionável da fala do povo, a sua porta-voz, ao pretender que a resposta nacional ao brado "original" de liberdade seja unificada e perene. A força persuasiva do "sim" do segundo verso, em meio a adjetivos e expressões de mesmo efeito, procura subtrair tensões latentes, antecipando-se a eventuais "nãos" - ou opondo-se mesmo aos "nãos" que efetivamente se manifestaram, como se verá a seguir -, que ameaçariam a unanimidade da nação em torno do significado do acontecimento. A evocação de valores como liberdade e nacionalismo e de símbolos como a bandeira e o nome do Imperador buscam compor o mesmo quadro de ausência de questionamento. A voz poética, apesar de considerar a transitoriedade da ordem que se instaura historicamente - "Enquanto fulgurar o seu cruzeiro..." -, coloca-se frente ao passado e ao futuro da mesma maneira,

À cesta dos papéis inúteis, conforme verifiquei, foram atirados longos artigos meus, em que revestia os acontecimentos políticos e as personalidades que neles figuravam de nomes chineses, fazendo do Rio de Janeiro um Pequim *sui generis* e pitoresco." (1.1.44, pp. 128-9)

⁸ Às pp. 99-100 de suas *Memórias* (1.1.44), o escritor narra o episódio da queda do cavalo no caminho para a festividade e os ferimentos que teve em decorrência disso. Conclui-se daí a sua ausência no acontecimento, mas nem por isso se exclui a possibilidade da autoria dos poemas.

⁹ Vide o Anexo III, onde transcrevo alguns destes poemas, a fim de dar uma idéia do caráter circunstancial que sempre os caracteriza.

¹⁰ 1.1.2.

¹¹ Dentre os vários estudiosos da obra de Taunay que se detiveram no esforço de reunião sistemática de suas publicações, podem-se citar o seu filho, Afonso d'Escragnolle Taunay (2.120), Sacramento Blake (2.18), Arthur Motta (2.82) e Odilon Nogueira de Matos (2.63).

fazendo tábula rasa da história, de maneira a manter "intacta" a memória do imperador. A origem coincide, pois, e necessariamente, com qualquer outro tempo posterior a ela; é possível até que se ouça naquele momento os "ecos do Ipiranga", numa alusão evidente ao congelamento do tempo, ou a uma coincidência eloquente entre passado e presente. A perpetuação da memória é invocada a partir da força do "pátrio amor" e não do monumento, no hábil apelo metonímico à dureza do bronze, ultrapassada em seu poder de duração pelo dito amor. A certeza da continuidade de uma ordem imperial, não propriamente real, mas, ao contrário, ideologicamente construída, tenta se fazer presente e perene, mas pressente o seu avesso na insistência da construção do mito.

O outro poema mantém a inspiração clássica: trata-se de uma ode, uma invocação a uma musa "carioca" (!) adormecida e que deve ser neste momento despertada. A necessidade desse despertar se justifica pela importância do dia. O recurso retórico básico do poema é a oposição tirano *versus* justo e a conseqüente associação da figura do Imperador ao segundo termo da oposição, como condição para a manutenção da sua memória. Se de um lado agrupa valores como a tirania, o vício, a escravidão e o esquecimento, de outro, coloca Deus, a pátria, a liberdade e a memória. Menos coerente que o poema anterior, porém, este explicita ou deixa entrever pelo menos duas contradições que merecem ser mencionadas, pois traem a base sobre a qual se assentam. Ou seja, o poema demonstra *malgré lui* que o maniqueísmo de que se vale não corresponde exatamente à história. O "Embora" do nono verso alude à contradição que encerra a manutenção da monarquia juntamente com a defesa da liberdade, e não a resolve; apenas a envolve em uma concessão que não convence numa argumentação maniqueísta. A seguir, e após citar os tiranos romanos - Calígula, Nero e Tibério -, introduz os versos: "Do tirano se apaga a vil memória / No pó da sepultura;": se se vale desses nomes como exemplos de tiranos, e isso só é possível justamente porque a memória deles não se apagou, como se deixar convencer pelo argumento contido nos versos citados?

O acontecimento da inauguração da estátua provocou, na imprensa da época, o surgimento de uma polêmica cuja extensão pode ser avaliada por uma crônica de Machado de Assis¹² e por uma carta de Teófilo Ottoni¹³. O alcance das reações contrárias ao acontecimento pode desde já ser medido pela sugestão "malévola" contida nas palavras de Machado, em crônica anterior à que analiso aqui:

¹² 3.5.

¹³ 5.74.

Não me autorizarei mesmo de uma circunstância que alguém notou, a de estar a figura do primeiro imperador, que hoje se há de descobrir, com a constituição estendida para o lado do teatro, querendo daí concluir o malévolo que o pacto fundamental é uma comédia."¹⁴

Alguns dias após a solenidade da inauguração - em 1º de abril de 1862 -, Machado publica no jornal *Diário do Rio de Janeiro* uma instigante crônica, na qual se propõe a revelar os termos do pacto fundamental e discutir por que se trata de uma comédia. Ele inicia o texto comentando o fato, dado por ele como já consumado:

"Está inaugurada a estátua equestre do primeiro imperador. (...) O que é fato é que a estátua se inaugurou e o bronze lá se acha no Rocío, como uma pirâmide de época civilizada, desafiando a ira dos tempos."¹⁵

Mas antes que esta consumação se efetivasse, o autor lembra a constituição de dois grupos opostos - "os que a consideram [*à estátua*] como saldo de uma dívida nacional" e "os que, inquerindo a história, negam a esse bronze o caráter de uma legítima memória, filha da vontade nacional e do dever da posteridade", e acentua ironicamente a ausência de unanimidade frente ao fato: "Já é de mau agouro, se à ereção de um monumento *que se diz derivar dos desejos unânimes* do país precedeu uma discussão renhida, acompanhada de adesões e aplausos.", discussão que se expressou através da imprensa, e que contou com tentativas de censura dos partidários da estátua: "A imprensa oficial, que parece haver arrematado para si toda a honestidade política, e que não consente aos cidadãos a discussão de uma obra que se levanta em nome da nação, caluniou a seu modo as intenções da imprensa oposicionista."¹⁶

E numa capacidade surpreendente de antever o futuro, prevê o trabalho do historiador interessado no período: "O historiador futuro que quiser tirar dos debates da imprensa os elementos do seu estudo da história do império, há de vacilar sobre a expressão da memória que hoje domina o Rocío."¹⁷

O auge de sua irreverência irônica encontra-se, contudo, no investimento alegórico com que reveste o seu texto: atendo-se à qualidade dos discursos pronunciados, ou à base sobre a qual se contróem, elege o *adjetivo* como a personagem principal dos acontecimentos, de maneira a dirigir sua atenção à constante estilística dos textos envolvidos na polêmica, revelando assim a iconoclastia irreverente de sua intervenção crítica:

¹⁴ 3.5, p. 153.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 160-1.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 160-1 (os itálicos são meus).

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 160-1.

"Mas sabe o leitor quem teve grande influência nas festas de anteontem? O adjetivo. Não ria, leitor, o adjetivo é uma grande força e um grande elemento! E ninguém melhor que os publicistas do *Jornal do Comércio* compreende o valor que ele tem, e nem o emprega melhor.

Foi o adjetivo quem fez as despesas das arengas escritas anteriormente em defesa da estátua. Na apoteose, o adjetivo serviu de óleo cheiroso com que se incensou todas as virtudes duvidosas. Na censura, o adjetivo foi, por assim dizer, o suco venenoso com que aqueles bugres ungeram a ponta das suas flechas.

Bem empregado, com jeito e a tempo, como do ferro aconselha o poeta para tomar mezinha, o adjetivo fez nos artigos ministeriais um grande papel. Veja o leitor como esta palavra - imortal - veio sempre em auxílio de um substantivo desamparado de importância intrínseca. Se, por cansado, não podia ele aparecer mais vezes, lá vinha um *inclito*, lá vinha um *magnânimo*, lá vinha um substantivo *augusto*. E outros e outros da mesma valia e peso."¹⁸

Além disso, o que se percebe na crônica de Machado é a preocupação em revelar as condições de produção dos discursos, a enganosa unanimidade que envolveu o acontecimento e a ausência da fala do outro, que não se fez ouvir durante as festividades, pois, além dos que se valeram na imprensa do "óleo cheiroso com que se incensou todas as virtudes", houve também "aqueles bugres" que "ungiram as suas flechas" com "o suco venenoso".

Datada de 24 de março de 1862, às vésperas, portanto, do acontecimento da inauguração, *A estátua equestre: carta*, de Teófilo Ottoni, pode ser encarada como um dos textos oposicionistas mencionados. Em posição diferente da de Machado, dado o involuntário envolvimento a que se viu submetido, o autor se mostra resistente à aceitação do convite recebido para participar do evento, enquanto representante que era de várias corporações públicas. Após ressaltar a situação embaraçosa em que se viu introduzido, argumenta contrariamente aos motivos para a existência da estátua, fazendo um histórico da atuação de D. Pedro I, de suas atitudes omissas e questionáveis como imperador. Tiradentes e José Bonifácio, por outro lado, são lembrados como mártires e como figuras importantes e esquecidas no processo de libertação do Brasil do jugo português. São estes os argumentos usados para concluir o seu questionamento:

Se pois são de feição equívoca os serviços prestados à Independência pelo duque de Bragança;

Se à proposta de constituição faltou o caráter de espontaneidade;

Sob que título se levanta no Brasil ao Sr. D. Pedro I uma estátua equestre?

A estátua equestre teria uma significação de justiça e de verdade se, colocada em território português, comemorasse o valor e a heroicidade com que o Sr. duque de Bragança debelou em Portugal o governo absoluto, e restaurou o sistema constitucional.

Assim parece que o compreenderam bons e leais portugueses, de quem a comissão da estátua recebeu valiosos donativos. Tais donativos desnacionalizam sem dúvida

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 161-2.

o monumento, mas inegavelmente nasceram de nobres e honráveis sentimentos, que eu acato e aplaudo.

Qual é, porém, o motivo brasileiro que possa explicar a inauguração da estátua equestre?¹⁹

A hipótese aventada para a justificativa da elevação da estátua é de cunho histórico, como se a estátua fosse a compensação de uma frustração partilhada pelos pretensos restauradores daquela ordem monárquica. A comparação com a figura de Inês de Castro dá bem a medida do caráter mitológico do acontecimento:

Oh sim! querem que ela simbolize uma expiação.

O Sr. D. Pedro I foi destronado no dia 7 de abril de 1831, e os restauradores fazem-lhe depois de morto o que não puderam conseguir em sua vida.

E nova coroação de Inês de Castro.²⁰

E as razões para a sua recusa advêm de sua vontade de coerência diante da história: "Pela minha parte, filho da liberdade, veterano do 7 de abril, eu desmentiria o meu passado se me associasse de qualquer modo a uma tal solenidade."²¹

Todas estas observações - a respeito da abrangência e da irreverência crítica de Machado e da argumentação oposicionista de Ottoni, e tudo a propósito da famosa estátua - levam à consideração do texto do historiador francês Pierre Nora, "Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux"²², que estuda o processo de constituição e a razão de ser do que chama de "lugares da memória", ao longo da história. E a conveniência da consideração deste texto se explica pelo fato de ele se ater a momentos históricos em que "a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esgarçada; mas em que o esgarçamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação."²³ A polêmica envolvendo a estátua equestre seria, neste sentido, o marco do processo de transição no qual Taunay se viu imerso: se, de um lado, temos Machado questionando a existência da alegada memória coletiva e nacional, simbolizada pelo monumento, e Ottoni, interrogando a história, procura nela o "motivo brasileiro" para justificá-la enquanto um lugar de memória, de outro, temos Taunay, para quem o sentimento de uma certa resistência, de uma vontade de continuidade, se encontra plenamente justificado na elevação da estátua. "Há lugares de memória porque não há mais meios de

¹⁹ 5.73, p. 9.

²⁰ *Idem, ibidem*, pp. 9-10.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 10.

²² 8.15.

²³ *Idem, ibidem*, p. XVII.

memória": eis como Nora resumiria o acontecimento. Entre os dois grupos, representados aqui por estes escritores, haveria uma distância, uma distinção que passou a se estabelecer a partir do momento em que "os homens se reconheceram para si mesmos, e cada vez mais desde os tempos modernos, um direito, um poder e mesmo um dever de mudança."²⁴ Considerando a oposição sob a qual Nora nos apresenta a história e a memória, poder-se-ia pensar numa fundamentação mais consistente destes dois grupos cuja identidade venho delineando. Vejamos os termos da oposição: história - reconstrução sempre problemática e incompleta do que não é mais; operação intelectual e laicizante, lembra análise e discurso crítico; expulsa a rememoração dos domínios do sagrado, prosaiza sempre; pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá vocação para o universal; só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas; não conhece senão o relativo; trabalha com um criticismo destruidor de memória espontânea; sua missão verdadeira é a de destruir e reprimir a memória; é a deslegitimação do passado vivido; memória - é a vida, sempre levada por grupos vivos e, neste sentido, está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetíveis a longas latências e a súbitas revelações; é um fenômeno sempre atual, um laço vivido no presente eterno; afetiva e mágica, não se acomoda senão em detalhes que a confortam; nutre-se de lembranças fluidas, surpreendentes, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, bloqueios, censuras ou projeções; instala a lembrança no sagrado; brota de um grupo que ela une; é por natureza múltipla, coletiva, plural e individualizada; enraiza-se no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto; é um absoluto; e é sempre suspeita para a história.

É claro que esta polarização opositiva não traduz imediatamente os termos da distinção entre os dois grupos. Mas não é difícil perceber a possibilidade de uma aproximação maior deste ou daquele grupo à memória ou à história. É como se a história crítica - representada por Machado e Ottoni - agisse no sentido de subverter as bases da história-memória encarnada em Taunay (e no monumento). O movimento se dá no sentido que Nora descreve para a historiografia francesa: "Ela consiste em se apoderar dos objetos mais constituídos da tradição [*e em nosso caso D. Pedro I representaria o responsável pela Independência do Brasil, por exemplo*] para desmontar-lhes o mecanismo e reconstituir o mais fielmente

²⁴ *Idem, ibidem*, p. XVIII.

possível as condições de sua elaboração. É introduzir a dúvida no coração, a lâmina crítica entre a árvore da memória e a crosta da história."²⁵

O que está em causa na polémica é a questão da definição nacional: de que passado se pode valer para justificar a memória que une esse grupo que é a nação? Se de um lado temos uma tradição que sacraliza a figura do primeiro Imperador, honrando e fundamentando a estátua, de outro, temos o apelo à história crítica, que questiona a validade dessa figura como símbolo nacional.

II- T A U N A Y ou T O N É ? : eis uma questão

"O manuscrito [do livro *Cenas de Viagem*] foi com a maior paciência, integralmente lido pelo Imperador, que corrigiu a lápis várias passagens, atendo-se, como era costume seu, a minúcias filológicas e notando não poucas locuções viciosas, sobretudo galicismos. Confesso à puridade que o estilo daquela obrinha deixa bastante a desejar. (Não será a frase de cunho francês?)" (Visconde de Taunay, *Memórias*)

A ousadia contida na alternativa "Taunay ou Toné?" não é minha. Ela pode ser entrevista no seguinte episódio narrado nas *Memórias* do escritor:

Naquele dia, 24 de dezembro de 1858, foi que usei pela primeira vez e oficialmente do nome de Alfredo d'Escragnolle Taunay, suprimindo os dois apelidos complementares Maria e Adriano, que davam sempre motivo a reparos.

Para tanto pedi licença a meu pai, procurando também convencê-lo da conveniência de aportuguesarmos os nomes franceses escrevendo *Escranhôle* (com um *h* em vez do *gn* e um *l* só) e Toné (T. o, to, n. é, né).

Aleguei a adaptação idêntica que se dera com os nomes Sodré e Luné, derivados de Saudray e Launay, este então absolutamente como o meu, apenas com a diferença da letra inicial.

'- Mas estás louco, respondia-me, absolutamente louco! Ousa estragar um belo nome!' Propus-lhe então escrever o nome com um *n* só ou dois *nn*, Tonay ou Tonnay, para evitar a dificuldade dos dois ditongos *au* e *ay* que não têm correspondentes em português.

Tanto mais aceitável era a transação, quanto primitivamente o nome da família se escrevia daquele modo, e disto temos prova nas duas cidades do Saintonge: Tonnay - Charente e Tonnay - Boutonne.

'- Não, não de todo, replicou-me ele, trata de impor o teu nome ao país tal qual é!'

Ignoro se cheguei ao objetivo que me foi apontado, o que afirmo é que se tomou bem longa, penosa e difícil a iniciação do jornalismo e do público às agruras do meu nome, áspero às primeiras audições, mas depois agradável aos ouvidos que a ele se tenham habituado.

Quando, em 1871, o Visconde do Rio Branco quis que eu fosse eleito deputado pela província de Goiás, (...) dizia o Joaquim Serra com muita graça, na *Reforma*, o espirotoso jornal de oposição liberal: 'Estão os povos de Goiás muito satisfeitos

²⁵ *Idem, ibidem*, p. XXI.

com o candidato que lhes indica o governo; pedem tão somente que o nome seja traduzido em português para o poderem escrever na cédulas eleitorais.' ²⁶

À alegação da necessidade de suprimir os "apelidos", prontamente concedida pelo pai, por razões que não nos é difícil imaginar, segue-se uma outra, a de traduzir o nome para o português. A facilidade com que os dois nomes pessoais foram suprimidos contrapõe-se à dificuldade em convencer o pai do aportuguesamento do sobrenome familiar. E a batalha parece ser sem tréguas e cheia de argumentos em princípio muito convincentes: há precedentes em Sodré e Loné e há também uma origem ortográfica bem próxima às mudanças pretendidas. Mas a resistência do pai é inabalável e o nome permanece "tal qual é". Nota-se aí um jogo entre duas forças contrárias e persistentes, já que o mesmo problema se mantém em 1871, no gracejo do jornal de oposição. Trata-se de um jogo em que vejo condensada alegoricamente a condição ambígua e problemática do imigrante no Brasil do século XIX.

Enumero em seguida outros nomes, agora de uma lista:

Nicolas Antoine Taunay, Jean Baptiste Debret, Auguste-Henri-Victor Grandjean de Montigny, Auguste Marie Taunay, Charles Simon Pradier, Marc Ferrez, Zéphyrin Ferrez, Félix-Émile Taunay, Thomas Marie Hippolyte Taunay, Aimé Adrien Taunay, Simplicio Rodrigues de Sá, August Müller, Manuel de Araújo Porto-Alegre.

Os nomes franceses desta lista têm, além da nacionalidade, mais algumas coisas em comum: a arte, o bonapartismo e a condição de imigrantes exilados ao Brasil do começo do século XIX. Muitos desses nomes ressoam com familiaridade, e acho que sem a aspereza apontada por Alfredo, aos ouvidos dos que hoje se interessam pela história da pintura, da escultura, da música e da arquitetura brasileira e que, por isso, não escapam do estudo da contribuição da "Missão Artística de 1816", da qual todos fizeram parte, e que está na origem da histórica e polêmica Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. O que também certamente ressoa aos nossos ouvidos é a repetição do nome Taunay que, por cinco vezes, não nos deixa esquecer que o famoso Visconde não foi o único de sua família a responder pela atribuição de "artista".

Das coisas em comum entre estes artistas, quero explorar principalmente duas. [Deixo de lado a questão do bonapartismo, lembrando somente que, a partir de 1815, foi o que tornou insustentável a permanência dos seus adeptos na França, sendo por isso a causa do exílio de muitos deles]. É na *arte* e na *condição de imigrante* que proponho me deter, com a atenção voltada para a análise de

²⁶ I.1.45, pp. 77-8.



NICOLAS ANTOINE TAUNAY

4 **Cascatinha da Tijuca** / La Petite Cascade de Tijuca

certos traços da contribuição estética dos missionários, para os problemas políticos e sociais [e fonéticos?, e ortográficos?] que a condição de estrangeiros lhes acarretava, e para os resquícios que disso tudo podemos encontrar na obra e na vida do Visconde de Taunay.

Uma das restrições que se costuma fazer ao papel desempenhado pela Missão é a de que ela teria interrompido, com seus laivos neoclássicos, uma certa tendência inerente à arte do Brasil da época, abafando o que esta prometia em sua vocação eminentemente barroca. Seja pelo caráter oficial atribuído à Missão - e aqui lembro que as suas ligações com o poder não foram propriamente as de um mecenato tomado ao pé da letra, seja pelo que ela significou (ou pretendeu significar) enquanto projeto didático, mais voltado aliás para as "técnicas fabris" do que para as questões artísticas, o que resulta de fato é que ela não teve a amplitude de influência que se pretendia que tivesse e nem a que se lhe costuma atribuir.

Se por um lado o olhar de um Debret sobre o Brasil, segundo as palavras de Wilson Coutinho²⁷, exprime "um conjunto de regras que introduz no real o saber de uma ciência", ou seja, é um "olhar que classifica", ordenando a obra "através da visibilidade de uma taxionomia", numa tentativa clara do crítico de ver aí uma contribuição modernizadora, mais do que neoclássica, o de um Nicolas Antoine Taunay [avô do Visconde] estabelece um outro tipo de relação entre o olhar e o real, e que mescla paisagismo e história. Penso aqui, sobretudo, no caráter de *Manifesto* do seu belo e famoso óleo sobre tela chamado *Cascatinha da Tijuca*, em que, em meio à grandiosidade da paisagem, pode-se ver, em dimensões miniaturizadas, a figura do pintor em plena atividade artística, e rodeado pelos aparatos próprios ao seu *métier*: o cavalete, o pincel, a palheta e o olhar que incide sobre o modelo. Ele [o pintor] ocupa a diminuta porção inferior esquerda do quadro, e divide o pequeno espaço que lhe é reservado com dois escravos, em prontidão para o servir, com o cão fielmente deitado a seus pés, e com tropeiros que conduzem o gado na estrada ao lado. A maioria absoluta do espaço do quadro é ocupada pela vegetação exuberante e pelas águas volumosas que caem ao fundo. Nada a surpreender se se considerar os traços do paisagismo figurativo-neoclássico de então. O que causa admiração é o efeito da conjunção entre a posição em que pintor é colocado e o ângulo de incidência da luz. Ele está *de costas* para a paisagem representada na tela e o seu modelo se encontra *fora dela*, coincidindo surpreendentemente com a posição do espectador. A luz flui do fundo, atravessando enviesadamente a tela da direita para a esquerda e de cima para baixo, e atingindo um espaço que escapa aos limites do representado; toda a

²⁷ COUTINHO, Wilson - "...E os franceses chegaram". In 5.4, pp. 23-4.

luz flui em direção ao externo, que é onde nos encontramos, sem deixar contudo de atingir toda a parte esquerda da tela, compondo um duplo de luz e sombra, que divide a paisagem entre o mais visível da sua esquerda e o menos visível da sua parte direita. O olhar do pintor acompanha o fluxo da luz e faz pressentir a nossa inclusão na paisagem que ele, os escravos e os tropeiros podem ver. Há um jogo duplo entre olhares que se entrecruzam: de um lado, o do pintor pintado na tela, olhar a incidir sobre quem olha - nós mesmos, portanto - alçando-nos à condição de modelo do que está sendo pintado; e, por outro lado, o do pintor real que, em posição coincidente com a nossa, parece querer nos apontar o seu auto-retrato em terras brasileiras. E terras justamente atravessadas pelo duplo de luz e sombra. Luz e sombra, retratista e retratado, modelo e espectador: estão aí os dados da composição do manifesto que se dispõe como uma profissão de fé ou como uma poética do olhar pautada na ambigüidade própria ao estrangeiro.

O retorno imprevisto de Nicolas à França aborta, no entanto, a disposição contida nessa promessa do olhar: "Esperava-se que Taunay [*Nicolas Antoine*] substituísse Lebreton na direção da Academia, mas, transcorridos dezesseis meses, foi escolhido um pintor português, Henrique José da Silva, que não tinha qualificação para o cargo. Decepcionado, Taunay voltou para a França em 1821 acompanhado de sua mulher e do filho Hippolyte."²⁸ Mais do que um aborto, no entanto, a atitude aponta para a perpetuação dos revezes da condição do estrangeiro no Brasil.

Se passarmos para a outra geração da família, podemos constatar a continuidade dessa situação. Para isso, valho-me de um outro trecho retirado das *Memórias* do Visconde, que narra um episódio cuja carga significativa serve aos meus propósitos de discutir como a questão da imigração atuou como elemento de transição na vida e na obra do escritor. O trecho é o seguinte:

"Mais um pouco me lembro da nossa estada no ano seguinte de 1851, no Engenho Novo, quando meu pai ali foi convalescer de gravíssima enfermidade depois da jubilação como professor e diretor da Academia de Belas Artes.

Dera-se em consequência da luta encabeçada, nos jomais, pelo Porto Alegre, que clamava contra o fato de ser ele estrangeiro não naturalizado. Apesar das verdadeiras instâncias do Imperador não quis ele dar o braço a torcer, declarando que só deixaria de ser francês, quando o Brasil decretasse a lei da *grande naturalização*.

'Pois eu lá vou pedir folha corrida ao inspetor do meu quartelão para instruir o meu humilde requerimento?' E continuava com indignação: 'Demais, para quê? Para não poder alcançar o que qualquer estúpido, nascido por acaso aqui, pode ser? Não! Ao estrangeiro os brasileiros têm verdadeira aversão. E por muito tempo assim há de ser!...'²⁹

²⁸ BOGHICI, Jean - "Nicolas Antoine Taunay". In 5.4, p. 42.

²⁹ 1.1.44, p. 8.

Este trecho se insere num momento da narrativa memorialística em que o narrador se refere à epidemia de febre amarela de 1850, da qual pouco se lembra. Em oposição a essa lacuna do rememorar, que aliás é perfeitamente compreensível se lembrarmos que Taunay tinha apenas 7 anos na época, a memória se refresca a ponto de reproduzir os detalhes da fala do pai (Félix-Émile Taunay), ao reagir à discriminação sofrida nas investidas de Araújo Porto-Alegre. Se nenhum familiar foi vítima da febre amarela, e aí temos talvez outra razão para a falta de lembrança, no ano seguinte o pai se adoenta em consequência da jubilação do cargo de professor e diretor da Academia de Belas Artes. Quero acentuar esta oposição entre o esquecido e lembrado, já que ela indicia a problemática da condição de estrangeiro, de tanta importância na vida e na atuação pública de Taunay.

A repercussão nos jornais e a insistência do Imperador numa eventual naturalização - de caráter parcial, sem as amplas garantias de cidadania conferidas aos brasileiros natos - dão conta do alcance social da questão e do seu caráter polêmico. Havia consenso no sentido de restringir os direitos conferidos pela naturalização, incluindo-se aí a inaceitação dos estrangeiros nos cargos públicos, e disso toda a família Taunay se ressentiu e lamenta. Entre parênteses, lembro que a isso se pode acrescentar, numa perspectiva diversa que leva contudo a resultados assemelhados, a insistência de uma certa historiografia literária, de cunho nacionalista, em provar a *brasilidade* do Visconde, já brasileiro nato.

A atuação pública do Visconde se incumbia de transformar os ressentimentos impotentes das gerações anteriores em projetos efetivos. Lembro que ele pôde enfim ocupar e efetivamente ocupou cargos públicos e foi nesses espaços que procurou fazer valer os direitos de cidadania anteriormente recusados aos ascendentes familiares, e ainda persistentemente negados aos estrangeiros seus contemporâneos. Os inúmeros discursos que pronunciou enquanto deputado e senador, e os textos que recebeu/produziu/traduziu enquanto presidente da Sociedade Central de Imigração atestam o trabalho incansável neste sentido.

Gostaria, no entanto, de me desviar um pouco do aspecto factual evidente na composição desta linhagem genealógica de imigrantes no Brasil [quero escapar da armadilha facilitadora e falseadora de uma linhagem evolutivo-aclimatadora] e tentar compor uma outra, retomando o traço ambíguo - e talvez por isso mais ancorado na história - do olhar proposto com intenção de manifesto, por Nicolas. Seria, talvez, uma tentativa de retraçar a linhagem do olhar atravessado pela história. Para isso, lembro que o olhar de Alfredo é o de

alguém que *escreve* a paisagem, além de desenhá-la, e sempre de uma perspectiva que tenta parar para classificar - num movimento à la Debret - [lembro aqui o olhar "estrangeiro", classificatório-paisagístico da *Marcha das forças*³⁰] mas que, ao mesmo tempo, é inexoravelmente arrastado pela história da guerra, que impede a parada e que força a assimilação do olhar a um só tempo nostálgico, catastrófico e pleno de ruínas de *A Retirada da Laguna*.

Proponho agora uma outra volta: à da questão dos nomes. E tento descrever a solução ficcional que Taunay enfim deu àquela proposta de "aclimatação" do nome. Adianto que a saída foi uma caricaturização da situação e que ela se encontra no hilariante capítulo XXI do seu primeiro e pouco conhecido romance, intitulado *A Mocidade de Trajano*, de 1871³¹. O capítulo narra o encontro de Trajano, a personagem principal, com a figura "importuna e maçante" de um imigrante português que vai do Rio a São Paulo à procura de notícias do filho, pretense estudante de direito, que na verdade gasta o dinheiro e o tempo em farras e folias, a propagar o nacionalismo xenófobo antiportuguês. A caricatura se evidencia já na descrição das personagens, e nem o pai nem o filho escapam do tom ridicularizante que lhes é atribuído. Do pai, conhecemos o seu "distintivo" boçalizante, o "nariz possante" que faz lembrar "um animal proboscidiano" e o filia "às antas e elefantes."; do filho, ficamos sabendo que "trajava calças verdes-claras, colete amarelo, sobrecasaca azul escura com botões de metal dourado", numa composição de cores que denuncia a bandeira ambulante. Do pai, ouvimos contar a Trajano: "Pois, como eu lhe ia dizendo, meu filho chamava-se Manuel Ventura Beleza, tirando Ventura da mãe e Beleza de mim. Agora mudou de nome, não sei para quê, nem por quê, e assina-se Manuel Brasília Nacional Pirapitanga, quando minha mulher nada tem de nacional, por ser portuguesa, nem eu de pirapitanga. Mas isto ainda não importa.". E do filho, por contraste, ouvimos a seguinte resposta ao garçom que sugere "bife à portuguesa": "- Nada quero à portuguesa! - rugiu o possuidor da casaca azul-ferrete. - Já lhe tenho dito, siô-moço! Se não ouve por bem, quebro toda esta traquitana! Sou brasileiro da gema e não admito estranjas aqui na terra." Ainda do filho, enfim, percebemos as tentativas ridículas e frustradas de fazer calar a voz ingênua do pai que tudo declara de sua "vergonhosa" origem estrangeira e nada percebe dos seus estratagemas. As semelhanças entre o episódio vivido e o imaginado por Taunay parecem não ser meras coincidências: trata-se sempre de um conflito que se estabelece entre pai e filho e a mudança nos nomes é, em ambos os casos, vislumbrada como solução. O que muda, contudo, é o tratamento

³⁰ 1.1.43.

³¹ 1.1.7, pp. 131-6.

agora cômico dado ao problema da ascendência estrangeira, como resposta irônica ao mal-estar anteriormente apontado.

Se o romance, em seu final, propõe a imigração de portugueses como panacéia para os problemas estruturais brasileiros da época - a fazenda da personagem principal é por este legada e distribuída entre colonos portugueses -, neste capítulo que destaco, a questão da imigração é tratada sob outra perspectiva. Os preconceitos xenofóbicos ganham aí uma feição caricatural que procura dar conta tanto da sua inconsistência como do falseamento que representaria a mudança do nome, num país cuja história não escapa de olhares estrangeiros que se entrecruzam e se mesclam.

III - UN NÓ EM UMA REDE³²

"É que as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede." (Michel Foucault, *A Arqueologia do saber*)

"Pena pueril, detém-te. Para que essas considerações sem base nem proveito?"
(Visconde de Taunay, *A Mocidade de Trajano*)

Quem se aventura a ler a infinidade de textos escritos pelo Visconde de Taunay pode adquirir a inevitável suspeita, facilmente confirmável, de que eles são passíveis de freqüentar bibliografias de áreas diversas e que tenham em comum o propósito de conhecer o Brasil da segunda metade do século XIX. Em princípio eles podem ser lidos, consultados ou citados por historiadores, geógrafos, geólogos, sociólogos, lingüistas, antropólogos, etnólogos, políticos, biólogos; enfim (e sem pretender a exaustão), por uma razão histórica talvez mais evidente, por críticos e historiadores da literatura brasileira. Ao fazer essa afirmação, penso obviamente na totalidade da obra do escritor, composta por textos de estirpe, origem e funções diversas, que respondem a interesses também diversos, como sugere a enumeração feita acima, e que manifestam uma vontade

³² A versão original deste texto foi publicada em *Notícia bibliográfica e histórica*, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, (149), ano XXV, 56-68, jan-mar 1993, com o título "Nem tanto ao mar, nem tanto à terra (uma leitura do romance *A mocidade de Trajano*, do Visconde de Taunay)".

enciclopedista de abranger a totalidade do saber sobre o mundo. Vontade, aliás, que, a despeito de seu portador, pode ser ilustrada satiricamente pelo comentário que o crítico argentino Martín García Merou faz em 1900 sobre o Meyer de *Inocência*: "naturalista viajero, un entomólogo convencido que aspiraba a catalogar todas las *borboletas* o mariposas brasileñas..."³³ E que, se descartada a sátira, essa vontade ainda recomenda que se pense nela como uma das várias trilhas abertas pelos viajantes, tão caros à formação de uma certa identidade nacional³⁴.

Mas penso também em uma outra possibilidade. Também facilmente confirmável: a de os textos tidos por e pretendidos como ficcionais se constituírem em material de consulta para estudiosos que não têm a literatura como objeto *exclusivo* de consideração. Esse é bem o caso em que alguns [trechos de] romances, contos e peças de Taunay são considerados pelo seu "valor documental", pelo que fornecem de informações sobretudo históricas para o estudioso do século XIX. E é também, como decorrência de uma inversão do mesmo raciocínio, o caso em que críticos literários, ao se depararem com tais textos, acabam por julgá-los de qualidade menor, por não responderem de modo satisfatório aos critérios de unidade e organicidade que regem a composição, e que colaboram na definição da *literariedade* de um texto, ou no seu caráter mais ou menos realista: "(...) é preciso registrar, em quase todos os seus romances, toques mais construtivos, como o pendor pelos problemas sociais, embora nem sempre os apresente com a *elaboração conveniente*, fazendo-os parecer inclusões meio indigestas", é o que nos diz Antonio Candido a propósito do escritor³⁵.

Acredito que os dois tipos extremos de leitor aqui delineados têm grande parcela de razão ao defenderem o que lhes compete em um caso como esse. Mas acredito também que ambos podem acabar perdendo quando imaginam estarem ganhando: o primeiro, por não considerar o eventual valor histórico inerente ao tipo de elaboração formal do texto ficcional; e o segundo, ofuscado pela quantidade de informações e detalhes históricos - que acabam sendo vistos como excrescências, ou "inclusões meio indigestas", comprometedoras da unidade do texto, ao desprezá-lo e, por isso, deixar de tentar desvendar nele qualquer outro sentido.

É do ponto de vista aqui delineado - nem tanto ao mar da história e nem tanto à terra da teoria e da crítica literária (e/ou vice-versa) - que leio o primeiro

³³ 2.77, p. 169.

³⁴ Penso aqui na reflexão proposta por Flora Sussekind (8.23), que considera o narrador de viagens do século XIX no seu estudo da constituição histórica do sujeito ficcional da literatura brasileira.

³⁵ 3.37, 2o vol, p. 314. (o itálico é meu).

romance do Visconde de Taunay, publicado em 1871 e intitulado *A Mocidade de Trajano*. Quero demonstrar em que medida o momento histórico influenciou na criação literária, de modo a determinar mudanças que, dada a imediatez com que são ficcionalmente assimiladas, nem sempre escapam ao crivo crítico da história literária. A posição escorregadia do escritor frente ao que lhe é contemporâneo comporta uma ousadia que, desta minha perspectiva, deve ser ao menos registrada.

O livro permaneceu exatos 113 anos sem contar com uma nova edição³⁶ e talvez por isso ele tenha se tornado um dos menos conhecidos dos já tão pouco estudados textos ficcionais do escritor, com a exceção notória de *Inocência* (1872), que lhe valeu a consagração imediata e inequívoca, tanto nacional como internacionalmente, e um lugar de honra na história da literatura brasileira³⁷. Além destes dois romances, a ficção do escritor é constituída por mais quatro outros, três livros de contos e quatro peças teatrais, que foram em sua maioria reeditados por iniciativa e empenho do filho, o historiador Afonso d'Escragnolle Taunay³⁸.

Parece não ter sido gratuita a aparente indiferença editorial em relação a *A Mocidade de Trajano*: segundo o que nos revela Ernani da Silva Bruno na introdução à relativamente recente segunda edição (1984), teria havido uma deliberação tácita do autor e de seu filho de manter o livro no esquecimento, sob a alegação de "conter referências menos nobres a padres" e por ser, por isso, "um livro ímpio"³⁹.

Aliada a esta espécie de auto-censura que a ousadia do anticlericalismo - de contorno nitidamente iluminista, diga-se de passagem⁴⁰ - fez incidir sobre a

³⁶ As duas únicas edições do romance são as seguintes:

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle (pseudônimo de Sylvio Dinarte) - *A Mocidade de Trajano*. 2 vol., Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1871, 168 e 250 pp.

____ (Visconde de Taunay) - *A Mocidade de Trajano*. 2 ed. São Paulo, Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1984, 237 pp. [*Todas as citações feitas aqui referem-se a esta 2ª edição*] Vide 1.1.7.

³⁷ Além da unanimidade da crítica, são sintomas desta consagração o grande número de edições que o romance, ao longo da história, vem tendo no Brasil (para se ter uma idéia, até 1944, ele já contava com 24 edições, e só na editora Ática, 1986 foi o ano de sua 14ª edição) e a tradução para várias línguas, inclusive o japonês, ainda no século XIX.

³⁸ Vide Anexo I. [A primeira publicação de alguns destes textos sob a forma de folhetins não foi aqui considerada]

³⁹ 2.19 p. 9.

⁴⁰ Ainda que com propósitos meramente especulativos, acredito que o capítulo III de *Inocência* possa ser entendido como uma espécie de resposta irônica - mas agonizante - a esta pretensão anticlericalista. Trata-se de um capítulo que interrompe o andamento linear da narrativa e introduz em *flashback* a história progressa de Cirino: para os objetivos aqui delineados, importa sublinhar o "pesado gracejo póstumo" feito pelo padrinho de Cirino aos padres do colégio Caraça, aos quais legou uma biblioteca composta de autores anticlericais e antireligiosos, quando estes esperavam um pagamento rendoso para os anos de estudo de Cirino na instituição. Volney,

própria produção, creio que se pode supor outra hipótese - que não exclui necessariamente a já aventada - para explicar o esquecimento a que foi relegado o livro: o estigma de *menoridade* a ele imputado pela crítica literária. Face à execução primorosa atingida um ano depois em *Inocência*, a visão que a crítica em geral assumiu a respeito do romance pode ser sintetizada pela seguinte frase de Artur Mota: "É um simples ensaio: serviu-lhe para acertar a mão com que devia traçar *Inocência*."⁴¹ Poder-se-ia aqui dizer que, do primeiro para o segundo romance, e do ponto de vista da crítica literária, Taunay se transforma, de um cronista com pretensões a romancista, em um romancista de mão cheia. O valor do romance de 1871 adquire assim um caráter relativo, dependente do que lhe sucedeu.

A ação romanesca se passa entre 1852 e 1869, período da história brasileira em que se dão, entre outras questões políticas e sociais, a fracassada execução do projeto de Conciliação entre os dois partidos políticos da época (a partir de proposta do marquês de Paraná), o acirramento das discussões sobre a questão da escravidão, o surgimento das primeiras propostas de colonização baseadas na imigração estrangeira e a guerra contra o Paraguai, ainda em curso na data que coincide com o final da ação.

No romance, estes anos-limitrofes marcam respectivamente a morte da mãe da personagem principal - Trajano Casimiro Sobral - e a sua própria morte, no campo de batalha da guerra do Brasil contra o Paraguai. O período compreendido entre essas duas balizas temporais corresponde à mocidade de Trajano, dos 15 aos 32 anos, o que justifica o título e circunscreve a ação: para quem e para além desses marcos, a narrativa apela para o *flashback* e para o *flashforward*, em tentativas de recuperação do passado e de projeção em direção ao futuro. No período relativo à ação, uma série de frustrações vai gradativamente abortando os projetos da personagem, em vários aspectos de sua vida. A questão amorosa, a formação profissional, o convívio com a madastra, e os planos - inusitadamente liberais para os costumes dos fazendeiros - de modernizar a administração da promissora fazenda de café que herdara do pai vão compondo a sucessão de fracassos que culminam na morte "buscada" no campo de batalha.

São as análises comparativas entre, primeiramente, o *flashback* relativo à infância de Trajano, correspondente aos anos 1837 a 1852, e a ação propriamente dita, e, posteriormente, entre o *flashforward*, que se inscreve para além da morte de Trajano, e a mesma ação, que podem desvendar a construção do

Voltaire, Pigault-Lebrun, Pamy e o marquês de Sade, entre outros, comparecem incisivamente, de modo a marcar a irreverência acintosa do testador.

⁴¹ Citado por Emani Bruno em 2.19, p. 7.

enquadramento da longa série de rupturas que caracterizam o romance. (Pois, além das mortes que pontuam o começo e o fim da narrativa, há ainda outras que, por sua quantidade, podem levar à suspeita de que a *morte* é um motivo recorrente para compor a sucessão de rupturas nas várias continuidades que a ordem social ainda parecia poder, mas não tinha mais como manter.)

Assim, a morte da mãe representaria o começo do fim de um processo que se ancora na ordem moral, jurídica, familiar e escravocrata e que *parece* ter condições concretas de perpetuação *ad infinitum*. Como veremos a seguir de forma mais detalhada, tal ordem se exprime ficcionalmente: a) pelo caráter de homogeneidade e linearidade conferidas ao *tempo*; b) pela forma com que os conflitos - principalmente com e entre os escravos - vinham sendo tradicionalmente administrados e controlados e c) pelo vislumbre da possibilidade de execução dos projetos que a mãe elabora antes de morrer, para a vida pessoal e profissional do filho e para a administração da propriedade.

"Sua mãe estivera muitos anos doente, e esse estado a Trajano *parecera não dever ter fim*. Assim, desde criança *acostumara-se* à tristeza da casa, à meiguice doentia de uma mãe que lentamente se ia finando, ao desespero concentrado de seu pai - homem rico, estimado de todos, amante extremoso de uma mulher, que nada mais podia salvar - ao silêncio da vivenda, ao ar sério dos numerosos escravos, à *tranquilidade nunca perturbada* daqueles jardins e de todo esse *conjunto melancólico* formara as condições de sua felicidade. *Os dias, as semanas, os anos tinham-lhe corrido sempre iguais*; vivera descuidoso e independente, e crescera como uma planta vigorosa que, no meio de outras raquíticas, aproveita a terra não disputada e dela tira seiva poderosa."⁴²

Este trecho do primeiro capítulo da narrativa aparece logo após a notícia da morte da mãe, e inicia o *flashback* que dispõe o que o narrador chama de "conjunto melancólico". As palavras, expressões e frases marcadas em itálico dão a medida de um tempo cujo caráter homogêneo se fundamenta no estado [tido como] perene da sobrevivida doentia da mãe. Em clara oposição a este estado, Trajano aparece sob o símile organicista da "planta vigorosa" que, em seu apelo à lógica evolucionista, compõe o fator de mudança em que o crescimento, em meio ao raquitismo, deve romper a homogeneidade doentia conferida ao tempo, já que se alimenta de "seiva poderosa". O resultado é a expectativa da retomada da continuidade histórica, temporariamente ameaçada pela enfermidade materna, que não se constitui em legado a ser transmitido. A ordem familiar reassume o caráter patrimonial, principalmente se se pensa no fato de que o símile se vale da *terra* como base de sua construção e no fundamento significativo da oposição entre o vigor e o raquitismo no que diz respeito ao aproveitamento dela.

⁴² 1.1.7, p. 19 (os itálicos são meus)

E para consagrar a expectativa de continuidade, outros recursos são imediatamente acionados, de maneira a vincular a presença da mãe: a vontade expressa por ela de morrer no dia do aniversário do filho, pois assim ele "não passaria um aniversário sem se lembrar de mim"⁴³, o que de fato acontece; os seus planos quanto à administração da propriedade e a educação do filho - que, é claro, deveria ser bacharel em direito e, posteriormente, ingressar na política; o juramento feito ao pai de obediência às últimas vontades da mãe; e o nome da moça - Amélia, igual ao da mãe - por quem Trajano posteriormente se apaixona.

Quanto aos escravos, o que se observa é que sua condição é tida pela mãe como um dado natural, a-histórico e, por isso, resistente a qualquer questionamento, de modo a compor a ética oligárquica justificadora da escravidão:

"Quando os escravos, que iam ou vinham dos trabalhos da roça, passavam por junto dela, todos tiravam o chapéu e pediam-lhe a benção, uns de mãos postas, outros estendendo o braço como é de uso nas fazendas. Sempre daqueles lábios descorados saía alguma palavra de meiguice para esses pobres entes que ela, *como filha e esposa de fazendeiro*, nivelava com os seres brutos da natureza. Por bondade de coração, era na verdade tão incapaz de maltratar seus escravos quanto de fazer mal a um animal qualquer. /Supunha-os felizes pelo único fato de terem saúde robusta e senhores humanos, pois nunca pensara nas aspirações que essas criaturas pudessem ter pela liberdade, colocando-se acima do boi de arado ou do cavalo de tiro. Tratar bem a seus escravos, para ela, tão pura, tão justiceira, nada mais era do que um preceito moral. *A filha, a neta de fazendeiros* chegava até a invejar deles uma coisa - a vitalidade - como a invejava da árvore, do cão ou do gato. Achava que eles nada mais podiam desejar como a árvore, o cão, o gato a quem se dá trato e alimento para ter o fruto, a casa vigiada ou estar livre dos ratos. - Ana - perguntou ela um dia a uma sua cria - trocarias a sua saúde por alguma coisa deste mundo? - Ó minha senhora, dava a minha vida para poder ser forra uma semana! - Pois falta-te aqui alguma coisa? - observou Amélia meio irritada. - Nada, Nhanhã, nada - respondeu confusa a escrava. - Então, por que dizes isto? / A pardinha, quase chorando, retorquiu a custo: - Não sei... - e acrescentou: - Foi sem pensar. / Amélia todo o resto da semana ficou enfadada com esta rapariga, *que ousava pedir a Deus favores tão extraordinários e para cuja aquisição não havia nascido*."⁴⁴

A neta, filha e esposa de fazendeiros representa a história da perpetuação dos valores oligárquicos brasileiros durante o século XIX. Em outros termos - os de John Gledson, seria "uma etapa particular do desenvolvimento social e político do Brasil, no século XIX", que teria configurado "um *ancien régime*, com o domínio de uma oligarquia segura de si, baseada na escravidão - domínio que pôde ser mantido com relativa facilidade, embora por vezes com a consciência da possibilidade de uma rebelião ou, simplesmente, da necessidade de uma

⁴³ *Idem, ibidem*, p. 21.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, pp. 24-5 (os itálicos são meus).

autojustificação."⁴⁵ Sua doença, porém, indicia o questionamento histórico da possibilidade dessa perpetuação, ou a contradição que o sistema escravocrata passou cada vez mais a significar frente aos apregoados valores liberais.

A manutenção e o controle dessa ordem se dão graças ao incentivo à reprodução da hierarquia social branca entre os negros, cabendo a alguns destes o gozo de privilégios e a assunção de poderes de mando, próprios dos senhores, sobre os outros escravos - o que se consegue graças a certos "favores" especiais concedidos (aos) e recebidos dos senhores. Exemplares da eficiência desse mecanismo, garantido sempre pela ingerência de tipo maternal e matriarcal de Amélia, são a descrição dos escravos "de dentro" da casa e a preocupação da mucama Suzana com o que seu casamento com Vitório poderia significar enquanto perda de privilégios:

"Os escravos empregados no movimento interno da casa tinham privilégios especiais e trajes mais finos. os copeiros usavam jaqueta e gravata, em dias solenes, apertavam o desconjuntado pé em botins; as mucamas vestiam chita francesa; algumas mais chegadas à senhora tinham a sua cassinha para o verão e o xale para o tempo frio. Penteavam diariamente os cabelos: as crioulas nunca deixavam que a carapinha formasse daqueles volumes informes, enovelados, que tanto enfeiam as negras; as mulatas alisavam as frisadas melenas e as traziam sempre untadas de pomadas."⁴⁶

"- O Vitório, meu pai - disse Suzana, depois de alguma hesitação - quer casar-se comigo, e eu ... também quero. Vinha saber de vosmecê se é bom falar a Nhanhã e se ela consentirá nisso. Olhe, pai Vicente, eu não posso mais resistir, *se minha senhora não me der licença, com certeza tenho de ir trabalhar na roça e de passar por uma grande vergonha.* (...) Alegria - se houve naquele dia - foi para a boa da Suzana, que obedecia enfim aos impulsos de uma alma sensível e não perdia o seu lugar de confiança."⁴⁷

As outras mortes que se seguem à da mãe vão gradativamente acentuando as fissuras na ordem original. As duas primeiras são a do filho de Suzana e de Vitório, e posteriormente a deste último, assassinados pelos outros escravos. Revoltados com o comportamento autoritário e discricionário de Vitório, alçado à condição de capataz fiel às vontades do senhor, eles vingam com a morte a adoção dos valores senhoriais em detrimento dos seus interesses. A ausência da figura maternal de Amélia, responsável pela amenização e controle dos conflitos, tem como consequência o acirramento dos mesmos.

A morte seguinte vem enunciada abruptamente: "Num belo dia, o cão Rompe morreu envenenado."⁴⁸, de maneira a demonstrar os extremos do conflito

⁴⁵ 3.60, p. 17.

⁴⁶ 1.1.7, p. 24.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, pp. 26-7 (os itálicos são meus).

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 175.

entre Trajano e Ester, a madrasta, autora do envenenamento do animal, cujo nome creio não ser arbitrário. Poderosa, sedutora, leviana e inconseqüente para os padrões anteriores a sua chegada, a mulher põe a perder todo e qualquer plano administrativo de Trajano, cuja ação passa a recair no vazio. E a alusão à ruptura já-inserida no nome *Rompe* é um convite à reflexão: se o cachorro é o único que participa da resistência de Trajano à nova ordem imposta pela madrasta, se é somente ele o aliado na solidão irrestrita em um meio cada vez mais inóspito, a sua morte representa o sinal da impossibilidade de continuar resistindo.

A morte de Ester deve ser considerada a partir do que foi sua vida: arrivista e inescrupulosa, sem medir os meios para alcançar não importa o que lhe interessasse, ela acaba por esbarrar na fúria vingativa do pai Vicente. Ao ver ameaçada a sua vida de escravo agregado às terras do senhor, como direito enfim adquirido após longos anos de trabalho na família, ele reage, matando a ela e a si próprio. Trata-se de mais um conflito entre senhor e escravo - e agora com o dado complicador de consequência fatal para o primeiro - a ser somado a todos os outros que o romance relata.

A mencionada projeção em direção ao futuro - o *flashforward* - se localiza num pequeno trecho da página final do livro, em que se narra a morte de Trajano na guerra contra o Paraguai. A fala agonizante de Trajano, ao revelar as suas disposições testamentárias, alforriando os escravos, fazendo uma verdadeira reforma agrária em sua propriedade, mudando o nome da fazenda e desejando a liberdade, acaba, num movimento revolucionário, por romper radicalmente com a ordem patriarcal e escravocrata a que se submetera durante a sua vida:

" - Mocambira, me disse ele com esforço, vou morrer! Não levo saudades da vida, eu te afianço! A cópia do meu testamento está na canastra, quero que seja fielmente cumprido. Forro todos os meus escravos... Meu testamento manda dividir minhas terras em prazos que serão distribuídos aos colonos. Não tenho herdeiros forçados. Minha herança pertence à liberdade. Aquela fazenda da Mata Grande há de mudar de nome: chamar-se-á da Esperança."⁴⁹

Trata-se de um outro "conjunto melancólico", esse que envolve a última morte do romance. Nesse caso, no entanto, o balanço feito em relação ao vivido remete à ruína de um tempo cujos fundamentos sociais e econômicos perdem totalmente a razão de ser.

A julgar pelo conteúdo de uma nota de rodapé⁵⁰, *A Mocidade de Trajano* teria sido escrito em 1869, quando o seu autor tinha apenas 26 anos e participava

⁴⁹ *Idem. ibidem*, p. 237.

⁵⁰ A propósito de uma opinião de Trajano sobre a necessidade de emancipação dos escravos, a nota diz o seguinte: "*Há dois anos foi isto escrito*, e hoje [1871], com júbilo imenso, vê a nação que o visconde do Rio Branco correspondeu digna e gloriosamente às esperanças que

pela segunda vez da guerra contra o Paraguai. A data, a idade do autor e as circunstâncias contextuais em que a obra foi escrita são significativas para a sua avaliação na medida em que esclarecem algumas das condições de produção que se vêem de certa maneira refletidas em seu interior.

Neste sentido, são dignos de consideração o endereço e o tom da dedicatória: a gratidão e o respeito manifestos a Joaquim Manoel de Macedo - tido como o fundador do romance de costumes do romantismo brasileiro -, indiciam uma tendência de adesão a uma tradição já consagrada. Pode-se, contudo, imaginar que seja apenas (ou também?) um modo de facilitar o ingresso na série literária, selado pelo apadrinhamento de um "mestre", que inclusive responde à homenagem em uma carta que vem impressa após a dedicatória. Em todo caso, esta troca de amabilidades não pára por aí; ganha, ao contrário, um novo caráter, pelo tipo de tratamento dado ao romance *O Moço Louro* (1845), do mesmo Macedo, no interior da narrativa:

"Ao ver entrar o jovem, perguntou com intenção: - Então o que o traz por aqui, sr. Trajano? - Vim entregar à sra. d. Amélia um livro que lhe prometi anteontem. - Um livro?... E de que trata ele? - É um romance muito bonito do Macedinho, um de nossos mais populares e justamente estimados literatos... - Literato brasileiro? - Sim, senhor, e bom patriota, que ama com entusiasmo o Brasil. O autor festejado por excelência que... Silveiras interrompeu-o novamente. - Será esse Macedo parente ou o próprio que tem casa de consignação de café, rua dos Beneditinos, nº 110, no Rio de Janeiro? Trajano corou de indignado: - Não, sr. Silveiras, não decerto. O Macedinho é homem que vive da inteligência e só cura de ilustrar o Brasil. Vive disso. - Deve estar magro, o coitado! - observou Silveiras. - Mas que livro é esse? - É *O Moço Louro*. Silveiras franziu os sobrolhos. - Hum... hum... O título não me agrada: eu..."⁵¹

A confusão que se estabelece em torno do nome de Macedo - romancista ou negociante de café? -, além do caráter cômico proveniente da incisiva precisão do endereço e da magreza do "coitado", dá a medida da veiculação de duas vozes, concorrentes no mesmo espaço. Entre elas surge a questão sobre se a literatura deve ou não ser considerada como mercadoria que confira rendimentos ao seu produtor. A indignação de Trajano parece se orientar heroica e ingenuamente para a segunda alternativa. Ao contrário, a reação condoída de Silveiras, proprietário de fazenda produtora de café, dá conta da pragmaticidade da primeira. O café, mercadoria amplamente rentável, e inserida no circuito capitalista internacional, passa a concorrer com o texto literário na mesma condição de mercadoria do mundo moderno. Configura-se aí a primeira

depositavam os bons brasileiros no patriotismo de seus estadistas." (1.1.7, p. 114, os itálicos são meus), numa referência explícita à aprovação da Lei do Ventre Livre.

⁵¹ *Idem, ibidem*, pp. 72-3.

contradição apresentada a Trajano, que deseja contudo a manutenção do caráter mistificador que envolve o romance romântico. Uma outra alternativa para essa discussão sobre o lugar da literatura no mundo das mercadorias é comentada por Alfredo Bosi, quando trata da tendência de Álvares de Azevedo em encarar com humor esta questão, ao

" *fingir* ironicamente que se partilha com o leitor o desprezo burguês ao poeta e à poesia: fica patente o caráter marginal da arte na sociedade do dinheiro. O humor advém da exibição crua desse caráter:

Nem há negá-lo - não há doce lira
Nem sangue de poeta ou alma virgem
Que valha o talismã que no oiro vibra!
Nem músicas nem santas harmonias
Igualam o condão, esse eletrismo,
A ardente vibração do som metálico..."⁵²

O diálogo intertextual não se resume, no entanto, apenas a esta questão. Ele avança em um outro sentido desmistificador, e que se relaciona com a constituição do herói no romance romântico. Vejamos como, neste sentido, se organiza o diálogo. O protagonista do romance de Macedo, mantido no anonimato até o momento em que consegue provar heroicamente a sua inocência, é identificado pelos cabelos e chama-se Lauro, nome que "significa, (...) em sua origem latina, loiro, [o] que remete, por metonímia, ao traço mais marcante do físico do personagem, a cor de seus cabelos e, por metáfora, à sua qualidade de laureado, *de vitorioso em todas as provas a que se submete no afã de provar a sua inocência e de conquistar o amor de sua prima Honorina*."⁵³ Taunay aproveita o expediente metonímico criado por Macedo, ao insistir nesse detalhe de caracterização da personagem:

"Trajano tinha então [em 1856 ou 1857, portanto] 19 para 20 anos. Era alto e esbelto, sem ter dessas elegâncias exageradas de cumprimento de que alguns rapazes são vítimas, forte na saúde, simpático de rosto e possuidor de um cabelo lindíssimo, louro, talvez puxando para o ruivo. Essa cor carregava mais nas extremidades, que ao sol reluziam como ouro avermelhado, e dava reflexos diversos às sinuosas curvas dos seus múltiplos anéis. Quem olhasse para Trajano, deixava-se logo prender por aqueles cabelos tão belos, sem eles ficava sua fisionomia como outra qualquer, *falta de cunho especial e sem assinalamento. Nunca tiveram madeixas tanta importância; distinguiam um tipo, determinando-o perfeitamente*. Os cabelos de Trajano podiam figurar ao lado do beijo austriaco ou do nariz bourbônico. Num passaporte fora o sinal característico. *Se algum dia o possuidor praticasse um crime, bastaria cortá-los para tornar-se completamente outro*. A

⁵² BOSI, Alfredo, em 3.64, p. 249. Vide também, a este propósito, a análise da peça *Da mão à boca se perde a sopa*, do Visconde de Taunay, feita no capítulo 7 desta tese, na qual se pode notar que o humor é também a alternativa adotada.

⁵³ 3.34, p. 8 (os itálicos são meus).

polícia esbarraria de encontro ao cabelo à escovinha; em vão tentaria reconstruir o semblante: faltar-lhe-iam as louras e denunciadoras madeixas."⁵⁴

O tipo que se distingue pelas madeixas que o "determinam perfeitamente" compõe uma alusão clara ao herói romântico brasileiro criado em 1845. Estabelece-se, com esse aproveitamento, um movimento parafrásico, como se Taunay estivesse propondo uma *intertextualidade de semelhanças*⁵⁵, na esteira da tradição anterior. Ocorre que as coisas não permanecem assim:

"Mês e meio depois de fechada a correspondência, Trajano embarcava em Southampton e com belíssima viagem chegava à cidade de Santos. Tinha então 25 anos [em 1862, portanto], completo o desenvolvimento do corpo, a tez bronzeada do sol das viagens, o olhar firme, a barba totalmente cerrada. *O cabelo, aquele lindo cabelo, que tanta admiração causara, estava cortado à escovinha, rentezinho ao crânio.* Era o luto do amor perdido para sempre, aquelas madeixas não lhe omavam mais o rosto nem as esperanças se aninhavam mais em seu seio."⁵⁶

O corte dos cabelos rompe a trilha parafrásica e assinala a constituição de uma nova ordem de valores, ditados por contingência histórica. Estabelece-se uma espécie de "intertextualidade de diferenças" que, se não chega a ser parodística, incorpora o movimento de transformação do herói romanesco. Dado que é exemplar de uma certa literatura romântica brasileira, o destino ficcional atribuído ao investimento macediano aponta para uma dupla ruptura: com o que sustenta a representatividade do herói romântico e, em consequência, com o que lhe assegura a permanência.

O período correspondente à ação é extremamente pontuado, não só pelas datas que marcam o começo e o fim do romance, mas também por fatos, processos e detalhes históricos mencionados e por vezes ficcionalizados. Há diferenças de grau no aproveitamento ficcional desses dados que vão desde a mera menção, quase que *en passant* e de forma gratuita, com resultados que afetariam a unidade e a organicidade do texto, tornando a "inclusão indigesta", à incorporação dos mesmos como elementos decisivos para a composição estrutural da narrativa, "facilitando a sua digestão".

Como ocorrências claras da primeira destas duas atitudes narrativas podem ser citados os capítulos V e XXII, que tratam respectivamente de uma reunião

⁵⁴ 1.1.7, pp. 69-70 (os itálicos são meus).

⁵⁵ A expressão é cunhada por Affonso Romano de Sant'Anna, em 3.120a, quando procura nomear e descrever teoricamente o tipo de movimento artístico-cultural desenvolvido pela paráfrase, em oposição à paródia. Trata-se, em resumo, e da perspectiva das idéias, de considerar que "do lado da ideologia dominante, a paráfrase é uma continuidade (...) e do lado da contra-ideologia, a paródia é uma descontinuidade." (p. 28)

⁵⁶ 1.1.7, p. 125 (os itálicos são meus).

política entre os fazendeiros para a efetivação de um acordo conciliatório entre os partidos, e do encontro ardentemente desejado pelo pai - um português migrado para o Brasil - com o filho, estudante em São Paulo. Em ambos os casos, pode-se afirmar a autonomia dos capítulos frente ao romance: eles são facilmente descartáveis da narrativa e parecem responder somente a um mero propósito de registro histórico. As personagens que aí atuam são estereotipificações representativas ora das causas do fracasso da conciliação partidária, executada conforme o projeto do Marquês do Paraná a partir de 1853, ora das práticas de discriminação reveladoras da aversão pelos portugueses migrados ao Brasil. A este propósito, chamo a atenção para as palavras de Antonio Candido, quando, ao discorrer sobre o processo de formação da literatura brasileira, considera a questão da sua autonomia em relação à literatura portuguesa:

"O problema da autonomia [*da literatura brasileira*], a definição do momento e motivos que a distinguem da portuguesa, é algo superado, que não nos interessou especialmente aqui. Justificava-se no século passado, quando se tratou de reforçar por todos os modos o perfil da jovem pátria e, portanto, nós agíamos, em relação a Portugal, como esses adolescentes mal seguros, que negam a dívida aos pais e chegam a mudar de sobrenome"⁵⁷

Tais personagens de Taunay são tão estereotipados que, ou não aparecem novamente - o que reafirma, sob outra perspectiva, que o romance é montado sobre rupturas -, ou, se aparecem, é de maneira a confirmar e estender o alcance da atuação original. E tal estereotipagem vem acompanhada de um ingrediente de comicidade que procura garantir a intensidade crítica⁵⁸.

Sob a forma de digressão, pode-se arrolar, portanto, uma série de momentos em que o narrador poderia repetir a frase que escolhi como uma das epígrafes deste texto. Se ele mesmo se pergunta sobre os motivos de certas "considerações sem base nem proveito", existiria outra saída para uma eventual atribuição de sentido a elas que não a que faz lembrar o Meyer pintado por Martín García Merou? Até que ponto o espaço do romance seria adequado para a *catalogação* de impressões de toda ordem, e que tenham como fonte a própria experiência histórica? Ou por outra, não seria a digressão, por oposição ao andamento linear da narração, o formato mais consequente para compor as impressões sobre o tempo em momentos de crise? Neste sentido, o romance seria histórico porque remete constantemente à realidade factual ou porque oscila na

⁵⁷ 3.37, vol. 1, p. 28.

⁵⁸ Aliás, é pelo recurso classicizante aos extremos do cômico e do trágico que Taunay constrói o seu investimento crítico - considere-se, como dado para a comprovação de uma possível influência, as numerosas epígrafes aos capítulos, que atestam a assiduidade de um leitor claramente versado na tradição clássica ocidental.

eleição da forma mais condizente com a representação da realidade? E qual é a totalidade mais conseqüente: a que supõe a síntese, ou a que comporta sempre mais um acréscimo, sob pena de se ver desfigurada? O caráter descosido de *A Mocidade de Trajano*, que por vezes beira a crônica, ou uma infinidade de crônicas que se sobrepõem, se juntam, se somam, revela a equação narrativa fundada no acúmulo enciclopédico cujo limite é o próprio tempo: 1869 é o ano da escritura e o ano do final da história de Trajano. E essa coincidência parece não ser gratuita: é este ano, e apenas ele, o responsável pelo ponto final.

E por tudo isso, o romance faz lembrar as considerações de Michel Foucault que nos levam a pensar na arbitrariedade histórica de certos condicionamentos críticos:

"E esse jogo de remissões não é homólogo, conforme se refira a um tratado de matemática, a um comentário de textos, a uma narração histórica, a um episódio em um ciclo romanesco, em qualquer um dos casos, a unidade do livro, mesmo entendida como feixe de relações, não pode ser considerada como idêntica. Por mais que o livro se apresente como um objeto que se tem na mão, por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e relativa. Assim que a questionamos, ela perde sua evidência; não se indica a si mesma, só se constrói a partir de um campo complexo de discursos."⁵⁹

IV- AS FIGURAÇÕES DE UM BRASIL-EM-TRANSIÇÃO

"Dis-moi quel est ton paysage, je te dirai qui tu es."
(Jean-Pierre Charcosset, "Paysage grandeur nature")

"Quanto se exalça o ser pensante, olhando
alternadamente, na eloqüente frase de Vitor Hugo,
pelas duas janelas que ele soube abrir para dous
mundos: o infinitamente grande e o infinitamente
pequeno."
(Visconde de Taunay, *Memórias*)

A experiência adquirida na guerra contra o Paraguai é decisiva para a consideração do soldado-viajante como um *narrador-viajante*: tal condição é expressa nos inúmeros relatos de viagem, tanto os de caráter técnico-militar quanto aqueles em que o escritor exercita o seu virtuosismo descritivo, todos eles publicados durante e depois da guerra. A seqüência narrativa segue linearmente a trajetória das viagens: os dias transcorrem um após o outro e as estradas, pontes e rios vão sendo enumerados a cada passo. Tal comportamento narrativo obedece a uma dupla imposição: a de corresponder às expectativas militares, de composição de relatórios técnicos minuciosos em que a catalogação de dados é o critério

⁵⁹ 5.31, p. 26.

fundamental, e aquela ditada pela já tradicional perspectiva dos viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil e registraram passo a passo as suas impressões e observações. Trata-se então de uma submissão ao esquema já trilhado pelos relatos de viagem, que ilustro com um trecho do livro *Marcha das forças*:

"O espetáculo que se goza do alto da serra do Cubatão é uma das mais belas paisagens que é dado contemplar-se. A vista descortina imensa perspectiva, dominando todas as dobras da serra, a vastidão da planície que vai ter ao mar e oceano, até a última linha de sua curvatura. (...) Hoje, que se sobe pelo trem de ferro, difícil é apreciar-se uma das mais belas e justamente faladas cenas da natureza brasileira, de modo que, quem queira gozá-la placidamente, deve tomar a estrada de rodagem, cujos inconvenientes serão todos amplamente compensados, caso escolha um dia sereno e claro, ..."⁶⁰

O caráter *pitoresco* - 'próprio para ser pintado'⁶¹ - da visão espetacular da paisagem responde aos ensinamentos ditados pelo mestre Ferdinand Denis⁶² para a construção da natureza romântica, na sugestão da perspectiva melhor a ser adotada e na rejeição do trem de ferro pelo que ele traz de desvantagem na fixação da perspectiva. Outro fator de desvantagem liga-se à condição de soldado do narrador, que deve seguir o ritmo da viagem ditado pela guerra, o que faz ressoar vez por outra uma frase do tipo - "se eu fosse um viajante com tempo" ...:

"Os campos oferecem por todo o caminho ondulações pronunciadas; às vezes, fortes: há íngremes subidas e descidas cansativas. (...) À esquerda da estrada ergue-se um desses montículos, à maneira de pitorescas ruínas, que deveriam ser causa de interessantes estudos a algum viajante senhor de conhecimentos especiais e de tempo."⁶³

A frase escolhida para a primeira epígrafe deste texto foi retirada de um número da *Revue des sciences humaines*, dedicado especialmente ao tema "Écrire le paysage", e no qual há outros textos, de outros autores, que serão aqui objeto de citação. Ela sugere o jogo mágico e narcísico que subjaz a uma concepção de paisagem na qual se introduz o desejo do espelhamento, o de se fazer reconhecer, ou seja, o desejo de que a paisagem confirme a imagem que se tem de si mesmo. Tal é, pois, segundo Charcosset⁶⁴, a paisagem "estado de alma", tão cara aos

⁶⁰ 1.1.43, pp. 10-1. A primeira publicação deste texto se deu com o título "Relatório da comissão de engenheiros junto às forças em expedição para a província de Mato Grosso", em 1868, em anexo ao "Relatório do Ministério da Guerra" (Vide 1.2.41).

⁶¹ HOLANDA, Aurélio Buarque de - *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1 ed Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d., p. 1096.

⁶² Cf. 3.120.

⁶³ 1.1.43, pp. 125.

⁶⁴ 3.50.

românticos e tão insuficiente como forma de representação de nossa relação com o mundo. A razão desta insuficiência estaria, ainda segundo o autor, na ausência de percepção da evolução por que sempre passamos em nossa relação com a natureza, e que iria do *espaço da paisagem* para o *espaço geográfico*, nem absolutamente perdidos, nem totalmente prisioneiros de nossas referências habituais. Institui-se aqui, então, um outro jogo, o de uma alternância freqüente entre o estar perdido e o de adquirir referências que possam nos situar no mundo. Talvez seja um pouco desse jogo, ou dessa alternância, que considero em meu estudo sobre Taunay.

O meu propósito aqui é o de analisar duas imagens construídas pelo autor em suas *Memórias*, tidas por mim como manifestações alegóricas do intenso período de transição da história brasileira por que ele passou. Em princípio, o aparecimento delas é compatível com uma tendência do escritor a se mostrar sensível à natureza brasileira e manifestar essa sensibilidade nas belíssimas e numerosas descrições de paisagens que freqüentam toda a sua obra, não se distinguindo por isso de todas as outras. Prova desta tendência é por exemplo o seguinte trecho do mesmo livro:

"É colossal o círculo que o olhar abrange, dominando mil incidentes nas múltiplas dobras da serra, a vastidão da planície que vai ao mar e, além, o oceano fechado pela linha última da sua curvatura."⁶⁵

Aqui, e em vários outros momentos facilmente selecionáveis, a atenção dada aos aspectos geométricos do círculo, das dobras, da linha e da curvatura demonstra a consciência do grau de construção que envolve o conceito de paisagem: "é o traço visível na natureza do ato de ver", como nos ensina Patrice Thompson⁶⁶, que escreve também que "ao representar o que vejo, eu simulo o ato de ver, como faço seguindo os caminhos da visão."⁶⁷ E este ato de ver se encarrega também de estabelecer os limites do quadro que compõe a paisagem: apesar de colossal, de conter mil incidentes, múltiplas dobras, e contar com a vastidão, há o limite da linha última que dá conta da grandeza, mas também dos limites da representação. E além disso, a natureza é apresentada como uma totalidade, sugerida ao mesmo tempo pela individualização exaustiva da representação - *os mil incidentes* - e por sua unidade, formada pela abrangência do olhar. A totalidade, neste modo de representação, é, segundo Paule Richard, indissociável da variedade, que a manifesta⁶⁸. Trata-se aqui de uma atualização

⁶⁵ 1.1.44, p. 138.

⁶⁶ 3.137, p. 24.

⁶⁷ *Idem. ibidem*, p. 25.

⁶⁸ 3.113, p. 126.

típica da paisagem segundo a perspectiva romântica, herdeira já da impressão sensível provocada pelos investimentos técnicos dos panoramas e dioramas.

Por esta tendência são responsáveis a herança paterna e a tradição romântica, que legaram ao Visconde de Taunay a sensibilidade diante das representações pictóricas. Tanto o pai -Félix Émile Taunay- como o avô paterno -Nicolas Antoine Taunay- foram, como já dissemos, pintores de renome (e para testar essa afirmação, basta uma visita ao Museu do Louvre e ao Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro), ambos afeitos aos impactos da paisagem e das grandes cenas históricas, e responsáveis por uma linha de continuidade só rompida pelo filho e neto à custa das injunções determinadas por sua experiência histórica. E a esta linha de continuidade se acrescenta uma outra, a perfilada pelos famosos e já então tradicionais viajantes das expedições científicas que perscrutavam o interior do Brasil com o objetivo de inventariar a nação, ou o de torná-la conhecida através do conhecimento científico que se pudesse fazer dela. A citação desses outros trechos das *Memórias* procura dar conta da filiação do escritor a mais esta tradição:

"Todo o interior do Brasil se abria ante os nossos passos, nada mais, nada menos, e, certamente, a vastidão tem em si inúmeros atrativos e grandioso prestígio, a que se uniam pretensões científicas de certo alcance, fazer coleções de minerais preciosos, ou então descobrir, senão um gênero novo de planta, pelo menos uma espécie ainda não estudada e classificá-la - sonhos enfim, de mocidade em que havia bastante de pedantismo."⁶⁹

"Como é singular e singelo o aparelho secretor do veneno [*das cobras jararacas brasileiras*], aquela glândula sobre a qual repousa um dente curvo e móvel, furado por um canículo, ou simplesmente riscado de um regozinho! Cada pelo da ortiga urente apresenta idêntica disposição, o que mostra bem a admirável concatenação de vistas de toda a natureza, no desenvolvimento gradual das leis divinas que emanaram do Supremo Criador!... / Bem achada a denominação científica *crotalus horridus*."⁷⁰

Na ficção propriamente dita, os dois romances de Taunay que mais claramente evidenciam a experiência adquirida nas viagens para a guerra são exatamente *A mocidade de Trajano* (1871) e *Inocência* (1872). A leitura do primeiro pode revelar a sua construção sobre vários tipos de desvios: trata-se de uma solução estrutural, baseada em um recurso plástico - o desvio de um traçado previamente constituído - e sugerida pela experiência do soldado viajante, para a representação, como já vimos, das várias rupturas por que estava passando o

⁶⁹ I.1.44, p. 136.

⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 393.

Brasil na segunda metade do século XIX. O primeiro tipo é de ordem espacial e é a partir dele que a narrativa propriamente dita se origina:

"No transitado e péssimo caminho de Jundiai para Campinas, quem se desvie para a direita, ao sair do pouso de Capivari, onde um gigantesco jequitibá parece erguer-se às nuvens para desafiar os raios que já não o têm poupado, quem se desvie da estrada e tome uma trilha, chegará, por entre umbrosa mata, a um descampado que vai suavemente se desenrolando em uma colina, cujo alto é ocupado por vistosa casa de sobrado, alvo e hospitaleiro sinal entre as árvores de bonito e espaçoso jardim."⁷¹

Um segundo tipo de desvio é de caráter histórico e se manifesta na oposição entre o tempo linear e homogêneo da infância de Trajano, marcado pelo uso insistente do imperfeito do indicativo, e o tempo mais propriamente histórico, marcado pelo perfeito do indicativo e construído sobre uma série de rupturas, já estudadas no item anterior. Nas várias mortes que se sucedem umas após as outras, representando quebras em processos de continuidade histórica; na promessa de continuidade da ordem familiar, presente na coincidência dos nomes da mãe de Trajano e da mulher por quem ele se apaixona - ambas se chamam Amélia -, e frustrada pelos impedimentos de ordem econômica; na formação profissional de Trajano, que não chega a ser o bacharel e o político atuante, como era de regra entre os filhos de "boa família"; nos projetos administrativos da fazenda de propriedade da família e, finalmente, no projeto político da Conciliação, elaborado pelo marquês de Paraná, "executado" a partir de 1853, e fracassado nos anos seguintes.

Desse segundo desvio origina-se um terceiro, de caráter histórico-literário, e que incide sobre a tradição inaugurada pelo romance romântico brasileiro. O romance *O moço loiro* é lido pelas personagens e representa a vontade romântica de identificação com o destino do protagonista. A insistência nos cabelos loiros de Trajano como um fator de identificação pessoal e o seu posterior corte à escovinha insinuam metonimicamente a ruptura com esta tradição, como um resultado das contingências históricas.

No romance *Inocência*, o desvio de ordem espacial também é acionado para a composição da narrativa. Trata-se de uma alteração dos trajetos do sertanejo típico, descrito no antológico primeiro capítulo, que sempre viaja, sem nunca parar, e que perpetua em gerações consecutivas a sua trajetória no tempo, configurando um esquema do tipo "tal pai, tal filho":

"Haviam, no entretanto, os dois [*Cirino e Pereira*] caminhado bastante. Inclinara-se o Sol, e a brisa da tarde já vinha soprando do lado do poente, viva, perfumosa.

⁷¹ 1.1.7, p. 23.

- Nós, observou o mineiro, com a nossa conversa deixamos os animais vir cochilando. Também já está aqui a minha estradinha. Meta-se nela, Sr. Cirino; em frente ia parar no Leal: minha fazendola começa neste ponto à beira do caminho e vai por aí afora até bem longe, um mundo de alqueires de terra que nem tem conta.

Ao dizer estas palavras, tomou ele a dianteira e dando a direita à estrada geral, enveredou por uma aberta larga e muito sombreada que levava com voltas e tortuosidades à margem rasa de copioso e límpido ribeirão, de álveo areento, todo ele. Que sítio risonho, encantador, esse, ensombrado por majestosa e elegante ingazeira, toda pontuada das mimosas e balsâmicas florezinhas!⁷²

Mas neste romance, os desvios não se dão de forma a romper com a tradição romântica, e, ousou afirmar, talvez seja esse um dos fatores de garantia do seu sucesso literário. As numerosas epígrafes, os insistentes itálicos e as recorrentes notas de pé de página explicativas dos termos e expressões próprios à região registram a diferença entre o *aqui* do narrador e do leitor urbano e o *lá* das personagens sertanejas. Trata-se de uma única voz, que incorpora a diferença, mas que não chega a incorrer em desvios de outra ordem, como as que eu pude perceber no livro anterior.

A viagem memorialística de Taunay, por outro lado, faz lembrar o conto de Borges chamado "Funes el memorioso"⁷³. Tal como Funes, que nunca consegue se esquecer de nada e que, por isso, o tempo gasto para lembrar coincide com o tempo da experiência lembrada, Taunay pretende a reprodução exaustiva e completa da sua vida, como critério de verdade para o método mnemônico. Tanto é assim que a comparação com Rousseau é inevitável:

"Não é Jean-Jacques Rousseau que queria apresentar a Deus as suas *Memórias* para lhe ser dispensado qualquer interrogatório, tão individuado havia sido em contar tudo quanto lhe sucedera em vida?"⁷⁴

Mas, se as conseqüências para Taunay não são tão drásticas como as de Funes, elas importam em contradições ao método, que aos poucos vão se manifestando. Os movimentos erráticos em relação à pretendida ordenação cronológica e as constantes digressões e volteios no tempo demonstram a fragilidade do método. E essa pretensão, no caso da ficção, manifesta uma vontade de abrangência, de cunho nitidamente iluminista, cujo resultado tem como efeitos, aos olhos da crítica, a má composição, as excrescências, as gratuidades de certos trechos e as divagações constantes, de que o próprio narrador manifesta a consciência: "Pena pueril, detém-te! Para que essas considerações sem base nem proveito?" é o que podemos ler em um trecho do primeiro romance.

⁷² 1.1.36, pp. 21-2.

⁷³ 3.17, pp. 485-90.

⁷⁴ 1.1.45, p. 25.

O que singulariza as imagens que quero em especial analisar, porém, é o fato de aparecerem *somente* no livro póstumo das *Memórias* e, portanto, em meio às condições impostas por este gênero narrativo e, mais especificamente, nas que o seu autor exigiu para a sua publicação. Quando, somente em 1948 elas são publicadas, a curiosidade de muitos dos seus (ávidos?) leitores se vê duramente frustrada: afinal, o que aquele texto continha de tão condenável a ponto de justificar a exigência de manter os volumosos manuscritos na famosa "Arca do Sigilo" do IHGB, durante todo um intervalo de cem anos, a contar de 1843, data do nascimento do seu autor? O que teria este texto de diferente em relação aos anteriores? Por que tamanho sigilo?

A rigor, a não ser as revelações sobre os atos políticos do Conde d'Eu, demasiado liberais para um membro do governo monárquico, e a menção, saudosa demais, talvez, para um homem casado, à grande paixão tida durante a guerra contra o Paraguai pela índia Antonia, nada mais do que é ali narrado constitui revelação cujo impacto possa justificar o grau de sigilo em que o texto foi originalmente envolvido. Não estaria, pois, simplesmente no contrato ético estabelecido com o leitor, o de dizer a verdade, o que determinaria a exigência do intervalo de ineditismo da obra. A meu ver, e muito pelo contrário, a justificativa para um adiamento tão longo da publicação pode se valer de outros argumentos, menos explicitamente demonstráveis. E é no próprio memorialista que começo a encontrar fundamento para essa minha decisão de me desviar do que possa ser só na aparência mais evidente. Trata-se do trecho em que ele narra o momento em que desiste de continuar a descrever os peixes da região de Mato Grosso:

"Basta de pescado. Afinal o meu leitor de 1943 interessar-se-á por todas essas coisas?"

Não achará que teria empregado melhor o tempo, adiantando-me nestas *Memórias*, contando fatos da minha vida mais palpitantes, tratando de dar aos homens, com quem vivi, idéia exata, proveitosa à apreciação dos sucessos em que todos nos achamos envolvidos? É, contudo, tão difícil falar exatamente dos outros!

A disposição dominante, avassaladora acentua-se logo, dizer mal, tanto mal quanto bem nos mereça o nosso próprio eu. Que condescendência então! Recapitulando a minha vida, olhando para o passado, acho que deixei escapar bem boas ocasiões de aparecer, de me distinguir, de prestar bons serviços a mim e ao meu país."⁷⁵

A decisão de adiar o diálogo com o leitor, inscrevendo-o somente no futuro, dá imediatamente a medida da solidão em que o escritor se achava. E essa disposição, a de se manter solitário, tem a ver não tanto com o que é dito dos outros, mas com o que é revelado de si mesmo, do momento em que esse

⁷⁵ 1.1.44, p. 222.

narrador se constitui. Quero me deter portanto nas condições da escritura autobiográfica explicitadas por Taunay, antes de analisar as imagens. É para isso cito um trecho do artigo intitulado "Le style de l'autobiographie", de Jean Starobinski: "não haveria motivação suficiente para uma autobiografia se não houvesse a intervenção, na existência anterior [do narrador], de uma modificação, de uma transformação radical."⁷⁶ A ausência desta condição determinaria, ainda segundo Starobinski, o aparecimento de uma narrativa reduzida unicamente à série de acontecimentos exteriores que teriam composto a vida do autobiografado, o que poderia determinar até a eliminação da exigência de um narrador em primeira pessoa. Uma transformação interior, porém, e o caráter exemplar dela, ofereceriam matéria para um discurso narrativo tendo o *eu* por sujeito e por objeto. Ou seja, uma condição discursiva para a autobiografia seria a de o eu narrado ("contado") ser diferente do eu atual ("o que conta"). É mais ou menos sob estas condições que são escritas as *Memórias* do Visconde de Taunay, nos últimos anos de sua relativamente curta vida.

Voltemo-nos, pois, então, para as famosas imagens. A primeira chamo de *imagem de ida*, por ter-se originado na viagem de ida à guerra contra o Paraguai. Ela aparece no trecho em que o narrador se encontra em um dos muitos e angustiantes momentos de parada, e de inatividade quase completa, da viagem da coluna expedicionária a caminho de Mato Grosso. São momentos em que inquietações de ordem existencial o sobressaltam e desanimam: "Que horas longas! Que dias intermináveis! Que pensamentos tão sombrios e todos convergindo para uma solução única - a morte."⁷⁷ É entre o desenhar de um ou outro peixe da região em seu *Álbum de vistas*, desempenhando uma atividade típica dos viajantes tradicionais, que o narrador observa o "curiosíssimo trabalho do inseto *formica leo*" em sua luta pela sobrevivência.

A reprodução das fases sucessivas do trabalho do inseto é *minuciosa* e reveladora da admiração do observador frente à eficiência constatada. Em seu estado *larvar*, o inseto tem sua *locomotoção dificultada* pelo tipo de constituição física, o que lhe traz *problemas de subsistência*, acentuados pelo voraz apetite, "peculiar ao seu estado de transição". Diante disso, a larva "se vê obrigada a recorrer à mais engenhosa e bem concebida das armadilhas, de feição para assim dizer científica."⁷⁸

As intensas semelhanças entre esta descrição da larva e o estado da coluna expedicionária parecem não ser meras coincidências: a identificação de base alegórica quase que se impõe ao leitor. Tanto é que, a partir daí, o observador se

⁷⁶ 3.134, p. 261.

⁷⁷ 1.1.44, p. 201.

⁷⁸ *Idem, ibidem*, p. 202.

põe a relatar passo-a-passo a construção da armadilha e a execução das presas, e utiliza-se de um vocabulário e de expressões técnicas e tático-estratégicas, bélicas mesmo, que dizem mais dele enquanto *engenheiro militar* do que propriamente do inseto descrito: "*rigorismo geométrico*", "*movimento balístico*", "*circulozinhos concêntricos*", "*máquina de guerra*" são algumas das que mais evidenciam os olhares contrapostos de *engenheiro militar* e *expedicionário naturalista* que se manifestam em Taunay.

O sucesso da armadilha, fruto da eficiência com que o potencial *natural* é acionado, é motivo de admiração e atenção do narrador que, inclusive, dedica todo o capítulo seguinte à reflexão sobre a validade e as inconsistências da teoria da evolução⁷⁹:

"Sem exageração posso afirmar que passei, acorçado ou sentado no chão, largos trechos do dia, acompanhando com viva atenção todas aquelas cenas de perfidia e morticínio, e esperando, com pachorra igual à do interessado, que alguma incauta criaturinha viesse figurar nesse incidente dramático, ainda que minúsculo, da natureza."⁸⁰

O aspecto diminuto de tais atitudes narradas ganha uma dimensão grandiosa se se admite a possibilidade de lhe atribuir um alcance representativo: o estado larvar do inseto, provisório e transitório portanto, se assemelha ao estado em que se encontra o país nesse momento histórico de transição para a modernidade, de que a guerra representa uma fase. O que os distingue, no entanto, é a eficiência, de um lado, e a incompetência, de outro, nas soluções projetadas para a sobrevivência ao estado *larvar*. Cabe lembrar, contudo, que o momento da *experiência de contemplação e admiração* pelo trabalho do inseto é aquele em que há *ainda*, para o escritor, a expectativa de sucesso do exército brasileiro, como instituição virtualmente capacitada para construir e manter uma imagem de nacionalidade fundada em valores como defesa da pátria e heroísmo. E que o momento do relato da *experiência* (1893), juntamente com a frustração diante dos fatos imediatamente anteriores da história brasileira, pelos quais o exército foi grandemente responsável, é aquele em que esses valores passam a ter uma nova dimensão. E que, diante disso, a leitura do *formica leo* é determinada por contingências históricas diferenciadas e relativas a um Brasil anterior (*o do momento da experiência*) e a outro posterior à guerra (*o do momento do relato*). Desse contraponto fundado na oposição *eficiência natural vs. incompetência militar*, criam-se então projeções alegóricas do país em que, num momento

⁷⁹ *Idem, ibidem*, pp. 205-8.

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 203.

anterior, o inseto seria tido como exemplo-a-ser-seguido, e no posterior, como crítica nostálgica ao próprio andamento da história.

A segunda imagem, a do caleidoscópio colossal, chamo de *imagem de volta*, já que ela surge no momento da volta da viagem, quando Taunay é encarregado de seguir na frente da coluna, ou do que restou dela, para levar as notícias para a corte. No livro *Memórias*, a impossibilidade de parar para observar aparece em forma de lamento, quando o narrador é encarregado de viajar na frente da força expedicionária a fim de levar "rapidamente" à Corte as tristes notícias a respeito da Retirada da Laguna:

"De tanto interesse teria sido contemplar de perto, examinar, ver todos aqueles aspectos da serra com pausa e vagar, tirando de muitos pontos cuidadosos desenhos ou, quando não, os contornos e perfis mais grandiosos e pitorescamente originais de suas linhas; mas era-me pouco o tempo para caminhar, caminhar!

Tudo passava ante o meu olhar embelezado rápida e fugazmente como que num colossal caleidoscópio, e cada perspectiva nova, cada singularidade inesperada mais me aumentava o pesar de não poder parar um pouco, pelo menos."⁸¹

A sucessão rápida e cambiante de impressões ilustrada pela imagem do caleidoscópio colossal, que produz um número infinito de combinações de imagens de cores variegadas, não corresponde aos propósitos tradicionais de fixação do olhar para a observação e a contemplação, e a conseqüente reprodução romântica da natureza. A composição se depara com a velocidade e lamenta a impossibilidade de perseguir a trilha dos tradicionais viajantes que, contrariamente a ele, tinham tempo e condições para descrever uma natureza que se deixava apreender pelo olhar com contornos mais nitidos e menos cambiantes. Se o caleidoscópio é o pequeno instrumento cilíndrico, em cujo fundo há fragmentos móveis de vidro colorido, os quais, ao se refletirem sobre um jogo de espelhos angulares dispostos longitudinalmente, produzem um número infinito de combinações de imagens de cores variegadas, ele pôde, aos olhos de Taunay, ser a imagem tida da natureza na sucessão rápida e cambiante que agora ele passa a ter dela, ou seja, nesta representação do olhar construída pelo ato de ver.

O *formica-leo* e o caleidoscópio colossal são, pois, e essencialmente, imagens de oposição, construídas por Taunay a partir de uma perspectiva histórico-projetiva que se frustra ao ter que encarar o que não gostaria de ver. Se na primeira delas, a minuciosidade quase estática da composição institui traços reveladores do olhar simultaneamente extático e frustrado do soldado em conflito com a formulação "conveniente" de uma imagem de Brasil que se queria pródiga em eficiência técnica, na outra, a composição se depara com a velocidade e

⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 374.

simula o ato de ver pela distorção do visto, lamentando nostalgicamente a impossibilidade de reviver as condições dos viajantes expedicionários.

Assim, se antes da escritura das *Memórias* (por volta de 1893), ou mesmo antes da Proclamação da República, Taunay ainda tinha motivos para ilusões em relação à nação brasileira - e essas ilusões têm a ver em última análise com o seu monarquismo arraigado, com os seus projetos enquanto senador do Império, em suma, com a sua sempre profunda (mas também sempre polêmica...) integração às instituições -, depois disso, todas as turbulências por que passou a nação são vistas sob uma nova perspectiva, a que tem na decisão de auto-marginalização sua marca mais evidente.

PARTE 3

A CONSTRUÇÃO DE UM ESTILO

A terceira parte desta tese reúne os quatro capítulos finais. A idéia de "construção" atribuída ao estilo de Taunay é entrevista a partir da análise dos seus textos memorialísticos, de alguns dos seus inúmeros discursos, da sua habilidade enquanto descritor e de algumas de suas peças teatrais. São perspectivas que conjugam tanto o fato de caracterizarem o escritor sob determinados aspectos - que julgamos essenciais e decisivos no processo de sua escritura -, quanto o de serem pouco estudadas pela crítica que sobre ele se pronunciou.

CAPÍTULO IV

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE UM ARAUTO DO REI

"Dava pra ver o tempo ruir..."
(Djavan, *Oceano*)

"La memoria (...) ha indubbiamente qualcosa a che fare non solo con il passato, ma anche con l'identità e quindi (indirettamente) con la propria persistenza nel futuro."
(Paolo Rossi - *Il passato, la memoria, l'oblio*)

I- O MÉTODO E O PROCESSO MNEMÔNICO

A memória do Visconde de Taunay já foi associada por biógrafos e críticos à qualificação de *prodigiosa*. A leitura dos textos que a registram, além de confirmar a pertinência do adjetivo, leva a pensar em seus fundamentos: como se constrói esse prodígio? que ordem de valores preside à sua elaboração? de que recursos mnemônicos o autor se utiliza? - eis algumas das várias perguntas possíveis de se formular diante de tanto material impresso. "Minha vida são (e serão) vários livros abertos" - é o que uma voz, que se quer predominante sobre outras, parece insistir em pronunciar através dos textos, com a ilusão de que esta identificação realmente se estabelece e com o desejo de que a importância auto-atribuída à própria existência leve o leitor futuro a abrir de fato estes livros. Nesta voz se percebe os laços da memória não só com o passado - o que é óbvio - mas também com a constituição de uma identidade que se quer histórica, através do seu desejo de ocupar um lugar e persistir no futuro.

Humano porque nostálgico, Taunay se distingue dos *replicantes* do filme *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott, descritos e analisados por Paolo Rossi nos seguintes termos, por mim livremente traduzidos do original italiano:

"Distinguem-se dos humanos somente por uma menor emotividade (que é dificilmente mensurável) e pelo fato de serem privados de memória. Quando tentam escapar da sua situação de escravidão, o seu primeiro problema é a construção de uma autobiografia, de um passado que seja possível recordar e documentar. Dos humanos verdadeiros os replicantes não invejam somente uma vida mais longa, mas a contínua presença, em sua vida, de um passado cheio de recordações, pelo qual possam experimentar o desconhecido sentimento da nostalgia."¹

¹ 8.19, p. 20. O trecho original é o seguinte: "Si differenziano dagli umani solo per una minore emotività (che è difficilmente misurabile) per il fatto di essere privi di memoria. Quando tentano di sottrarsi alla loro situazione di schiavitù, il loro primo problema è la costruzione di

Mas a distinção - por ora mantida irrestritamente - vai além do poder humano de recordar: no caso de Taunay, a recordação existe em seu registro porque um mundo ruiu - o da monarquia - e a nostalgia surge para preencher o vazio e recompor as possibilidades de resistência frente ao futuro.

Da ilusão acima mencionada - a de uma identificação irrestrita entre a vida e o que dela é escrito - dão conta vários momentos das várias narrativas memorialísticas, advindo daí justamente uma das justificativas para o valor que o autor lhes confere. Num trecho significativo do livro *Memórias*, em que seu autor se pergunta se a reprodução fiel do comportamento de certo professor de latim não resultaria em rebaixamento moral do texto, pode-se ler o seguinte:

"Não imprimirá a minha falta de reserva feição pornográfica ou, melhor, pouco asseada, a estas páginas? Vacilo, embora o valor de memórias, escritas na *absoluta sinceridade* de recordações, esteja exatamente na *lealdade* com que são redigidas e na *confissão minuciosa* de *todos* os fatos que compõem uma existência, de *todas* as observações que os sucessos provocaram."²

O instante de vacilação diante de um constrangimento de ordem moral deve se submeter ao que julga ser o ideal na postura memorialística, em que valores como sinceridade e lealdade e critérios como o da minúcia e o da abrangência da totalidade devem compor um *método* memorialístico a ser perseguido a todo custo e sem restrições de espécie alguma. E essa aspiração a reproduzir a totalidade dos fatos e impressões se apóia no paradigma romântico já aqui mencionado, o de Jean-Jacques Rousseau, como medida alegórica da pretensa falta de limites para o ato ambicioso:

"Não é Jean-Jacques Rousseau que queria apresentar a Deus as suas *Memórias* para lhe ser dispensado qualquer interrogatório, tão verdadeiro e individuado havia sido em contar tudo quanto lhe sucedeu em vida?"³

Mais significativa do que essa atitude perante o passado, porém, é a constatação de que, apesar da declaração de princípios em favor da "qualidade" da memória, Taunay não chega, em nenhum momento, a revelar as minúcias do comportamento do professor, restringindo-se apenas a comentá-lo. A não ser que a simples menção à sua "intemperança de boca", às suas "palavras descabeladas", às "sentenças de Marcial, Apuleio e Petrônio, capazes de fazer corar um tambor

un'autobiografia, di un passato che sia possibile ricordare e documentare. Agli uomini veri i replicanti non invidiano solo una vita più lunga, ma la continua presenza, nelle loro vite, di un passato intessuto di ricordi, verso il quale se possa provare lo sconosciuto sentimento della nostalgia."

² I.1.44, p. 24 (os itálicos são meus).

³ *Idem, ibidem*, p. 25.

de artilharia, e só próprias de quartéis e *repúblicas* de estudantes"⁴, já fosse, apesar da adjetivação de cunho moralizante, um indício de "falta de reserva"...

Um outro contraponto dessa pretensão ambiciosa, para a qual Taunay em princípio não vislumbra qualquer tipo de contrangimento, encontra-se em uma frase que o amigo Marques da Cruz "costumava dizer, em rasgo humorístico: 'Qual, a tal *Retirada da Laguna* nunca se deu. Tudo saiu da cachola do Taunay!'"⁵. O humor da frase se baseia no fato de Taunay ter sido o único brasileiro a registrar os passos do episódio, seja em documentos oficiais pelos quais foi responsabilizado, seja nas paisagens desenhadas em seu *Álbum de vistas*, seja enfim no famoso livro em que relatou os fatos. Aliás, por uma estranha ironia, foi esse mesmo amigo que se incumbiu de lhe entregar o exemplar do jornal paraguaio *El semanario de avisos y conocimientos utiles*⁶ - encontrado em Curupaiti, em maio de 1868 - em que os mesmos fatos são narrados sob a perspectiva da imprensa *oficial* paraguaia. A publicação anexa ao texto d' *A Retirada da Laguna* se justifica nos seguintes termos:

"Para nós é do maior valor como documento contraditório. Deste espelho, tão fiel no que diz à série dos fatos, quanto mentiroso quando os aprecia, ressalta a exaçação da nossa narrativa e a terrível natureza dos perigos que saltaram a coluna brasileira."⁷

Se se trata de uma palavra contra a outra, quem garante que a distorção na apreciação dos fatos encontra-se somente no "espelho" paraguaio? A contradição estaria no conteúdo do documento-em-si, ou no uso tendencioso que Taunay faz dele, ao pretender que sirva como medida da "exaçação da [sua] narrativa"? Em termos mais simples, o que faz com que cada uma das partes arrogue a si a posse da verdade? E justamente num momento histórico ideologicamente crítico em que valores nacionais estão em causa e em vias de se (re)estabelecer?

Mas o alcance da significação da frase de Marques da Cruz ultrapassa o que justifica o seu tom humorístico: ela exprime também, no seu relativo exagero, o potencial de inventividade, de desejo de construção de *uma* verdade concebida como a *verdade-em-si*, ou no mínimo a carga de impressões pessoais contidas nos relatos memorialísticos. Ela alude ao resultado que é sempre uma *leitura* dos fatos, e não os fatos em si: "O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação dos vestígios, mas também a releitura desses vestígios", é o que nos

⁴ *Idem. ibidem*, p. 25.

⁵ *Idem. ibidem*, p. 346.

⁶ I.1.11, pp. 141-4.

⁷ *Idem. ibidem*, p. 141.

diz J. P. Changeux⁸. Taunay se transforma, *neste sentido*, num Dom Casmurro da Retirada, em que o silêncio de Capitu corresponde à apreciação mentirosa dos fatos (no caso, à paraguaia).

A intensidade do desejo de fidelidade ao método proposto pode também ser ilustrado pelo trecho em que comenta o quadro de Pedro Américo, a *Batalha de Campo Grande*, alusivo a um dos confrontos bélicos da Campanha da Cordilheira:

"O Príncipe [o Conde d'Eu] montava bonito cavalo rosilho, animal porém, muito manso, dócil e calmo, no meio do fogo e que nunca se lembraria de empinar-se todo, tomando visos de verdadeiro repuxo, como imaginou o pintor. O capitão de voluntários, Almeida Castro, pegou, decerto, no freio do animal, para embargar o passo ao Conde d'Eu; mas, se bem me lembro, estava então a pé e não cavalgava o fogosíssimo e agauchado bucéfalo desenhado no grande painel, pertencente hoje à Escola Militar da Praia Vermelha. Nem lá havia frade algum, pois frei Fidélis de Ávola se achava neste momento, no Estado Maior do general Vitorino, Barão de São Borja."⁹

A correção da inverossimilhança atribuída ao quadro, baseando-se em detalhes quase-ridículos como o das características reais do cavalo do conde d'Eu - incapaz por isso de empinar! -, e o da situação momentânea do capitão de voluntários - a pé e não a cavalo -, funciona, na economia do método, como a criação de um contraponto negativo, enquanto questionador do falseamento dos fatos, que visa garantir a imparcialidade do relato. E esta correção ainda recebe como acréscimo, em nota de rodapé, uma "informação" a respeito do memorialista: "Ali [no quadro] estou com cara espantada, coisa que nunca tive em ocasiões de perigo, gabo-me disto". As exagerações de artista e a imaginação do pintor encontram na testemunha ocular o questionamento de seu trabalho. E, a menos que ele nos convença de que nunca teve realmente cara espantada em situações de perigo¹⁰ - imagem, aliás, imprópria para um herói nacional a ser fixado plasticamente pela pintura oficial -, o método vai se concretizando com feições cada vez mais imprecisas, mas ao mesmo tempo cada vez mais reveladoras.

Para exemplificar a instabilidade do método, pode-se lembrar, por exemplo, que é a mesma testemunha ocular a responsável pela descrição de um

⁸ *Apud* 8.9, p. 11.

⁹ 1.1.44, p. 524.

¹⁰ Valeria a pena lembrar aqui, principalmente pelo que traz de contraditório, o episódio em que Taunay, tendo-se deparado sozinho com um grupo de paraguaios e sem ter tido nenhum confronto violento com eles, conclui assim o relato: "Contei o episódio aos companheiros e nessa noite valeu-me ele descarga terrível de nervos. Acordando, de repente, comecei a tremer de medo, sim, positivamente de medo, e por tal modo que a minha camisinha de vento era violentamente sacudida." 1.1.44, p. 531.

"quadro" em que a perspectiva de quem olha - e cria - parece ser a mesma de Pedro Américo, já que importa numa heroicização das personagens representadas. Em vista da exemplaridade do trecho, ei-lo reproduzido por inteiro, apesar de sua extensão:

"Na qualidade de encarregado do *Diário do Exército*, posição cômoda, que não me sujeitava imediatamente a nenhum chefe, andava eu mais ou menos isolado, quase sempre no Estado Maior do Príncipe, mas muito à vontade a ir de um lado para outro.

Foi quando, por sol resplendente, vi se prepararem as colunas de ataque, no alto dos outeiros vizinhos. O espetáculo era positivamente deslumbrante, a ansiedade geral.

Terminara o bombardeio, de maneira que a fumaça, que se havia acumulado na baixada, como impenetrável e denso véu, de todos os lados subia, adelgada cada vez mais, tangida por brisa esperta, quase frígida.

Aí destacou-se, à frente de todos, da outra banda daquela em que me achava, um homem só, montado num grande cavalo branco, cujo pêlo brilhava à luz do dia como se fora um animal todo de prata. Começou a descer o declive com a maior calma e majestade, embora logo se tornasse alvo de nutrida fuzilaria e até tiros de peça.

Perguntei a um soldado de cavalaria que por junto de mim passou: '-Quem é aquele cavaleiro?'

'-É o general Osório', respondeu-me.

E a estas simples palavras, de mim se apoderou tal frêmito de entusiasmo que quisera estar ao seu lado, ante os olhos de todo o Exército Brasileiro.

São atos destes que arrebatam os homens, até os mais frios e céticos e os levam à morte, afrontando extraordinários, quase inacreditáveis perigos.

(...)

Acredito bem que todos, todos sem exceção, experimentaram aquele imenso choque elétrico, que nos faz fuzilar pela espinha dorsal o frio das grandes emoções."¹¹

O efeito de choque elétrico provocado por um conjunto de detalhes que em outras circunstâncias talvez fossem fortuitos, como o véu de fumaça "providencial" que envolve a cena, o brilho de prata que se reflete do cavalo, e as palavras que identificam a personagem, é o mesmo que parece ser de intenção de Pedro Américo. Além disso, a certeza expressa de que o sentimento é comungado por "todos sem exceção" constitui-se numa tentativa de garantir que os outros olhos presentes também sejam testemunhas do relato, de modo a assegurar tanto a sua veracidade como a pertinência do embevecimento comum frente ao ato de heroísmo. Neste sentido - o de criar uma aura de idealização na caracterização do herói e da conseqüente construção de uma imagem da guerra - Pedro Américo e Taunay se igualam na indistinção de verossimilhanças românticas e são os dois por isso passíveis do mesmo questionamento feito pelo segundo ao primeiro. E aqui relembro uma pergunta já feita: o que faz com que cada uma das partes se

¹¹ *Idem, ibidem*, pp. 501-2.

arrogue a si a posse da verdade? Ou, em termos que mais me interessam: que garantias Taunay tem para manter a verdade que quer construir?

Na estruturação das narrativas, porém, o critério para identificar versão e fato, e criar com isso uma impressão de imparcialidade, parece ser o da reprodução da ordenação seqüencial dos fatos no tempo - e basta para isso considerar as partes em que é dividido o texto das *Memórias*, que coincidem com as fases consecutivas da vida de seu autor¹² -, o que constitui talvez o fundamento principal do método mnemônico a ser em tese perseguido. A base filosófica dessa atitude perante a própria vida se evidencia se pensarmos na corrente de pensamento de maior difusão na época e no alcance de sua influência no pensamento de Taunay. Em um trecho das *Memórias*, no qual narra a sua participação na cerimônia religiosa que marca o início na carreira política brasileira da época, lemos o seguinte: "Repassava eu, em mente, toda a minha vida de então, como que chegado a um ponto de parada, de onde tinha começo uma *evolução* nova e de ordem diferente."¹³ Não é apenas o emprego da palavra que alude à doutrina filosófica iniciada por Spencer em 1857 e que se disseminou pelo mundo ocidental a partir da segunda metade do século XIX; é também a concepção, implícita na frase, de que a realidade e a vida são formadas por fases de complexidade crescente, compondo um processo único, contínuo, linear, e necessariamente progressivo. (É esse também, aliás, o fundamento que justifica a admiração que a mescla de observador da natureza e de soldado manifesta pelo inseto *formica leo*, já analisado no capítulo anterior).

Mas a causalidade de base cronológica implícita nesta concepção não encontra respaldo nas instigações da casualidade repentina:

"Toda a nossa vida é tão complexa, tão cheia de minúcias e incidentes, que se torna impossível narrá-la com o seguimento que tiveram os fatos. Terei, assim, não poucas vezes, de retroceder sobre os meus passos e, abrindo longos parênteses, referir-me a fatos atrasados e que, por singular fenômeno mnemônico, de súbito, quando menos se espera, se apresentam à memória, ao tratarmos de assuntos totalmente diversos e muito posteriores.

Não é tão freqüente, ao ouvirmos ou escrevermos um nome, recordarmo-nos, repentinamente, de outro quanto possível diferente, que nos fugira, com rebeldia, da lembrança?"¹⁴

A relativa frustração do método é aqui explicada pela complexidade da vida. Mais do que isso, porém, a pressão da memória involuntária, que se manifesta repentina e inesperadamente, causando estranheza e desempenhando um papel semelhante ao da *madeleine* proustiana, revela a influência do presente

¹² Neste sentido, só a doença e a morte interrompem a consecução do método.

¹³ 1.1.44, p. 589 (o grifo é meu).

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 124.

(da rememoração) sobre o passado, que não pode ressurgir mais com as garantias pretendidas de pureza, isenção ou neutralidade. Frustra-se, portanto, o empenho positivista baseado na causalidade sob a sua forma de "conexão *empírica* ou temporal, pela qual o efeito não é dedutível da causa, mas é previsível na sua base pela constância e uniformidade da relação de sucessão"¹⁵. É um empenho, aliás, semelhante ao dos historiadores de orientação também positivista, que, segundo Pierre Nora, "consistiu precisamente, por um lado, em fundamentar a história no estudo do passado, *cuidadosamente separado do presente*, e, por outro, em movimentar esse passado por um *encadeamento contínuo de 'acontecimentos'*"¹⁶.

O método estabelecido inicialmente se esvai nas contingências do processo rememorativo, em que as constantes digressões, os movimentos de avanço e recuo no tempo e outros traços da ação do presente acabam por imprimir na narrativa marcas indeléveis, configurando uma contradição da qual Taunay não consegue escapar: "Quanto, porém, me tenho desviado do assunto que tratava!"¹⁷ é uma frase que, com leves alterações, está presente em toda a narrativa. Numa tentativa de tentar perceber os caminhos que os desvios percorrem, reproduzo e comento alguns trechos em que esta contradição se manifesta:

"A vida ainda tinha que me proporcionar bem bons trechos, que deveras compensaram largamente não pequenas contrariedades e até grandes aborrecimentos, conforme irei contando com mais método, à medida que as datas se forem tomando mais frescas e recentes."¹⁸

Neste balanço da vida em que o saldo é positivo, a qualidade do método é encarada como dependente da maior proximidade das datas em relação ao presente, o que representa momentaneamente a confirmação da vantagem de perseguir a ordem cronológica em que os fatos se deram.

"Neste ano de 1868 dois fatos se salientam particularmente na minha memória, a morte do meu companheiro (...) e o casamento de minha irmã Adelaide..."¹⁹

A memória é acionada a partir de uma motivação emocional, mas as datas continuam sendo um critério, senão para a rememoração, pelo menos para a sua reprodução na narrativa, a tal ponto que as digressões são encaradas como

¹⁵ ABBAGNANO, Nicola - *Dicionário de filosofia* (trad. de A. Bosi *et alii*). 2 ed. São Paulo, Mestre Jou, p. 117.

¹⁶ NORA, Pierre - "O retorno do fato". In: 5.49, p. 180 (os itálicos são meus).

¹⁷ 1.1.44, p. 543.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 350.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 431.

inclusões que não fazem parte dela: "No dia 11 de julho (continuando do ponto em que havíamos *deixado a narrativa*)..."²⁰

"Deixemo-nos porém de filosofar, alongando demasiado esta narrativa. Não devo abusar do meu leitor de 1943. Quisera contar-lhe com especificação e método o que lá nos Morros me aconteceu de mais curioso; mas não posso - há por força de haver atropelo."²¹

Apesar da tentativa de seleção da "matéria memorável" a ser divulgada ao leitor, seleção cujo critério é o do que é curioso e pitoresco, o "atropelo" é inevitável e ocorre em nome da necessidade de concisão narrativa, com vistas ao leitor virtual do texto, localizado num longínquo 1943. A inevitabilidade do atropelo se explica pela consciência das vantagens de uma disciplina narrativa, que acaba por instituir uma reestruturação da ordem metodológica:

"Voltemos, porém, a Piraiú, do contrário, não acabariam mais os incidentes. Não quero incorrer na justa censura, que aliás, nestes volumes escritos, tenho muitas vezes merecido: '*Qui ne sût se borner, ne sût jamais écrire.*'"²²

Mas a concisão também resulta de outras razões, agora de ordem pessoal - as limitações físicas e espirituais do momento presente:

"Poderia eu ir contando, com todas as minúcias, o seguimento dessa Campanha da Cordilheira, os episódios da guerra que terminou com a morte do tirano Lopez, no Aquidabanigui, em Cerro Corá. Mas ir-me-ia alongando demasiado a encher volumes e volumes destas *Memórias*, quando tanto ainda tenho que relatar! Falta-me tempo, disposição de corpo e de espírito, a lutar com bem penosas nevalgias de fundo diabético."²³

Se os impedimentos de caráter físico e espiritual e a necessidade de concisão são apresentados para justificar a impossibilidade do relato minucioso dos episódios da guerra, em outros momentos a razão alegada é outra; basta para isso atentar para um trecho em que o autor discorre sobre os conflitos que teve com o Conde d'Eu, durante a Campanha da Cordilheira:

"Pouco importam as rugas que com ele tive e os motivos de queixa. São incidentes que desaparecem no conjunto daquele ano memorável. Se o relembro é porque estou escrevendo as minhas impressões particulares e íntimas, a história da minha vida, não os sucessos da guerra do Paraguai."²⁴

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 489 (os itálicos são meus).

²¹ *Idem, ibidem*, p. 261.

²² *Idem, ibidem*, p. 484.

²³ *Idem, ibidem*, p. 532.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 471.

Fica bem clara aqui a tentativa de distinção entre a postura do memorialista e a do historiador, e a opção pela primeira, contrariamente ao desejo expresso no trecho anterior, e que acaba por se estabelecer apenas na intenção; na verdade, ele tanto se preocupa em contar - e realmente conta - os "sucessos da guerra do Paraguai" (e basta para isso a constatação de que, logo a seguir a este último trecho reproduzido, aparece uma longa descrição das forças brasileiras em ação, com suas divisões, localizações e número de homens), como tais incidentes desagradáveis acabam importando sim, tanto que a eles são dedicados longos trechos do texto, num tom ressentido de súdito acostumado a obter prontamente os favores reais, e que tem neste momento (com o Conde d'Eu) que esperar inutilmente por eles²⁵.

Um outro fator que embaraça a consecução do método são as substituições do critério meramente *cronológico* por aquele revelador de preocupações de ordem *monográfica*: são constantes as interrupções da narrativa para a abordagem e o desenvolvimento de temas cuja importância parece justificar a suspensão do relato. É o caso, por exemplo, das inúmeras pequenas biografias ou o das freqüentes alusões a características individuais alheias, compondo verdadeiros perfis físicos e psicológicos, que surgem assim que uma personagem digna de atenção é citada, e que encontram eco e desenvolvimento nos volumes declaradamente biográficos de sua autoria²⁶. Assim se dá em especial com D. Pedro II, e também com o Visconde do Rio Branco, com o Conde d'Eu, com o Duque de Caxias e o General Osório, para só citar os grandes nomes que mereceram dele a reverência de nobre-a-serviço-do-rei. Um trecho interessante - porque marca a interrupção - é aquele escrito a propósito do general-de-ferro:

"Rememoremos, porém, alguns ditos chistosos e picantes de Osório, que os tinha muitos, a cada momento, da maior naturalidade, iluminando por vezes juízos concretos e de grande profundidade.

²⁵ As desavenças com o Conde d'Eu começaram a se dar, segundo Taunay, a partir da recusa deste em aceitar o convite de ser correspondente jornalístico do jornal *A Reforma*, de tendência marcadamente liberal. "Em certo ponto da viagem, antes de chegarmos a Montevidéu, chamou-me o Conde d'Eu a uma conferência particular e dela proveio, quero crer, o desencontro que entre nós se produziu e foi sempre irremediavelmente se agravando. / Disse-me, com certa cautela, que logo percebi, que uma das formas de servi-lo, na melindrosa comissão que ia encetar, era tornar-me correspondente de acreditado jornal do Rio de Janeiro, enviando-lhe regularmente correspondências verdadeiras e interessantes, 'com o legítimo cunho literário que o Sr. lhes saberá *imprimir*'. / Muito contente, respondi-lhe que previra essa incumbência, honrosa, difícil, mas muito do meu sabor e tomara compromissos com o *Jornal do Comércio*. / Com a resposta se mostrou contrariado o Príncipe. 'O Sr. adiantou-se demais. Eu o reservava para outra folha.' E disse-me o nome, *A Reforma*." (*Idem, ibidem*, p. 463).

²⁶ Podemos citar os seguintes: *O Visconde do Rio Branco* (1884), *Pedro II* (1932), *O Grande Imperador* (1932) e *Augusto Leverger* (1931), dentre outros textos biográficos, publicados em revistas.

Ao acaso das reminiscências, lá vão alguns de menor importância, mas engraçados."²⁷

Como se vê, a causalidade das reminiscências é acionada em nome do critério monográfico, mais uma vez pondo em causa o método de base cronológica.

Mas a sua atenção não se volta apenas para os grandes nomes. O cabo eleitoral que o acompanha nas viagens de campanha política, por exemplo, também merece dele o apreço dedicado aos mais renomados. Só que neste caso ocorre um fenómeno específico, que aponta para mais um detalhe do processo rememorativo - a associação entre o espaço, ou a imagem dele retida, e a personagem objeto da reminiscência:

"Se me veio à mente falar em Manuel Moreira da Silva foi por lhe associar o nome amigo a alguma das mais admiráveis excursões marítimas que jamais fiz, quando, voto por voto, disputava..."²⁸;

ou talvez mais claramente:

"Eis porque sempre que me recordo daquelas admiráveis paisagens marítimas de Santa Catarina, estas reminiscências tão gratas se me empanam de tristeza. Não posso rememorar-las sem ver aquela fisionomia leal, aberta, inteligente, animada, desse amigo extraordinário, aqueles olhos fuzilantes que, a 6 de setembro de 1888, para todo o sempre se cerraram..."²⁹

Esse tipo de associação - que sugere, aliás, e novamente, a semelhança com as instigações da *madeleine* proustiana - é decisiva tanto em Taunay quanto nas teorias clássicas, e também nas mais recentes, sobre a memória. A literatura sobre o processo de rememoração, em todo o seu desenvolvimento histórico, não cessa nunca de repetir e acentuar o papel desempenhado pelas *imagens* como fator técnico essencial para a existência, a qualidade e a manutenção da memória humana. Le Goff nos auxilia a constatar essa importância:

"Simónides (cerca de 556-448 a C.) fixava assim dois princípios da memória artificial segundo os antigos: a lembrança das *imagens*, necessária à memória e o recurso a uma *organização*, uma *ordem*, essencial para uma boa memória. (...) A Simónides seria devida uma distinção capital na mnemotécnica, a distinção entre os *lugares da memória*, onde se pode por associação dispor os objetos da memória (...) e as *imagens*, formas, traços característicos, símbolos que permitem a recordação mnemônica."³⁰

²⁷ 1.1.44, p. 512 (o grifo é meu).

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 602.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 609.

³⁰ 8.9, p. 22 (os itálicos são do autor).

Inscrita na tradição familiar, em que o seu culto se manifesta tanto na produção - com pai, avô, primos e tios pintores, ou escultores, ou desenhistas -, como na divulgação - com o ensino de pintura paisagística e histórica pelo avô na França e pelo pai no Brasil, e com as exposições em museus e órgãos específicos -, e na sensibilidade daí decorrente, a *imagem*, além de adquirir o papel de sustentáculo básico na construção da memória de Taunay, justifica a atribuição de prodigiosa:

"Que poder de rememoração o meu! Ainda hoje tenho presente aos olhos tudo aquilo que, parece, ficou estereotipado na minha retina. Ao escrever estas linhas como que vejo ainda o Morro Azul, essa elegante atalaia do Aquidauana, espécie de cesto de gávea, que de todos os lados se avista, bem separada do conjunto das cordilheiras, dando à paisagem toda uma acentuação especial."³¹

Mas a profusão de imagens de que dispõe Taunay assume variadas formas, que compõem o extenso *banco de dados* em constante exploração, ampliação e reconstrução. Do que ficou apenas estereotipado na retina ao que teve reprodução material e divulgação pública, as imagens formam um arquivo a ser movimentado assim que necessário: o *Álbum de vistas*, com desenhos feitos em campanha e posteriormente recuperados dos estragos provocados pelas intempéries da natureza e pelos descaminhos da guerra; as longas descrições de pessoas e lugares que percorrem toda a obra escrita e que são tidas como marca característica de seus textos³²; os vários retratos e fotos reproduzidos na quase totalidade de seus livros e que, apesar de não serem de sua autoria, são aproveitados na sua coleção para a constituição da "iconoteca da memória familiar"³³ e da memória nacional; os inúmeros mapas narrativos que procuram contar plasticamente a história da guerra e das viagens³⁴; o conflito, tantas vezes manifestado, entre o olhar do soldado e o do expedicionário naturalista à cata de flagrantes da natureza³⁵ e, enfim, a impotência por vezes revelada nos ensaios de reprodução escrita daquilo que o olhar apreende.

É um banco de dados cuja exploração só se esgota tendo em vista o leitor de 1943. Se Rousseau tem em Deus o leitor virtual de suas memórias, Taunay localiza historicamente o seu *juízo final* - "Basta de pescado. Afinal o meu leitor

³¹ 1.1.44, p. 374.

³² Para efeito de exemplificação, basta lembrar que um livro como *Céus e terras do Brasil* (1882) é quase que totalmente dedicado à descrição de paisagens do Brasil Central. (Vide análise deste livro no capítulo VI.)

³³ A expressão é de Jacques Le Goff, em 8.9, p. 40.

³⁴ A maior parte dos livros que contêm narrativas bélicas trazem estes mapas. Dentre eles: *A Retirada da Laguna, A Campanha da Cordilheira, Marcha das forças etc.*

³⁵ Considere-se como exemplo o trecho relativo ao *caleidoscópio colossal*, já analisado no capítulo anterior.

de 1943 interessar-se-á por todas essas coisas?"³⁶ - a partir de um momento (cem anos após seu nascimento já deveriam ser suficientes...) em que os confrontos contextuais provocáveis por seu discurso não mais existiriam, ou pelo menos se reduziriam sensivelmente. É uma voz que se projeta em direção ao futuro, numa tentativa, senão de alcançar uma glória tão ansiada³⁷, ao menos de evitar condenações a tudo o que a sua vida de arauto do rei impediu de contar.

Não é só a data histórica, contudo, o determinante da divulgação pública das *Memórias*: cabe também à *família* a decisão de sua conveniência. E aqui chegamos a um ponto cuja importância exige o destaque de um item especial para o seu desenvolvimento, o que será apresentado adiante.

A habilidade de Taunay em acionar recursos para o estabelecimento de sua memória - dado que os *colecciona* em seu *arquivo* -, de maneira a realizar com êxito um dos princípios do método mnemônico de que nos fala Simónides, não se mantém - pelo menos não como é de intenção expressa do autor - na ordenação linear dos recursos. As constantes transgressões a esse propósito, presentes na estruturação da narrativa, e reveladas como vimos pelas inúmeras digressões e movimentos de avanço e recuo no tempo, fazem pensar numa *correspondência* entre esse movimento narrativo e a aquisição de uma visão daquele momento histórico brasileiro, em que o fator *continuidade* é gradativamente questionado, até ser definitivamente rompido³⁸. Sem manifestar em nenhum momento a consciência desse processo afeito à relação entre narrativa e história, antes comportando-se apenas como vítima inconsciente dele, Taunay lamenta constantemente o não-cumprimento do método estabelecido no início, e não percebe que esta impotência é mais reveladora do que parece. Se o Taunay da *Retirada*, do *Diário do exército* e dos outros relatos bélicos escritos antes do destronamento do rei, é capaz de criar narrativas em que a linearidade temporal dos fatos é reproduzida sem conflitos, o das *Memórias* (escritas a partir de 1892) já não tem esse mesmo poder. E se, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*,

³⁶ 1.1.44, p. 222.

³⁷ Como um dos vários trechos exemplares de seu desejo de glória, considere-se o seguinte, a propósito do dia de sua formatura como bacharel em letras: "Que dia, que dia aquele! Parecia que eu havia conquistado o futuro e entrava no mundo como um Napoleãozinho, derrubando todos os obstáculos que por ventura tentassem opor-se à minha justíssima e já realizada ascensão... *Quò non ascendam?! Ah! bacharelzinho de uma figa, tu verás, sonsinho, tudo quanto te reserva a vida; sentirás o mundo de decepções que te aguardam os passos, como outras tantas bocas de lobo, a semearem de perfídias o solo em que terás de caminhar e que pretendes vencer às carreiras, em vertiginosa desfilada! / Nada de precipitações; deixa de olhar tanto para os céus a procurares nele os esplendores de uma glória que não alcançarás e repara mais para o chão que te prenderá os pés e te há de afinal tragar para sempre na irremediável assimilação do teu organismo com a Natureza..." (*Idem, ibidem*, pp. 76-7).*

³⁸ Penso aqui, principalmente, na proclamação da República, que tão intensamente afetou as perspectivas de Taunay em sua vida pública, e em seus projetos em relação ao país.

como quer Roberto Schwarz³⁹, a volubilidade do narrador é um traço formal representativo de um processo social, aqui, os titubeios narrativos de Taunay são vistos também como um traço formal significativo; só que não como um resultado de uma elaboração consciente e premeditada, como a de Machado de Assis.

Com a exclusão, agora, de uma ordem em que o futuro seria necessariamente uma continuação do passado, o relato já não tem como ser elaborado sem fragmentos e movimentos erráticos, que revelam um narrador face a uma outra ordem, rebelde aos seus projetos de vida. E sem encontrar nela pontos de apoio para a reconstituição de sua identidade. É esse narrador, inclusive, que é capaz de se lembrar de um fragmento de memória como o já mencionado *formica leo*, conferindo a ele o sentido da dúvida e da incerteza perante o futuro. É enfim o narrador que, depois de ter delineado o seu método e de pôr constantemente em dúvida a sua execução, se pergunta sobre a utilidade de tanto empenho em se voltar para o passado:

"Abro o meu velho álbum de desenhos, encadernado de marroquim verde bastante desbotado, e nele encontro datas do Coxim que por si só, sem razão nenhuma especial, deveras me melancolizam - 15 de janeiro, 10 e 11 de fevereiro de 1866. Já lá foram, pois, 26 anos bem completos, boa parte da minha existência e, entre as épocas de então e a de hoje, os períodos mais alegres, mais cheios e mais belos da vida que vivi ou tenha ainda que viver!

E, a tal respeito, entro agora em dúvida se é de prudência filosófica juntar elementos de recordação, assinalar nos tempos idos pontos mnemônicos como que fincar marcos à beira do caminho andado, a suscitarem um mundo de reminiscências, cujos espinhos nos arranham ou melhor nos pungem, de cada vez que o espírito se demore por um pouco junto deles, reconstituindo, em súbita evocação, cenas inteiras do longínquo passado.

Não será, decerto, melhor deixar-se ir à mercê da corrente e da sorte, aceitando os dias como se apresentam, bons ou maus, sem buscar nunca ligar o momento presente aos sucessos do futuro? Não será preferível esquecer, ver cair o véu do olvido após cada momento?

De que me serve tanta nota tomada, de que valem essas flores e folhas murchas, esses esboços de lugares que jamais, jamais tomarei a ver, todas essas instigações à vivacidade da memória? Para desconsoladores confrontos basta o que ela por si pode avivar nas brumas do que já foi, quando a alma olha para trás, à maneira do viajante que galgou elevados cimos e quer ter idéia das distâncias que venceu."⁴⁰

³⁹ 3.127.

⁴⁰ 1.1.44, pp. 210-1.

II - A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES

"O indivíduo se encontra em uma situação herdada, com padrões de pensamento a ela apropriados, tentando reelaborar os modos de reação herdados, ou substituindo-os por outros, a fim de lidar mais adequadamente com os novos desafios surgidos das variações e mudanças em sua situação."⁴¹

O alcance desta afirmação de Karl Mannheim é decisivo para uma compreensão apropriada da vida de Taunay, ou melhor, da visão que o próprio Taunay nos apresenta dela.

O contexto concreto da situação histórico-social vivida pelo escritor só pode ser devidamente avaliado se considerarmos a importância das instituições que, num grau acentuado, determinam o delineamento de sua visão de mundo. A mais decisiva delas é a família, da qual Taunay não esconde em nenhum momento a influência. Ao contrário, parece sempre se vangloriar dela, apesar dos instantes em que essa influência é penosa, como o da escolha da profissão. Tal avô, tal pai, tal filho parece constituir nele uma lógica que recusa qualquer questionamento.

Enquanto memorialista, o alvo de sua atenção não recai somente nos limites de sua vida, mas incide também para além dela, no passado e no futuro. Se de um lado, ele se preocupa em compor a genealogia de sua família, num investimento semelhante ao dos antigos cronistas reais, com as decorrentes biografias dos antepassados mais destacados por sua atuação pública de fidelidade à monarquia⁴², de outro, é ainda a família que, no futuro, deve decidir sobre a publicação de sua obra. Estabelece-se com isso uma tentativa de resistência, de conservação romântica de um *lá-em-que-somos-amigos-do-rei*, de persistência de um padrão fundamentalmente familiar de atuação no mundo, que as "variações e mudanças em sua situação" de que fala Mannheim não são capazes de alterar. A continuidade permanece intacta, e envolvido nela, o apreço dedicado à monarquia. Taunay assume por isso o papel de *homem-memória* descrito por Le Goff, cuja importância estaria na manutenção da coesão do grupo⁴³.

A herança da memória familiar encontra o seu culto e sua manifestação nas evocações partilhadas pelas gerações que se sucedem uma após a outra. O exemplo mais instigante dessa tendência é o livro *A Cidade do ouro e das ruínas*, analisado a seguir: trata-se de uma obra que, quase clandestina, cumpre o papel de atualizar a memória do tio morto no rio Guaporé, durante a expedição

⁴¹ 5.59, p. 31.

⁴² O primeiro capítulo do livro *Trechos de minha vida*, por exemplo, é inteiramente dedicado à elaboração de uma genealogia de sua família (Cf. 1.1.80, pp. 7-15).

⁴³ 8.9, p. 15.

Langsdorff - Aimé Adrien Taunay -, constantemente lembrado com saudades pelo pai - Félix Émile Taunay, num efeito de continuidade que se arrasta ao longo do tempo. Se o pai e o tio - irmãos de Adrien - se incumbem de compor longos poemas como homenagens póstumas, o sobrinho se encarrega de associar o seu nome à cidade em ruínas. Os poemas são reproduzidos integralmente no livro do Visconde; transcrevo algumas estrofes de cada um deles para ilustrar a importância desse dado da memória familiar:

"(...)Il était notre amour, notre chère espérance;
Nos coeurs de son essor enorgueillis d'avance
Promettaient à nos yeux ses sublimes lueurs.
Sur nous de sa couronne il eût jeté des fleurs.
Notre gloire, avec lui fauchée à sa naissance,
Cache sa tête dans ses pleurs.

(...)

O vous, que la jeunesse embellit de sa flamme,
Dont, seuls, l'or et la rose ont apprêté la trame,
Puisse un bonheur constant vous suivre en tous climats!
Et que l'ange gardien, qui veille sur vos pas,
Vous épargne à jamais ces blessures de l'âme,
Ces coups qui ne guérissent pas!⁴⁴

(Théodore Marie Taunay)

À L'OMBRE D'ADRIEN

O toi, qui dans Paris, séjour de l'élégance,
Quand le monde s'ouvrit à tes premiers regards,
Vis, parmi les jouets de la première enfance,
Les chefs-d'oeuvre des arts;

Qui depuis voyageur et citoyen de l'onde,
Poursuivant l'horizon vers le soleil naissant,
Accomplissais déjà le tour entier du monde
À peine adolescent,

Toi qui revins, des fruits d'une âme riche et pure,
Orner de Tijuca l'asile fraternel;
(Et de cet heureux temps la cascade murmure
Le regret éternel!)

(...)

Quel vide irréparable! Élevés que nous sommes
À mettre nos espoirs, notre vie en commun!
La famille est frappée, et ce composé d'hommes

Tombe et manque un par un."⁴⁵ (Félix Émile Taunay)

⁴⁴ I.I.I, respectivamente às pp. 36 e 37.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, pp. 38 e 39. Estes poemas compõem um capítulo inteiro do livro, intitulado "Manifestações de pesar pela morte de Adriano. Poesias de seus irmãos." (pp. 32-42). Antes de transcrever os poemas, Taunay os introduz com as seguintes palavras, que marcam uma vez mais a importância da família no processo memorialístico: "Violenta, incedível, já dissemos, foi a dor dos irmãos ao receberem no Rio de Janeiro a fatal nova, e grande e filial empenho puseram em transmiti-la só após as maiores cautelas aos pais em França, trocando-se, então, uma série de

No futuro, por outro lado, é o filho Affonso que vai atuar mais intensamente sobre a memória do pai, de modo a garantir esta mesma continuidade. O seu trabalho, como veremos, vai desde o mais elementar, mas não por isso menos revelador, de classificação da obra por gêneros até o do estabelecimento dos textos inéditos.

Se por um lado, contudo, a classificação por gêneros, a mais comum que se tem da *opera omnia* de Taunay, relaciona como memorialísticos somente textos de publicação póstuma e despreza aqueles que, incluídos em outros gêneros, não deixam em certo sentido de ser memorialísticos⁴⁶, por outro lado, a repetição literal de trechos em volumes com títulos diferentes à primeira vista parece pôr em dúvida tamanho prodígio⁴⁷.

Qual o critério de distinção genérica que justifica, por exemplo, a inclusão de *A Retirada da Laguna* e *Cartas da Campanha* como *Narrativas de campanha*, de *Visões do sertão* e *Paisagens brasileiras* como *Viagens e descrição da natureza brasileira* e de *Dias de guerra e de sertão* e *Memórias* como *Memórias, depoimentos, autobiografia*, se todos eles contêm marcas de la pessoa e descrições e narrações das viagens e da guerra, as quais constituem boa parte da experiência vivida por Taunay? A resposta parece estar na consideração das datas em que os textos considerados memorialísticos foram escritos: todos eles, sem exceção, surgiram após a proclamação da República, momento em que seu autor desistiu de todas as atividades em curso na vida pública, restringindo-se unicamente à de escrever. Se as *Memórias*, seguindo a seqüência cronológica que as norteou, tivessem podido registrar a vida pública de seu autor nesse período, com certeza se limitariam a recordar o que nele foi *escrito*.

O trabalho de estabelecimento destes textos póstumos, empreendido pelo filho Affonso d'Escragnolle Taunay, a partir de material inédito encontrado no

cartas que achei todas amassadas e a custo deixo de transcrever, pois as considero verdadeiros primores no gênero epistolar. / Permitir-me-á, porém, o leitor, que aqui insira os soberbos versos, absolutamente inéditos e talvez nunca destinados à publicidade, de meu tio Theodoro e de meu pai Felix Emilio, homenagem altamente tocante à mais ilustre vítima do Guaporé e ao eterno hóspede de Vila Bela, e além disto prova cabal do estro poético comum a toda a minha família pelo lado paterno." (pp. 32-3).

⁴⁶ Como já vimos, no Capítulo I, esta classificação por gêneros foi feita, entre outros, por Arthur Motta, por Affonso d'Escragnolle Taunay, por Gentil de Azevedo e por Odilon Nogueira de Matos. Acredito que a mais antiga tenha servido de modelo para as outras, já que estas apresentam apenas ligeiras modificações em relação àquela. Affonso respeita, porque reproduz, esta classificação mais antiga.

⁴⁷ É muito freqüente encontrarem-se trechos e textos literalmente coincidentes em volumes com títulos diferentes. A incidência maior disso ocorre entre os volumes póstumos organizados por Afonso a partir do arquivo do pai e publicados antes de 1943, e o texto das *Memórias*, que também contou com um trabalho de organização do filho, com inclusão de capítulos, anexos e notas.

espólio do pai ou publicado apenas na imprensa, reclama algumas considerações de ordem técnica que também podem ajudar a esclarecer o seu papel na resistência à ruptura, no *tal pai, tal filho* que responde pelo fenômeno da continuidade. O tão mencionado arquivo pessoal de Taunay parecia conter uma quantidade expressiva de material, a partir do qual ele escreveu as *Memórias* - daí a série de repetições literais já citadas - e sobre o qual seria necessário realizar um trabalho de revisão, organização e seleção. E desse trabalho dão conta os prefácios e as notas de Affonso, contidos nestes volumes⁴⁸.

Se cabe ao filho o mérito de tornar conhecida a obra do pai, é preciso não esquecer também a sua responsabilidade na censura (ou tentativa de criar a ilusão de que não foi escrito?) ao primeiro romance publicado, *A mocidade de Trajano* (1871), que, tido pelo filho como "um livro ímpio"⁴⁹, permaneceu 113 anos numa primeira edição raríssima e quase totalmente inacessível, vindo a dificultar por longo tempo a avaliação da importância que o livro de fato tem. É verdade que o próprio Taunay tentou estender sua vontade sobre o futuro, para além da sua morte, ao exigir a manutenção do manuscrito das *Memórias* na Arca do Sigilo do IHGB até pelo menos 1943, ano do centenário do seu nascimento, de maneira a configurar uma outra espécie de censura aos seus contemporâneos, mas o filho também agiu sobre a memória do pai ao classificar, revisar, organizar, selecionar, censurar, e mesmo publicar os seus registros.

Vejamos alguns casos em que esta intervenção revela o seu papel de manter viva a memória do pai. O primeiro livro resultante do empreendimento, intitulado *Reminiscências* e datado de 1908, foi posteriormente (em 1923, e a pretexto de ter ficado muito volumoso) desmembrado em dois volumes, o primeiro com o título original e o segundo com o título *Homens e coisas do Império*. Os textos neles contidos versam em geral sobre as impressões de Taunay a respeito da vida parlamentar do período, a partir de alguns dos grandes

⁴⁸ Vide os textos 2.117 a 2.160 que, sob os títulos de "Duas palavras" ou "Prefácio", procuram dar conta das fontes e dos suportes originais dos textos do pai.

⁴⁹ Este julgamento é reproduzido por Ernani da Silva Bruno que, na introdução à 2ª edição do romance (1984), escreve entre outras coisas: "Tudo indicava que havia um mistério, que alguma coisa impedia que esse romance (entre todas as obras de ficção do Visconde de Taunay) se tornasse acessível ao leitor interessado em conhecê-lo. Tentei dedifrar esse mistério, há uns trinta anos, ao ensejo de um encontro com o ilustre historiador Affonso de E. Taunay, que era quem promovia e orientava as sucessivas edições dos livros de seu pai. Perguntei-lhe se nunca lhe ocorrera incluir, entre essas reedições, a do romance de estreia do Visconde. O historiador, assumindo um ar entre surpreso e contrafeito, respondeu secamente: - Deus me livre, aquilo é um livro ímpio... / Vários anos depois, ao ler a biografia do Visconde escrita por Gentil de Azevedo, deparei nota de pé de página em que esse autor informava que, tendo igualmente interpelado o historiador sobre a não reedição de *A mocidade de Trajano*, obtivera a resposta de que ele 'respeitava a idéia original do pai e por isso não tinha ânimo para alterá-la'. E que 'não julgava conveniente sua divulgação, por conter referências menos nobres a padres.' (I.1.7, p. 9).

nomes que a compuseram, com suas características individuais, atos e atividades na área. Além disso, a sua própria carreira política é motivo para a elaboração de três dos textos⁵⁰, assim como outros fatos tidos como marcantes e significativos são relatados e comentados, como a narração do dia da morte do Visconde do Rio Branco, da atuação heróica do guia Lopes na Retirada da Laguna⁵¹, de anedotas envolvendo Caxias, do episódio da partida da família imperial para o exílio e também uma reprodução de notas de leitura de D. Pedro II. Os textos, quase sem exceção, têm o caráter de crônicas com feição anedótica e levam à composição de uma fisionomia do Império a partir de algumas de suas facetas.

Dos três prefácios de Affonso que introduzem as três publicações resultantes do trabalho de desmembramento, o de 1908 contém informações preciosas para o que me interessa neste momento. Além de esclarecer a data e o local de publicação original dos artigos (na imprensa) e de se pronunciar de forma elogiosa a respeito do estilo e da importância dos textos prefaciados, registra a seguinte observação:

"O trabalho de quem imaginou ressuscitar os artigos da *Notícia* e da *Gazeta da Tarde* consistiu em os alterar mui ligeiramente, cortando trechos que continham alusões e respostas às críticas e controvérsias suscitadas na época da publicação, além de um ou outro retoque, modificador de expressões próprias do jornalismo."⁵²

A boa intenção de quem se intitula o *ressuscitador* dos textos, ao encarar as marcas das polêmicas suscitadas como algo a ser ocultado do leitor do livro, é responsável por um processo de *higienização*, que procura retirar dos textos as impurezas de seu perfil contextual, os traços de seu contexto de ocorrência. O ressuscitador, neste sentido, se transforma em mutilador. Da "existência circunstancial e efêmera do trabalho periodístico" para o "aspecto que teriam de assumir ao tomar a feição de livro", com a sua "fatura moderna", "que evita a intercalação de grandes notas ao texto", percebe-se um trabalho de adulteração dos originais que tem a ver com a *construção da memória*, empreendida também por Affonso. E o resultado é uma memória que não traz os traços de polêmica que os textos, em princípio, continham. E dado que a memória é, nas palavras de Halbwachs, "em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções

⁵⁰ São os seguintes: "A minha escolha senatorial", "Ao entrar para o parlamento" e "O meu liberalismo". In: 1.1.34, pp. 41-84, 93-107 e 153-67. Os dois primeiros foram anexados ao livro *Memórias*, pelo filho Affonso, como maneira de preencher a lacuna memorialística relativa ao período final da vida do pai (Cf. 2.163)

⁵¹ Este texto, intitulado "O velho guia", também foi aproveitado pelo filho na publicação das *Memórias*: trata-se do capítulo LIII da "3ª parte (1865-1869), pp. 355-9 de 1.1.44, encontrado em avulso nos arquivos do pai.

⁵² 2.131, p. V.

feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada"⁵³, o trabalho de Affonso também faz parte da construção da memória de Taunay, principalmente por ter apelado para um *dado* técnico de estabelecimento de textos, *emprestado do seu presente*.

Quanto ao livro *Recordações de guerra e de viagem* (1920), o que há a observar a respeito do estabelecimento dos textos nele contidos diz respeito à declaração do prefaciador quanto a uma das duas partes do livro: "São as primeiras notas tomadas para as suas *Memórias* e nestas largamente desenvolvidas."⁵⁴, o que anuncia ao leitor das *Memórias* a possibilidade de cotejar trechos delas com os daquele livro, a fim de perceber o que havia sido negado do leitor de Taunay anterior a 1943 e tentar apurar as razões do sigilo tão longamente mantido. Outra característica significativa desta publicação é a inclusão de materiais do arquivo iconográfico, como a reprodução do famoso retrato de Taunay feito pelo pintor Moreau por ocasião das homenagens prestadas por membros do exército em 1885, a de um retrato de Osório com dedicatória ao escritor, a de uma fotografia tirada em plena Campanha da Cordilheira (na vila do Rosário, em 16 de janeiro de 1870), a do famoso quadro de Pedro Américo e, talvez principalmente, a da "Planta da Campanha da Cordilheira de 1º a 21 de agosto de 1869 sobre trabalhos dos engenheiros da Comissão do Exército", um dos *mapas narrativos* já comentados. Affonso contribui, assim, para a divulgação da iconoteca da memória nacional relativa à guerra do Paraguai.

O contato de Taunay com as outras instituições - Exército, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (uma típica *instituição-memória* criada pelo rei, como nos ensina Le Goff⁵⁵), e as políticas (Senado, Câmara e presidência de províncias) - submete-se à ordem de continuidade até o momento em que elas se prestam a confirmá-la. O rompimento de Taunay com estas instituições (em 1885 com o Exército e em 1889 com as restantes) sela de alguma forma a ruptura na continuidade e o vazio resultante só é preenchido com a nostalgia, presente nos escritos, já que a ação não conta mais com formas de aplicação que o satisfaçam.

⁵³ 8.7, p. 71.

⁵⁴ 2.126, p. 3.

⁵⁵ 8.9, p. 18.

III - A MEMÓRIA DA NACIONALIDADE: CONSTRUÇÃO E RUÍNAS

"Tout reproduit l'image de la mort."
(Aimé Adrien Taunay, Carta de Vila Bela,
datada de 20 de dezembro de 1827, aos
irmãos Charles e Hippolyte)

"Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam
verbos no presente. Tudo é pretérito."
(Monteiro Lobato, "Cidades Mortas", 1919)

O livro *A Cidade do ouro e das ruínas*⁵⁶, tinha outro título em sua primeira edição, de 1891: *A Cidade de Mato Grosso, antiga Vila Bela, o rio Guaporé e sua mais ilustre vítima*. Modificado pelo filho, o historiador Affonso de Escragnolle Taunay, em sua segunda e última edição, de 1923, o longo título original coincide com o que passou a ser o seu subtítulo. A mudança traz a vantagem de acentuar o traço de contradição (ouro x ruínas = esplendor x abandono) que justifica a sua razão de ser: ele trata da cidade de Mato Grosso, fundada em 1752 com a finalidade de sediar o governo provincial, e destituída dessa prerrogativa ao se transferir a capital para Cuiabá, em 1819.

A certa altura deste que é um dos muitos e pouco conhecidos livros memorialísticos escritos pelo Visconde de Taunay, pode-se ler o seguinte trecho, repentinamente introspectivo:

"E agora interrompo o que vou dizendo, para tornar ou procurar tornar bem sensível ao leitor, quanta alegria suave e repassada de melancólica meiguice, quanto entretenimento indizível a muitas horas do dia lento e pesado, é para mim reconstituir a história e a vida de todos aqueles lugares, tão longe, tão longe de nós! Para isto concorreram notas esparsas, velhas, amareladas pelo tempo, que dormiram 24 anos nas minhas gavetas, colhidas em épocas da juventude, notas escassas e truncadas, completadas pela memória, às vezes de súbito, outras em insônias que me faziam viajar até ao fundo de Matto-Grosso e que hoje tiram do estudo e da consulta confirmação em muitas minudências que são como que outras tantas surpresas."⁵⁷

A digressão introspectiva é sugestiva e esclarecedora: ela sintetiza, num belo efeito de condensação, a disposição do autor no momento da escritura, o objeto de seu estudo e a variedade das fontes de que se vale para dar cabo da empresa. O que o narrador interrompe com esta tentativa de sensibilização do leitor é o longo e detalhado estudo sobre esta cidade fantasma, mais um dentre os muitos vestígios de projetos nacionais grandiosos e frustrados que deixam perceber nos seus traços o que é abandonado e esquecido pela memória oficial.

⁵⁶ I.I.I.

⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 159.

Reagindo contra a lentidão e o peso que, desde 1889, passaram a caracterizar o seu cotidiano, Taunay introduz a alegria e o entretenimento garantidos pelo movimento da reminiscência, da volta ao passado. Estas "condições de produção" do livro são reafirmadas em outro trecho, cuja reprodução visa acentuar a identificação do autor com o destino da cidade estudada⁵⁸:

"Tudo quanto, aliás, se prende a antigos centros de vida e de atividade, em que as agitações públicas e íntimas - e que mundo há nisso! -, em que os interesses morais e materiais, as lutas de todos os dias, tão entrelaçadas no seu aparente antagonismo, para sempre, para todo o sempre se transmudaram no silêncio e no coma de lenta agonia; tudo quanto nos fala de velhas e desmoronadas cidades, de povoações condenadas, principalmente nesta parte do globo denominada Novo-Mundo, em que nada parece deixar de respirar louçania, de ser risonho e feliz, de nos falar de esperanças e de porvir, tudo isso tem para os espíritos retraídos, ou por índole ou por disposição de momento e efeito de dor aguda e insistente, uma influência por tal forma penetrante e tão suave na sua agrura, que achei especial encanto e indizível emoção em coordenar umas notas relativas a Vila Bela, enviadas, a 16 de janeiro de 1876, pelo meu amigo tenente-coronel João de Oliveira Mello e metidas no meio de papéis que há pouco revolvi e pus em ordem, classificando uns, apartando outros para ulterior revisão e destruindo muitos."⁵⁹

O ingrediente de melancolia que acompanha continuamente o trabalho se justifica sobretudo pela reconstituição das imagens em ruína com as quais lida, e é freqüentemente reclamado como sentimento inerente ao observador deste tipo de paisagem. E a intensidade desse sentimento é diretamente proporcional ao "brilho" do passado, de forma a marcar a contradição entre, de um lado, o processo de fundação e construção da capital, minuciosamente detalhado ao longo do livro, e, de outro, a constatação de sua ruína:

"Daí por diante só pode enxergar alegria e brilho no seu passado, sem mais renovação possível, quando via aportar ao cais do Guaporé, de que tanto se ufanava, as *monções* vindas do Pará, ou enviava a Lisboa arrobas e arrobas de ouro, ou então acolhia em seu seio, no meio de intermináveis festejos e pomposas galas, os capitães-gerais ..."⁶⁰

O tema das ruínas foi sempre muito caro ao Romantismo. A expressão da melancolia enquanto *pathos* suscitado por este tipo de imagem articula o sujeito à história, a um passado que desse modo encontra possibilidades de sempre penoso

⁵⁸ A respeito desta possibilidade de identificação, talvez fosse interessante lembrar a associação que faz, já em 1870, em seu primeiro discurso no IHGB, entre a morte de um dos membros da instituição e a imagem das ruínas: "Tombara por fim uma das pedras angulares que formavam o coruchêu de nosso edificio social, e com sua queda os terrenos vizinhos ficaram, à maneira das ruínas do Egito e da Assiria, juncados de destroços que a posteridade contemplará admirada e reconhecida;" (1.2.17, p. 452)

⁵⁹ 1.1.1, p. 12 (os itálicos são meus).

⁶⁰ *Idem, ibidem*, pp. 62-3.

ressurgimento⁶¹. No caso brasileiro, as cidades mortas ou agonizantes constituíram-se em tema de exploração ficcional entre escritores como Graça Aranha, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato⁶², pondo sempre em causa grandes projetos de abrangência mais ou menos nacionalista, abortados por contingências de vários tipos. E isso, conforme nos alerta Francisco Foot Hardman, em texto de grande fôlego de pesquisa, se deu num período "em que utopias modernas mergulhavam no arcaico e crenças remotas produziam sonhos futuros."⁶³. Contundente em sua capacidade de sistematizar as representações culturais das contradições relativas à modernidade brasileira, este texto destaca as temporalidades diferenciadas e antagônicas de um mesmo momento histórico - basicamente, de 1870 a 1920.

Esboçando uma rápida comparação com Lobato, pode-se notar que as invectivas de Taunay nesta vertente temática também constataam a verdade que "resurte do montão de ruínas: o progresso entre nós é nômade, e sujeito a paralisias súbitas", que "é um progresso de cigano - vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas."⁶⁴. O que os distingue é, de um lado, a razão apontada para o abandono: em Lobato, ele advém da exploração predatória do solo, e, de outro, a decisão quanto à forma de tratamento do tema: Lobato considera que a paisagem resultante "terá poesia - mas os anos são de prosa, hoje em dia..."⁶⁵

Quando, em 1891, o livro do Visconde foi publicado, outras localidades mato-grossenses, por exemplo, já haviam sido motivo de registro das ruínas construídas pela guerra contra o Paraguai. O livro *A Retirada da Laguna*, de 1871, já anotava:

"Estava Miranda em ruínas quando nossas forças ali entraram. Ao partirem haviam-na os paraguaios incendiado. Ardera parte das construções, mas eram evidentes os sinais de decadência, anterior [sic] ao incêndio que sucedera à primeira fase de desenvolvimento e prosperidade. (...) Fora a vila de Nioac abandonada pelo inimigo a 2 de agosto de 1866. Por toda a parte ali se viam vestígios do incêndio. Poupadas, apenas, duas casas e uma pequena igreja de pitoresca aparência. (...) Esta bonita povoação [trata-se novamente de Nioac], abandonada, ocupada e pela

⁶¹ Para um conhecimento mais detalhado da exploração desta vertente temática no Brasil, vide o estudo feito em HARDMAN, Francisco Foot. 3.67, sobretudo à p. 71.

⁶² Penso aqui sobretudo nos livros *Canaã*, de Graça Aranha (1902) e *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato (1919). E no conto "Numa volta do passado", de Euclides da Cunha, publicado na revista *Kosmos*, em 1908, todos citados e comentados por HARDMAN, no mesmo texto.

⁶³ *Idem, ibidem*, p. 2.

⁶⁴ 5.53, p. 7.

⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 10. A decisão de Lobato pela prosa em detrimento da poesia pode ser constatada no tom adotado para as narrativas que compõem o livro, num misto de humor e ironia face ao pitoresco das paisagens.

segunda vez, desde o início da guerra, devastada, convertera-se num montão de destroços fumegantes."⁶⁶

Há grandes diferenças, porém, entre o tratamento dado a estas cidades visitadas durante a viagem bélica e aquele que é fruto de tanta atenção, em 1891. Não são exatamente Miranda e Nioac que suscitam no soldado-observador a carga de melancolia com que o já-não-mais-soldado envolve o estudo sobre Mato Grosso, a antiga Vila Bela. Não são elas o alvo exclusivo de sua preocupação, que é, antes, voltada para as fantasmagorias móveis dos marcos originais da nacionalidade:

"toda a beleza pictórico-dramática da narrativa de *A Retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay, reside talvez nessa melancolia recortada por cerrados insalubres que não conseguem firmar limites internacionais, esse não lugar das bandeiras, dos emblemas e das divisas, esse anti-climax de uma fuga que se prolonga nela mesma, tomando fantasmagóricos os marcos distintivos da nacionalidade."⁶⁷

À primeira vista, pode ser inquietante perceber que Taunay não conheceu a cidade fundada para ser capital de Mato Grosso: os roteiros tortuosos da guerra não incluíram a passagem por Vila Bela. Causaria por isso estranheza a leitura isolada de um trecho como o seguinte: "Com todo o gosto regresso, pois, a Vila Bela, sendo na verdade agradável poder *deste modo* visitar lugares tão desconsolados e perdidos."⁶⁸. O regresso e a visita mencionados se dão em termos diferentes dos anteriores, relativos a Miranda e Nioac. *Regressar* aqui significa "anaforicamente", após uma digressão textual, 'voltar a falar sobre'. E a *visita* também se faz por outras vias: a dos *flashes* da memória intermitente, a da consulta àquelas "notas esparsas, velhas, escassas e truncadas", a da recordação do testemunho de um informante longínquo, a da pesquisa em documentos rigorosos e detalhados, que passam a ser outros caminhos, de outros roteiros que conduzem ao mesmo passado. O fato de não ter estado na cidade que é objeto do livro que classifica como uma "monografia"⁶⁹, e que é classificado como um "ensaio memorialístico" por um de seus raros leitores⁷⁰, parece não condizer com os princípios metodológicos realistas que fundamentam seu trabalho enquanto escritor e que estão na base, por exemplo, da crítica que faz a José de Alencar, de quem lamenta o desconhecimento do Rio Grande do Sul, ao escrever o romance

⁶⁶ 1.1.11, respectivamente às pp. 32, 37 e 134.

⁶⁷ 3.67, p. 73.

⁶⁸ 1.1.1, p. 98 (o grifo é meu).

⁶⁹ *Idem, ibidem*, p. 83.

⁷⁰ 3.67, p. 71.

*O Gaúcho*⁷¹. Mas outros roteiros, talvez tanto ou mais tortuosos, amenizam então a inquietação desavisada. Em 1891, Taunay não é mais um viajante, pelo menos não como fora nos anos de juventude; agora, ele empreende outros tipos de viagem, com deslocamentos não mais exatamente espaciais; e as "cenas de viagem" de 1891, diferentemente das de 1868⁷², passam a ser recolhidas a partir do registro da observação alheia. São muitas as veredas que levam a Vila Bela. A primeira é aberta pela memória conservada pela família:

"E, incidentalmente, levado pela misteriosa sedução dos lugares muito e muito apartados, no centro de terras longinquas e nas brumas de distâncias imensas, me falava ele [*seu pai, Félix Émile Taunay*] nessa Vila Bela, no palácio em ruínas dos antigos e onipotentes capitães-gerais, nos frescos que os adornavam, nos painéis que encerravam, reproduzindo trechos inteiros de cartas do audacioso e tão chorado viajante [*seu tio, Aimé Adrien Taunay, morto por afogamento no rio Guaporé, durante a expedição Langsdorff, em 5 de janeiro de 1828*]." ⁷³

A poesia do registro melancólico, que Lobato na sua praticidade dispensa e que Taunay nostálgicamente conserva, é exigida como fator de qualidade das várias veredas. Na carta do tio morto tragicamente, o tom poético se manifesta nas imagens sonoras e olfativas que dá das salas dos palácios abandonados e na impressão suscitada por elas, que:

"... maintenant silencieuses ne répètent que le sourd murmure de l'insecte qui en ronge les bois, que le bruit des pas du curieux qui parcourt leur enceinte. (...) Rien n'était ouvert, il existait une odeur de renfermé, qui jointe à l'obscurité produisait une sensation tout à fait singulière et poétique, celle de l'héritier qui vient prendre possession de la demeure de ses aïeux. Chaque pas émouvait un écho, qui le répétait." ⁷⁴

Um outro registro é feito a partir das informações obtidas junto a Cardoso Guaporé, um dos fugitivos da vila de Miranda que Taunay conheceu "nos Morros", em episódio da guerra contra o Paraguai. Taunay dá voz a seu informante, como se transcrevesse uma fala gravada em suporte naquela época inexistente, tal a fidelidade com que parece reproduzi-la. E acentua a eloquência

⁷¹ A crítica se encontra no texto intitulado "José de Alencar" do livro 1.1.67, onde se pode ler à p. 87: "Nem se lhe leve a mal o convencionalismo das suas sorridentes paisagens e grandiosas perspectivas, quase todas mais criação da ardente e prodigiosa fantasia, do que da observação exata da natureza ou do conhecimento pleno do cenário em que deviam mover-se e agir os seus simpáticos heróis e adoráveis tipos de mulher, e esse contraste entre a realidade e a imaginação se toma então flagrante no *Gaúcho*, em que um filho do Rio Grande do Sul não pode absolutamente reconhecer a feição particular da sua província natal".

⁷² Refiro-me ao primeiro livro publicado pelo autor, em 1868, e que tem este título sugestivo de *Cenas de viagem* (1.1.16).

⁷³ 1.1.1, p. 14.

⁷⁴ *Idem, ibidem*, pp. 27-8.

e a capacidade de memória do informante, extraindo daí o valor poético do registro:

"Então, rememorando as conversas e descrições de meu pai, também o levava a recordar as grandezas de Vila Bela. E aí o velho preto, na dorida expansão do seu bairrismo e a endireitar trêmulo de comoção os grandes óculos de prata que lhe escorregavam das orelhas e do nariz, tornava-se quase eloqüente.

- Cuiabá, dizia-me ele todo abespinhado e exagerando naturalmente, tem e pode ter muita coisa boa; mas nunca lá vi palácios tão ricos e casas tão bem acabadas com *lavors* (pinturas) pelas paredes e *quadrarias* (painéis) nas salas, como na minha cidade natal. Era coisa de pôr pasmos até os que vinham das *Europas*. E a igreja de Santo Antonio, toda cheia de riquíssimas alfaias e de imagens cobertas de ouro e prata? Dizem que S. Antonio, o orago, levantou o braço, quando se falou na mudança da capital, excomungando quem disso se lembrara!... Nem se calcula o valor das riquezas que contém ainda, embora já lhe tenham sonogado não poucas preciosidades para enriquecer Cuiabá, que tudo nos tirou! E a casa da Câmara, com grandes retratos de El-Rei D. João VI e da senhora D. Carlota? E o sobrado, que metia inveja ao mesmo palácio? E o cais? Parece que era a obra de mais vulto, feita por portugueses no Brasil;..."⁷⁵

A relação narrador/ouvinte, travada entre Taunay e Guaporé, assemelha-se à do do narrador da crônica "Veteranos do Paraguai", de Monteiro Lobato⁷⁶, que reproduz na narrativa, e com a mesma intensidade de detalhes, o depoimento que lhe foi feito por Pedro Alfaiate, "soldado de 70". E a partir dele este narrador compõe a seguinte tipologia:

"Os velhos são livros vivos compostos pela Vida. Nem sempre interessantes, aliás. Uns tomam-se legíveis, com os melhores capítulos arruinados pela traça da desmemória. Outros são tediosos como os velhos negociantes - livros que não passam de simples borradores. Outros são vazios, resumidos que têm o viver no insulso tríptico do - comeu, casou, procriou. Mas um velho soldado é sempre um livro interessante, rico de incidentes, pitoresco e não raro heróico. Aproximei-me, pois, do velho soldado e folhee-o ao acaso, como a um livro incomum em montra de belchior."

Por outro lado, a vereda aberta pelo amigo Oliveira Mello não satisfaz a exigência da tonalidade melancólica capaz de suscitar impressão significativa em Taunay. A profusão de perguntas emitidas na avaliação das notas enviadas pelo amigo dá conta do que falta neste caminho para o passado:

"De todas essas indicações de Oliveira Mello desaparecera aquele toque de impressões vivas, muitas de feição artística, transmitidas por meu tio Adriano e corroboradas pelas minhas conversas com Cardoso Guaporé. Onde os símbolos da grandeza imposta pela sucessão de notáveis governadores, representantes da

⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 46.

⁷⁶ 4.57, p. 36.

autoridade suprema dos reis de Portugal? Onde aqueles palácios e sinais do passado poderio? Onde os frescos e as pinturas das muralhas, os painéis? Onde o cais? Onde o eco das festas de outrora? Onde as igrejas com riquezas que ainda deviam existir e as muitas alfaias citadas, como eu ouvira, nos confins de Mato Grosso? Porventura tudo se havia aluído, arrasado e reduzido a pó informe, sem mais possibilidade de reconstrução; tudo se desmoronara, deixando que as lendas e a imaginação do povo se incumbissem de guardar tradições, que por certo hão de ser engrandecidas e exageradas, ao passarem de geração em geração? (...) Contara laconicamente aquilo que lhe parecera dever dizer como mais pronta resposta à minha indagação e não procurara perguntar às ruínas que o cercavam a história do passado, estudando nelas coisas que naturalmente pouco importam ao mundo..."⁷⁷

Após citar, corrigir e comentar várias outras fontes⁷⁸, o que revela que não só a poesia eivada de melancolia, mas que também o detalhamento histórico e descritivo são critérios para a avaliação da propriedade com que as veredas são construídas. Taunay encontra em *Viagem ao redor do Brasil*, de João Severiano da Fonseca, a correspondência exata àquilo que exige no registro do viajante:

"Arrependi-me - francamente me arrependi - haver encetado a presente monografia, encontrando tão bem concatenadas todas as informações desejáveis e por quem, visitando demoradamente esses lugares, a eles levava não só agudo hábito de observação, como também o culto do passado e o olhar sintético do viajante que busca reconstituir períodos da história, vendo preciosos rastros nas menores indicações, já uma pedra lavrada, já truncada inscrição, já um desenho ou um simples arabesco, senão até rudimentares rabiscos mais ou menos artísticos nas suas combinações e entrelaçamentos."⁷⁹

Das viagens imaginárias, percorridas entre os textos alheios e em meio às cintilações da memória intermitente, resulta finalmente a possibilidade de o escritor só conjugar verbos no passado, reunindo os cacos de uma história de ruínas que se deixa entrever textualmente na enumeração massacrante, no ritmo exuberante e na monstruosidade da paisagem que supõe ser a de Vila Bela:

"Casas que desabaram, matos que ainda mais alteou nas ruas, inundações do Guaporé que levaram os restos do cais de outrora e cavaram fundo nas barrancas; esboroados e largos panos de muralha que tombaram; gente que diminuiu (e já era tão pouca!), uns mortos, outros que emigraram, tangidos pelo desespero e pela falta de recursos; árvores que cresceram invasoras e à solta, gigantes da floresta em plena povoação, dominando no seu majestoso vigor e na sempre renascente alegria os destroços da obra dos homens, exuberantes e altivos, sobretudo gameleiras, terríveis estas no rápido engrossar, a se agarrarem às pedras, a insinuarem por toda a parte raízes, a princípio humildes, tênues, delicadas, depois possantes, violentas,

⁷⁷ 1.1.1, pp. 70-1.

⁷⁸ São numerosas as fontes consultadas, em autores como Ricardo Franco de Almeida Serra, Luiz de Alincourt, Francis de Castelnau, José Gonçalves da Fonseca e, finalmente, Joaquim Ferreira Moutinho.

⁷⁹ 1.1.1, p. 83.

derrubando as mais fortes paredes e desagregando as construções mais rijas, das quais retêm, como que por escárnio, no liame de intrincada trama, enormes fragmentos, rochas inteiras suspensas numa rede de finas e penugentas malhas...⁸⁰

IV - A REGRA DO AZUL

Em seu livro *Onda verde*, Monteiro Lobato publicou uma crônica intitulada "Uruguaiana", onde tece considerações a respeito de como a história pode se valer das famosas "diluições das cores", para ser mais facilmente assimilada pelo homem. A este processo ele deu o nome de "Regra do azul", estabelecendo uma alegoria da construção da história nos seguintes termos:

"Uruguaiana já está na história devidamente estilizada ao sabor do paladar patriótico.

Tem isso a história de generoso: estiliza os fatos, descasca-os dos realismos dolorosos, desfigura-os num sentido estético. É o meio da humanidade poder ver-se com bons olhos...

Entre o que foi de fato Uruguaiana e a feição pela qual a vemos hoje, vai um abismo.

O azul das montanhas... Quem for amigo da beleza não queira nunca vê-lo de perto. O azul é a grande mentira da natureza. É a mentira por excelência. É tão mentira que não existe. Não há azul. A montanha linda, a recortar no azul do céu o liso azul de safira, é de perto asperiza, precipício, perambeira, boçoroca, mata hispida tramada de cipós e arranha-gato. E não é azul.

Assim a história. Possui, como a montanha, o seu azul nitido, fulgurante, luminoso. Homens e fatos vistos à distância que azula despertam-nos suaves emoções e até entusiasmo. Se nos aproximamos, porém, ai de nós! o azul descora, morre, e tudo fica prosaico, colorida da grisalha suja das coisas contemporâneas.

Distância e tempo: os dois pais do azul. Benditos sejam, que é de abençoar tudo quanto ajuda a criar a coisa mais bela que possui a vida: a mentira azul.⁸¹

A memória de Taunay oscilou entre a percepção crua desta regra e a crença ilusória, e bela, de que a cor pudesse ser mantida em seus tons mais azulados. No espectro das cores, o ir e vir se manteve nos seus movimentos erráticos, e às vezes indecisos, entre a nostalgia de poder manter o tom cromático azulado e a frustração diante das impossibilidades por vezes reveladas.

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 13.

⁸¹ 4.57, p. 96.

CAPÍTULO V

A VEIA DISCURSIVA

"Sabia entrelaçar idéias com espírito lógico.
Retinha, formava e conduzia a opinião
pública como e para onde quisesse."
(José de O. Orlandi - "Taunay, jornalista,
escritor e político")

"O Sr. LIMA DUARTE - Estamos ouvindo
a V. Ex. com toda atenção
O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY:- Estou
acostumado a isto."
(TAUNAY, Visconde de - *Questões de
imigração: discurso no Senado em 31 de
maio de 1889*)

I. CONCEPÇÕES E TIPOS DE DISCURSO

"le discours n'est pas simplement ce qui traduit
les luttres ou les systèmes de domination, mais
ce pour quoi, ce par quoi on lutte, le pouvoir
dont on cherche à s'emparer."
(Michel Foucault, *L'ordre du discours*)

A noção de *discurso* costuma ser considerada hoje em dia a partir de duas perspectivas distintas que se originaram em dois momentos da história do mundo ocidental: a que vem da oratória grega clássica, e que fundamenta ainda hoje a sua concepção mais corriqueira, segundo a qual o discurso é simplesmente o pronunciamento oral e formal que se faz sob determinadas condições a um público; e a que é fruto dos estudos sistemáticos que a lingüística vem desenvolvendo nesta segunda metade do século XX, e que tem como base a apreciação das *condições de produção* nas quais os falantes se manifestam. Considerando a primeira perspectiva, algumas informações relativas à *retórica* são essenciais para a abordagem dos discursos de Taunay, já que ele manifesta e atualiza muitas vezes o conhecimento que detinha a respeito dela. Se a retórica era considerada pelos gregos como uma capacitação à qual se chegava após uma longa preparação, Taunay dá conta dessa mesma necessidade em vários momentos de sua obra, e talvez principalmente no texto memorialístico "Ao entrar para o parlamento"¹, que será citado e comentado a seguir. Se a importância prática dessa capacitação era relevante para os gregos na medida em

¹ 1.1.34, 93-107.

que podia abrir caminho para as ambições políticas, é também esse um dos objetivos declarados por Taunay, nas inúmeras vezes em que se manifestou a respeito das vantagens políticas passíveis de serem obtidas em função dos dotes oratórios. O trecho abaixo, retirado do discurso fúnebre em homenagem ao marquês de Olinda, pode demonstrar como, para Taunay, o desempenho discursivo era uma forma de garantir a ascensão na carreira política:

"A moderação de suas falas, a sensatez de seus conceitos, a calma de sua argumentação durante as discussões, fizeram com que, dissolvida a constituinte, fosse o nome do ex-deputado, a 14 de novembro ainda de 1823, apontado pelo Sr. D. Pedro I para entrar na composição do ministério então formado."²

Se os gregos sabiam que, ao se dirigirem a platéias populares, o apelo aos sentimentos devia ser maior que o uso de argumentos puramente lógicos, Taunay também se valeu da mesma distinção ao fundamentar-se em bases diferentes, a fim de adequar-se à platéia a que se dirigia. Ou seja, ele sabia que, se os objetivos do orador são os de provar, agradar e mesmo emocionar, ele deve portanto procurar argumentos que provem, expor-se de maneira a suscitar opiniões favoráveis e lidar habilmente com as paixões do público.

Por outro lado, se considerarmos a outra perspectiva, a que se desenvolve mais recentemente sob a denominação de *análise do discurso*, podemos constatar a existência de várias teorias, todas elas derivadas dos estudos formais empreendidos por Émile Benveniste, a partir dos anos sessenta deste século³. Segundo essa nova perspectiva, o discurso passa a ser encarado como manifestação da língua - a partir da distinção saussuriana entre *langue* e *parole* - na comunicação efetiva entre os membros de uma comunidade. Dessa consideração de base, muitos conceitos se originam e, dentre eles, o de *enunciação*, conjunto de condições que permitem ao sujeito falante a apropriação individual da língua e a sua conversão em discurso, e os de *locutor* e *alocutário*, papéis que se alternam sucessivamente nos turnos de fala, fazendo referência ao mundo que os circunda e comportando em suas intervenções marcas mais ou menos explícitas da condição de sujeito e da situação em que se encontram. O *sujeito* e a *situação* são vistos a partir daí como parâmetros decisivos na descrição da atividade verbal. Os locutores passam a não mais ser vistos como meros pólos de um circuito comunicativo, mas sim como entidades situadas num tempo histórico e num espaço sociocultural bem definidos, os quais condicionam o seu comportamento lingüístico. Em outras palavras, o falante ocupa um dado "lugar" numa certa conjuntura, e esse "lugar" implica a

² 1.2.17, p. 442.

³ 5.3a

emergência de um conjunto de filtros (as *formações discursivas*) que regulam a sua atividade discursiva, mediatamente regida por parâmetros de ordem ideológica e sociocultural⁴. A abordagem dos discursos de Taunay, a partir das regras que os regem e das estratégias adotadas por ele em função das condições em que foram produzidos, se valerá desses instrumentos analíticos que a lingüística tem-nos legado.

Mas ainda uma outra via de abordagem dos discursos se impõe quase que subrepticiamente: penso aqui principalmente no Michel Foucault de *L'ordre du discours*, que não nos deixa esquecer a *inquiétude* que vem da oposição entre o poder da instituição e o desejo de que o discurso não contivesse tantos perigos:

"inquiétude à l'égard de ce qu'est le discours dans sa réalité matérielle de chose prononcée ou écrite; inquiétude à l'égard de cette existence transitoire vouée à s'effacer sans doute, mais selon une durée qui ne nous appartient pas, inquiétude à sentir sous cette activité, pourtant quotidienne et grise, des pouvoirs et des dangers qu'on imagine mal; inquiétude à soupçonner des luttes, des victoires, des blessures, des dominations, des servitudes, à travers tant de mots dont l'usage depuis si longtemps a réduit les aspérités."⁵

O Visconde de Taunay pronunciou discursos a respeito de inúmeros temas, em vários momentos e circunstâncias de sua vida. Quando assume o cargo de *orador oficial* do IHGB, o escritor já havia por várias vezes monopolizado a atenção de públicos que nem sempre ouviram o que queriam ouvir. Em momentos de solenidade da guerra contra o Paraguai, nas bancadas parlamentares, em suas campanhas políticas ou ao pé do túmulo de amigos e de autoridades, ele se fez ouvir sempre, de maneira a, de um lado, contribuir para a manutenção da tradição bacharelesca cultuada no Brasil e, de outro, revelar os sucessos e as contradições de um poder que se constitui na retórica e na teatralização da *mise-en-scène* da vida pública e cultural brasileira. As características de sua postura discursiva - que em sua faceta política invariavelmente se institui de maneira polêmica - podem ser analisadas tanto do ponto de vista dos discursos mesmos que atualizaram este tipo de intervenção - e que foram publicados, quanto de uma certa *metodologia* discursiva que expõe em alguns momentos de sua obra, como também, e numa espécie de contraponto, nas críticas que faz quando comenta discursos alheios.

O fato de muitos deles terem sido publicados na íntegra, e até mesmo republicados, é revelador tanto do interesse que este tipo de intervenção despertava na época - os discursos podiam ser eventualmente *ouvidos*, mas eram também

⁴ Cf. REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. - *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo, Ática, 1988.

⁵ 5.32, p. 10.

posteriormente *lidos* -, como do reconhecimento do valor dos especificamente pronunciados por Taunay.

Os quarenta e tantos discursos recolhidos por mim⁶ podem ser distinguidos entre si por um critério genérico: o das diferenças entre as condições de produção que estabelecem regras distintas para a sua ocorrência. Há, neste sentido, os que prevêm e contêm o aparte - seja de fonte adversária ou aliada - e aqueles em que isto não acontece. Assim, distinguem-se os discursos que se dão em momentos de solenidade - os das sessões solenes do IHGB, os discursos fúnebres, os comemorativos, os de agradecimentos a homenagens prestadas -, chamados discursos *epidíticos*, segundo a oratória clássica, daqueles propriamente políticos, que se dão na tribuna parlamentar. Os primeiros⁷ têm invariavelmente interlocutores cuja réplica ou interrupção não são formalmente previstas⁸, ou, nas palavras de Foucault, "entre la parole et l'écoute les rôles n'étaient pas échangeables"⁹, e que por isso podem, inclusive, não ser feitos de improviso. Os discursos parlamentares¹⁰, por sua vez, estruturam-se a partir de apartes e de possibilidades de réplicas que se constituem em novos e sucessivos discursos. Apesar de se dirigirem formalmente ao presidente da sessão - e essa é uma de suas regras -, eles supõem uma variedade de interlocutores, cujas "vozes" poderiam, em princípio, ser ideologicamente reduzidas a apenas duas: a dos dois partidos políticos brasileiros da época. Não é esse exatamente o caso de Taunay: apesar de sempre se colocar como representante fiel do seu partido, muitas vezes ele se indispõe com os dois, configurando uma "terceira voz" singular e polêmica.

É possível também considerar a existência de um terceiro tipo de discurso: o que se enuncia sob a forma escrita, não se dando portanto diante de um público ouvinte que possa se pronunciar imediatamente após ou durante a sua ocorrência, mas que supõe, dado o seu caráter polêmico de divulgação de idéias reformistas, réplicas posteriores, com posicionamentos favoráveis ou contrários. É este o caso

⁶ Vide Anexo II.

⁷ Considero como epidíticos os discursos de número 1, 2, 4, 5, 7, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38 da listagem.

⁸ Há uma exceção inusitada no discurso proferido em homenagem a Carlos Gomes (1.1.26, pp. 91-102), em que o homenageado se manifesta no sentido de concordar com veemência com o que é dito pelo orador.

⁹ Trata-se do que Foucault caracteriza como de "société de discours", na qual o IHGB se encaixa perfeitamente, já que ele também tem "pour fonction de conserver ou de produire des discours, mais pour les faire circuler dans un espace fermé, ne les distribuer que selon des règles strictes et sans que les détenteurs soient dépossédés par cette distribution même." (Vide 5.32, sobretudo às pp. 41-3).

¹⁰ Incluem nesta classificação os de número 3, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 20, 21 e 31.

de inúmeros textos publicados em jornais ou em opúsculos de divulgação relativamente ampla¹¹.

Um quarto tipo, bem menos freqüente na lista que apresento, seria o resultante de intervenções pontuais em reuniões do IHGB, que encaminham e defendem posicionamentos e propostas diante de itens constantes da pauta destas reuniões. A importância da análise deste quarto tipo de intervenção discursiva se explica também pelo tom polêmico com que ele quase sempre se apresenta¹².

Acredito que esta tipologia possa ser estabelecida dessa maneira, a partir da consideração da enunciação em seus aspectos formais; mas, ao mesmo tempo, penso, inspirada em Foucault, que a mesma tipologia dá conta da distinção dos discursos a partir das formas e dos graus de controle institucional de tais produções. E que ela representa ainda a diversidade de procedimentos que têm como função conjurar poderes e perigos, controlar os imprevistos e afastar, talvez, sua eventual e "inconveniente" materialidade¹³.

Em vários momentos desses pronunciamentos, como veremos, Taunay se manifesta metalingüisticamente, de forma a deixar clara a concepção de discurso que subjaz às suas intervenções, e subrepticamente, de maneira a deixar implícitos o conhecimento das regras e a destreza no uso das estratégias discursivas de que pôde fazer uso para afrontar os adversários.

¹¹ São os de número 6, 17, 18, 19, 22, 23, 30 e 40.

¹² Aqui estariam os de número 16 e 39.

¹³ Cf. 5,32, pp. 10-1.

III. OS DISCURSOS EPIDÍTICOS

"Dia virá em que nessa fecunda idéia [*a da glorificação dos grandes homens que os povos civilizados contam em sua história*], emanada do cérebro de Augusto Comte, nesse empenho de imenso alcance, que se apresenta radiante aos vossos olhos em todas as suas conseqüências, há de a circunstância acidental da nacionalidade desaparecer, e então sublimaremos com honras e louvores quantos gênios têm feito progredir a humanidade e com amor a têm guiado, concorrendo todos eles, por suas virtudes, infortúnios, tenacidade, dedicação e grandeza moral, para a soma de felicidades que hoje em dia já rodeia a cada um de nós no convívio social."

(Visconde de Taunay, "Saudação a Carlos Gomes")

"On sait bien qu'on n'a pas le droit de tout dire, qu'on ne peut pas parler de tout dans n'importe quelle circonstance, que n'importe qui, enfin, ne peut pas parler de n'importe quoi. Tabou de l'objet, rituel de la circonstance, droit privilégié ou exclusif du sujet qui parle"

(Michel Foucault, *L'ordre du discours*)

Os do primeiro tipo, ou seja, os discursos epidíticos, são os de maior número na listagem e representam um tipo de intervenção que se vale da eloqüência e do aparato como princípios formais de elaboração. O primeiro discurso deste tipo se deu em 1870, na sessão magna aniversária do IHGB. Taunay substituiu interinamente Joaquim Manoel de Macedo, orador oficial da instituição, incapacitado naquele momento de desempenhar suas funções. Mas ele parece se esquecer desse discurso ao rememorar a sua iniciação na política, que se deu em 1872:

"A não ser, com efeito, na bem modesta cadeira de professor de preparatórios, francês, geografia e história nos extermatos Aquino e Guimarães, em alguns colégios e na Escola Militar da Praia Vermelha, e aí com a autoridade de mestre que falava a discípulos e meninos, *jamaís erguera eu a voz perante qualquer auditório numeroso, e ainda menos em assembléias solenes*. Que seria, pois, de mim?"¹⁴

Em todo caso, o discurso se deu e foi publicado no mesmo ano. Ele se reveste de um caráter de iniciação, acentuando, de um lado, o conhecimento dos

¹⁴ I.1.34, p. 95 (os itálicos são meus).

aparatos ritualísticos cultuados pela tradição, o que poderia reconfortá-lo e deixá-lo mais à vontade no desempenho da função, e, por outro, o ineditismo da substituição e o mal-estar face à falta de experiência e à alegada ousadia no desempenho do papel. A idéia de *espetáculo*, e de espetáculo inusitado em tais formalidades discursivas, é enfatizada já no primeiro parágrafo, como forma de marcar a ruptura imprevista da tradição:

"Senhor! [*o interlocutor é D. Pedro II, patrono da instituição*]- O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro conta já largo período de existência [*foi fundado em 1839*]; viu passar por diante de si muitos e muitos anos e entretanto na sucessão dos episódios variados e múltiplos de sua vida social, *jamais presenciou espetáculo comparável com aquele que hoje ocorre em seu seio.*"¹⁵

Esta declaração de ruptura da tradição e o modo como justifica a sua fala explicam o mal-estar, como se infringisse em falta grave, ocupando um lugar que não merece ocupar e marcando a reação do público:

"*Hoje dá-se uma inversão completa; a um dos mais notáveis membros desta casa, a um de seus mais infatigáveis lidadores sucede *repentinamente*, no desempenho do mesmo encargo, uma individualidade obscura na arena literária e novel nas labutações oratoriais. Cabal e perfeita justificação têm, pois, os olhares de pasmo e de surpresa que, de todos os pontos desta augusta sala, se fixam sobre mim.*"¹⁶

Uma profusão de sentimentos contraditórios e desencontrados revelam o conflito deste "novel nas labutações oratoriais": ousadia, audácia, modéstia, abatimento, fraqueza, inconseqüência diante do risco, arrependimento e senso de dever se mesclam, se entrecruzam e, sobretudo, se manifestam nessa primeira intervenção como orador:

"Eis a origem de meu esmorecimento ao erguer-me ousadamente e fazer minha voz encher a amplidão destes espaços, afeitos a outros ecos: eis a causa de meu abatimento, pois trago na execução da audácia o sentimento da fraqueza, e se, tão bem penetrado dela, não fugi da incumbência arriscada, é [*porque*] aquele mesmo orador consumado, aquele homem tão grande nas letras dignou-se de indicar-me para substituí-lo nesta grave ocasião. (...) O mestre, o amigo, tocado de pertinaz enfermidade e levado de simpatia ou de demasiada benevolência para com o discípulo, depôs-lhe entre mãos o mandato augusto, e ei-lo - o mesquinho - atônito, arrependido de sua tibieza na denegação, impelido da força do dever, inspirado no ardente desejo de levar ao cabo a empresa e de caminhar pela trilha que lhe apontaram e em que ele reconhece pegadas tão ilustres."¹⁷

¹⁵ 1.2.17, p. 437.

¹⁶ *Idem, ibidem*, pp. 437-8 (os itálicos são meus).

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 438.

A intensidade do apelo dramático contido na imagem construída um pouco depois - "Fora como se *de súbito* valente coluna se abatesse, para que o edifício, com toda a grandeza de sua massa, descansasse sobre flexível e débil esteio."¹⁸ - acentua uma vez mais a necessidade da insistência no ineditismo e numa certa "inconveniência", cujo efeito almejado parece ser o da preparação dos ouvintes para a nova fala, não tão capaz quanto aquela que era anteriormente objeto de tanto reconhecimento. E a outra imagem, da trilha a ser seguida, com as respectivas pegadas, reconhecidas como identificadoras dos oradores precedentes, enfatizam a continuidade a ser mantida institucionalmente: as regras e condições discursivas, clara e constantemente explicitadas ao longo do texto, devem ser respeitadas, sem qualquer mudança. Reconstitui-se a partir daí a "voz institucional" que segue fielmente os ditames traçados e já consagrados pela tradição; neste sentido, aliás, Taunay já se manifesta claramente como o portavoz desta voz institucional, em outro discurso fúnebre (em homenagem ao marquês de Sapucaí) que se segue logo após o da estréia:

"Senhores! Todas as vozes mundanas podiam emudecer em torno desta sepultura aberta; todas as ingratidões, todos os esquecimentos podiam vir como único acompanhamento a este féretro, porque nele está deitado um lidador que, embora muito trabalhasse em benefício da pátria, das ciências e das letras, sobrevivera contudo, pela idade alongada, ao quebrantamento das forças e ao abatimento do valor físico; *mas uma voz tinha o dever rigoroso de dizer aqui um adeus final*, e uma lembrança viva e uma saudade pungente deviam, até o derradeiro instante, cercar pressurosas este venerando corpo que, entregue à terra, vai para sempre desaparecer dentre nós.

Essa voz é a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro."¹⁹

A consciência das formalidades inerentes às condições de produção discursiva se manifesta também, e sobretudo, no estabelecimento do protocolo discursivo, no esclarecimento do cerimonial a ser seguido - já que a ocasião da ocorrência, os requisitos relativos à competência do orador e o tema do discurso ficam desde logo esclarecidos:

"Na verdade, no momento o mais solene de suas reuniões, na sua sessão magna aniversária, costuma levantar-se deste lugar de honra um literato conspícuo, um orador abalizado, cuja palavra, autorizada e ouvida com respeito, relembra os fatos capitais da vida dos consócios falecidos durante o ano e dá existência nova a ilustres entidades que já pertenciam ao mundo do esquecimento."²⁰

A associação entre literato e orador se faz sem questionamento, como se fosse um dado natural, fazendo lembrar os critérios adotados na Antiguidade

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 438.

¹⁹ 1.2.24, pp. 245-6 (os itálicos são meus).

²⁰ 1.2.17, p. 437.

Clássica. Peças literárias e peças oratórias se confundem enquanto construções artísticas, merecendo do público reconhecimentos semelhantes: "...e cada uma destas sessões era mais um *triunfo para as letras*, por isso que era motivo de uma manifestação de sua [*de Macedo*] vigorosa inteligência."²¹ O dote artístico do "orador abalizado" é detalhado em outro trecho:

"Senhores! Há vozes que evocam os mortos! Elas ressoam nos mundos de além e imperiosas chamam à cena da vida personagens sobre quem já caíra a lápide não levadiça da tumba.

A esses esqueletos o talento dá carnes, cores e movimentos; os faz atuar e falar, restabelece para eles a sociedade em que se agitaram, e, enleando a atenção dos vivos, como que mistura o presente com o passado para desenrolar os fatos característicos daquelas existências.

Ainda o ano passado, com que energia não usou o orador dessa prerrogativa preciosa, falando-nos do imortal Martius, do denodado visconde de Inhaúma e do famigerado Affonso de Lamartine?!

E quanto não fora para desejar agora o seu influxo vivificador, quando deparo com o nome do marquês de Olinda no número dos sócios deste Instituto, arrebatados de nosso grêmio durante o ano que chega a seus últimos dias?!

Quanto, senhores?!

Possam as dificuldades com que arco dar-me aquele alento inesperado que surge por vezes das situações críticas e intrincadas."²²

O valor do discurso fúnebre é medido pela capacidade de "ressuscitar" o morto homenageado, de forma a transformá-lo em *personagem* que volta momentaneamente a contracenar entre os vivos. E a medida desse valor é proporcional à intensidade com que o passado - através do "influxo vivificador" da linguagem - toma o lugar do presente. A capacidade desse orador se assemelha à do narrador que, ao criar personagens, chega a dar-lhes tanta impressão de vida que eles parecem realmente viver. O uso de termos como "cena da vida", "personagens", "atuar", mais próprias do mundo da ficção, sugerem que o critério usado para a avaliação do discurso fúnebre se vale do praticado pela crítica literária, chegando mesmo a confundir-se com ele.

Os interlocutores são invocados explicitamente sob duas formas: ou a que faz apelo ao Imperador - "Senhor!" -, no começo e no fim do discurso, pois é ele quem preside tais sessões, ou a que se dirige aos outros ouvintes presentes - "Senhores!", interpelados somente após o esclarecimento das condições de produção desse discurso, no longo trecho inicial. A invocação do Imperador, aliás, se assemelha à invocação das musas da cultura clássica, com função de garantir a inspiração do poeta. Este apelo é mais uma estratégia para a manifestação da imaturidade e da modéstia oratória, e da tentativa de se adequar ao registro formal já consagrado, ou seja, à situação concreta de comunicação

²¹ *Idem, ibidem*, p. 437.

²² *Idem, ibidem*, p. 438-9.

que deve se traduzir pela utilização de um nível de língua formalmente diferenciado:

"Senhor! A Vossa Majestade Imperial peço neste instante o exercício de um dos predicados mais necessários aos poderosos da terra e de que Vossa Majestade a cada passo dá provas irrefreáveis: a longanimidade.

Certo dela, tenho por sem dúvida que a coragem renascerá em mim para poder desempenhar o papel que emprestada e impropriamente represento nesta cerimônia."²³

Neste longo trecho inicial, o discurso se assume como "pessoal", o que pode ser constatado pela presença explícita do locutor no enunciado. Manifestada fundamentalmente através dos *dêiticos*, que são as formas lingüísticas que identificam e localizam as pessoas, os objetos e os eventos, em função do contexto espaço-temporal criado e mantido pelo ato de enunciação, essa presença emerge e se mantém como pólo estruturante, sob a forma do "eu" assumido pelo locutor. Os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, os demonstrativos e certos advérbios de tempo e de lugar empregados cumprem o papel de apontar insistentemente para a instância de enunciação, traduzindo as relações entre locutor e interlocutores e as relações espaço-temporais criadas no e pelo uso da linguagem.

Taunay sabe que tipo de registro deve ser usado em tal situação, já que ele o descreve minuciosamente neste longo exórdio expositivo de suas precauções oratoriais. Ele sabe o que deve fazer - uma exposição das biografias dos membros do Instituto que faleceram no decorrer do ano -, e como deve dar cabo desta incumbência - pelo panegírico, com todos os recursos de eloquência de que puder se valer, sendo as imagens e as perguntas retóricas os mais freqüentes dentre eles. Para ilustrar o seu desempenho diante de tais regras, cito os trechos seguintes, sendo o primeiro exemplar do uso das freqüentes perguntas retóricas e o segundo das inúmeras imagens construídas:

"Qual de vós, senhores, esqueceu ou esquecerá jamais aquele dia, aquela hora, em que a população em peso desta capital afluiu às praias para aclamar o defensor perpétuo da integridade nacional, que corria em socorro de uma das filhas do Brasil?! Qual de vós deixou de pagar o abundante tributo de lágrimas que inquieta emoção arrancava de vosso peito? [*ele se refere à comoção popular manifestada no momento da partida do Imperador para o Rio Grande do Sul, durante a guerra contra o Paraguai*]"²⁴

"Tombara por fim uma das pedras angulares que formavam o coruchêu de nosso edifício social, e com sua queda os termos vizinhos ficaram, à maneira das ruínas do Egito e da Assíria, juncados de destroços que a posteridade contemplará

²³ *Idem, ibidem*, p. 438.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 450.

admirada e reconhecida, seus atos, suas palavras, suas leis e muitos de seus exemplos."²⁵

O longo exórdio é sucedido pelas biografias em tom de panegírico. Ao trecho inicial, em que o que esteve em causa foi o próprio orador e a constituição de seu papel enquanto tal, sucedem, pois, narrativas que procuram dar conta do valor das vidas extintas. O registro do discurso muda abruptamente e as marcas da presença do locutor no enunciado se tornam menos perceptíveis, ou de outro modo perceptíveis, podendo ser observadas em alguns momentos ou em expressões determinadas. Ou seja, apesar de se acautelar, como pregava o ideário positivista, diante de qualquer tentação à intrusão ou à intromissão indevidas:

"Temos entrado em época por demais chegada a nós para que qualquer juízo possa ressaltar dos fatos com aquela pureza de intenções e imparcialidade só próprias dos historiadores alheios à ação apaixonada do momento."²⁶

é possível ainda assim perceber, do começo ao fim do discurso, diferentes graus e modalidades de inscrição do sujeito da enunciação no enunciado, que a partir desse ponto se caracteriza como narrativa. É claro que o registro da presença do narrador no discurso pode ser evidenciado pela simples existência do relato, resultado material de sua existência; mas, indo além disso, é possível também apreender, nos planos ideológico e afetivo, essa presença enquanto algo que, de certo modo, pode aparecer como excessivo ou impróprio, revestindo-se de feições muito diversas e podendo se explicar por diferentes motivos. Ou seja, mesmo pretendendo compor uma narrativa histórica, na qual haveria uma certa pretensão à neutralidade ou à imparcialidade, não é difícil reconhecer que pontualmente a subjetividade acaba por irromper, denunciada no enunciado por registros do discurso com graus diversos de incidência apreciativa e judicativa.

Uma dessas feições seria o que se pode chamar de *discurso avaliativo*, caracterizado pela inscrição indireta do sujeito da enunciação no enunciado, através de expressões lingüísticas que traduzem uma atitude apreciativa. Para isso, vejam-se os elementos em itálico nos trechos selecionados:

"Cinquenta eram os filhos da terra de Santa Cruz, enviados para a assembleia constituinte, em que *pujante* maioria *abaçava* qualquer tentativa em favor do Brasil e *sufocava* os *generosos* cometimentos de *ardente e talentosa* minoria."²⁷

"Esta data terminal representa um dia *de glória imensa* para Araújo Lima, por isso que ele entregou às mãos do soberano a *íntegra* herança que lhe havia sido confiada, que influências *maléficas* haviam tentado *danificar*, e que só a poder de

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 452.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 447.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 441 (os itálicos são meus).

muito patriotismo de sua parte e da de um círculo de *bons* brasileiros ficara preservada de mácula e de dilacerações.²⁸

Nesta última passagem, aliás, o narrador chega a se manifestar de forma marcadamente axiológica, alicercando-se na valorização maniqueísta baseada na oposição bom/mau, com um resultado inegavelmente ideológico.

Uma outra forma de intrusão indireta do narrador se manifesta no que se pode chamar de *discurso modalizante*. Dele podem ser exemplos inúmeras passagens em que o narrador se denuncia, ao indicar as suas crenças e indecisões, de forma a expressar uma avaliação interpretativa. Eis duas delas, nas quais as expressões "com razão" e "com vantagem", além das oposições criadas pelo manejo dos vários adjetivos, atestam lingüisticamente que não há neutralidade discursiva:

"A guerra civil lavrava terrífica entre os vizinhos, e os verdadeiros patriotas ou os estrangeiros amigos da nova nacionalidade *com razão* receavam que a conflagração se estendesse contaminadora e retalhasse em mil pedaços aquela unidade tão bela e tão bem estabelecida em todo o Brasil pela identidade de idéias, costumes e sentimentos."²⁹

"Na grave pendência internacional [*refere-se à questão inglesa*], que produziu as dolorosas represálias a que se julgou com direito o ministro Christie, não esteve o ministério somenos das circunstâncias, e a renhida discussão diplomática, que se travou *com vantagem* para o funcionalismo brasileiro, pôs à mostra quanto vigor tinham aqueles velhos políticos, que tudo podiam sacrificar menos a dignidade da terra em que haviam nascido e que tinham erigido à categoria de nação não desprezível."³⁰

Uma outra forma de inscrição discursiva do "eu" dá-se pela utilização dos tempos e modos verbais. Se a temporalidade organiza-se a partir da noção de *presente*, ou seja, do momento em que se fala, e se os modos verbais traduzem a atitude do locutor em relação aos fatos referidos, veja-se a solução dada pelo narrador ao tentar imaginar os pensamentos do biografado em dado momento de sua vida. No trecho a ser citado, o uso do futuro do subjuntivo se incumbe de criar um universo de referência em que a probabilidade entra em causa, num movimento de antecipação, *pelo discurso*, de eventos cuja ocorrência, *na história*, é posterior ao presente da ação, concretizando uma distorção da ordem temporal que tem grande efeito sugestivo de antecipação do "menos-que-perfeito" ao nível do discurso:

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 446 (os itálicos são meus)

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 443 (os itálicos são meus)

³⁰ *Idem, ibidem*, pp. 447-8 (os itálicos são meus)

"Dezenove anos e poucos meses contava então o jovem Araújo Lima, e hoje, que de longe contemplamos as fases de sua vida, *damos largas à imaginação para figurarmos os pensamentos que lhe ferviam na mente*, ao apartar-se das pátrias plagas e ir buscar na velha Europa a madureza completa de seu talento. *Poderia* ele porventura sonhar com os acontecimentos em que a fortuna destinava-lhe tão larga parte? *Poderia* prever essa carreira tão cheia, tão longa e resplendente, que só por si constitui vastas páginas da história do país que ele então deixava?

Não, decerto.

Araújo Lima só cuidava ir beber ilustração em Portugal, sem consciência ainda de que essa era a arma mais poderosa que lhe *dariam* para lutar a bem da pátria, protestar contra a exorbitância na ação da metrópole e ajudar enfim a derrubar o seu domínio."³¹

A pronta resposta do narrador em seu "Não, decerto." reduz drasticamente o potencial sugestivo da imaginação, mas o que resulta é a manifestação da liberdade para se mover no tempo, sem que a ordem cronológica represente um constrangimento limitador. Há uma segunda investida neste mesmo sentido, na qual o narrador se sente mais seguro em imaginar o que podia "ferver na mente" de seu biografado:

"Nesta segunda partida, a 8 de julho de 1821, Araújo Lima devia já lobrigar mais desvendado o futuro, e, sentindo em si elementos de grande valor moral, compreender que começavam para ele a era dos embates e as ocasiões de glória."³²

Desta vez, a opção pelo indicativo em detrimento do subjuntivo - " devia já lobrigar" e "[devia já] compreender" - torna o universo de referência criado pela imaginação como algo mais certo, quase necessário e altamente provável. Uma outra atualização desse tipo de intrusão dá-se quando aventa a possibilidade de ocorrência de uma cena menos remota no tempo, em que o imperfeito do subjuntivo se incumbe de sugerir o efeito de modalização:

"É bem possível que essa imortal essência [*a alma*], antes de tomar o vôo para regiões ígnatas, *parasse* por instantes e *contemplasse* saudosa aquele corpo que ela abandonava para sempre e com quem tanto havia trabalhado."³³

O apelo ao *discurso figurado*, por sua vez, constitui outra marca de presença do sujeito, no conjunto das escolhas estilísticas que faz, inscrevendo-se enviesadamente no enunciado. Muito prezado pela retórica, tais artificios põem em causa a mítica transparência de um hipotético grau zero da linguagem, contrariando portanto qualquer pretensão à objetividade. Se se analisar o fragmento textual transcrito abaixo à luz das virtualidades do registro figurado,

³¹ *Idem, ibidem*, p. 440 (os itálicos são meus).

³² *Idem, ibidem*, p. 440.

³³ *Idem, ibidem*, p. 451 (os itálicos são meus).

verifica-se um posicionamento claro do narrador contra as invectivas revolucionárias do período da regência. E essa conclusão é possível pela observação do jogo de oposições entre as imagens criadas:

"A menoridade corria tormentosa. No palácio de S. Cristovão o imperial menino, ao lado de duas queridas irmãs, recebia educação esmerada, ao passo que *ondas revoltas bramiam ao derredor, e, bem que possantes, iam esbarrar de encontro àquela vivenda em que o estudo e a inocência eram os únicos guardas.*"³⁴

Taunay se vale também do que se pode chamar de *discurso abstrato*, que se manifesta naqueles momentos em que a expressão da subjetividade parece ser nula, caracterizando-se pelo emprego insistente de "reflexões gerais que enunciam uma 'verdade' fora de qualquer referência espacial ou temporal."³⁵ Sabe-se que do ponto de vista lingüístico, tais reflexões gerais ou máximas são expressas por um presente verbal de cunho aforístico e pela instauração de uma distância máxima entre sujeito da enunciação e enunciado. Vide a passagem seguinte:

"O predicamento a que chegara era capaz de satisfazer à mais lata ambição mas, como em todas as posições alterosas, milhares de espinhos faziam sentir a Araújo Lima que a tranqüilidade de corpo e de alma não se encontra nos focos de luz, porém sim nessa claridade semi-frouxa que representa a mediania de condição.

Mas os homens que a sorte assinalou para os combates não podem senão neles contentar os impulsos internos."³⁶

Na passagem reproduzida, há um movimento de adaptação à máxima que se pretende universal: a transição é clara na passagem introduzida pela proposta de comparação e de inserção do biografado - "como em todas as posições alterosas" - e pela mudança repentina do pretérito verbal para o presente - "faziam sentir" => "não se encontra", "representa". O sujeito discursivo dissimula-se sob a impessoalidade, de modo a poder ser interpretado como portador de uma verdade universal ou como veículo da opinião pública. O comportamento do biografado, um dos "homens que a sorte assinalou para os combates", se justifica à luz de uma norma genérica que a opinião pública admite como verdade irrecusável, ou que até pode passar a admitir a partir de sua enunciação. Por outro lado, sabe-se que é ainda através do discurso abstrato que se delineiam generalizações a partir de referências marcadamente ideológicas, quando se trata de "naturalizar" uma visão particular do mundo. E que o discurso abstrato funciona muitas vezes como instrumento eficaz numa estratégia de

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 443 (os itálicos são meus).

³⁵ 5.90, p. 40.

³⁶ 1.2.17, p. 444 (os itálicos são meus).

manipulação, já que mascara o "eu" responsável pelo enunciado, aparecendo este último como expressão neutra e inquestionável de uma verdade aceita por todos. Ou, nos termos de Alfredo Bosi:

"A ideologia compõe retoricamente (isto é, em registros de persuasão) certas motivações particulares e as dá como necessidades gerais. Nos seus discursos, o interesse e a vontade exprimem-se, ou *traem-se*, sob a forma de algum princípio abstrato ou alguma razão de força maior."³⁷

Este outro exemplo é revelador do processo de heroicização - o das "almas fortes", ou dos "espíritos varonis" - tido como assente por todos:

"Ante a grandeza dos perigos, as almas fortes alteiam-se e de momento fazem por sobrelevá-los pela apreciação calma e um tanto desdenhosa. Envolvidas no torvelinho, não se deixam subjugar pela contingência funesta; procuram de continuo ter peito à sua corrente; cedem por vezes à violência dela mas não desanimam e, como o naufrago que se quer salvar, amiudam as tentativas para enfim vencer ou então morrer, caindo em regra, a modo do gladiador romano, na arena do circo.

Assim procedem os espíritos varonis que aspiram outra coisa mais do que encher simplesmente o curso da existência."³⁸

A vivacidade conferida pelo uso do presente do indicativo e pelo ritmo intenso que marca a ação, além das imagens terminais sugeridas pelo naufrago e pelo gladiador romano, não deixam outra alternativa ao interlocutor senão a de concordar (mais uma vez?) que pode ser desse modo discursivo que se faz um herói. Apenas para ilustrar, veja-se o mesmo processo neste outro trecho:

"Já desde muito era ele considerado como um desses entes venerandos que a mesma morte parece respeitar, e que, verdadeiros Nestores, servem para resolver crises que inopinadamente ocorrem no caminhar da sociedade política."³⁹

Outra manifestação indireta da subjetividade do narrador projetada no enunciado acontece quando ele investe na frequência com que um mesmo acontecimento é mencionado; em outras palavras, o sujeito também pode ser flagrado na relação quantitativa que se estabelece entre o número de eventos da história e o número de vezes que eles são mencionados no discurso. O trecho abaixo acentua a singularidade de uma única ocorrência - o fato de o biografado ter completado "setenta e dois anos" - , ao repetir a mesma informação por três vezes e, com isso, poder enfatizar a idéia de que a idade não foi capaz de reduzir a sua capacidade intelectual:

³⁷ 3.18, p. 194-5.

³⁸ 1.2.17, pp. 444-5 (os itálicos são meus).

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 447 (os itálicos são meus).

"*Setenta e dois anos* para ele haviam já soado, *setenta e dois anos* que curvavam para a terra o seu corpo, mas não dobravam a altaneria de seu espírito; *setenta e dois anos* que faziam tremer-lhe as mãos, aumentavam a surdez, de que padecia há muito, mas deixavam o entendimento desembaraçado no giro de infindas preocupações."⁴⁰

Outra forma de manifestação do narrador, agora mais explícita e assumida, é a *digressão*, muito freqüente nas narrativas de Taunay, o que leva a caracterizá-lo como um narrador fortemente intrusivo. Se ela pode ser entendida sobretudo como um elemento de certo modo marginal em relação à narrativa em que se inscreve, se ela se constitui numa interrupção da dinâmica da narrativa para que o narrador formule asserções, comentários ou reflexões normalmente de teor genérico e transcendendo o concreto dos eventos relatados, veja-se o trecho abaixo, em que se dá uma suspensão momentânea da velocidade adotada pela narrativa, e o posterior pedido de desculpas pela impropriedade da intromissão:

"O orador que a vós se dirige estava então [*em junho de 1865*] nos remotos e lodacentos retiros de Mato Grosso, mas, quando, meses depois, chegaram, como eco amortecido de estrondo atoador, estas simples palavras: 'O Imperador partiu para o Sul', o abalo que ele e seus companheiros tiveram foi imenso. As ações grandiosas ferem o sentimento com descarga elétrica.

Senhores, perdoai-me a digressão, talvez extemporânea. A desculpa acha-se inteira nos poucos anos daquele que vos fala e que ainda não pode ter mão nos impetos de entusiasmo."⁴¹

A parte final do discurso - a peroração, segundo os termos da oratória clássica - cumpre outra formalidade: o agradecimento da atenção dispensada. Mas o orador vai além, em mais duas investidas estratégicas:

"Senhores! Nova comoção se apodera de mim, ao aproximar-se o momento em que devo agradecer-vos a atenção que me haveis dispensado.

Tão honrosa distinção me encheria de louca vaidade, caso mais refletida e arrazoadamente não a interpretasse eu como homenagem prestada à dignidade do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e como sujeição tributada à memória dos eminentes membros que ele com profunda dor viu este ano desaparecer de seu grêmio e de entre as fileiras dos vivos."⁴²

"Senhor! Ao começar, apelei para a benevolência inexaurível de Vossa Majestade Imperial, e mais uma vez ficou provado que, quando um de vossos súditos socorre-se ao vosso magnânimo coração, a sua súplica jamais fica sem resposta."⁴³

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 448 (os itálicos são meus).

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 450 (os itálicos são meus).

⁴² *Idem, ibidem*, p. 458-9 (os itálicos são meus).

⁴³ *Idem, ibidem*, p. 459 (os itálicos são meus).

Após a manifestação inicial de descrença na capacidade de preencher um papel que lhe era (ainda) estranho, e depois de ter mesmo assim cumprido a tarefa que lhe foi atribuída, a modéstia - tantas vezes retoricamente aludida - é deixada momentaneamente de lado, na ameaça de sua substituição pela "louca vaidade", que só não se manifesta concretamente porque os constrangimentos discursivos não permitem arroubos desse tipo: é preciso lembrar sempre a sujeição às regras. *La tradition oblige*. O aprendiz assimilou a lição e dá provas disso, inclusive nesta necessária contenção. E o agradecimento ao Imperador é a manifestação cabal - se bem que indireta, já que é a ele, Imperador, como às antigas musas, que se tributa o mérito do discurso - da aprovação do bom desempenho do orador.

Tendo cumprido então este ritual de iniciação discursiva, o já apto orador volta várias vezes a enunciar discursos epítíticos, nos mesmos moldes do anterior, e nos quais as estratégias para a aceitação pública do seu papel não se fazem mais tão explícita ou intensamente necessárias. No lugar delas surge novamente o narrador modesto, que reconsidera as regras e as alternativas de que pode se valer, chegando até a ensaiar infrações que se imiscuem sinuosamente no discurso:

"Se ao orador que sobe agora a esta tribuna, abrilhantada de modo notável por seus predecessores, falecem as galas e pompas da eloquência para bem desempenhar a sua missão e manter sem quebra as tradições de tão honroso lugar, substitua-as, na singeleza da palavra, a sinceridade do sentimento que lhe dita a frase.

Tenho, aliás, como obrigação quase restrita, falar de mortos; e esta comemoração (...) deve ser toda de exação, lhaneza e veracidade.

Em casos tais, ou a opulência e os arroubos de cintilante imaginação, a arrebatarnos, pela vivacidade e valentia dos tropos e elevação de idéias, o pensamento do círculo comum de elogios banais e demasiado gastos; ou então, a modéstia e a simplicidade, juntando de boa mente os leais recursos, para apontarem, sem pretensão nem falsas e descabidas exagerações, o que valeram os nossos finados consócios..."⁴⁴

São acentuados, no entanto, outros aspectos das condições em que se dão os discursos - agora, a parcialidade própria à homenagem já é explicitamente considerada:

"Não é, nem pode ser, este posto um tribunal que se erija severo, que compare, esmiuça, investigue e afinal decida, transmitindo à posteridade o seu *verdictum*, não; é o púlpito donde prestamos saudosa homenagem, muitas vezes sem mais eco na história, àqueles que pertenceram a esta associação, (...) Aqui predomina, antes

⁴⁴ 1.2.18, p. 418.

do mais, a influência de bem desculpável parcialidade em relação a companheiros de trabalho, por mais modestos que tenham sido,"⁴⁵

Depois de completada a iniciação, os exórdios passam a partir de então a enunciar apenas algum fato ou problema momentâneo que fosse do interesse do público. Outros argumentos são acionados, mais ligados aos temas desenvolvidos, de forma que a estrutura dos novos discursos se constrói sobre outras bases. A longa análise de um único deles, empreendida até aqui, já aponta para recursos modelares que foram posteriormente, e com insistência, utilizados, e para algumas ilusões de objetividade das quais o narrador continuamente se vale. Algumas outras ocorrências esparsas, porém, denunciam o apelo a outros recursos. É sobre eles que vou então me deter a partir daqui.

Em 1877 são publicados os discursos fúnebres em homenagem ao Conde de Porto Alegre e a José de Alencar, proferidos "à beira dos túmulos" dos mortos. Esta nova situação exige intervenções mais breves e mais contundentes. Os recursos retóricos devem então ser acionados e explorados quase que à exaustão, de maneira a criar efeitos mais apropriados à dor e à emoção recentes. No primeiro discurso, dois dos recursos empregados impressionam pelo grau de eloquência atingido. O primeiro deles ocorre no seguinte trecho, logo no início do discurso:

"Senhores! Diante de nós jaz para sempre imóvel, preso nos laços indesejáveis da morte, um grande guerreiro. E este espetáculo é daqueles que conturbam a alma mais vigorosa e abalam o espírito mais indiferente. Causa, com efeito, assombro ver prostrado quem tanto zombou da Morte, quem tanto, em mil pelejas, correu ao seu encontro, quem tão de perto a conheceu e parecia domá-la pela coragem inquebrantável com que a afrontava, e a calma e a serenidade com que se acostumara a encará-la.

Entre o guerreiro e a Morte como que se firmara um pacto solene, que inopinadamente se rompeu.

Fraquearia porventura essa força imensa que lhe permitia contemplar face a face a terrível visitadora? Debilitara-se aquela intrepidez que exigia a singular convenção?

Não, nesses abalos tremendos, capazes de derrubar arcanjos e gigantes, foi o corpo que baqueou. Os anos, e mais que tudo, cruel enfermidade fizeram-se aliados traiçoeiros, e tombou no chão da derrota comum o batalhador impertérito, mas tombou como a árvore colossal que, ao abater-se sob os golpes da tempestade, mostra ao viajante aterrado quanto ela era grande.

Sim! como era grande o ilustre Conde de Porto Alegre!"⁴⁶

O efeito do discurso deve ser coerente com o da cena-espetáculo: deve conturbar a alma mais vigorosa e abalar o espírito mais indiferente. E deve

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 420.

⁴⁶ 1.2.27, p. 96.

também causar assombro nos ouvintes. Para isso, morto e morte - alçada à condição de personagem - são lembrados alegoricamente nos seus embates anteriores e constantes, a fim de elevar a grandeza do homenageado.

Um outro trecho é revelador de outro apelo retórico:

"Quem se não recorda desse dia de angústias [*o da batalha de 3 de novembro*], que findou iluminado pelos clarões da mais esplêndida vitória?"

Acampado em Tuiuti o segundo corpo de exército, é ousadamente atacado pelo inimigo. Nossas primeiras posições são tomadas; ondas de paraguaios irrompem, precipitam-se, levam tudo de vencida, destroem e incendeiam. Nossa base de operações cai em poder deles, nulificando os efeitos da célebre marcha de flanco, que Caxias tão habilmente executara. Tudo para os brasileiros parece irremediavelmente perdido, tudo acabado.

Faltava, porém, vencer o ânimo e a constância de um homem, e esse homem era o Conde de Porto Alegre. Ei-lo deitado aqui, no seu caixão, frio, hirtó, com a fiel espada ao lado. Ali, naquele dia tremendo, ele, de pé, no ponto mais culminante do perigo era o centro de uma resistência insuperável, o único baluarte de encontro ao qual se quebrava o furor de milhares e milhares de inimigos.

Sua coragem é tanta, que nos mais tímidos se infunde. O general reúne batalhões, atira-os ao encarniçado combate, voa por entre as bombas e a metralha, de um ponto para outro; arrasta após si os companheiros; por toda a parte organiza a defesa; repele, depois de repellido; ataca, depois de atacado; força a vitória a vir coroar as armas do Império, e vence depois de vencido."⁴⁷

Neste caso, o duplo apelo ao presente histórico e ao ritmo acelerado da narrativa constitui o recurso básico para engrandecer o homenageado. O efeito é de uma atualização momentânea do acontecimento em que houve o desempenho heróico, de modo a conferir-lhe maior vivacidade. E o fato de tal presentificação ocorrer depois da invocação à memória dos ouvintes - "Quem se não recorda...?" - tem como consequência a participação solidária no esforço de recordação. O ritmo acentuado imprime também uma sincronia entre narrativa e história, no acúmulo rápido de imagens, sobrepondo-se umas às outras, de modo a aumentar a tensão emocional, já intensificada pela presentificação.

No discurso fúnebre a José de Alencar, Taunay, de maneira bizarra e audaciosa, propõe ao público a visualização de uma figura imaginária, a princípio misteriosa, que teria aparecido no momento das últimas homenagens. Trata-se da personificação alegórica da posteridade, cujo aparecimento insólito teria acontecido excepcionalmente, dada a grandeza do homenageado, e como forma de evitar o aniquilamento aventado na série de perguntas que faz, aniquilamento que é comum aos "meros mortais". O tratamento conferido à figura - alçada à condição de personagem - se intensifica pelo tom dramático do diálogo que estabelece com ela:

⁴⁷ *Idem, ibidem*, pp. 97-8.

"Pois um simples punhado de terra encobrirá para todo o sempre tanta grandeza? Aniquilará tudo a um tempo? De envolta com o esquecimento e a ingratição, pesará insensível, implacável, sobre tão opulentos tesouros como sobre este corpo, que tanto lutou, tanto sofreu - invólucro demasiado pequeno para a possante alma que encerrava?"

Não!... Decerto, não.

Erguei, senhores, as vistas do frio e sombrio leito em que vai dormir o inquebrantável sono o ilustre brasileiro e reparai... aí, sentado à beira deste túmulo, um vulto majestoso, de olhar severo, rosto sereno e como que indiferente à dor que nos oprime.

Que estranha visão!

Quem é?

Ei-lo que se levanta.

Como é grande!

Não vos corre pelas veias um calafrio de espanto e admiração?

Caminha! começou a sua missão.

É a posteridade!

Nas tábuas da imortalidade acaba de gravar um nome - José de Alencar.

Salve, gênio eterno da humanidade, salve!

Por instantes, porém, detende o augusto passo e atendei uma prece humilde!

Decorridos séculos, dizei um dia aos filhos do Brasil, quanta aflição vistes rodeando esta tumba; quantas saudades fundas, verdadeiras, desceram à terra com este corpo inanimado; quanta angústia, que lágrimas empanavam o olhar abatido da Pátria e quanto de todos nós era esperada a vossa presença nesta funérea cerimônia, como homenagem ao nosso sofrimento!

Agora... ide!

O atleta do pensamento quer descansar."⁴⁸

Um outro discurso epítitico que merece destaque é a "Saudação a Carlos Gomes" proferida em 25 de julho de 1880, no Congresso Militar do Rio, numa "sessão solene abolicionista". A importância dele se deve, em primeiro lugar, ao fato singular de ser um discurso epidítico em que há interrupção do público. E, em segundo lugar, pela encenação, simbólica para a propaganda abolicionista, de um ato de alforria de um escravo. O homenageado estava presente à cerimônia e, à certa altura da exposição pelo orador das intensas e injustas dificuldades enfrentadas na "escalada" da carreira do maestro, manifesta a sua concordância veemente com o que é dito:

"E o infeliz arfa de cansaço, seus pulsos ensanguentados já o não podem mais suster. Vai a despenhar-se, quando um braço amigo e forte o socorre. Era o de D. Pedro II. "Gratidão eterna", brada Carlos Gomes. - "Trabalhe para o Brasil!" - "Sim, sois o Brasil!"

(O orador é interrompido pelo maestro, que exclama: "É verdade! É verdade!" Aplausos prolongados)."⁴⁹

⁴⁸ *Idem, ibidem*, pp. 99-100.

⁴⁹ 1.1.26, pp. 96-7.

IV. OS DISCURSOS PARLAMENTARES

"Muitas vezes os seus esforços pecavam pelo aparato e pelo vistoso *mise-en-scène*; mas ele compreendeu que este povo, sendo essencialmente rotineiro, é também imaginoso e vivaz; gosta das obras teatrais, espetaculosas."

(J. A. Gurgel do Amaral, "Senador Taunay"
- Editorial do jornal *Rio de Janeiro*, de 31 de agosto de 1886)

O grande número de discursos parlamentares, e a riqueza de recursos argumentativos que asseguraram a fama, o respeito e o temor com que Taunay era tido por seus pares políticos, formam um conjunto considerável de dados que por si só justificariam um volume alentado de análises e comentários. O que proponho aqui é simplesmente a abordagem de alguns desses discursos, com o objetivo de dar uma idéia das possibilidades de estudo que esse material suscita.

Este item poderia admitir dois outros títulos, alternativos, sugeridos por expressões do próprio Taunay, e que são emblemáticos de sua visão da vida parlamentar brasileira no período que lhe foi contemporâneo. Tais expressões são: "A arena definitiva" e "Os perigos da tribuna"⁵⁰. Elas revelam a percepção de que o *lugar* em que os discursos políticos se dão - a *arena* - pode comportar tanto a idéia já mencionada de 'espetáculo', o que significa, entre outras coisas, que há papéis mais ou menos fixos a serem desempenhados, quanto a idéia de 'luta', numa advertência para o fato de que convém não desprezar o poder dos adversários. Vêm daí os *perigos* aludidos... E o fato de ser *definitiva* aponta para a visão processual da formação do orador, cuja iniciação se faz em outros lugares e cuja definição se dá na tribuna parlamentar. As conseqüências dessa percepção se encontram espalhadas por toda a obra do escritor e é também na manifestação de algumas delas que vou me deter.

"- Não queira, Taunay, dizia-me ele [*Francisco Otaviano*], ganhar depressa nome; vá aos poucos. Uma investida brusca da tribuna parlamentar é sempre arriscada; a impressão que ela inspira mesmo aos que estão habituados a falar em público é sempre violenta; demais, um desastre que dê um tanto na vista costuma ser irremediável fracasso. Da primeira vez que me levantei naquele recinto, pareceu-me que o chão se levantava e vinha para cima de mim como ondas enormes. Com os olhos turvos, tudo a girar vertiginosamente em torno, pasmo da minha audácia, balbuciei meia dúzia de palavras, umas baboseiras, e senti-me banhado em copioso suor frio, vacilante se me afundara para sempre no conceito de todo o país ou se alcançara brilhante vitória. Felizmente, tratava-se de uma questão de ordem, a que ninguém prestara atenção.

⁵⁰ 1.1.34, respectivamente às pp. 94 e 97.

Olhe, comece por aí, estude bem o regimento da casa e discuta qualquer ponto que lhe pareça transgressão de disposição ou praxe parlamentar, se se achar com algum sangue frio, finja indignação, levante a voz, faça calar o zunzum das conversas; isto produz logo bom efeito e dá certo gás à oratória dos calouros. Sobretudo nada de discurso decorado. No momento decisivo tudo se lhe riscaria da memória. Talvez sirva este expediente para os padres, acostumados aos sermões. Não queira fazer estréia de estrondo, deixe isto para os bacharéis já com prática das assembleias provinciais e dos júris; mas também não adie muito essa estréia para impedir um acanhamento que se tornaria invencível, o que depois havia de influir em toda a sua vida pública. Apesar de tantos anos de existência agitada, eu por vezes chefe da oposição na câmara, não é, ainda hoje, sem esforço, que reprimo esse retraimento e, de cada vez que peço a palavra, sinto as mãos frias."⁵¹

Esses conselhos do veterano Francisco Otaviano ao calouro Alfredo d'Escragnoille Taunay dispõem sobre o que se deve e o que não se deve fazer na tribuna para "ganhar nome". Parece ser esse, aliás, o objetivo principal a que visa o parlamentar. A empresa é emocionalmente complexa, violenta e arriscada, importando em reações de vertigem e vacilação, e por isso deve ser minuciosamente preparada. É nos aspectos técnicos e formais relativos à praxe parlamentar que o calouro deve investir em sua estréia: a indignação dissimulada e a voz alterada impondo-se às outras vozes são algumas das fórmulas "teatrais" para a garantia do estímulo e do efeito oratório. O desvelamento quase indecoroso de tais conselhos, ao insistir sobre o "papel" a ser desempenhado no "espetáculo" da encenação parlamentar, é elucidativo de algumas das *regras de formação*⁵² desse tipo de discurso, ou seja, as que incidem sobre as suas condições de existência e de manutenção.

O trecho que acabo de comentar encontra-se no texto "Ao entrar para o parlamento" [*em 1872, como deputado pela então província de Goiás, e pelo partido conservador, a que sempre se manteve fiel*], publicado originalmente em jornal, na década de 90 do século XIX; em 1924, reaparece numa coletânea organizada pelo filho do escritor com o título *Homens e coisas do Império*, e finalmente, em 1948, é anexado ao volume das *Memórias*, com o objetivo de dar conta de um período sobre o qual a morte prematura impediu que ele escrevesse. Trata-se de um relato memorialístico, em que Taunay narra as condições nas quais se iniciou na carreira política. Encaro o texto como uma análise particularizada - de cunho mais anedótico que lingüístico, é bom esclarecer - das *condições de iniciação em um certo tipo de formação discursiva* - a

⁵¹ *Idem, ibidem*, pp. 98-9.

⁵² Estas *regras* são as descritas por Michel Foucault quando discorre sobre o conceito de *formação discursiva* em seu livro *A arqueologia do saber* (5.31, sobretudo às pp. 43-4), nos seguintes termos: "Chamaremos de *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição [*discursiva*] (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva."

parlamentar -, cujo estudo pode iluminar determinados aspectos históricos e culturais das *condições de produção* do discurso político no Brasil⁵³.

A sensibilidade com que Taunay descreve os tipos discursivos é também algo que surpreende. Distinguir um orador do outro significa para ele salientar como cada um maneja e manipula a palavra, e isso é sempre motivo de atenção. Eis um dos muitos exemplos em que ele exerce essa sua capacidade de descrição do tipo discursivo, em função do estilo oratório:

"Que pena [*Francisco Otaviano*] não ter deixado escrito, por pouco que fosse, o que sabia tão bem e narrava com tanto espírito, tamanho aticismo e tão extraordinária dutilidade, ora nas linhas gerais, nos delineamentos amplos, sintético à maneira do Salles Torres Homem, inclinado de continuo à solenidade e ênfase, ora minucioso, mordente e sarcástico como o Visconde de Niterói, cuja frase arrebatada, áspera, tinha, contudo, muito chiste, ou então bonachão e fingidamente ingênuo como o velho Osório, marquês do Herval.

Não recuava diante de uma palavra um tanto chula, desabusada ou mais que picaresca, ao invés de Rio Branco, que fugia cauteloso do menor termo equívoco, corriqueiro ou menos delicado, mas fazia com tal propósito e tão adequadamente que parecia impossível buscar qualquer outro rodeio.

Possuía o dom parisiense de tudo dizer, tudo exprimir e até acentuar com pasmosa leveza."⁵⁴

Dentre os muitos trechos e detalhes anedóticos narrados, seleciono alguns que dizem respeito mais propriamente à assimilação das regras no processo de iniciação do político recém-eleito⁵⁵, em vias de assumir o papel de orador brilhante que dele é esperado: "Você tem obrigação de brilhar." é o desafio que lhe faz o amigo Francisco Octaviano. A idéia de 'espetáculo' é, portanto, assimilada desde a origem da atuação parlamentar de Taunay.

Ainda aquém das questões ligadas ao desempenho oratório propriamente dito, era necessário atender a certas regras, que compõem um verdadeiro "*Manual do bom parlamentar*":

"Buscaria (...) cumprir séria e restritamente os meus deveres parlamentares, primando pela assiduidade, estudando as ordens do dia e os pareceres das

⁵³ O uso da expressão "*formação discursiva*" não é destituído de vinculação teórica: ela vem do conceito formulado por Michel Foucault, já mencionado na nota anterior. Resumidamente, pode-se dizer que tal conceito se refere à possibilidade de descrição de um *sistema de dispersão* entre um certo número de enunciados e à possibilidade de definição de uma *regularidade* entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos e as escolhas temáticas concernentes ao discurso, concebido como *acontecimento* ("como aconteceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?" - 5.31, p. 31).

⁵⁴ 1.1.34, pp. 99-100.

⁵⁵ Cabe lembrar que este primeiro sucesso nas umas é declaradamente tributado ao apadrinhamento de um político influente, o Visconde do Rio Branco, e não a qualquer manifestação anterior de desempenho oratório na tribuna. Isto para deixar claro que a estréia no "papel" de parlamentar seria mesmo inédita.

comissões, indo às sessões da câmara bem certo do como deveria votar, não arredando pé antes da conclusão dos trabalhos diários, o que sempre fiz, enfim desempenhando como convinha o meu grave e novo papel na sociedade política, além de zelar com particular e grato afã os interesses da benévola e dócil circunscrição eleitoral, que me constituíra seu advogado e representante."⁵⁶

Aproximando-se um pouco mais das regras discursivas, a primeira preocupação manifesta em relação a sua atuação é com a necessidade de intimidade com o assunto discutido:

"Não me havia de arriscar aos perigos da tribuna senão para tratar, o mais resumidamente possível, de assuntos militares que conhecia bem e em que me sentia seguro, dando neles opinião com toda a singeleza, sem pretensões a retórica e só com o fim de ser prático e útil; fugiria prudentemente das matérias que não fossem da minha alçada e especialidade, observando atento o modo de proceder dos outros e as fórmulas habituais que tanto ajudam o parlamentar, sobretudo novel e deseioso de se iniciar nas praxes do debate."⁵⁷

A imagem prospectiva que faz de si enquanto parlamentar parte da oposição retórica x singeleza - nesta última incluída a idéia de praticidade e utilidade, e da conseqüente negação da primeira. A noção que tem de retórica é algo depreciativa, dado que exclui possibilidades de ação que lhe interessam: no caso, as de ordem prática e útil.

Tendo clara a dificuldade da iniciação, era preciso assegurar o êxito dos primeiros passos. A decisão vem de uma estratégia de desvio já consolidada politicamente e já experimentada por ele - o apelo à imprensa:

"Havia, pensava eu, de fazer como os outros, tantos outros deputados, caso não me fosse dado distinguir-me logo, destacar-me da mediania comum, atingir de chofre posição saliente. Esforçar-me-ia na imprensa, em que prestara já ao gabinete bem bons serviços, tinha disto convicção"⁵⁸, ..."

⁵⁶ 1.1.34, p. 97.

⁵⁷ *Idem. ibidem*, pp. 97-8

⁵⁸ *Idem. ibidem*, p. 97. Este apelo à imprensa se deu quando Taunay trabalhou no gabinete do Visconde do Rio Branco. Os artigos apareciam sob diversos pseudônimos, sendo que vários deles foram acionados para contribuir com a campanha em favor da Lei do Ventre Livre, promulgada em 1871. A pseudonímia, se assegura o anonimato, não garante, por outro lado, a distinção, o destaque e a posição saliente, confessadamente almejados por Taunay, assim como, aliás, por qualquer político, diga-se de passagem. Sobre um deles - o *Hudibras* - Taunay escreve, inclusive, o seguinte: "Com este então, despertara interesse especial e bastante curiosidade, a analisar humoristicamente as conferências republicanas de Quintino Bocayuva, no teatro S. Luiz, e as palestras radicais do senador Silveira da Motta, no Phenix. Com que prazer, entre parênteses, *lá do meu cantinho, obscuro e desconhecido*, ouvia eu da boca dos oradores referências bastante azedas a esses artigos, atribuindo-os a penas conceituadas!" (p. 97, os itálicos são meus)

O papel político da imprensa é esmiuçado em outro discurso, *A Classe militar perante as câmaras*, de 1879, numa clareza evidente da sua função civilizadora e da relação que se pode e deve estabelecer entre ela e a atividade política:

"Entre o parlamento e a imprensa deve existir a ligação mais íntima. Constituem ambos o imenso laboratório em que, sob o influxo do bom senso público, se preparam e se completam hoje essas grandes reformas, algumas até radicais, que irrompiam outrora do seio das multidões a custo de medonhas revoluções e no meio de verdadeiros cataclismos sociais.

A imprensa é quem desbasta o caminho que têm que percorrer as idéias, até que cheguem ao parlamento, para aí serem cuidadosamente analisadas, contempladas debaixo de todas as suas faces, apreciadas em seus justos corolários e afinal convertidas numa fórmula que de todos mereça obediência: a lei.

Seu papel mais nobre e importante é, sem dúvida, indicar aos que governam as aspirações que mais fortemente atuam na opinião popular; assinalar as tendências que podem ser realizadas em proveito de todos; procurar guiar aqueles que se deixam desviar; ser eco dos pensamentos que angariam simpatias; apontar as preocupações que tomam exagerado vulto; aventar os pontos de dúvida e desvanecer os receios que injusta e impensadamente sobressaltem a muitos, por ocasião de se aditarem medidas de certa ordem e caráter."⁵⁹

Um outro trecho do primeiro discurso parlamentar diz respeito ao resultado da comparação com o adversário derrotado nas urnas, tido como um conceituado orador. Nele, Taunay, ao mesmo tempo em que se vangloria da vitória, lembra a sua posição de desvantagem frente às qualidades oratórias, já consagradas, do adversário:

"Em todo caso, ficara enfim radicalmente frustrada a valente e prestigiosa competência levantada em favor do Dr. Candido Guanabara para ser por ele preenchida essa cadeira que eu ia, sem dúvida mais possível, ocupar - Guanabara *advogado de nota, orador influente e aplaudido*. Porventura, porém, não serviria esse nome de constante e desfavorável termo de comparação para comigo, que não tinha tirocinio algum das lutas e embates tribunícios?"⁶⁰

Os dois períodos do trecho estruturam a conhecida formulação polifônica descrita por Ducrot⁶¹ como do tipo '*Certamente p mas q*', em que p é um argumento que pode ser traduzido nos seguintes termos: '*venci um adversário competente em seu desempenho oratório*', o que levaria à conclusão r = *disso posso me vangloriar*; e o q significaria '*a sua competência pode servir de critério para que façam um julgamento desfavorável a mim*', importando numa conclusão inversa r' = *isso é motivo de lamento*. A relação polifônica veicula duas vezes em confronto, cada uma enunciando imagens diferenciadas das personagens políticas

⁵⁹ 1.1.2, pp. 5-6.

⁶⁰ 1.1.34, p. 95 (os itálicos são meus).

⁶¹ 5.28, p. 215.

enquanto virtuosos da oratória. A primeira 'luta' se dá, então, com um *nome*, ou com o que ele (já) significa em termos de habilidade oratória. Veremos a seguir uma das soluções dadas em seus discursos para esse enfrentamento da imagem política construída a partir da oratória.

Num discurso pronunciado em 16 de abril de 1877, na Assembléia Geral Legislativa, quando Taunay representa pela segunda vez a província de Goiás, há um trecho em que se pode observar a estratégia do orador face à imagem pública concernente ao papel de deputado. Trata-se de um momento da longa defesa que faz de propostas relativas ao projeto de imigração de estrangeiros europeus para o Brasil, de que foi assíduo e ferrenho propugnador:

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY - (...) Eu quisera, Sr. Presidente, que todos nós meditássemos, ou melhor, *considerando que sou individualidade demasiado insignificante (não apoiados)*, eu quisera que os homens de estado que temos começassem a meditar em todas essas ponderosas questões; apreciassem todas essas anomalias, iniciando uma série de medidas que dessem a este enorme Império, tão necessitado de gente e de trabalho, não só braços mas também cabeças, idéia que já começa, felizmente, apesar do meticuloso e inconsiderado brasileiro, a merecer alguma atenção e decididas simpatias.

UM Sr. DEPUTADO - Proponha a reforma da constituição.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY - Não vamos de chofre, meu nobre colega; é preciso começar; é preciso aventar a questão, atirá-la à tela do debate, provocar o concurso dos grandes oradores, que, incitados pela agitação do espírito público, deverão levar por diante essas indeclináveis medidas, *sumindo-se então a fraca voz que ousou tomar a iniciativa.*"⁶²

Quando começa a exprimir o desejo da "meditação coletiva" nas questões relativas à imigração, faz de pronto uma retificação relativa aos agentes dessa ação: retira o "nós", substituindo-o por "eles", "os homens de estado que temos", com o argumento de que "sou individualidade demasiado insignificante". Tal retificação, se à primeira vista parece uma correção de uma infração da hierarquia relativa às atribuições públicas, se revela na verdade como uma estratégia extremamente eficaz: lembra o "vá aos poucos" dito por Francisco Octaviano em 1872, ao aconselhá-lo a não ser ousado demais em suas primeiras investidas. E lembra também, só que por uma via dissimulada e suspeita, o desejo de Michel Foucault, ao começar sua Aula Inaugural no Colégio de França:

"(...) et au lieu d'être celui dont vient le discours, je serais plutôt au hasard de son déroulement, une mince lacune, le point de sa disparition possible."⁶³

⁶² 1.1.63, p. 25 (os itálicos são meus).

⁶³ 5.32, pp. 7-8.

Tanto é assim que, como resposta ao desafio anônimo de propor a reforma da constituição, Taunay não cai na provocação ardilosa; ao contrário, descreve como deve ser o processo, que deve incluir o "concurso dos grandes oradores" em que ele, aliás, não se inclui, até que culmine no desaparecimento da "fraca voz que *ousou* tomar a iniciativa."

Outro fator de desvantagem na iniciação na carreira parlamentar vem da consciência de que a conjuntura política do momento lhe é desfavorável, já que vai exigir dele, e imediatamente, um desempenho no sentido de defender o agonizante e isolado situacionismo:

"Que seria, pois, de mim [*que não tinha tirocínio algum das lutas e embates tribunicios*]? Que serviços poderia prestar na defesa do gabinete 7 de Março, tão violenta e apertadamente atacado e que ia enfrentar com vigorosa e ilustrada oposição, já conservadora, já liberal?"⁶⁴

Chamo a atenção para este fator porque ele revela a importância da consideração da conjuntura na avaliação das condições de produção do discurso. Taunay se deparou com problemas desse tipo e encontrou saídas diversas para eles, como veremos a seguir a partir de uma das estratégias discursivas adotadas. Os dados de que me valho foram retirados do último discurso político publicado de Taunay, já como senador, pronunciado na sessão do Senado brasileiro de 31 de maio de 1889 e que foi publicado com o título *Questões de imigração*. O objetivo de sua fala é o de (já como um grande orador?) alertar o parlamento no sentido de atentar para a indiferença com que os imigrantes vinham sendo tratados, observar as parcas condições em que eles viviam e propor algumas medidas para evitar a sua crescente evasão do território brasileiro. A conjuntura política lhe era desfavorável, já que a situação conservadora (encabeçada pelo gabinete 10 de Março) passava por uma crise que teve conseqüências desastrosas para a sua manutenção. Era, portanto, uma situação delicada. Sinais eloqüentes de constrangimento estão presentes em todo o discurso, mas é só em alguns momentos que vou me deter. A primeira investida é a seguinte:

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY: - Não desconheço, Sr. Presidente, que o momento atual da política brasileira seja cheio de complicações, dificuldades e até agruras. Em outros países, porém, dão-se fatos quase idênticos, havendo até neles, como que tal ou qual antagonismo entre o estado da política, e o descontentamento que ela suscita, e o progresso e incremento das forças vivas dessas nações."⁶⁵

De novo, podemos perceber a relação polifônica do tipo *Certamente p mas q* estruturando duas vozes dissonantes: uma acatando a verdade da crise

⁶⁴ 1.1.61, p. 95.

⁶⁵ *Idem. ibidem*, p. 6.

política no Brasil e a outra enunciando a possibilidade de se desvincular tal crise do trabalho que deve ser feito em favor de outras causas, o que ele traduz por "o progresso e incremento das forças vivas dessas nações". E é da possibilidade do antagonismo aludido que ele vai se valer a fim de criar e manter o argumento de seu discurso, ou o lugar para o seu enunciado. Para isso, ele vai se servir do exemplo dos Estados Unidos, de que vai falar longamente para explicitar o *p* da polifonia = há uma crise política grave:

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY: - (...) V. Ex., cuja ilustração é bem conhecida, V. Ex. muito mais lido e erudito do que o humilde orador que se dirige à casa, bem sabe que nos Estados Unidos a política, nos seus interesses e no jogo de desenfreadas ambições, chegou ao mais alto grau de descrédito. Decerto, não é título de benemerência, nem prova de apreço o apelido, que tende cada vez mais a generalizar-se e desprestigiar-se, de *politicians*. São fatos do domínio público, e não é novidade o caso de irem à cadeia personagens de elevada posição, quando a mais completa impunidade não acoroçoa e estimula êmulos e imitadores em suspeitos arranjos, compadrescos e grossas patotas."⁶⁶

É claro que tal estratégia podia se revelar como uma faca de dois gumes, ao propiciar a oportunidade para que a oposição se pronunciasse de maneira a fazer a devida comparação entre esta descrição da política nos Estados Unidos e a situação do Brasil de então, que não era mesmo muito diferente. Tanto que isso acaba acontecendo, e Taunay demonstra saber disso. Ele vai se desviando pouco a pouco dos ataques que lhe são desferidos com, basicamente, dois argumentos sucessivos:

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY: - Ora, Sr. presidente, força é confessar, para honra do Brasil, não chegamos *ainda* a tão lamentável ponto. Os nossos homens políticos, por mais agredidos que possam ser e sejam, *ainda* não se viram arrastados pela rua da ignomínia."⁶⁷

A precariedade desse primeiro argumento - que parece ingenuamente se valer de uma força argumentativa que inexiste nos "ainda" utilizados - é logo explorada pela oposição com um "Muitos mereciam ser", ao que Taunay rebate com perguntas ditas "retóricas", "cujo valor de obrigação se deve justamente ao fato de que elas pretendem obrigar o destinatário a responder, apesar de a resposta ser evidente"⁶⁸, o que se constitui, aliás, num recurso freqüente em todo este discurso:

⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 5-6.

⁶⁷ *Idem, ibidem*, pp. 6-7.

⁶⁸ 5.28, p. 40.

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY: - Também, quantas injustiças se não fazem? Com que facilidade não circulam boatos, que tisnam o nome de inocentes e até dos mais bem intencionados?"⁶⁹

Para se isentar de qualquer acusação de conivência com as eventuais responsabilidades ou culpas dos políticos, e para encerrar a longa exploração que faz do *Certamente p*, que acaba por coincidir perigosamente com a voz que a oposição gostaria de explorar exaustivamente, mas que deveria continuar servindo apenas como uma parte de sua estratégia, ele introduz a seguinte proposta:

"(...) Não desculpo, decerto, nos políticos, erros e culpas, até de simples leviandade; mas precisamos não obedecer a esses perigosos arrastamentos [*dar ouvidos a boatos infundados*]."⁷⁰

Trata-se de uma nova ocorrência de *Certamente p mas q*, cuja força argumentativa vem acrescida da distinção dos sujeitos "eu" e "nós" aí contida. E é só após essa ocorrência e uma breve interrupção de sua explanação que o *mas que* (= o progresso do país deve continuar) encontra condições de aparecer. Ou seja, é só nesse momento que o tema do discurso encontra condições de desenvolvimento:

"(...) Procurava, porém, Sr. presidente, estabelecer certa linha de separação entre a política com as suas agitações, incoerências, contrachocos e irritações e o incremento, que caracteriza as nações novas, uma vez bem encaminhadas as questões do seu vital interesse e adquirida a força inicial e impulsiva, que delas decorre.

Sabe V. Ex., que me refiro principalmente à grande questão da imigração."⁷¹

Há um outro discurso, pronunciado em 31 de janeiro de 1882 na Câmara dos Deputados, que merece ser analisado por se dar, contrariamente ao anterior, em situação de oposição - o que propicia a Taunay condições mais amplas de ataque ao adversário. Trata-se da questão da anulação do diploma de um deputado do partido conservador - o Sr. Mafra -, como consta do parecer da comissão de inquérito nomeada para apurar acusações de irregularidades na sua eleição. Taunay analisa e questiona este resultado, alegando que a comissão teria adulterado os cálculos para prejudicar o deputado.

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY: - Sr. Presidente, começo agradecendo a V. Ex. a proteção que hoje nos concedeu com generosidade, inspirando-se nos verdadeiros sentimentos que devem presidir a todos os atos partidos da cadeira da presidência da câmara.

⁶⁹ 1.1.61, p. 7.

⁷⁰ *Idem. ibidem*, p. 7.

⁷¹ *Idem. ibidem*, p. 8.

Assim pôs V. Ex. barreira às intenções bem manifestas de se furta à discussão e à discussão mais ampla e larga possível...

O Sr. ZAMA : - Não havia tal intenção; protesto em nome da comissão e da câmara.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - ... o presente parecer, o qual suscita, senhores, grandes dúvidas no espírito dos que o lerem e traz em sua conclusão o assinalamento de uma gravíssima injustiça."⁷²

Uma primeira observação diz respeito à profunda ironia com que Taunay reveste toda a sua intervenção. Da primeira observação que faz, pode-se inferir que a atitude do presidente da câmara, ao permitir a discussão, é algo que, apesar de óbvio, não se dá com frequência, mas se deu naquele dia - "a *proteção* que hoje nos concedeu *com generosidade*". Ai já se tem, sob a aparência de um elogio, uma crítica velada e implícita a esta autoridade, membro do partido adversário. Tem-se também neste trecho a manifestação de uma das saídas encontradas por Taunay diante dos apartes; neste caso, é a indiferença.

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - (...) Disse esse notável deputado, o qual vai assumir a posição de *leader* [*trata-se do Sr. Zama*], que nas questões do teor da que discutimos não julgava simplesmente como juiz, mas muito principalmente como político. Veja V. Ex., Sr. Presidente, em que terreno perigoso colocava ele o seu modo de apreciação: dava justamente de mão à obrigação de restrita imparcialidade que devem ter as comissões de inquérito, para assumir o caráter diametralmente oposto - o caráter da parcialidade.

O Sr. DUQUE-ESTRADA TEIXEIRA : - Apoiado. Foi ele que o disse.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Ele o disse com uma franqueza que provoca até elogios."⁷³

A ironia se estende na análise do discurso do presidente da comissão, que se posiciona de maneira indevida: a partir da analogia que faz entre, de um lado, a condição de juiz e de posicionamento imparcial, e de outro, entre o político e o interessado em obter vantagens políticas, Taunay conduz à conclusão de que tal presidente não fez mais do que criar inadvertidamente para si mesmo uma armadilha, arditosamente explorada por Taunay. O resultado é a situação de suspeição em que o presidente é colocado - ele que vai assumir a posição de *leader*! -, e a partir de argumentos que ele próprio concede a seu adversário. Além disso, pode-se notar outra alternativa diante do aparte; neste caso, ele lhe é favorável: basta estendê-lo até o limite da ironia.

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Lá vêm as distinções de palavras sinônimas. Isto é um nunca acabar. Não queiramos, Srs., fazer como os gregos da decadência."⁷⁴

⁷² 1.1.71, p. 3.

⁷³ *Idem. ibidem*, p. 5.

⁷⁴ *Idem. ibidem*, p. 17.

Essa observação de Taunay acerta em cheio na tentativa de calar a voz do outro, na descaracterização das invectivas adversárias: a comparação com a prática grega da retórica decadente desautoriza a voz do outro, ao apontar a sua ineficácia discursiva.

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - (...) Ficou pelas discussões, no seio da comissão, exuberantemente demonstrado, que a questão jurídica levantada com toda a habilidade pelo futuro deputado de Santa Catarina, o qual não virá aqui representá-la legitimamente, foi um recurso, uma armadura, de que se revestiu S. Ex., para procurar fazer resvalar o golpe com que o feria o seu competidor (*não apoiados*), foi um escudo de que se serviu para se amparar contra as flechas que lhe despedira o meu nobre amigo.

O Sr. FELÍCIO DOS SANTOS : - V. Ex. está muito indígena.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Considere V. Ex. todas as minhas frases debaixo do ponto de vista que quiser, ou literário ou sociológico, ciência em que se tem adiantado muito, e com toda a razão seguindo o espirito do século (*Riso*)"⁷⁵

Ao propor uma análise dos reais motivos que teriam levado à acusação do deputado, Taunay se vale das imagens metafóricas de algumas armas de proteção e ataque - escudo e flechas, recurso que é prontamente ridicularizado por Felício dos Santos. A reação de Taunay é pronta e a última palavra é sempre dele.

"O Sr. AFFONSO CELSO JÚNIOR dá um aparte.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Se V. Ex. tem muita pressa, pode manifestar a sua impaciência. Quanto a mim, tenho a minha disposição até às 4 horas da tarde."⁷⁶

Taunay não se abate com as tentativas adversárias de intimidação; ao contrário, ele faz valer os seus direitos discursivos, dentro os quais está a duração do turno da fala.

Um outro recurso é o do apelo de ordem moral à consciência dos membros da comissão; a força das palavras e expressões empregadas em referência à alegada injustiça cometida - "torturas" e "pungentes remorsos" - dá a medida do desvio moral que deve ser reconsiderado:

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - "Quem é que pode deixar de acreditar que a consciência da maioria da comissão sofreu verdadeiras torturas?"

(...)

"O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Veja V. Ex. se não tenho razão, fazendo justiça à comissão de inquérito e acreditando que ela sentiu pungentes remorsos ao ter de torturar, no tribunal do foro íntimo, a consciência e a justiça, a fim de chegar

⁷⁵ *Idem. ibidem*, p. 18.

⁷⁶ *Idem. ibidem*, p. 19.

a um resultado meramente político, quando, sobretudo, a mesma comissão dera já pareceres em sentido absolutamente contrário."⁷⁷

Diante da afirmação de outro adversário, que alega o mesmo espírito de justiça tanto na votação de Taunay quanto na do Sr. Mafra, a resposta negativa do primeiro se vale das condições políticas diferenciadas em que as duas votações de deram: em cada caso, os interesses diferiam, e, portanto, levaram a resultados diversos. No caso atual, a imagem do arraes em situação de perigo representa a situação desesperadora em que o poder de encontra:

O Sr. A. de SIQUEIRA :- Votamos no Sr. Mafra com o mesmo espírito de justiça com que votamos em V. Ex.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY :- Peço a V. Ex. que não faça essa injustiça a si mesmo. Havia a necessidade de salvar uma organização que foi anunciada daquelas cadeiras pelo Sr. presidente do conselho e salvou-se. Hoje mesmo se fará a votação. Não amanhã, visto como depois das três horas quase todos os deputados se retiram, isto é cacoete de longa data. Depois daquela hora falam os oradores mais para o país do que para a câmara, cujas bancadas ficam vazias. Estou portanto no meu posto, falando para o país e é para ele que apelo. A causa do Estado teria que sofrer um balanço, uma oscilação muito forte, se a comissão fizesse dar um bom mergulho a um dos que figuram nela de tripulante. O arraes ameaçado fez o possível para não ir à água e agarrou-se à borda com unhas e dentes. (*Riso*)."⁷⁸

A discussão sobre os cálculos que levaram à constatação da fraude também é motivo para que Taunay se aproveite de uma armadilha em que o adversário inadvertidamente se coloca. O trecho tem muito graça, principalmente pelo fato de Taunay sugerir que não há mesmo saída: se "Nós aqui somos políticos!", a suspeição sempre vai acompanhar cada gesto ou palavra, a serem sempre tributados a interesses partidários. Mas sua proposta é a do desvio dessa lógica: depois de confessar sua adesão anterior a ela, sugere a sua superação:

"O Sr. ZAMA :- Mas olhe que chegava ao mesmo resultado.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY :- Não chegava.

O Sr. ZAMA :- Com certeza. Hei de demonstrá-lo.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY :- Então o que se vê é que VV. EEXs. queriam chegar a um certo e determinado resultado! (*Riso*) Na verdade era a dedução lógica do princípio estabelecido pelo ilustre deputado pelo 3o distrito do Rio de Janeiro.

O nobre deputado assentou como base de todas as decisões - olhar para as conseqüências!

Estudar antes o terreno em que pisar! Imparcialidade e justiça nestas questões é muito bom, mas façamos as coisas para inglês ver! (*Risadas*) Nós aqui somos políticos!

O Sr. ZAMA :- Não apoiado!

⁷⁷ *Idem, ibidem*, pp. 20-1.

⁷⁸ *Idem, ibidem*, p. 27.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Essa teoria, Sr. presidente, era excelente em outros tempos, e eu mesmo faço uma confissão pública, deixei-me guiar por ela em tempos já idos; mas agora que queremos inaugurar uma nova ordem de coisas, que queremos encaminhar este país por uma estrada larga, desbravada de vícios e incoerências, devemos dar de mão a essas idéias tacanhas, tratando tão somente de reconhecer aqueles que tenham pleno direito de vir sentar-se neste recinto pela real manifestação da vontade popular.

Não é, senhores, com pequenos cálculos, com verdadeiras contas de chegar que a nobre comissão de inquérito há de dar mais prestígio ao atual ministério, não; acredito que na opinião pública a entrada do ilustrado Sr. Mafra há de ser mais uma razão de descontentamento.

(*Apoiados da oposição*)

UM Sr. DEPUTADO : - É enfraquecimento do ministério."⁷⁹

O último argumento utilizado, já na peroração, se vale de uma proposta de mudança de interlocutor: dada a tendência inevitável à parcialidade por parte dos políticos, e, portanto, a situação de suspeição em que se encontram, o seu apelo se estende a todos os "ouvintes e leitores" do seu discurso:

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - (...) Mas, senhores, acreditando ter produzido alguma impressão, senão neste recinto, porque a casa deixa-se levar por sentimentos partidários, mas na opinião dos que me ouvirem e lerem, não posso terminar sem fazer uma interrogação:

A 3ª comissão de inquérito, em uma das suas conclusões, manda que seja responsabilizada a junta apuradora que fez uma conta de chegar e não uma conta de somar; - pergunto eu, quem é que responsabilizará a maioria da comissão, quando ela procedeu justamente do mesmo modo, e na procura da justiça e da verdade atendeu de continuo para esse *desideratum*: fazer uma conta de chegar e não uma conta de somar?

Responda o país! (*Apoiados, não apoiados, muito bem*).⁸⁰

Assim, o aprendizado e a execução das regras e estratégias discursivas perfazem um longo caminho de falas mais ou menos entrecortadas, em que a consciência e o exercício da eficiência discursiva é explicitada. Em vários momentos de vários discursos, Taunay acentua sobretudo a associação entre fala e ação, e revela a sua recusa programática da retórica inútil, mencionada, por exemplo, na alusão à decadência grega. O trecho reproduzido abaixo é emblemático dessa sua concepção de discurso, no incitamento à ação que procura ir além da mera ocupação do turno da fala para ser ouvido por um auditório inerte:

⁷⁹ *Idem, ibidem*, pp. 28-9.

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 43.

"Na quadra melindrosa que atravessa o Brasil [1877], mais do que nunca, acho eu, é de urgência falar, falar em termos de obrar, falar para avisar, e, se possível for, aconselhar; falar para, pelo menos, salvar os impulsos da consciência íntima; obrar por meio de leis vastas, de determinações amplas e expedientes completamente novos (*apoiados*)"⁸¹

⁸¹ I.1.78, p. 18.

CAPÍTULO VI

O VIRTUOSISMO DESCRITIVO (OU UMA POÉTICA DO ESPAÇO)

"ETC, este poderia ser o emblema da descrição, texto por excelência interminável, cuja conclusão não se liga à complexidade do objeto descrito, mas ao estoque de palavras de que dispõe o autor, ou às limitações do gênero literário que ele escolheu."

(Philippe Hamon, *La description littéraire*)

"Distincte de l'objet et du motif, l'image figurative est le produit calculé, voulu, d'une organisation, matérielle et intellectuelle à la fois, du champs figuratif (...) Espace perçu, espace pensé, espace fixé, espace de nouveau perçu et puis interprété, des chaînes de relations s'établissent à partir des signes posés sur le support (...) La saisie du figuratif ne peut être assimilée à la vue immédiate du monde naturel, puisqu'il s'agit du montage d'éléments intégrés, à tous les niveaux, dans des structures intellectuelles complexes."

(Pierre Francastel, *La figure et le lieu*)

I - A LÍNGUA COMO NOMENCLATURA

Taunay é tradicionalmente considerado como um *virtuose* da descrição. As páginas antológicas que escreveu são constantemente lembradas e freqüentam manuais de literatura, cujo intuito é o de divulgar trechos significativos dos autores mencionados. No caso deste e de outros escritores, a seleção se baseia nos fundamentos retóricos da exemplaridade; algo como: é-assim-que-se-descreve. Esta constatação é consensual entre os críticos, e pode ser ilustrada por Alcides Bezerra, um de seus vários biógrafos:

"Face das mais brilhantes do talento do Visconde de Taunay é a capacidade descritiva. Não sobrepuja os autores seus contemporâneos. Enquanto que Machado de Assis não nos deixou uma paisagem, Taunay espalhou por toda a sua obra quadros empolgantes da natureza brasileira. Ele mesmo organizou uma antologia das cenas naturais que descreveu no volume *Céus e terras do Brasil*, aparecido em 1882 e já agora [1931] em sétima edição."¹

¹ 2.15, p. 17.

As expressões "quadros empolgantes da natureza brasileira" e "antologia das cenas naturais" parecem escapar a uma consideração que está implícita na segunda epígrafe deste texto: elas deixam de acentuar, em sua inconsciência da distância entre as palavras e as coisas, o grau de trabalho intelectual que subjaz à construção dos quadros e das cenas. A não ser que as palavras "quadros", "antologia" e o adjetivo "empolgantes" já se incumbam de sugerir a extensão desse trabalho.

Para além dessa constatação, no entanto, é possível pensar no que essa tendência representa em termos de postura enunciativa. Ou seja, o que ela revela de apelo à memorização, de arquivamento de dados, de hierarquia. Ou ainda, o que ela traduz enquanto concepção de língua: a da língua como nomenclatura, com funções adâmicas de denominação e de designação do mundo. E daí, a possibilidade de concluir sobre a tendência enciclopedista do viajante-a-(re)descobrir-o-Brasil, mais ou menos clara, dependendo do seu lugar textual e do gênero de texto em que a descrição se manifesta. Uma tendência que se vale de estoques de informações acumuladas e que se traduz sob a forma descritiva.

Considerada historicamente, a descrição é tida como um ponto nevrálgico da retórica e da teoria literária ocidental. Sem um lugar teórico claramente definido, ela é entretanto motivo de controvérsias no que diz respeito ao seu emprego na literatura. Boileau, em sua *Art poétique*, de 1674, a tolera, a título decorativo, nos grandes gêneros como a epopéia, mas a condena em outros, por representar um triplo perigo: a tendência do leitor em saltá-la pelo enfado que pode suscitar, o risco de os termos técnicos tornarem o texto ilegível, e a ameaça, provocada pela proliferação do "detalhe inútil", à coerência interna da obra. Um pouco mais tarde, no século XVIII, os enciclopedistas franceses condenam a descrição-pela-descrição e anunciam a sua condição de serva da narrativa: isento de autonomia, o gênero descritivo não tem direito de cidadania e sua existência deve ser condicionada às necessidades narrativas. E opõem a *definição*, tida como a "boa" maneira de dizer o mundo, à *descrição*, como maneira vaga e pouco precisa de designá-lo. Para Paul Valéry, já no começo de nosso século, a descrição é um texto em que as palavras são permutáveis, e constitui por isso a antítese absoluta da obra ideal e principalmente do poema. Demonstrando uma consciência mais sofisticada da linguagem literária, em que a escolha, a necessidade e a disposição das unidades constitutivas do texto são elementos essenciais de sua caracterização, Valéry justifica assim o desprezo pela descrição, menos comprometida com tais critérios poéticos. Em 1936, Lukács publica o seu famoso "Narrar ou descrever?", em que procura determinar o "verdadeiro" realismo, a partir dos escritores que erige como modelos - Balzac, Tolstoi,

Thomas Mann. Os seus critérios seguem a noção, já veiculada pelos enciclopedistas, de que a descrição deve existir apenas a serviço da narrativa, nunca podendo ser portanto gratuita, e de que o homem deve ser sempre o centro e a motivação dos trechos descritivos.

Enumeração, catálogo, recenseamento, inventário. É com esses termos que Philippe Hamon, em seu livro *La description littéraire*², caracteriza as estruturas simples e utilitárias que estariam na origem da escritura e que seriam tidas como encarnações remotas da descrição. Ainda segundo este autor, elas teriam ligações privilegiadas com certas atividades de autoridade, testemunhais, jurídicas, de referência ao real. E teriam como atributos a razão, a minúcia, a classificação, a competência e a exaustividade. Além de ser um dos principais meios linguísticos de que o homem dispõe para dizer o real, dominá-lo ou ensiná-lo. Seria, em outros termos, uma nova atualização da crença na inexistência de distância entre as palavras e as coisas. O real seria o resultado de tudo aquilo que do mundo se pode racionalmente enumerar, minuciosamente catalogar, recensear pela classificação e inventariar de forma exaustiva. Ou seja, haveria aqui a intervenção de uma teoria mais ou menos implícita, mais ou menos selvagem da linguagem, para usar os termos de Hamon: uma utopia linguística que vê a língua como nomenclatura, cujas funções seriam as de denominar e designar termo a termo o mundo dado a conhecer. E a linguagem se disporia em sua função referencial de etiquetagem do mundo recortado em "unidades". Mais de acordo, portanto, com a impressão expressa por Alcides Bezerra a respeito da capacidade descritiva de Taunay.

A análise da descrição se confunde com a análise da representação do espaço, a partir das várias *topografias* - descrição de objetos inanimados, segundo Raymonde D. Genette³ -, de tipo documental e estético. O narrador focalizador apreende o espaço e o transmite ao leitor por meio de signos fenomenológicos distintos: seja através de modalidades afetivas ou orgânicas, pelas sensações e emoções do corpo; seja através de modalidades cognitivas, de reconhecimento e de interpretação; seja, ainda, a partir de modalidades pragmáticas, pelo gesto e pelo deslocamento. A escritura do espaço se faz, enfim, por enquadramentos e movimentos, respirações e ritmos textuais, e por meio de metáforas espaciais de alcance semântico variado.

E Henri Mitterand nos ajuda a estender a reflexão propondo ainda a análise do espaço na narrativa, sob os seguintes aspectos⁴:

² 3.65, p. 6.

³ 3.62a, pp. 209-10.

⁴ 3.95, pp. 53-4. Tais critérios de análise do espaço foram os usados por Mitterand em sua análise da obra de Flaubert e foram aqui generalizados por mim.

. o das personagens em seu contexto, em meio a objetos e seres que, ao alcance de seu olhar, de sua escuta, de suas expectativas, constróem o seu espaço de vida e desenham ao mesmo tempo o espaço de representação do texto.

. o que o crítico chama de "a socialidade dos lugares", ou seja, os signos e os valores sociais de que estes lugares são dotados, compondo uma "etnografia do lugar".

. e as zonas mais propriamente narratológicas, pensadas sob a perspectiva da relação do lugar e do seu espaço com a ação, como por exemplo, aquela que considera a lógica e a dinâmica dos trajetos, ou o papel dos "acazos de espaço ou das fatalidades de espaço".

E é o mesmo crítico que justifica essa atenção voltada para a análise do espaço, nos seguintes termos, partilhados por mim:

"Il faut tout de même s'entendre sur l'espace romanesque, sur les exigences et les conditions de son étude. C'est un domaine assez peu ou assez mal exploré par l'histoire littéraire et par la critique littéraire, par la narratologie et par la sémiotique aussi, qui ont privilégié, ces années dernières, les travaux sur le personnage, sur la logique narrative, sur le temps, ou sur l'énonciation, sans doute parce qu'en ces matières, les structures romanesques apparaissent plus immédiatement formalisables"⁵

Neste sentido, a descrição na obra do Visconde de Taunay, mais do que uma resposta bem-sucedida às tendências levadas a cabo pelo realismo literário da segunda metade do século XIX, seria, segundo uma perspectiva histórico-cultural, um dos modos "enciclopedistas" através dos quais o escritor contribuiu para o projeto de re-construção do nacionalismo pós-guerra contra o Paraguai. Essa contribuição pode ser observada principalmente em cinco textos-chave dessa obra, que a meu ver trazem em detalhe os fundamentos linguísticos deste projeto. Ou seja, são textos que, pelo modo e lugar em que introduzem a descrição, deixariam entrever a concepção de linguagem e o tipo de postura enunciativa de seu autor, concepção e postura que estariam a serviço deste projeto.

Este tipo de investimento descritivo é sempre motivo de comparação entre Taunay e Euclides da Cunha. Ambos compartilham a necessidade e a profusão dos termos técnicos em seus projetos de descrição da terra brasileira. Alcides Bezerra propõe uma comparação entre os dois:

"Ele [Taunay] e Euclides da Cunha são os dois maiores paisagistas de nossas letras, cada qual mais sugestivo no seu gênero. Euclides é o pintor das grandes telas, a traços largos, onde evoca, com a sua imaginação poderosa, as fases retrospectivas

⁵ 3.95, p. 50.

do ambiente, sepultadas nos milênios geológicos, para explicar o martírio secular da terra calcinada do Nordeste. Vê a terra e a paisagem através das teorias explicativas da ciência, salpicando a descrição de rebarbativos termos técnicos. Sua visão abrange o espaço e o tempo. Os quadros são belos, mas é preciso que o observador tenha os olhos bem aparelhados para ver.

Taunay é um pintor de outra espécie, de outra técnica. Ele também conhece as razões geológicas das paisagens, mas não insiste nelas, alude apenas de passagem. O que empolga não é a visão retrospectiva, é o aspecto momentâneo da natureza. Despreza a coordenada - o tempo - para focalizar toda a atenção no espaço. Não pergunta à beleza por que é bela; vê, descreve-a, apanha-lhe todos os contornos. E o que ele viu, todos poderão ver, tal a fidelidade da observação."⁶

A diferença entre os dois é entrevista no manejo da temporalidade, no modo como ela interfere no processo descritivo. Segundo Bezerra, se para Euclides a questão do tempo é decisiva para explicar geologicamente por que a paisagem é tal qual é, sendo sistemática a sua preocupação retrospectiva, em Taunay esta questão seria marginal, interferindo apenas de passagem, sendo mesmo desprezada nas soluções descritivas encontradas. Acredito, porém, que tais afirmações devam ser relativizadas: o tempo na descrição de Taunay, como veremos, interfere de outra forma, não de maneira necessariamente retrospectiva, mas não é propriamente uma questão marginal.

E quanto ao espaço, é possível estudar em Taunay como se dá a sua representação: se é considerado por si mesmo, ou se ele se subjetiviza, sem solução de continuidade com o sujeito que o constrói; se é já socialmente construído ou está em vias disso; se há "efeitos de espaço" que contam com um apelo semântico significativo para a obra; se a ele está associada a questão da duração e do movimento; se as eventuais mudanças de enquadramento respondem por questões que sejam significativas para a obra.

II - A DESCRIÇÃO TÉCNICA

"La description est alors un récit dans le récit, des récits en série dans le récit principal. La description a bien déjà pour objet de mimer le réel, mais, ce qu'elle veut mimer, c'est de l'événementiel, du mobile, non pas de l'inerte."

(Raymonde Debray Genette,
Les métamorphoses du récit)

Em 1867, o Visconde de Taunay publica o seu primeiro texto, o *Relatório Geral da comissão de engenheiros junto às forças em expedição para a*

⁶ *Idem, ibidem*, pp. 17-8.

Província de Mato Grosso, que, em 1928, na edição preparada pelo filho, teve o seu título resumido, vindo a se chamar simplesmente *Marcha das forças*. Trata-se do relatório feito por esta comissão e redigido por Taunay durante o trajeto da expedição rumo ao Paraguai, como resultado de encomenda feita pelo imperador D. Pedro II:

"Em Campinas o tenente-coronel Miranda Reis dividiu o trabalho para a prontificação do relatório que, segundo as instruções do governo, mensalmente a comissão tinha que remeter à Corte, ficando encarregados o capitão Lago e o primeiro-tenente Barbosa de estudar os rumos da estrada a percorrer, as direções das montanhas, etc.; o primeiro-tenente Chichorro da Gama, das observações mineralógicas e botânicas das diversas zonas; os tenentes Catão e Fragoso, das indicações sobre correntes de água, confluente, afluentes e nascentes, rumos, etc., *informações todas essas que o segundo-tenente Taunay devia reunir para redigir o relatório geral*, o qual era pelo chefe aprovado e assinado."⁷

É um texto quase que exclusivamente de descrição técnica, apesar de se estruturar sob a forma de relatos diários da viagem, em que o olhar do engenheiro militar se mescla ao do botânico, ao do topógrafo, ao do geógrafo, ao do historiador, deixando escapar, em alguns momentos, a manifestação daquele escritor que viria a ser considerado um exímio *descriptor* literário - "Aller chercher la description dans un récit de voyage (...) c'est espérer qu'elle y tienne la place principale"⁸ é o que nos diz Raymonde Genette a propósito dos relatos de viagem. A encomenda oportunista do imperador - ao se aproveitar da guerra - respondia a um propósito coincidente com o dos viajantes que vasculhavam o Brasil no intuito de torná-lo conhecido, ordenando-o sob a égide da classificação, da denominação e da designação, entre outros princípios orientadores do olhar.

Ainda a propósito dos relatos de viagem, a mesma estudiosa de Flaubert acrescenta:

"Mais la description est contaminée par la bâtardise de ce genre [*o relato de viagem*] que traversent au moins cinq types de discours: le narratif, discours du récit; le didactique, discours du guide, le réflexif, discours de l'essai; le satirique et le lyrique, discours plus personnels, mise en question ou dépassement du genre, discours hypo ou hyperbolique. Or, bien qu'apparemment primordial dans un récit de voyage, le discours narratif y est de fable portée. Ici la consécution n'entraîne pas la conséquence, le récit ne transforme rien, il juxtapose. L'espace lui tient lieu de temporalité. Au fur et à mesure qu'il avance, le voyageur produit les hommes et les objets, et non pas l'inverse."⁹

⁷ 1.1.43, p. 8 (os itálicos são meus).

⁸ 3.62a, p. 238.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 238.

Os cinco tipos de discurso mencionados por ela são acionados por Taunay e são os responsáveis por aquela mescla de olhares já mencionados. Narrador, guia, ensaísta, satírico e lírico, Taunay vai justapondo olhares diversos, na medida em que o espaço vai se desenrolando na viagem. Reproduzo alguns pequenos trechos retirados do livro, para ilustrar o tipo de preocupação do escritor:

"Dia 6 de setembro [de 1865] : Deixamos a Água-limpa às 7 horas e 10 minutos, e fomos caminhando por terrenos que apresentam o mesmo aspecto quanto à vegetação raquitica e pouco desenvolvida de *terebinthaceas*, principalmente *anacardeas*, muitas *cassias* de folhagem delicadíssima e tronco escamoso donde lhes vem o nome de *Jacarés*, paineiras (*bombaceas*), *apocyneas* que dão o delicado fruto, a mangaba (*Hancornia speciosa*) e a outra silvestre (*Hancornia pubescens*) e diversas *loganiaceas*."¹⁰

"Dia 10 de outubro [de 1865] : As matas que o vão seguindo [ao rio] ostentam vegetação vigorosa que contrasta agradavelmente com a que distingue os *cerrados*. De fato, muitos e belos exemplares de árvores de construção estendem frondosos ramos sobre a corrente, protegendo outras de menor porte que se agrupam compactamente a seus pés e sustentando elegantes *cipós* que se despenham emaranhadamente ou formam curvas flexuosas - balanços aéreos, em que as *araras* pousam gravemente aos pares, a refletirem nas águas a plumagem azulada e o peito cor de ouro."¹¹

"Dia 16 de novembro [de 1865] : A 1760 m. da margem esquerda do rio Verde existe imenso vale ondado, imitando uma grande bacia, e formado por vários chapadões que ai terminam e que, pela disposição dos capões, variedade multiplice dos acidentes e aspecto risonho do extenso tapete de relva que o cobre, traz a vista encantada de longe."¹²

O primeiro trecho exprime claramente, pelo uso dos termos científicos, a preocupação veiculada a partir do século XVIII, com a História Natural à la Buffon, de que descrever o mundo não é uma atividade própria ao literato. Segundo tais princípios, cabe ao filósofo definir, ao viajante testemunhar o que viu, ao homem de ciência a explicação, ao enciclopedista a reunião dos conhecimentos, sendo que todos devem passar pelo "dar a ver" descritivo. A frequência com que Taunay assume tais papéis - sem demarcar muito nitidamente quando termina um e começa o outro - é intensa e o livro se vê repleto de medidas de comprimento, itálicos científicizantes e indicações de direção do caminho percorrido. Mas ele contém também prenúncios de descrição literária mesclados a tamanha profusão de informações técnico-científicas. A incidência com que os dois outros trechos trazem adjetivos e ensaios de formulação de

¹⁰ I.1.43, p. 68.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 89.

¹² *Idem, ibidem*, pp. 122-3.

imagens demonstra como a linguagem serve à "vista encantada de longe", na reprodução plástica do desenho extasiante dos chapadões, das curvas flexuosas dos cipós, dos balanços aéreos das araras e dos seus reflexos nas águas. Além disso, o último trecho ainda acentua, sobretudo nas expressões "*imitando* uma grande bacia" e "aspecto *risonho* do extenso tapete de relva", a intrusão de um tipo de olhar que, numa inversão do efeito de real, na artificialidade e no estetismo atribuídos à natureza, se mostra aparelhado também de instrumentos metafóricos.

Intervém aqui a concepção de linguagem enquanto nomenclatura, em que nomes se justapõem a nomes, perfazendo adamicamente listas que vão inventariando o mundo que se dá diariamente a conhecer. As imagens descritas se apresentam como se o tempo estivesse suspenso, sendo que sua interferência só é percebida na justaposição de uma imagem que se segue e precede a muitas outras. O descritivo é, para falar com os formalistas russos, a "dominante" do texto, o modo privilegiado de sua organização e coerência, em que atuam certas operações como a memorização, a hierarquia, a redundância, o arquivamento do já-lido e do já-visto, no aproveitamento das contribuições de cada um dos membros da comissão. E exige um leitor diferenciado, que seja atento a operações diferentes e que seja portador de uma competência linguística, sobretudo de ordem lexical. Um novo trecho, escolhido quase ao acaso, é exemplar dessas características:

"O trilho segue perfeitamente a curva do fundo desta importante bacia de outrora, cujos declives e rampas nos ofereciam então, até onde se prolongava a vista, a mais encantadora coleção das flores do sertão a vicejarem na verde grama. Inúmeros malmequeres amarelos e brancos salpicavam de ouro e prata a verdejante relva e belas *gonfrœnas*, lindíssimos tirsos de corolas cândidas (chamados *lirios do campo*) confundiam-se, casavam as delicadas cores, agrupavam-se em maciços cambiantes e, subindo pela encosta dos morros ou espalhando-se pela campina, estendiam-se como um tapete maravilhoso da natureza."¹³

Para além dos termos técnicos que exigem um certo conhecimento e interesse por parte do leitor, e da menção à "bacia de outrora", que revela aquela preocupação geológica que Alcides Bezerra aponta como rara mas presente em Taunay, há marcas de cunho temporal e circunstancial, que são relevantes no escritor. Os verbos no pretérito imperfeito, denunciando que o olhar descritivo está de passagem pela natureza, incidindo sobre suas manifestações fugazes de beleza, e os dêiticos, que marcam as circunstâncias da apreensão do cenário - sobretudo no trecho "nos ofereciam então, até onde prolongava a vista" -,

¹³ *Idem, ibidem*, p. 103.

revelam que o tempo é estruturante do texto descritivo, o que, como já vimos na afirmação de Raymonde Genette, é típico dos relatos de viagem.

A autoridade assumida por Taunay, de testemunha do visto - e não uma testemunha qualquer, já que demonstra a competência necessária - dá conta dessa descrição técnica que exerce a contento a função utilitarista, nesse momento de guerra e de vontade de conhecimento do território nacional.

A descrição sempre foi considerada, portanto, como um problema cuja solução é mais ou menos feliz, dependendo do caso e do momento histórico em que aparece. Esta solução é sempre dependente de uma justificativa da sua existência textual, sobretudo quando se insere em uma narrativa. No relato de viagem, narrativa que se constrói *au jour le jour*, ao sabor da passagem do tempo, a descrição encontra a sua motivação interna em si mesma, na medida em que os objetos se apresentam ao olhar.

III - AS CENAS DE VIAGEM

"La description, par rapport au récit, en dit déjà trop ou trop peu, car chacun le sait, l'espace est à nos yeux infini et chaque objet, horizon, jardin, fleur, est atteint de cette infinitude descriptive dans la mesure où il essaie de découper cet espace et l'enserrer."
(Raymonde Debray Genette,
Les métamorphoses du récit)

No ano seguinte à publicação do primeiro texto já comentado, Taunay lança um outro, chamado *Cenas de Viagem* (1868), também um relato de viagem resultante do seu trabalho enquanto militar participante da guerra contra o Paraguai, sendo que neste, mais à vontade, procura retirar o que chama de "caráter oficial": "Em muitas ocasiões não pude livrar-me da tecnologia [*sic*] científica; usei dela, com parcimônia, ..."14. Ele evita a terminologia técnica mas se traveste sob várias faces, assumindo papéis de expedicionário-naturalista, de soldado, de teórico da narrativa, de ecólogo, de botânico, de corógrafo, de geólogo, de entomólogo, de antropólogo, de lexicólogo, de historiador, de leitor erudito dos clássicos e, enfim, de escritor romântico. E manifesta a consciência das desvantagens narrativas da descrição:

¹⁴ I.1.16, p. 11.

"A narrativa das infelicidades sempre uniformes não pode decerto afetar senão uma forma descritiva, cujo prolongamento há de impreterivelmente tocar, tão de perto, os domínios da monotonia, que [sic] a repercussão é infalível no espírito do leitor."¹⁵

Se o que pretendo aqui é sugerir que, num certo sentido, a descrição na obra de Taunay perfaz um caminho que vai dos textos primeiros, técnico-descritivos, onde cumpre a sua função utilitária, aos textos ficcionais, onde assume feições artísticas como um fim em si mesma, este segundo texto marca o ponto de transição. É a mesma perspectiva de análise de Raymonde D. Genette que, analisando a obra *Par les champs et par les grèves*, de Flaubert, diz:

"... a partir du souvenir, des notes, de leur réécriture, Flaubert le voyageur va se transformer en écrivain, et particulièrement en descripteur. Et c'est de ce point de vue qu'il faut juger les résultats."¹⁶

Se o primeiro livro, nesta perspectiva, representa um *magazin* memorial, um estoque de saberes arquivados que podem ser (e serão) reatualizados, este segundo já manifesta a consciência (expressa no trecho citado) de que a monotonia que a descrição excessiva pode acarretar deve ser evitada. Ou ao menos, de que tentativas de descrição literária fiéis à poética romântica sejam introduzidas aqui e ali, em meio a tanta informação de ordem técnica:

"De certa altura, dominamos os picos vizinhos: alargou-se-nos o horizonte; as grandes copas dos madeiros ficaram ao nível conosco e nossos olhares se atiravam além e bem longe.

No cume, a paisagem tomou amplidão imensa. Eram campos, a perder de vista, verdejantes aqui, azuis mais adiante e roxeados nos extremos limites, cortados por grupos raros de bosques, ao passo que continua mataria mostrava o curso das águas do Aquidauana.

Tais aspectos da natureza são profundamente melancólicos: o espírito como que se atira por essas imensidades, que recordam o indefinido do oceano, sem terem contudo aquela majestade que encanta a alma, lançando-a numa prostração incompreensível. Para o habitante do litoral, as vastidões terrestres despertam milhares de recordações saudosas; suave tristeza se apodera de nós e transporta o espírito às belas praias do mar."¹⁷

A posição privilegiada do contemplador - em perspectiva panorâmica, o "rei dos pontos de vista", segundo Raymonde Genette, e tão afeito ao gosto romântico - se destaca explicitamente como critério para a orientação do olhar. Se é verdade que uma das funções da descrição é a de tentar dissipar o

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 52.

¹⁶ 3.62a, p. 238.

¹⁷ 1.1.16, p. 93.

sentimento do infinito, ao mesmo tempo que não há em nossa cultura uma dissociação entre as impressões de beleza e de grandeza suscitadas pelo horizonte, a paisagem se apresenta aos olhos de Taunay de modo a poder ser recortada e apresentada em função de suas cores e de suas formas. E o olhar urbano, coincidente aqui com o do "habitante do litoral", se mostra nostalgicamente sensibilizado pela imensidão que se lhe depara, de modo a revelar uma conjunção entre o sentimento da vastidão e a recordação de imagens inscritas na memória, dado que são referentes a outros espaços e a outros tempos.

A descrição pode ser também a forma privilegiada que toma a experiência existencial, seja sob a forma de adesão, seja como recusa do objeto descrito. A ausência de saudades do Coxim, manifestada no trecho abaixo, se dá pela impossibilidade de identificação com o espetáculo oferecido pela natureza:

"Antes de deixarmos o Coxim, talvez para sempre, algumas palavras; e sejam elas o nosso adeus, adeus sem saudades, apesar do seu majestoso Taquari, da verde mataria, das lindas garças do *facies* melancólico, do céu puro e noites cintilantes que teriam feito surgir em nós poéticos sonhos, se o estômago - e quantas vezes! - não reagisse dolorosamente com exigências difíceis de satisfazer. A posição do Coxim é pitoresca, - salutar relativamente à zona em que se ergue esse torrão - a vegetação bonita."¹⁸

A esse espetáculo do Coxim, e à reação do narrador-descritor diante dele, podem ser ainda acrescentados o dos buritis - a que se atribui, de um lado, o valor metafórico da majestade e da melancolia e, de outro, a "utilidade artística" - e a conclusão sobre a impossibilidade de apreciar a natureza:

"Nosso pouso foi numa baixada viçosa, coberta por verdejante tapiz de bonita grama, fronteiro a uma das cabeceiras do Taquarimirim e ao lado de dois belos grupos de *horitys*. Lugar encantador para um espírito tranqüilo, cheio de maravilhas para a imaginação de um poeta, fonte de inspirações para um adorador da natureza, não nos provocou ele mais do que o prazer do descanso, fruído depois de cansativa e morosa viagem de duas e meia léguas. Entretanto quão belas eram as puras águas que se revolviam em cachões de encontro a cabeços de rochas e, espumantes, traçavam mil caprichosas curvas?! Da singeleza majestosa e melancólica do buriti nunca se há de falar sobejamente."¹⁹

"Com uma légua de marcha passamos o *ribeirão Claro*, que bem merece esse nome pela alvura das águas rápidas e encachoeiradas.

O desbastamento das margens concorre para que essa cor não seja alterada pela reflexão do verde escuro das árvores. Um único buriti, direito como um mastro, coroado pelas flabeladas palmas, erguia-se garboso no seu isolamento. A sua posição especial o condenava naturalmente aos olhos de quem intentasse lançar um pontilhão para o trânsito; não escapou pois aos machados, quando nossos colegas

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 16.

¹⁹ *Idem, ibidem*, pp. 21-2.

vieram preparando o caminho para a descida da força sobre Miranda. A utilidade artística não o pôde salvar."²⁰

"A disposição de espírito necessária para dar o devido apreço a essas belezas, não se achava em nós. A passagem a vau, dificultosa para os nossos animais de sela, tomou-se quase impossível para os cargueiros, que, aos tombos e mergulhando as canastras, transpuseram, à custa de muitos esforços, o ribeirão. E aprecie-se assim a natureza!"²¹

As visões fugidias e entrecortadas apresentadas por Taunay neste livro vão, desse modo, se acumulando numa sucessividade permanente, inserindo no espaço o trabalho da duração e do movimento, apreensível pela multiplicidade e pela rapidez das mudanças de enquadramento. Assim, as imagens são responsáveis ora pelo dinamismo narrativo do livro, ora pela plasticidade que o narrador lhes confere, ora podem ser vistas como o resultado da necessidade de uma escolha ou da atração de um desejo, suscitado pelo atordoamento do narrador diante da paisagem com a qual se defronta.

E as alternativas apresentadas por Taunay explicitam a função imaginária da descrição, sobretudo se se pensa nas intrusões constantes do seu narrador-descriptor, explicitadas pelo uso constante da primeira pessoa nos seus discursos descritivos. O mesmo se dá com Flaubert e com Rousseau:

"Si Flaubert réussit à intégrer à la description des types de discours très hétérogènes, il est pourtant une forme de discours qui ne va pas sans difficulté, c'est, disons, le discours personnel; autobiographique serait beaucoup trop dire. A première vue, il n'y a aucune incompatibilité entre l'emploi de la première personne et le déploiement d'une description. Les grandes descriptions rousseauistes nous en donnent l'exemple, mais aussi les limites: ou bien le sujet investit l'objet et le plie à tous ses désirs, ou bien le sujet se laisse envahir par l'objet et se dissout en lui. Il va de soi que l'expérience de Rousseau est très spécifique et que je ne la cite que comme un cas limite. Pourtant, plus qu'une autre, elle met à nu la fonction imaginaire de la description, son caractère profondément fantasmatique."²²

IV - AS CENAS DA HISTÓRIA

O livro *A Retirada da Laguna* (1871), por sua vez, investe no sentido de atualizar a descrição de forma mais econômica e mais elaborada, em vista de uma exigência de coerência com o momento histórico. Se nos livros anteriores, Taunay torna clara a afirmação de Foucault²³ de que na descrição não é praticada a separação entre a observação, o documento e a fábula, e de que ela é sempre

²⁰ *Idem, ibidem*, pp. 25-6.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 26.

²² 3.62a, p. 248.

²³ 5.31a, p. 141.

discurso anexo a um texto ou a uma imagem, ou mais exatamente, discurso transitório, lugar de uma comunicação inter-semiológica entre dois textos, entre duas imagens ou entre um texto e uma imagem [considerem-se para isso os desenhos e mapas de autoria de Taunay]; se as várias gerações de escritores, até pelo menos ou sobretudo os românticos, procuraram fixar a lista dos grandes *topoi* descritivos ocidentais (o pôr do sol, a tempestade, o clarão da lua, o jardim na primavera, o panorama, etc.), neste livro Taunay abdica dessa pretensão, já que o momento histórico e o tema do livro não são propícios para isso: ele determina ao olhar a imposição de cenas em que o tempo se mostra em sua espessura histórica. E o que resulta aqui é a composição de quadros metonímicos, com a presença incisiva do homem, que procuram dar conta da fragmentação e da suspensão da visão romântica anterior, posta em causa pelas cenas da guerra:

"A carreta e o carroção, com o dobro da lotação, de todos os lados deixavam pender braços, pernas, cabeças onde já se imprimiam os sinais da morte. Aos manchegos, aos armões das peças igualmente atulhavam desesperados recentemente atacados e já agonizantes."²⁴

A fragmentação é incisiva e as imagens são constantemente atravessadas pela história, cuja interferência reduz o tipo de potencialidade estética das descrições anteriores - agora, as imagens são dramáticas, quase grotescas :

"Os cadáveres paraguaios, objeto dos primeiros esbulhos, ficaram assim nus, estendidos ao sol. Notamos um, o de um rapaz de forma atléticas, cuja cabeça, de uma têmpera à outra, perfurara uma bala. Tinha os olhos tumefatos nas órbitas e, apesar de todo o sangue que em abundância correrá ainda, de sob a fronte, lhe gotejavam grossas bagas, que pareciam lágrimas. *Pungente emblema da passagem exterminadora da guerra sobre a sua valorosa nação*, aniquilada pelo chefe implacável que a regia.

Quanta idéia lúgubre evoca um campo de batalha! Sobretudo nestas solidões imensas, onde o próprio gênio do mal parecia ter penosamente convocado e reunido alguns milhares de homens para que mutuamente se exterminassem, como se terra lhes faltara para viverem em paz do fruto do seu labor."²⁵

Um outro princípio de organização da descrição interfere aqui: da típica justaposição de cenas dos livros anteriores, passa-se a uma espécie de subordinação dos dados só aparentemente secundários. Cria-se a possibilidade de um modelo paradigmático - vide o "pungente emblema" - que produz o efeito grotesco.

Seja, portanto, por injunções da guerra, na composição das imagens em que a harmonia e o equilíbrio não encontram mais o seu espaço, entrecortado que é pela interferência do tempo da história, seja por imposições do tipo de viagem

²⁴ 1.1.11, p. 107.

²⁵ *Idem, ibidem*, pp. 84-5 (os itálicos são meus).

empreendida, que determina uma apreensão caleidoscópica da natureza que se dá a ver, o resultado descritivo neste terceiro livro é outro, intervalado, fragmentado, em séries de mosaicos dissonantes.

V - UMA *OVERTURE*

"... o descritivo aciona enfim o enunciado sobre os textos memorizados - memorizáveis do Saber, textos escritos alhures e em que se confundem e se quer ajustar listas de palavras a listas de coisas."

(Philippe Hamon, *La description littéraire*)

O primeiro capítulo do romance *Inocência* (1872) é essencialmente descritivo e, por sua beleza exemplar, costuma freqüentar antologias²⁶. A esta freqüência pode-se atribuir pelo menos duas razões: o *savoir-faire* descritivo de seu autor e o fato de poder ser extraído da narrativa, sem prejuízo do seu entendimento (nem da narrativa, nem do trecho). Pode-se saltá-lo, portanto, a despeito das prevenções de Boileau. Trata-se de uma formulação bem sucedida do quadro, do cenário onde se vai desenrolar a narrativa, em respeito à orientação clássica de lisibilidade e clareza. O título do capítulo - "O sertão e o sertanejo" - já introduz, em sua generalidade, essa idéia de composição do cenário. Aqui, Taunay não se movimenta mais do detalhe ao detalhe como nas obras iniciais, mas do geral ao particular: do sertanista enquanto um tipo regional às personagens romanescas singulares, que o vão representar na narrativa que se desenvolve a seguir. Na economia do romance, o capítulo se coloca, apesar de descartável, como as protofonias, as *ouvertures* das grandes óperas, destinadas a introduzir o espectador na atmosfera da obra que é executada a seguir.

Mas nem por isso o narrador deixa de se comportar como um guia, nem de empregar termos científicos reveladores de visões de alguma forma especializadas da natureza. O que isso pode significar, nesta altura em que o texto se propõe como ficcional? A análise do capítulo demonstra que há uma atenuação desses usos, de maneira a tornar clara a dupla competência do descritor: a de que viu o lugar de que fala e a de que sabe que a ocasião não é apropriada para a exposição pela linguagem do que o olhar especializado é capaz de apreender. Vejamos com exemplos como se dá esse processo de atenuação e mescla de recursos:

²⁶ É o caso, por exemplo, do livro *Céus e terras do Brasil*, onde ocupa a posição de primeiro texto selecionado (1.1.20, pp. 13-28)

"A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquele solo, fertilizado aliás por um sem número de límpidos e borbulhantes regatos, ribeirões e rios, cujos contingentes são outros tantos tributários do claro e fundo Paraná ou, na contravertente, do correntoso Paraguai.

Essa areia solta, e um tanto grossa, tem cor uniforme que reverbera com intensidade os raios do Sol, quando nela batem de chapa. Em alguns pontos é tão fofa e movediça que os animais das *tropas* viajeras arquejam de cansaço, ao vencerem aquele terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canela."²⁷

Neste trecho, a descrição plástica que se vale de formas, cores e reflexos não exclui informações de outra ordem, como o da composição do solo (geologia) e o da disposição dos rios e afluentes (geografia), e o uso de termos específicos dessas áreas de conhecimento, como "tributários" e "contravertente", por exemplo. E tudo isso numa linguagem cuidada, com atenção ao ritmo e à escolha cuidadosa das palavras, o que a meu ver dificilmente enfadaria o leitor.

Um outro trecho, em que se descrevem os afazeres do sertanejo, compõe-se de séries enumerativas:

"L'énumération, la partition, avant même la répartition, sont aux sources de l'acte descriptif. La totalité ne peut se donner à connaître que dans son caractère parcellaire et cumulatif, comme s'il s'agissait de ne rien laisser dans l'ombre pour qu'on en ait 'plein les yeux'. La taxinomie est l'*ancilla descriptionis*, comme la description l'*ancilla narrationis*."²⁸

ou ainda:

"Il est un fait que l'énumération et la taxinomie sont à peu près inévitables dans une description."²⁹

Tais séries são tanto as que expõem as atividades do sertanejo, numa acumulação exaustiva de frases que se somam a frases, quanto as que listam os vários tipos de conhecimento que são por ele adquiridos:

"O legítimo sertanejo, explorador dos desertos, não tem, em geral, família. Enquanto moço, seu fim único é devastar terras, pisar campos onde ninguém antes pusera pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras e furar matas, que descobridor algum até então haja varado.

Cresce-lhe o orgulho na razão da extensão e importância das viagens empreendidas; e seu maior gosto cifra-se em enumerar as correntes caudais que transpôs, os ribeirões que batizou, as serras que transmontou e os pantanais que afoitamente cortou, quando não levou dias e dias a rodeá-los com rara paciência.

Cada ano que finda traz-lhe mais um valioso conhecimento e acrescenta uma pedra ao monumento da sua inocente vaidade."³⁰

²⁷ 1.1.36, pp. 9-10.

²⁸ 3.62a, p. 213.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 252.

E o descritor não deixa também de dar vazão à expansividade própria do olhar romântico, garantindo um espaço para aquilo que da natureza pode estimular a imaginação melancólica, na associação ilusória entre as imagens da memória e as que se apresentam ao olhar do viajante:

"Quanta melancolia baixa à terra com o cair da tarde! (...) Quem viaja atento às impressões íntimas, estremece, mau grado seu, ao ouvir nesse momento de saudades o tanger de um sino muito, muito ao longe, ou o silvar distante de uma locomotiva impossível. São insetos ocultos na macega que trazem essa ilusão, por tal modo viva e perfeita que a imaginação, embora desabusada e prevenida, ergue o vôo e lá vai por estes mundos afora a doidejar e a criar mil fantasias."³¹

O homem urbano e sensível ao que lhe vai no íntimo - nostalgia, melancolia e saudade - cria, a partir dos ruídos que lhe são estranhos, os sinos e as locomotivas que lhe são familiares.

Outro recurso de que Taunay se vale neste capítulo é o da vivacidade conferida à descrição, que chega a assumir ares de "narrativa". Ou seja, o que há para ser descrito acaba por ser narrado. É o caso da bela descrição-narração do incêndio da mata, provocado pelo tropeiro fumante descuidado. É óbvio que o caráter *événementiel* do trecho - trata-se de um fato, um acontecimento - não deixa outra alternativa senão a da narração, mas o dado de alta frequência com que é revestido - o incêndio é uma constante no sertão - faz com que ele roce a atemporalidade típica da descrição. Há uma narrativização do objeto descrito, "presentificado" de várias maneiras, e o uso dos verbos no presente confirma esse dado. Este presente visa assegurar ao leitor a perenidade do objeto descrito, mas talvez mais do que isso, assinalar uma certa maneira de ver do descritor, "tragado" pela beleza da cena e pouco a pouco aprisionado por ela.

Outro aspecto que justificaria a assunção da narrativa é a introdução do homem na paisagem, da sua ação sobre ela, quando antes a preocupação descritiva só o havia incluído *en passant*, sem se deter em detalhes:

"(...) rareiam, porém, depois as casas, mais e mais, e caminham-se largas horas, dias inteiros sem se ver morada nem gente até ao *retiro* de João Pereira, guarda avançada daquelas solidões, homem chão e hospitaleiro, que acolhe com carinho o viajante desses alongados páramos, oferece-lhe momentâneo agasalho e o provê da matalotagem precisa para alcançar os campos de Miranda e Piqueri, ou da Vacaria e Nioac, no Baixo Paraguai."³²

³⁰ 1.1.36, p. 14.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 13.

³² *Idem, ibidem*, p. 9.

A descrição do incêndio é exemplar, no sentido de sugerir que as suas ocorrências singulares e eventuais vão se dar, ou já se deram, nos mesmos termos e com a mesma precisão de detalhes de sempre:

"Nesses campos, tão diversos pelo matiz das cores, o capim crescido e ressecado pelo ardor do Sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incêndio que algum tropeiro, por acaso ou mero enfado, atea com uma faúlha do seu isqueiro. Minando à surda na touceira, queda a vívida centelha. Corra daí a instantes qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula, como que a contemplar medrosa e vacilante os espaços imensos que se alongam diante dela. Soprem então as auras com mais força, e de mil pontos, a um tempo, rebentam sôfregas labaredas que se enroscam umas nas outras, de súbito se dividem, deslizam, lambem vastas superfícies, despedem ao céu rolos de negrejante fumo e voam, roncando pelos matagais de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio que não possam transpor, caso não as tanja para além o vento, ajudando com valente fôlego a larga obra de destruição."³³

O último trecho do capítulo é separado dos anteriores por asteriscos que marcam um novo tipo de investimento descritivo. É nele que podemos perceber a mudança repentina e provisória nos tempos verbais empregados - do até então constante presente do indicativo passa-se abruptamente para o pretérito perfeito, num ensaio de formulação narrativa que irrompe como se estivesse o tempo todo prestes a isso:

"Espalham-se, por fim, as sombras da noite.

O sertanejo que de nada cuidou, que não ouviu as harmonias da tarde, nem reparou nos esplendores do céu, que não viu a tristeza a pairar sobre a terra, que de nada se arreceia, consubstanciado como está com a solidão, pára, relanceia os olhos ao redor de si e, se no lugar presente alguma aguada, por má que seja, apeia-se, desencilha o cavalo e reunindo logo uns gravetos bem secos, tira fogo do isqueiro, mais por distração do que por necessidade."³⁴

Os verbos no pretérito perfeito criam a ilusão narrativa de uma singularização em uma personagem que escapa ao tipo genérico do sertanejo. E as negativas que se associam a estas manifestações verbais - "nada cuidou", "não ouviu", "nem reparou", etc. -, além de acentuarem o caráter *événementiel* da descrição-narração, funcionam como um fator de distinção entre o sertanejo e o narrador, nas suas reações diferenciadas diante dos apelos da natureza.

O tempo que se imiscui sinuosamente na descrição se organiza em uma unidade exemplar: trata-se de um dia descrito. Trata-se de um dia que pode ser como qualquer outro, na sua circularidade quase-mítica. E a passagem do tempo

³³ *Idem, ibidem*, p. 10.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 13.

é percebida aqui e ali, sendo ela a responsável pela distinção das imagens descritas:

"Correm as horas: vem o Sol descambando; refresca a brisa, e sopra rijo o vento. Não ciciam mais os buritis; gemem, e convulsamente agitam as flabeladas palmas. É a tarde que chega."³⁵

A história que é contada é a do sertanejo-tipo, emblemática e circular, que se repete de geração em geração:

"Quando o sertanejo vai ficando velho, quando sente os membros cansados e entorpecidos, os olhos já enevoados pela idade, os braços frouxos para manejar a machadinha que lhe dá o substancial palmito ou o saboroso mel de abelhas, procura então quem o queira para esposa, alguma viúva ou parenta chegada, forma casa e escola, e prepara os filhos e enteados para a vida aventureira e livre que tantos gozos lhe dera outrora."³⁶

O processo de formação do sertanejo se dá graças ao ensinamento paterno e a um recurso da memória: o da língua que se faz descrição.

"Esses discípulos, aguçada a curiosidade *com as repetidas e animadas descrições das grandes cenas da natureza*, um belo dia desertam da casa paterna, espalham-se por aí além, e uns nos confins do Paraná, outros nas brenhas de São Paulo, nas planuras de Goiás ou nas bocainas de Mato Grosso, por toda a parte enfim, onde haja deserto, vão pôr em ativa prática tudo quanto souberam tão bem ouvir, relembrando as façanhas do seu respeitado progenitor e mestre."³⁷

VI - A NARRAÇÃO DOS OBJETOS

O quinto livro é aquele mencionado por Alcides Bezerra para ilustrar o virtuosismo descritivo de Taunay. Publicado originalmente em 1882, *Céus e terras do Brasil* é composto de uma maneira inusitada - apresentando-se como uma antologia de textos descritivos, ele é formado por três partes: "Cenas e tipos", na qual se inclui o primeiro capítulo de *Inocência*, o já analisado "O sertão e o sertanejo", e um segundo texto, com o título "O camarada". A segunda parte chama-se "Quadros da natureza brasileira" que, com um recorte novamente temporal, contém os textos seguintes: I. "Aurora", II. "Ao meio-dia", III. "Trovoada", IV. "Temporal", V. "A tarde", VI. "A noite", VII. "O rio Aquidauana", VIII. "Armação de Itapocoroy (Santa Catarina)". E a terceira parte,

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 13.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 15.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 15.

"Fantasias", abriga verdadeiras narrativas onde se imiscuem belos trechos descritivos: - I. "O sonho de um sabiá" e II. "A araponga e a onça".

Tal composição é representativa dos aspectos descritivos até aqui analisados. Na composição de retratos de tipos genéricos, na mescla de narração e descrição, nos recortes temporais, nos detalhes menores elevados à categoria de exemplares, Taunay ousa dar a este livro, aparentemente heterogêneo em sua composição, um título que sugere mais a uniformidade da descrição do que qualquer outra coisa.

CAPÍTULO VII

A VEIA CÔMICA

"Felizmente vivemos num país onde o vício é sempre recompensado e a virtude castigada. (*Emendando-se*) Não; troquei as bolas!... O vício castigado e a virtude recompensada!"
(Fala da personagem Praxedes na comédia *Por um triz coronel!*, do Visconde de Taunay)

I - O TEATRO NUMA POLTRONA

"Que impressão produzirá em cena? Ignoro."
(Visconde de Taunay)

A fórmula provocadora que dá título a essas primeiras observações - "O teatro numa poltrona" - vem do título de um livro do escritor romântico francês Alfred de Musset - *Spectacle dans un fauteuil*, de 1832 - e designa um teatro que não se destinaria à representação mas à leitura, e que de antemão se resigna a ser privado de qualquer prolongamento no palco. Ela é sugestiva para a abordagem das peças teatrais de Taunay que, contrariando as razões de Musset, não continham nenhuma impossibilidade cênica: o fato de nunca terem saído do papel não se explica, como veremos, por serem longas, complexas, com muitas personagens, por preverem constantes mudanças de cenário, ou por qualquer outro impedimento. São peças representáveis, mas nunca efetivamente representadas.

O trecho reproduzido à guisa de epígrafe, por sua vez, encontra-se transcrito nos prefácios das duas publicações organizadas por Affonso d'E. Taunay, que reúnem em 2ª edição as peças teatrais escritas pelo Visconde¹. Affonso reproduz ali o trecho manuscrito, encontrado no arquivo pessoal do pai, que esclarece em detalhe as alterações estruturais feitas na tradução para o francês da peça *Amélia Smith* (o original é de 1886). Esta tradução, dada como desaparecida por Affonso, era o primeiro passo para a montagem e a encenação da peça num "grande teatro francês", com a intermediação, o apoio e a colaboração de Olivier du Taiguy, tradutor de *Inocência* para a língua francesa, sob o pseudônimo de Olivier de Chastel. A ignorância sobre a impressão

¹ Trata-se dos livros *Amélia Smith*, de 1930 (I.1.6, p. 8) e *A conquista do filho / Por um triz coronel! / Da mão à boca se perde a sopa*, de 1931 (I.1.3, p. 4).

produzida em cena se manteve em relação a esta e a todas as outras peças escritas pelo Visconde e pode ser partilhada por quem se interesse por teatro no Brasil: surpreendentemente ou não, nenhuma delas jamais foi encenada, apesar desse esforço do escritor-também-dramaturgo e do comentário favorável do amigo francês: "Le drame à présent se tient superbement sur ses pieds".

Uma outra tentativa frustrada de levar à cena uma peça de sua lavra se deu com *La conquête du fils*, escrita originalmente em francês e também destinada a ser representada na França, por intermédio do mesmo Olivier du Taiguy, e também não publicada. O resultado concreto deste empenho foi tão somente o "rascunho muito completo" da peça, uma tradução para o português publicada postumamente e também por iniciativa do filho, em 1912, na *Revista da Academia Brasileira de Letras*. As razões apresentadas por Affonso para a ausência de montagens da peça *Amélia Smith* - "A vida prodigiosamente ativa do político e propagandista não permitiu a Taunay ocupar-se da montagem do seu drama." - podem até certo ponto explicar o fato de esta e as outras peças não terem sido anunciadas nos teatros brasileiros, ou mesmo franceses. As contingências circunstanciais talvez tivessem impedido esta ou outras montagens, mas depois de 1889 tais impedimentos haviam-se atenuado e, mesmo assim, parece não ter havido nenhum projeto posterior de seu autor neste sentido. Teria valido a pena, principalmente se pensarmos em suas comédias.

As incursões de Taunay pelo mundo do teatro se deram como dramaturgo e como crítico, e trazem ou este estigma de frustração ou o da polêmica e do mal-entendido. O episódio que envolve a publicação do libreto da ópera *Lo Schiavo*, de Carlos Gomes, levou Taunay a publicar esclarecimentos em jornais sobre o limite de sua contribuição na autoria, a seu ver indevidamente atribuída a ele e ao italiano Rodolfo Paravicini:

"Tem-se ultimamente, e com certa vivacidade, discutido o libreto da esplêndida partitura que, para honra e glória da nação brasileira, está sendo, e com extraordinário êxito, cantada em nosso primeiro teatro lírico [a estréia da ópera no Rio de Janeiro se deu em 26 de setembro de 1889].

Imensa, eletrizante a impressão que produziu, dando um dia de fausto júbilo à arte brasileira e nova coroa de louros à fronte radiante e leonina do único grande compositor americano

Posso, portanto agora, e sem o mínimo inconveniente, salvaguardar de uma aliás pequena responsabilidade, o meu nome, a minha qualidade de homem de letras, algum tanto versado nas coisas pátrias, tendo em vista as esquisitices, anacronismos e extravagantes confusões históricas e étnicas infiltradas num modestíssimo esboço de libreto, às pressas por mim delineado, no dia da partida de Carlos Gomes para a Europa, ao findar 1880.

- Dê-me uma idéia qualquer! dizia-me o maestro com angustiosa insistência. Fazem os libretistas italianos belíssimos versos mas não têm inventividade. Basta-

me o mínimo esboço! Em todo o caso não desejo assunto indio como a *Moema* que me mandaste². Já no *Guarani* há bugres em número suficiente.

- Está muito bem, respondi-lhe. Vou dar a você algumas indicações suscetíveis de bom desenvolvimento em mãos de quem delas saiba tirar partido.

E, apelando para as reminiscências literárias, pois se não tratava da obra minha, a lápis escrevi, sobre uma mesa do Hotel de França, enquanto Carlos Gomes acabava de arrumar as malas, e em cinco ou seis páginas de papel de carta, mais ou menos isto que segue."³

O que segue são sugestões ficcionais para serem desenvolvidas, já divididas em quatro atos; o relato de episódios posteriores, ainda relativos a este libreto, como o pedido de autorização de Carlos Gomes para modificações e acréscimos, o que foi logo concedido; a menção aos "seis volumes de Roberto Southey e à *Confederação dos Tamoios*" como algumas das fontes usadas por Paravicini para a pesquisa histórica; e a insistência na necessidade de isentar o seu nome de qualquer associação com a autoria do libreto:

"Quando, pois, li o libreto que estampa em sua folha de rosto o nome de Alfredo Taunay verifiquei que esta inscrição nada mais significa do que comovente demonstração de afeto por parte do velho e genial amigo a quem tanto quero.

Já tudo estava ultimado, impresso, com música adaptada às palavras e às situações. Enfim era o mal irremediável! Eis o motivo que leva a dar esta explicação simplicíssima que, para as pessoas honestas e leais, cortam pela raiz qualquer tentativa de crítica por parte daqueles que, sob o ponto de vista histórico-literário, me censurem."⁴

² A respeito desse libreto, Affonso dá a seguinte informação: "Em 1878 escreveu para Carlos Gomes um libreto *Paraguassu*, depois crismado *Moema*. Jamais o imprimiu, aliás, nem foi aproveitado pelo compositor." (1.1.3, p. 3).

³ 1.1.26, pp. 120-1.

⁴ 1.1.26, p. 125. A este texto de Taunay, intitulado "A minha colaboração como libretista do *Escravo*" (pp. 120-6), segue-se uma nota de Affonso, que, aliás, faz pensar na possibilidade de um estudo comparativo entre as indicações originais de Taunay e o resultado a que chegou Paravicini (vide 1.1.85), com os seguintes dizeres: "Não tendo podido encontrar o original português deste capítulo, precisei traduzir o texto da *Revista italiana* onde se estampa uma versão do protesto-explicação do Visconde de Taunay contra as deturpações de seu projeto de libreto realizadas pelo poeta Rodolpho Paravicini.

E com efeito dificilmente será possível reunir maior soma de incongruências, verdadeiros absurdos, colossais estapafurdices do que fez esse libretista. Se escrevesse a sua moxinifada pseudo-brasileira nos dias de hoje estaria justificado podendo-se dizer que se documentara com a *História do Brasil pelo método confuso* da inventiva gaiata de Mendes Fradique.

Basta dizer que transportou o cenário de 1801 para o século XVI (exatamente em 1567) instalando uma nobre dama francesa, de alta linhagem, em Niterói, com castelo e parque!

Ao palácio dessa condessa de Boissy frequenta o conde Don Rodrigo, 'feudatário português, senhor de engenho de cana à margem do Paraíba', pai de Américo. Assiste a uma festa veneziana dada pela fidalga a numerosas damas e oficiais seus compatriotas! Após o bailado declara a condessa que admiradora (*sic!*) de Coligny ia agora cumprir um voto: outorgar a liberdade a seus escravos tamoios!

E o coro lhe brada:

Sublime idea d'umanità/Brava contessa! viva il Brasile, Terra civile di libertà!...

Rege-se o resto por este pano de amostra." (p. 126)

Além desse episódio em que os equívocos parecem ter sido causados pela pressa e por um certo descuido, pode-se lembrar também a publicação do texto "Meyerbeer e a ópera *Os Huguenotes*"⁵, de 1879, como um outro momento em que Taunay se viu envolvido com o teatro, agora na condição de crítico. O texto adquiriu uma certa fama por ter sido o estopim de uma polêmica travada com Tobias Barreto⁶, estendendo-se por réplicas e tréplicas provocativas e ferozes, de ambas as partes. Os doestos foram trocados a partir da publicação do ensaio crítico de Taunay sobre a ópera, na *Revista Brasileira*, em outubro de 1879. A seguir, Tobias escreve a primeira réplica, intitulada "Alguma coisa também a propósito de Meyerbeer", que foi publicada em 25 e 26 de fevereiro de 1880, no *Jornal do Recife*. A tréplica do Visconde é publicada quase um mês depois, em 22 de março, na *Gazeta de Notícias*, sendo seguida por outra, de Tobias, nos dias 14, 15, 17 e 24 de abril, sob o título "O Célebre Sr. Taunay e o Obscuro Escritor da Escada". São sobretudo trocas de acusações de incompetência crítica, em que cada um parece ver ferido o seu orgulho diante do público e por isso sente a necessidade de provar o contrário do que vê afirmado de si com tanta ironia.

Além de crítico teatral, Taunay foi também autor de dois dramas, dois provérbios cômicos e um libreto, escritos na seguinte ordem cronológica: o provérbio *Da mão à boca se perde a sopa*, publicado em 1874, em meio aos contos do livro *Histórias brasileiras*⁷, sob o pseudônimo de Sylvio Dinarte; o libreto *Paraguassu* (ou *Moema*), em 1878 e sob encomenda de Carlos Gomes, jamais impresso; um outro provérbio, ou comédia de costumes, chamada *Por um triz coronel! (Tua a figueira e eu à beira)* e publicada na *Revista Brasileira* em 1880, sob o pseudônimo de Eugenio de Mello⁸; o drama em quatro atos *Amélia Smith*, publicado em livro em 1886, pela editora Laemmert, do Rio de Janeiro; e, finalmente, um outro drama, o já citado *A conquista do filho*, só publicado postumamente em 1912, na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, por iniciativa do filho, como já vimos⁹. Algumas dessas publicações contaram com uma segunda edição, em 1931¹⁰.

Se as comédias acontecem antes de casamentos que decidem as situações instáveis das personagens, os dramas se dão depois, e pelo mesmo motivo: a ameaça, sempre não concretizada, de revelação da verdadeira paternidade dos

⁵ 1.2.33.

⁶ Vide 2.13 e 2.14. Não é, no entanto, uma polêmica brasileira famosa

⁷ 1.1.33, pp. 63-115.

⁸ 1.2.38.

⁹ 1.2.3.

¹⁰ 1.1.3.

filhos, tidos como frutos honestos dos casamentos. Dado o apelo histórico e moralmente provocativo das comédias, é nelas que vou me deter a seguir.

II- AFINAL, QUEM PERDEU A SOPA?

Da mão à boca se perde a sopa é um provérbio em um ato, ou seja, uma pequena comédia que tem por tema o desenvolvimento do provérbio que lhe dá título. O instante fugaz em que se leva a sopa da mão à boca pode conter sucessos imprevistos, capazes de pôr tudo a perder, inclusive os planos calculados com o maior rigor. O humor da peça vem, sobretudo, do caráter repentino das oscilações no andamento da trama - ao sabor da instabilidade e da imprevisibilidade do mercado financeiro e de revelações súbitas -, de alguns momentos cômicos e do perfil de algumas personagens.

As cenas se passam no Rio de Janeiro, na casa do "capitalista" Manoel Ribeiro, casado com D. Rita. A data é 1871: a guerra contra o Paraguai e a guerra franco-prussiana terminaram há pouco, e o que se vê aqui e ali são oportunidades de especulação num mercado em que os preços de certos gêneros - café e algodão, sobretudo - sofrem as oscilações conseqüentes dos conflitos. O casal tem uma filha chamada Isabel, cuja mão é disputada numa mesma tarde por três pretendentes: Miguel Faria, o arrivista com grandes chances de se dar bem nos negócios; Alfredo Rocha, poeta pobre e primo de Isabel; e Alberto Lemos, filho de Ignácio Lemos, que é por sua vez sócio de Manoel Ribeiro. As cenas se dão numa tarde, um pouco antes do jantar no qual os convivas se deliciariam com um peixe - "Com um peixe! (*Dando um muchocho*) Que peixe!... O primor dos mares!...", segundo as palavras do anfitrião. Os pedidos acontecem um após o outro, numa exposição gradativa e crua das verdadeiras intenções e interesses dos pretendentes, desvelando a hipocrisia dos dois primeiros e a sinceridade do amor do terceiro. Este é o escolhido de Isabel, que permanece até o fim ignorante das peripécias da trama que envolve o seu futuro. São eles, Isabel e Alberto, os mais sinceramente interessados no casamento e os que menos aparecem *sur la scène*.

Os pedidos de casamento são o motivo para a exposição dos interesses em jogo, em movimentos que vão do velar ao desvelar, sendo Ribeiro o único que não demonstra razões para esconder qualquer sentimento ou impressão e o único cujo perfil é explorado cômicamente. A peça faz lembrar Molière, e por vários motivos. Ela se constrói em conformidade perfeita com a regra clássica das três unidades, tal como foi definida por Aristóteles e prescrita pelo classicismo francês: o seu desenvolvimento se dá em *uma única* ação principal, no espaço de *um dia* e em *um* mesmo lugar. E se encaminha, pondo em causa vícios e virtudes

sociais, em direção à *la juste mesure*, ao equilíbrio, ao bom senso e à harmonia, todos valores cultuados pelo classicismo em geral e por Molière em especial. Além disso, os recursos cômicos - que vão dos gestos às falas - são muito semelhantes aos explorados pelo autor de *Tartuffe*. Vale lembrar que Taunay cita Molière como um autor de sua predileção, seja em suas *Memórias*¹¹, seja em epígrafes que escolhe para seus textos, notadamente em *Inocência*¹².

A peça pode ser dividida em três partes, cada uma delas correspondendo a cada um dos pedidos de casamento e ao destino dado a eles. A primeira parte, a mais longa, vai da cena I à cena XIV - com exceção da cena IV, na qual ocorre o segundo pedido.

A primeira parte começa, já na cena I, com a sugestão de que o primeiro pedido, feito por Fonseca, tio e mensageiro do pretendente Miguel Faria nesta ocasião especial, já havia sido enunciado. Fonseca e Ribeiro contracenam um jogo em que alguns valores entram em causa e "roubam a cena", no sentido de relegarem a segundo plano a questão específica do casamento. A hipocrisia que sustenta o contrário, ou seja, que a reunião das personagens se dá em função do casamento, se mantém a duras penas até o momento em que a operação financeira sugerida pelo já agora noivo Faria, e entusiasticamente acatada pelo já agora futuro sogro, verdadeira causa da reunião, é dada como malograda (cenas XII e XIII). E esse jogo vai se encadeando em fases sucessivas e gradativamente reveladoras dos reais interesses das personagens envolvidas.

A hipocrisia vai, então, sendo revelada aos poucos e a partir da conjunção de vários índices. Um primeiro sintoma do comportamento hipócrita de Fonseca, de seu sobrinho Faria e do amigo Siqueira é perceptível pela observação dos espaços de tempo dedicados a cada um dos "negócios": apesar de o casamento ser, em princípio, a causa das visitas, a ele só é dedicado o tempo necessário para se criarem as condições favoráveis para o estabelecimento do segundo "negócio", ou seja, a participação de Ribeiro na compra do algodão, a ser vendido por preço mais alto que o praticado no mercado ao vapor que chegaria de Nova York no dia

¹¹ Às pp. 17-8 de 1.1.44, pode-se ler a seguinte notícia memorialística sobre o seu contato com a obra de Molière: "No dia seguinte, [o tio Carlos] dava-me uma edição de Molière em seis volumes - obras completas MDCCCXXII com a seguinte dedicatória: '*Ce livre m'a été donné par mon ami Denoix et m'est très précieux. Je le donne à mon neveu Alfred en souvenir de sa bonne humeur et de son énergie de fer. Novembre 1853 - C. A. Taunay.*'"

Conservo esta obra que me proporcionou, logo que a recebi [com dez anos], bem bons momentos, porquanto já então gostava bastante da leitura. Muitas belas gargalhadas dei com o *Bourgeois gentilhomme*, *Mr. de Pourceaugnac* e *Les fourberies de Scapin*, que li e reli."

¹² Neste romance, Molière, em meio a uma série de outros autores clássicos e românticos, é citado através de sua personagem Sganarelle, da peça *O médico à força*, na epígrafe do capítulo III. Além disso, no capítulo XVI, outra fala da mesma peça é citada, também em epígrafe, e, no capítulo XIX, um trecho da peça *O amor médico*.

seguinte. A vantagem da transação seria a de um lucro extraordinário - de 40% -, de acordo com as estimativas de Faria. E, assim, o assunto dessa especulação financeira ocupa os relativamente longos trechos que vão da cena VI à cena XIII. Além disso, alguns outros índices levam à mesma percepção - o casamento é, sucessivamente, fruto de muito cálculo, explicitamente relegado a segundo plano e, após a notícia do malogro especulativo, simplesmente desprezado:

"FARIA (*após breve pausa*) - Sr. Ribeiro, venho falar a V. Ex. a respeito de dois negócios da mais alta importância... O primeiro, sobretudo, vai entender com o meu futuro (*parando um pouco*). Meu tio sem dúvida já lhe há de ter vindo falar...

RIBEIRO - Pois não... e...

FARIA (*apressadamente*) - Devo contar com a sua benevolência?

RIBEIRO (*com ar fino*) - O senhor é um manganão feliz... Só lhe digo isto... muito feliz!

FARIA (*com fingida efusão*) - Agora, sim, reconheço-me como tal... A minha estrela...

SIQUEIRA (*interrompendo*) - Mas o seu merecimento, meu amigo? Tem-no em pouca conta?... Além disto tudo estava calculado..."¹³

FARIA - Perfeitamente... Agora que tenho certeza do sentimento que lhe inspiro [*a Isabel*], acho-me capaz de tudo. (*Com tom frio*) Liquidado este primeiro negócio (*emendando com rapidez a frase*), decidido este primeiro assunto, passaremos ao segundo, que traz particularmente o meu amigo Siqueira à sua presença...

SIQUEIRA (*tomando a palavra, com volubilidade*) - É coisa infalível, Sr. comendador; questão simplesmente de confiança. V. Ex. é capitalista; Faria já pode ser chamado seu genro; eu sou amigo dele, homem que a ambos deve merecer crédito... não é?

FARIA E RIBEIRO (*inclinando-se*) - Decerto!...

SIQUEIRA - Assim, pois, procurei por intermédio de Faria vir falar a V. Ex., que, podendo mover de pronto com grandes capitais, encaminhará uma operação segura, na qual da noite para o dia ganharemos, nós três presentes, quarenta por cento..."¹⁴

"FARIA - Resolvido este ponto, voltemos ao assunto (*com fingida comoção*) que fará a minha eterna felicidade

SIQUEIRA (*para Faria*) - Então vem todo o algodão?

FARIA - Todo. Se mais houver, que mandem! (*Mudando de tom e voltando-se para Ribeiro*) Sim, a minha felicidade...

SIQUEIRA (*atalhando*) - E se o telégrafo estiver interrompido?

FARIA (*mudando de tom*) - Está trabalhando... Há pouco passei um telegrama. (*Voltando-se para Ribeiro*) Na verdade o amor que sinto por sua filha...

(*Entra um criado*)

FARIA (*dirigindo-se para o criado e com tom imperativo*) - Entregue de minha parte ao Sr. Queiroz, o administrador...

(*O criado sai*)"¹⁵

¹³ 1.2.33, p. 89.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 90.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 95.

"FONSECA - (...) Você vai partir daqui a meia hora...
 FARIA - Para onde?
 FONSECA - Para Santos... O vapor sai às 5 horas da tarde... há tempo de sobra... Não deixe embarcar o algodão... Ao menos espere ele em Santos... Talvez deixando passar a primeira impressão na praça... daqui a dias...
 FARIA - É uma idéia, mas...
 FONSECA - Mas o que?
 FARIA - E o Sr. Ribeiro?... O jantar?... O nosso?..
 FONSECA - Fica tudo adiado... ninguém come enquanto você não voltar... Dois dias, ou pouco mais...
 RIBEIRO (*com a mão metida dentro do bolso do colete*) - Perdoe-me: isto não. (*Com sorriso um pouco altivo*) Mas ninguém pode retê-lo... Antes de tudo... (*Acentuando*) de tudo, os negócios..."¹⁶

O fato de ser um capitalista bem-sucedido em seus negócios poderia levar a crer que Ribeiro é uma personagem enfadonha. Mas ele não é só isso: sua graça está, sobretudo, na veemência com que manifesta a frustração por não ter alcançado a glória advinda da produção artística. Trata-se da aspiração de uma celebridade inspirada em biografias de poetas cujas vidas são o avesso da sua. Ele se coloca na condição de vítima de uma decisão - a de ser "capitalista"- que exclui qualquer possibilidade de investimento na arte. E o humor da primeira cena oscila entre as adulações quase servis de Fonseca e a revelação destas frustrações pessoais, por Ribeiro:

"RIBEIRO - (...) Oh! eu havia nascido para alguma coisa de grande neste mundo... e que consegui afinal?... Que sou no fim de contas?
 FONSECA (*com calor*) - Oh! meu amigo, capitalista e muito forte!... Que se pode desejar mais?
 RIBEIRO (*levantando os ombros*) - Qual!... E a glória, Sr. Fonseca? A glória?
 FONSECA (*com surpresa*) - Que quer você com a glória?
 RIBEIRO (*apressadamente*) - Sim... ter um nome célebre, conhecido... ouvir a boca da fama apregoar os nossos triunfos, nossas façanhas... ver-se apontado... sentir o nosso amor-próprio docemente lisonjeado... Então tudo isso de nada vale? Olhe, palavra de honra: eu quisera agora, neste momento, ter só uma côdea de pão duro que roer, contanto que tivesse a certeza de que o nome de Manoel Ribeiro enchia os quatro cantos do universo... Pintar um quadro imenso... escrever um poema em cinquenta cantos ou um romance em trinta volumes... compor uma marcha solene pra oitocentos e cinquenta professores (*com muito fogo*) hein? Que satisfação... Como se deve ficar cheio!"¹⁷

A grandeza das aspirações de glória de Ribeiro é medida em cifras astronômicas, assim como sua riqueza material pode ser avaliada por cifras de mesmo alcance. A frustração aparece diante da impossibilidade de conciliação das duas atividades, já que a imagem estereotipada e caricata que tem do poeta -

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 105.

¹⁷ *Idem, ibidem*, pp. 68-9.

herança paródica do ultra-romantismo? - exclui qualquer possibilidade de desempenho no mundo dos negócios:

"RIBEIRO - Desde os meus primeiros anos vi contrariada a minha vocação... Nasci na opulência, cresci na riqueza, fui obrigado a cuidar de meus bens, a aumentá-los, e com esses cuidados materiais já se foi extinguindo o fogo sagrado que em minha mente ardia, e que a miséria e o desgosto teriam feito medrar como chama devoradora...

FONSECA - Eu o acho, Sr. Ribeiro, poeta demais...

RIBEIRO (*com ar desabusado e puxando o beijo*) - Eu poeta?... Aos cinquenta anos... depois de trinta de casado e bem casado?!... Já com uma filha em estado de tomar estado?!... Você então não conhece o poeta!... Poeta é um moço pálido, macerado de vigílias, namorador das estrelas, apaixonado louco de quanta mulher encontre, verzejador em cima das fogueiras da inquisição ou espetado numa baioneta, choramingador de desgraças por que nunca passou... de cotovelo roto e chapéu amassado (*parando de repente e com satisfação*) Sinceramente agrada-me esta descrição... fui feliz deveras. (*Mudando de tom*) Se o poeta for velho então é filósofo... ou calvo como um urubu, ou possuidor de guedelha inculta e rebelde... unhas compridas, olhar desvairado, cantará as delícias da mocidade, que outrora lhe parecera atroz, e desesperará da salvação da humanidade. Mas, no meio de tudo isso, como a gente sente o coração bater! Quantas alegrias, quantas doçuras nas privações... No juízo dos outros não passa de um infeliz... mas no íntimo o poeta não troca as suas ilusões pela fortuna de um príncipe... de um nababo..."¹⁸

Os resultados de tamanha frustração são, por um lado, a conclusão de que seria melhor possuir "algum dinheiro nos bolsos do que muitos versos na cachola", principalmente por não ter "outro meio de [se] celebrar"; e, por outro, o prazer que tem - não partilhado por ninguém, aliás -, e que demonstra imodestamente aqui e ali, de se dar bem no manejo da linguagem, único resquício daquele "fogo sagrado que em [sua] mente ardia":

"Sinceramente agrada-me esta descrição. Fui feliz deveras";

"Eu sou assim... Às vezes tenho graça, mas graça natural, nada forçada... É como aprecio... Isto de repente estudados de véspera não é comigo...";

"RIBEIRO - (...) Daqui a pouco estaremos à mesa. O Sr. Siqueira verá que peixe!...

SIQUEIRA - V. Ex., porém, me disse que...

RIBEIRO - Minha excelência não atinge a dele... Não há molho que me sirva (*rindo-se*) Não gostou?

SIQUEIRA - Muito... mas gostarei ainda mais do peixe...

RIBEIRO - Sim, senhor; teve também espírito..."¹⁹

Um outro resultado desta frustração é o sonho de ter um genro com dotes artísticos, por mínimos que fossem. Este sonho não condiz com o perfil calculista de Faria, apontado com muita ênfase por seu tio para convencer Ribeiro da

¹⁸ *Idem. ibidem*, pp. 69-70.

¹⁹ *Idem. ibidem*, respectivamente às pp. 69, 95 e 99.

conveniência do casamento. Configura-se a partir daí um possível empecilho para o enlace, logo atenuado pelas hábeis estratégias de Fonseca. Mas Ribeiro continua a insistir em querer ver poesia no futuro genro... As duas primeiras cenas dão conta destes movimentos de vai-e-vem, que têm muita graça:

"RIBEIRO - É um moço que tem futuro...

FONSECA - Calculista, meu amigo! Não dá um passo sem pensar; não diz uma palavra (*faz com as mãos gesto de quem pesa*) sem pesá-la cuidadosamente...

RIBEIRO (*com certa hesitação*) - Mas ele... me parece...

FONSECA (*com algum receio*) - O que?

RIBEIRO - Prosaico demais...

FONSECA (*arrebatao*) - Como prosaico! Diga realista... Um bom senso prático que espanta... não vê as coisas senão como elas são. Nada às avessas... nada de miragens... Pão pão, queijo queijo... É da minha escola..."

"RIBEIRO - Estou certo que minha filha há de ser feliz...

FONSECA (*influndo-se pouco a pouco*) - Que dúvida! Um noivo daquela força no movimento da praça!... Um olho tão firme nas subidas e descidas do café!... Que significa isso senão riquezas, sedas, comendas, e afinal baronatos e talvez até a carta de conselho! Depois... poucos filhos... Compreende?... Não há tempo.

RIBEIRO - E isso é mais conforme à poesia...

FONSECA - Decerto! E mesmo impedem-se subdivisões de fortuna...

RIBEIRO - É pena que seu sobrinho não cultive (*parando nas palavras*) alguma arte... Olhe, se eu fosse moço ensaiava o piano ou então a harpa (*com gesto de quem dedilha*). É tão gracioso!

FONSECA (*meio admirado*) - Pois quer mais arte do que a que ele tem? Quer um teclado mais difícil de conhecer do que seja a opinião dos agiotas... do que o capricho dos homens da praça? Oh! se houver no mundo outro noivo como ele, certamente não há três..."

"RIBEIRO - Ele não se lembrou ainda de ofertar-lhe um álbum...

FONSECA - Qual álbum!...

RIBEIRO - Na sua posição não lhe ficava mal... Um moço, quase um noivo, entra em toda a parte com um álbum debaixo do braço e com versos de sua lavra ou de algum amigo... Isto agrada sempre às mulheres...

FONSECA - Não duvido, mas um homem como o Miguel, fale com franqueza, pode estar a namorar? (...) Estou certo que ele ama a sua filha como um louco, mas quanta calma!... Hein? mal se percebe...

RIBEIRO - Na verdade, acho-o até frio demais... Eu não quisera levar o casamento de minha filha como se fora um negócio comercial...

FONSECA - Mas quem pensa em tal, Santo Deus?! Nada. É preciso que fale o sentimento... E quer que lhe dê uma prova? Há dias o meu sobrinho disse-me com toda a convicção: se eu não casar com Isabel, hei de ter que fazer uma viagem à Europa para distrair-me... Meça, Sr. Ribeiro, (*com tom grave*) o sacrifício! Um homem tão ocupado! uma viagem e não a Juiz de Fora ou a Teresópolis. Qual! (*com ar fúnebre*) É à Europa!...

RIBEIRO - Com efeito, se ele disse isso...

FONSECA - Disse e fã-lo. (...) Também posso lhe afiançar: sabendo ele que você gosta tanto de poesia, é capaz de garatujar num instante resmas de papel, enchendo-as de versos...

RIBEIRO (*com ar de superioridade compassiva*) - Ah! Isto fia-se mais fino! E a inspiração?

FONSECA - Queira ele e veremos...

(...)

FONSECA - Então, ao chegar sua senhora à sala, anuncia-se logo o acontecimento, não é?

RIBEIRO (*com alguma pausa*) - Sim... sim... mas confesso a você que nunca vi casamento com menos estorvo... Não gosta desses em que há alguma coisa de imprevisto? Pais a negarem... mães a gritarem... filhos a chorar... noivos audazes...

FONSECA - Ora, pelo amor de Deus, deixe-se disso... são coisas de outro tempo...
Ai chega D. Rita...²⁰

A sagacidade de Faria nas previsões relativas ao mundo econômico são surpreendentes. É impressionante a racionalidade demonstrada na análise das tendências de mercado próprias ao momento, feita para convencer Ribeiro a participar da transação da compra do algodão. A sua eficiência é aparentemente tão convincente que nada fazia crer que suas previsões não seriam comprovadas na prática. E, ao mesmo tempo, o raciocínio é tão bem formulado que causa suspeição o fato de não haver nele espaço para o imprevisto:

"FARIA - Tudo quanto é dado ao homem prever, a operação é excelente... Senão, reflexionemos um pouco...

RIBEIRO (*aproximando a sua cadeira da de Faria*) - Sim... sim, reflexionemos um pouco...

FARIA - Tudo neste mundo está subordinado a causas, de maneira que para estudar bem os efeitos nas suas menores conseqüências é preciso remontar à origem...

RIBEIRO (*abanando a cabeça e voltando-se para Siqueira*) - Decerto... subamos à origem...

FARIA (*com tom oratório*) - Ora bem... Quais são as causas que produzem no mundo as oscilações do movimento comercial?... Diversas...

SIQUEIRA - Diversas... Não há dúvida.

FARIA - Mas qual a predominante?... Sem contestação a política... Qual é hoje a face política do globo? Paz em todos os Estados... A França exausta... a Alemanha triunfante... desconfianças por toda a parte, mas a luta armada impossível por muitos anos. Nestas circunstâncias o café, bebida excitante, tende a descer... O algodão sobe, as fábricas pedem trabalho... A colheita do Egito falhou, a dos Estados Unidos foi escassa, a do norte do Brasil não safistez a expectação. Pelo contrário há muito café... e depreciado...

RIBEIRO (*aproximando mais a sua cadeira*) - Estou o seguindo com ansiedade...

FARIA (*batendo compasso com a bengalinha que conservava em mão desde a entrada em cena*) - Depois, não nos esqueçamos de um fato natural... Cada gênero tem um preço normal que representa a exata necessidade da população consumidora. O progresso na ascensão justo e natural está sujeito a rigorosas apreciações estatísticas. O café por muito tempo esteve a três mil réis por arroba, depois passou a cinco e a sete, onde ficou firme...

RIBEIRO - Perfeitamente.

FARIA - Sete é, pois, para assim dizer, o valor intrínseco do café... É o seu ponto de equilíbrio...

RIBEIRO - Decerto, de equilíbrio (*mexendo com os braços, imitando uma balança*) Isto é uma balança: o fiel marca sete...

²⁰ *Idem, ibidem*, respectivamente às pp. 71, 71-2 e 72-4

FARIA - A sua comparação é justíssima.
 RIBEIRO (*com vivacidade*) - Então gostou?
 FARIA - Numa concha está o café, na outra...
 RIBEIRO - O açúcar...
 FARIA - Não, o algodão. Nas nossas condições atuais, são os dois tipos de exportação. O açúcar pertence agora ao mundo inteiro: tiram-no da beterraba e até de couros velhos...
 RIBEIRO - É verdade: equivoquei-me...
 FARIA - O café desce: sobe o algodão...
 SIQUEIRA (*intervindo*) - V. Ex. vê como temos tudo calculado... Podemos contar com os seus setenta [*são os setenta contos referentes à parte de Ribeiro na transação*]?²¹

O comportamento de Siqueira a partir de então revela, no entanto, que há riscos no negócio: ele manifesta por várias vezes o temor de perder a soma que investiu em transação tão aparentemente segura. Na cena VII, contracenada por ele e Faria, esse temor suscita em seu amigo a exposição do que chama "navegar no mar sereno das probabilidades" e, ao mesmo tempo, a manifestação do alcance de sua hipocrisia relativamente ao casamento com Isabel:

"SIQUEIRA - Mas donde lhe vem esta segurança?...
 FARIA - Quererá você que eu lhe repita tudo quanto disse ao meu futuro sogro?
 SIQUEIRA - Não, decerto! Mas, enfim, vamos e venhamos: se o vapor de Nova York vier pedindo café e recusando algodão?... Levamos um baque sofrível...
 FARIA - E possível...
 SIQUEIRA - E então?
 FARIA - Mas não é provável, e só é provável aquilo que um homem sério prevê... O mais é anomalia (*Batendo numa folha do álbum de retratos que folheia*) Eis aqui um fato. Estão neste álbum dois retratos... um defronte do outro, como que a se namorarem...
 SIQUEIRA (*distraindo*) - De quem são?
 FARIA - Um é o de minha noiva; o outro é o do tal primo, o poeta. Não é possível que estes dois jovens fotografos tenham inclinação um para o outro?
 SIQUEIRA - Com efeito...
 FARIA - Mas o que é provável? É que a moça tenha considerado que ela não nasceu para casar com um rapaz muito rico de versos, mas pobre de dinheiro... Ela poderá deixar-se namorar, namorá-lo mesmo, mas casar-se... fia-se mais fino... Isto é o que o simples bom senso mostra...
 SIQUEIRA - Admiro o seu sangue frio. Eu não sou assim... facilmente perco a cabeça.
 (...)
 FARIA - Se você se aflige quando navegamos no mar sereno das probabilidades... que fará quando o vento nos açoitar rijo?...
 (...)
 SIQUEIRA - (...) mas a sorte é tão caprichosa...
 FARIA - Qual sorte! O descuido dos homens é que merece este nome, nada mais, nada menos. Enfatuados, pueris, buscam uma explicação sobrenatural para a sua desidia. Por que é que o destino tem sempre me ajudado? Meu amigo, tudo neste

²¹ *Idem, ibidem*, pp. 92-3.

mundo cifra-se no esforço próprio, na iniciativa e nas quatro operações da aritmética..."²²

Os investidores são surpreendidos pela chegada de Lemos, sócio de Ribeiro, com a notícia de haver feito uma grande aplicação no café, inversa à sugerida por Faria. Os critérios de sua decisão tinham sido intuitivos, aleatórios, e são portanto considerados como sem chances para a garantia de qualquer sucesso:

"RIBEIRO (*inquieto*) - Mas que há? Você me assusta...

LEMOS (*passando agitado*) - Que há? É que acabo de comprar uma partida forte de café e recusar algodão. Que há? É que daqui a pouco podemos, com a chegada do vapor americano, ganhar muito ou perder ainda mais. É o que há!

RIBEIRO - Comprou café?... Recusou algodão? Estamos bem aviados!... Temos prejuízo certo...

FARIA - É coisa infalível!

LEMOS (*reanimando-se*) - Mas por que, homens de Deus? Vocês me põem doido...

SIQUEIRA - Eu me abstinha...

RIBEIRO - Por certo... mas em alguns falta o lance de olhos...

FARIA - Querem se apressar...

LEMOS - Talvez tenham razão (*com acabrunhamento*). Aquelas sacas de café me esmagam. (*Reanimando-se*) Mas ao menos esperemos pelo vapor de Nova York...

FARIA - Não há que esperar...

SIQUEIRA - E para que esperar?

RIBEIRO - Esperar o quê?

LEMOS (*muito abatido*) - É verdade... é verdade...

RIBEIRO (*com segura e consertando a garganta*) - De modo que o Sr. Lemos, sem me consultar, meteu-se a calculista e...

LEMOS (*deixando-se cair sentado e no maior desconsolo*) - Tem razão... tem razão... Compadre, o nosso prejuízo é grande...

RIBEIRO (*com muita importância*) - Isto não é o que mais me aborrece... É vê-lo assim arriscar-se sem prévio conselho meu... Olhe, enquanto o senhor fazia imprudências, eu realizava com toda a calma uma operação grave, premeditada e de lucros certos. Fechei uma compra de algodão em Santos considerável..."²³

A segunda parte da peça corresponde ao segundo pedido de casamento. Ele se dá em meio às negociações acima detalhadas - na cena IV - e não tem por causa disso o sucesso almejado pelo pretendente. A cena é hilariante: os argumentos de Ribeiro para negar o pedido ao sobrinho, além de considerarem o fato de já haver sido "acertado" o casamento da filha com Faria, se baseiam na mesma impossibilidade de conciliação entre a poesia e o casamento. E por não desejar que a vocação de Rocha se perca, como a dele, no prosaísmo do cotidiano burguês, elabora para o sobrinho um projeto de vida que condiz perfeitamente com a imagem estereotipada do poeta. A sofisticação nas minúcias

²² *Idem, ibidem*, pp. 96-8.

²³ *Idem, ibidem*, pp. 100-1.

empregadas na descrição da vida do poeta se incumbem de multiplicar o efeito cômico do trecho:

"RIBEIRO (*com gesto de imposição*) - Pois faz uma furiosa asneira...

ROCHA (*levantando-se admirado*) - Como assim?...

RIBEIRO (*levantando-se também*) - Em duas palavras lhe explico tudo. Você (*pausado e com voz muito grave*) não deve casar! A sua vocação não lhe permite senão o celibato... Veja bem. Eu lhe aceno com a glória! Que quer dizer um poeta casado, em riscos de ter dúzia e meia de filhos, ao lado de uma mulher que vai envelhecendo... ficando rabujenta, desdentada, descabelada?! Meu Deus, que coisa horrível!... Haverá inspiração que resista a causas tão deletérias?...

ROCHA - Meu tio...

RIBEIRO (*com volubilidade*) - Não me interrompa... Sei que hei de levar a convicção à sua alma... Suponha os grandes poetas presos pelas cadeias do matrimônio. Que teríamos em poesia?... Nada... nada... mil milhões de vezes nada!...

ROCHA (*enfiado*) - O senhor quer caçar...

RIBEIRO (*entusiasmando-se*) - Não consinto que me interrompa... Que fora de Dante, de Petrarca, de Tasso, de Camões e tantos outros, se tivessem prosaicamente desposado a dama de seus pensares?... Se tivessem tido que cuidar no sustento dos filhos, que vesti-los, que levá-los a passeio, à escola!... Meus santos do paraíso, que pensões e que trabalhos!... Puramente a vida material... Em lugar disso, que fizeram? Carpiram só os males da alma, dessa alma que encheu os espaços com clarões inextinguíveis!...

ROCHA - Mas... eu amo...

RIBEIRO (*levantando a voz*) - Perfeitamente! É o que todos nós queremos. Contrariamos o seu sentimento, machucamos o seu amor próprio, e daí resultarão versos sonoros, repassados de fel e de ironia, versos arrebatadores, versos byronianos, versos, enfim, como os faz quem é poeta... e poeta infeliz... Você sofrerá, sofrerá muito, não há dúvida; as insônias o perseguirão, estou certo disto; perderá o apetite; terá talvez dispepsias cruéis... mas que livro depois de todo esse padecer atroz!...

ROCHA (*um tanto sombrio*) - Não posso crer que o senhor queira se divertir à minha custa...

RIBEIRO (*muito sério*) - Juro que lhe falo com toda a sinceridade. Falo como falaria a um filho. Estas são as minhas idéias. Você tem muito talento, todos o reconhecem... Mas sabe por que até agora não tem produzido senão livrinhos de pouco fôlego, quase éticos?... Simplesmente porque é um moço sério, empregado público, moderado nos seus gastos, cauteloso e homem de sociedade... Que diabo! Porventura pode o fogo sagrado da poesia alimentar-se em quem vive como o comum dos mortais? Não, não decerto! O estro tem alguma coisa de extraordinário, de anormal... direi quase de infemal!...

ROCHA - Ora, meu tio...

RIBEIRO - Ponha-se você a gastar tudo quanto tem... deixe tudo, emprego, bailes e teatros; caia na mais abjeta crápula (*Mudando repentinamente de tom*) Não lhe dou estes conselhos, Deus me defenda. é uma simples hipótese... (*Voltando ao primeiro tom*) freqüente a taverna, desça à mais abjeta miséria; seja, enfim, para resumir tudo em uma palavra, seja um miserável, e no excesso, nos desmandos, você se sentirá desfigurado... O mau vinho com que você se embriagar, a mulher perdida que abraçar em público, as convenções sociais que calcar aos pés, a fome que lhe roer as entranhas, tudo há de exaltá-lo de modo estranho, e, no momento da maior degradação, o seu coração vibrará com uma energia desconhecida... A sociedade lamentará a sua sorte... todos o evitarão... eu mesmo, quem sabe?... mas a posteridade o há de vingar!...

ROCHA - Não posso ouvi-lo...

(...)

ROCHA - Mas sua filha?...

RIBEIRO - Minha filha? (*Com simplicidade*) Que tem? Você a acusará perante os séculos... a levará ao tribunal da posteridade. Que tema, hein? Assunto um pouco batido, mas que mina! Até eu sou capaz de explorá-la com vantagem..."²⁴

O lugar da poesia neste mundo burguês é claramente delimitado na cena imediatamente subsequente. Em primeiro lugar, a discussão sobre o valor cultural da poesia é logo descartada, em função da discussão sobre o valor que ela possa eventualmente adquirir no mercado. O seu sucesso não garante qualquer retorno em termos econômicos, já que não se trata de uma mercadoria que se possa comercializar nos mesmos termos que outras, ou cujo preço possa ser estabelecido em função das regras econômicas. O que se faz neste sentido é, no máximo, a apreciação do preço em função da extensão linear do produto; e o diminutivo depreciativo sugere uma incongruência entre preço e valor:

"D. RITA - Com efeito o Alfredo faz bem bonitos versos...

ROCHA (*com alguma ênfase*) - Oh! isto é bondade!...

RIBEIRO (*com tom dogmático*) - Não, eu lhe digo com verdade, aquele seu livro tem coisas recomendáveis... aquela ode sobre o Amazonas... aquela...

FONSECA (*interrompendo-o*) - Também foi acolhido com estrondo (*voltando-se para Rocha*) O senhor deve ter ganho muito, não é?

ROCHA (*irônico e superior*) - Com a minha obra?... Qual! no Brasil não há quem compre livros... As letras vegetam...

RIBEIRO - Tem toda a razão... Eu, apesar de ser seu tio, julguei dever comprar um exemplar... Não o quis grátis, não só para animar a venda, como para não dever favores...

FONSECA - Fez muito bem... No seu caso assim procedia...

RIBEIRO (*com ênfase*) - Fui ao livreiro e paguei logo três mil réis... Sinceramente achei caro... um livrinho fininho muito entrelinhado, enfim era o preço e sem a mínima reflexão lá deixei o meu dinheiro... E não me arrependo... Há trechos que aplaudi... Eu faria talvez outra coisa... mais vasta, menos cortada... mas enfim cada qual faz como pode e entende... Entretanto..."²⁵

Apesar de já terem sido sugeridos - e isso se dá no momento em que nega com veemência exagerada a pergunta inicial de Ribeiro sobre se sua presença se justificava por algum pedido de dinheiro²⁶ -, os reais interesses de Rocha ficam claros no final da cena VI, no trecho de desabafo desesperado no qual revela que a sua poesia tinha um endereço certo, empenhada que era em seduzir o pai da noiva:

²⁴ *Idem, ibidem*, pp. 83-5.

²⁵ *Idem, ibidem*, pp. 79-80.

²⁶ Cf. p. 81.

"ROCHA (*chegando-se para a boca da cena; com muito abatimento*) - Meu Deus, quanto verso perdido, quanta rima n'água!... E eu que tinha para hoje um ditirambo! Lá se vai o dote."²⁷

Uma comparação entre os dois primeiros pretendentes pode resultar em constatações interessantes: ambos se interessam pelo dinheiro da família, e por isso não medem esforços em garantir o seu ingresso nela através do casamento. A diferença estaria, porém, na forma de alcançar esse objetivo: Faria investe em suas atividades como perito em economia e Rocha, nas que exerce enquanto poeta. Esta diferença se manifesta até nos trajes usados para a ocasião. Se o tio de Faria apresenta-se bem ao gosto burguês, sem qualquer aparato ou elegância:

"RIBEIRO [*dirigindo-se a D. Rita*] - O nosso amigo e compadre, o Sr. Fonseca veio cá, e sem gravata nem luvas brancas, sem cerimônias, nem consertar a garganta, ou empertigar o corpo, pediu-me a mão de Isabel..."²⁸,

no caso de Rocha, o esmero na aparência é desde logo acentuado por seu tio:

"RIBEIRO - Que pode fazer uma inteligência vulcânica comprimida por um chapéu Chastel, sentindo os pés apertados em botins envernizados e os dedos entalados em luvas de Jouvin, como você está agora?..."²⁹

O embate entre eles também é digno de nota. Faria reage com desprezo ao tomar conhecimento da profissão de Rocha e este, por sua vez, apela para a ironia, estendendo ao máximo a alusão depreciativa feita à sua poesia, através da insistência nos diminutivos:

"RIBEIRO - Sr. Faria, conhece o meu sobrinho Alfredo Rocha?"

FARIA (*com frieza e alguma sobranceira*) - Ainda não senhor; de nome... vagamente... Creio que o senhor escreveu um livrinho...

RIBEIRO - Justamente, um livro de poesias...

ROCHA (*com ironia*) - Sim... um livrinho pequenino de versinhos..."³⁰

A superioridade de Faria sobre Rocha pode também ser percebida no trecho, já citado, em que o primeiro analisa as fotos do álbum de fotografias. A probabilidade de casamento entre Rocha e Isabel é descartada, mesmo diante da suposição da existência de uma eventual afinidade de ordem sentimental. O que determina um *provável* casamento - no caso de Rocha, ele seria apenas *possível*, segundo a lógica de Faria - são os ditames oriundos dos interesses econômicos,

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 86.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 75.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 85.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 87.

só definitivamente descartados diante do fracasso do noivo na prova especulativa por que passa.

A partir daí, o poeta pode oportunisticamente sustentar algumas ilusões de sucesso em suas invectivas. A sua atuação nas cenas XV e XVI representa as suas últimas cartadas no sentido de fazer valer os seus interesses no casamento, que lhe são, aliás, temporariamente assegurados. Suas investidas se baseiam no questionamento moral da atitude do pretendente descartado e nos assomos poéticos que visam impressionar o tio:

"ROCHA (*irônico e sombrio*) - Então o Sr. Faria se retira?

RIBEIRO - Parece... tem que ir a Santos... Negócios...

ROCHA - E é a ele que o senhor vai dar o seu mais belo tesouro?

(...)

ROCHA - Consulte a sua consciência, meu tio (*melodramaticamente*), e decida se ele é digno da noiva que lhe reservam...

(...)

ROCHA (*continuando*) - Não, eu também sou parente... tenho que erguer a minha voz... Quer uma prova mais evidente da baixa ganância... do mercantilismo do que a que acaba de ter? Por uma questão de contos de réis... esse homem, que fingia um sentimento, esqueceu tudo e sobretudo a sua noiva, anjo de inocência, gema de um valor intestimável...

ALBERTO - Mas quem é essa?

ROCHA (*arrebataado*) - Oh! é um diamante de Golconda... é um serafim capaz de levar as almas ao paraíso só com o poder do seu olhar... é enfim...

(...)

ROCHA (*continuando no mesmo tom*) - Por uma questão pequenina de dinheiro! (*Com muito desprezo*) Oh! indigno metal! tão negro como as entranhas da terra em que vives!

RIBEIRO - Felizmente foi desmascarado... Uma insignificante quantia que perdeu derrubou-lhe o edifício da hipocrisia... Aquela menina devia pertencer a quem a merecesse pela elevação de sentimentos.

ROCHA (*com exaltação*) - Oh! meu pai (*Aperta as mãos de Ribeiro*).

ALBERTO (*admirado*) - Mas que é isto?

ROCHA (*com afetação*) - É um quadro de família... Veja e enterneca-se (*Abraça Ribeiro que não lhe mostra boa cara*)

RIBEIRO (*meio triste*) - Afinal, os poetas têm sempre razão..."³¹

E a consagração do poeta parece definitivamente assegurada na penúltima cena:

"ROCHA (*muito apressado*) - Enfim, posso dizer que a amo, Isabel... que a adoro, a idolatro...

RIBEIRO - E é com esses confeitos que os poetas nos dão batalha e nos vencem..."³²

³¹ *Idem, ibidem*, pp. 107-9.

³² *Idem, ibidem*, p. 112.

A reviravolta na trama é marcada também pela alteração súbita da imagem que se tem de Faria. Se antes do insucesso na especulação, há consenso na aprovação do seu nome para casar-se com Isabel, depois disso, o consenso na desaprovação também é manifestado. E Taunay explora o efeito cômico dessa alteração radical, ao repetir em três momentos sucessivos a mesma estratégia usada na expressão de consenso; todos se manifestam sob uma única voz, à *l'unisson*:

"RIBEIRO - (...) Que rapaz feliz!
FONSECA (*com repentino entusiasmo*) Que atividade!
RIBEIRO - Boa presença... bons cabelos...
FONSECA (*encarecendo*) - Dentes excelentes!
RIBEIRO - É um moço que tem futuro...
FONSECA - Calculista, meu amigo!"

"D. RITA - E quem poderá torná-la feliz?
FONSECA (*para Ribeiro*) - Sim, quem?
RIBEIRO - Quem?
OS TRÊS (*a um só tempo*) - Miguel Faria!...
D. RITA - Tão amável moço...
RIBEIRO - Boa figura...
FONSECA (*com ar de importância*) - E apatacado...
D. RITA - Um cavalheiro perfeito...
RIBEIRO - Previdente...
FONSECA - Em cafês não há outro igual...
RIBEIRO - Então há uma só voz a seu respeito, não é?... Tudo são rosas...
D. RITA - Acordo perfeito..."

"ALBERTO - Aquele modo de proceder foi indesculpável...
LEMOS - Extraordinário...
ROCHA - Inexplicável...
RIBEIRO (*com ar de dignidade ofendida*) - Digam antes de tudo ofensivo;"³³

A terceira parte da peça corresponde às duas cenas finais, em que se tem finalmente a presença de Isabel, a revelação de sua escolha por Alberto - que até então não havia se candidatado -, a aprovação do casamento pelos pais, e, enfim, a possibilidade de saborear o tão decantado peixe. O poeta, definitivamente preterido, encontra-se finalmente em condições de cumprir o destino que o tio lhe tinha tão ardorosamente traçado:

"ROCHA (*implorando*) - Oh! minha prima, que cruel momento! Por que crime estarei expiando tanto dor! Os meus versos, os meus cantos devem já lhe ter dito quanto amor lhe consagro, e entretanto... quando tudo parecia indicar o final de um sofrimento imenso, uma única palavra sua, cruel, implacável, veio me atirar em abismo insondável...
(...)

³³ *Idem, ibidem*, respectivamente às pp. 70, 76 e 111.

ROCHA (*adiantando-se com ar sombrio e teatral*) - E eu? Que fazem de mim? De mim que entrei aqui com um céu na alma, e saio com a morte no coração!... A quem hei de maldizer?... Só a meu destino?"³⁴

E a última cena reintroduz a estabilidade burguesa, depois de tantos atropelos e peripécias que cumprem a função de questionar moralmente os atos ditados pelos interesses:

"RIBEIRO - Vai o pobrezinho furioso (*levantando os ombros*). Hão de vocês ver que versalhada sai daqueles furores. O certo é que no fim de contas faz-se um casamento com quem ninguém contava...

LEMOS - Agrada-lhe menos...

RIBEIRO - Qual!... Está muito conforme com as minhas idéias... Não troco o meu novo genro por uma dúzia de Farias ou uma carregação de poetas... Agora todos juntos, vamos à mesa beber à saúde dos noivos... Comeremos do tal peixe por quantos deixaram de lhe chupar as espinhas... À mesa e depressa... porque, como diz o provérbio: *Da mão à boca se perde a sopa*."³⁵

III- À BEIRA DA FIGUEIRA

"FIUSA (*rapidamente*) - Diga-me, Excelência, quanto tempo teremos ainda o partido liberal de cima?

PRAXEDES (*com importância*) - Pelas cartas últimas que recebi de pessoas altamente colocadas... muito altamente colocadas... ficaremos no poder uns bons pares de anos...

FIUSA - Então os boatos de queda... subida dos conservadores...

PRAXEDES (*irônico*) - Tolices... Tolices!..."
(Visconde de Taunay, *Por um triz coronel!*)

A outra comédia de Taunay, *Por um triz coronel!*, é também um provérbio, já que trata do desenvolvimento do seu subtítulo *Tua a figueira e eu à beira*. A cena se passa "em fins de julho de 1868", "em Itatuboca, na província de...". O ano é significativo, como veremos, mas o lugar é uma cidadezinha brasileira qualquer, numa província qualquer. E essa indefinição também é significativa, já que a história, por se basear nas oscilações das vantagens políticas locais provenientes das oscilações do poder na Corte, poderia acontecer em qualquer lugar do Brasil em que as notícias chegassem. (E, talvez ela seja, salvo engano, uma das únicas histórias de Taunay que, apesar de acontecer em pleno período da guerra contra o Paraguai, não menciona em nenhum momento o acontecimento bélico). Veremos também por que o eu e o tu do subtítulo são

³⁴ *Idem, ibidem*, pp. 113-4.

³⁵ *Idem, ibidem*, pp. 114-5.

perfeitamente intercambiáveis, tal como era a assunção do poder pelos partidos políticos, principalmente durante alguns momentos críticos do Governo Imperial.

A história se dá, tal como na comédia anterior, sempre numa mesma tarde e no mesmo lugar, e ao redor de uma mesma ação principal. Uma outra analogia possível entre as duas é a da definição final pelo casamento feliz, fruto das conseqüências da trama. Uma diferença marcante entre elas, por sua vez, se observa no ritmo do diálogo entre as personagens: aqui ele é mais intenso e mais rápido, representativo da apreensão e da euforia diante da iminência de notícias politicamente vantajosas.

Tudo se passa na casa de Antonio Praxedes, líder liberal local, que vive com sua mulher, D. Genoveva, a filha Albertina e o filho Dr. Luiz, recentemente egresso de Paris, para onde tinha ido a fim de estudar medicina, e de onde voltou com um diploma "ajustado com o professor Schamilanski da Universidade de Iena". As outras personagens são Gualberto Ramos, tido como o líder conservador da localidade - adversário, portanto, de Praxedes -, seu filho Raymundo, apaixonado por Albertina e pretendente à sua mão, e Fiúsa, o procurador de causas que vive à sombra do situacionismo. E de onde vem o humor da peça?

Gualberto vive com grande ansiedade a expectativa da chegada de uma carta do Governo Imperial, na qual constaria o registro de sua nomeação como "coronel comandante da guarda nacional de Itatuboca", em recompensa pelos serviços prestados ao então ministro da justiça nas recentes eleições junto ao Partido Liberal - o que se pode ler, na seguinte fala de Praxedes: "em atenção aos serviços que eu lhe prestara particularmente, isto é, como amigo, na última eleição... (*Mudando de tom*) De fato gastei bem bons cobres... lá isto gastei!"³⁶ (p. 60). Chegada a carta, e preparada a festa popular, que deve parecer uma "manifestação espontânea", mas que é minuciosamente preparada por Praxedes, tudo se inverte repentinamente: na verdade, o que chega é a nomeação do líder da oposição Gualberto para o mesmo cargo, e a conseqüente possibilidade do casamento da filha Albertina com Raymundo, filho do conservador.

1868 é o ano em que há o gesto abrupto e inédito de D. Pedro II de demitir o gabinete liberal de Zacarias de Góis, majoritário no Parlamento, e recém-empossado. Alfredo Bosi nos ajuda a entender as repercussões do acontecimento:

"A decisão, embora traumática, não feria a lei maior, figurando entre as atribuições do Poder Moderador. Mas o seu efeito foi o de um catalisador de forças dispersas. E são as ressonâncias do ato que compõem a nova situação (...). A

³⁶ I.1.38, p. 60.

reação dos políticos, da imprensa, dos intelectuais, dos centros acadêmicos em todo o País, aparece como uma cadeia de elos significativos e remete à pergunta pelos valores em causa.³⁷

Os "valores em causa" são o motivo histórico para a elaboração ficcional da peça e a fonte da qual origina muito do seu humor - a falta de constância no poder, a indefinição ideológica dos partidos políticos, o desinteresse e o desprezo de Luiz por tudo que diga respeito ao Brasil, as tentativas de Praxedes de ver interesse e empenho onde eles não existem, os mal-entendidos entre os dois, o cotidiano pacato e provinciano de pessoas que pautam a sua vida na dependência de notícias que vêm de fora, a recusa em aceitar um casamento entre membros de famílias cuja filiação partidária, apesar de ideologicamente indistinta, é oposta: eis os valores que movem a trama em suas investidas cômicas e que vão ser detalhados a seguir.

Mas antes disso, quero chamar a atenção para um traço da eficiência da estratégia de elaboração da peça, ao suprir a inexistência do narrador com um mecanismo interessante: refiro-me aos dois longos monólogos das duas cenas iniciais, que procuram dar conta de detalhes característicos das personagens que teriam sido esmiuçados por um narrador, caso esse não fosse um texto teatral.

O primeiro é o do criado João que, enquanto "arranja a sala", nos informa maldosamente que:

"JOÃO: Esta gente daqui não sonha senão com o correio... Então, em certos dias, ficam todos fora de si... assanhados que nem formiga de asas pelo Natal!... Perto da hora da mala, é uma gritaria dos meus pecados: 'O correio já chegou? Já chegou o correio? O correio já chegou?' Hoje é um dos tais dias... O Dr. Luiz então é um danado. Mal avista os jornais, atira-se em cima deles, como gato a bofes... Também é fogo de palha. Daí a nada estão as folhas todas atiradas por debaixo da mesa... sujas... esfarrapadas... em molambos. Quando da tal Corte do Rio de Janeiro esperam novidades... aí é que são elas... Aumenta o assanhamento... Não falam... não pensam senão em cartas... Uma feita já abri umas, mas não vi motivo para tanto... Verdade é que ainda não sei ler nem escrever (*Entra Luiz em robe de chambre e com um charuto na boca*)."³⁸

O segundo monólogo, bem mais longo, é o de Luiz, cujos lamentos são hilariantes e cuja auto-revelação como um *fainéant* garante desde o começo o tom de humor que percorre toda a peça:

"LUIZ: A que estou reduzido?... E assim se passam dias e semanas à espera de novidades que nunca chegam!
(...)
(*Sentando-se lentamente e falando a si mesmo*) Cair de Paris em Itatuboca!... Que tombo! É o que se chama um trambolhão mestre... uma focinhada de Ícaro!

³⁷ 3.18, p. 223.

³⁸ 1.1.38, pp. 53-4.

Também não havia mais remédio: eu já estava formado, isto é, já tinha a carta de doutor no bolso... avultavam as despesas, queixava-se o velho... e forçoso era vir dar um ar de minha graça à sociedade itatubocana... Doía-me a consciência (*parando um pouco*) não muito... não muito... Os viveres é que estavam cortados... (*Com súbita animação*) Mas que terra esta! Legítimo buraco de tatu!... Que aridez de idéias!... É fato que em Paris me acontecia o mesmo... nunca tive idéias... mas enfim, com a breca! os outros pensavam por mim! (*Tira uma prolongada fumaça*). Lembrar-me que a esta hora, no meu adorado Paris, estaria dormindo a sono solto, porque me deitara às duas ou três horas da madrugada... e (*com amargura*) aqui acordado desde às cinco da manhã, por me ter metido na cama às dez da noite. Mas isto nunca foi vida... É embrutecer! Antes ser logo de uma vez galo com a obrigação de cantar à meia noite e ao clarear do dia!... Para isto é que me formei? Para isto é que ajustei a minha carta com o professor Schamilanski da Universidade de Iena? Não posso meter-me a clinicar... Não hei de andar assassinando os meus semelhantes para me distrair... (*Levantando-se e fazendo cair cinza num cinzeiro que está sobre a mesa*). E se eu me metesse a poeta?... Dizem que não se precisa ter idéias... Mas com mil demônios, onde está a mulher que me inspire? Não há poesia sem mulher... Emma, do *faubourg Saint Honoré*?... Um verdadeiro *roast-beef*... e *roast-beef* já digerido. Não, decididamente não serve... Que maçada! Que maçada!...³⁹

A adesão, simpatia ou filiação a este ou àquele partido não advêm de uma definição ideológica por estas ou aquelas idéias. A distinção entre conservadores e liberais se define por outros meios, que não os ideológicos, e são sobretudo de ordem pessoal. Este tema já havia sido explorado ficcionalmente por Taunay, por mais de uma vez⁴⁰, e sempre pelo seu viés cômico:

"PRAXEDES: (...) Não quero parecer-me com o tal compadre Gualberto... um esquisitão conservador. Fica certo, Luiz, que ele nem sabe por que é conservador... Quanto...
 LUIZ (*interrompendo*): Assim como o Sr. não sabe por que é liberal...
 PRAXEDES (*com ingenuidade*): Lá isto é verdade. (*Emendando-se*) Não... espera. Parece que me espichei... Você atrapalhou-me..."⁴¹

O enfado de Luiz por tudo o que diga respeito ao Brasil se explica pela nostalgia da vida vivida em Paris, com todas as regalias e privilégios de que pôde se valer estando distante do olhar paterno. Por isso ele se aproveita de qualquer ocasião em que possa introduzir a idéia da volta à Europa:

"PRAXEDES: Afinal... afinal (*com ar importante*) os meus serviços... os valiosos serviços que tenho prestado ao meu país e ao meu partido vão receber a devida recompensa... Anima-te, rapaz, anima-te!...
 LUIZ (*bocejando*): Estou muito animado...
 PRAXEDES (*recomeçando a passear*): Não é numa ocasião como esta, quando teu pai vai ter uma prova de especial distinção do governo imperial... que te deves

³⁹ *Idem. ibidem*, pp. 54-5.

⁴⁰ Vide nota 6 do capítulo II.

⁴¹ *Idem. ibidem*, p. 60.

mostrar indiferente... sorumbático!... Também que diabo de mania esta da melancolia!... Tens fortuna, já gastante muito dinheiro, viajaste, és moço, inteligente, bem parecido, doutor... em suma és meu filho!... Que mais queres?... E andas sempre jururu... Que tens?

LUIZ (*queixoso*): Não sei bem, meu pai, sinto-me mole... doente... Talvez necessite de mudança de ares...

PRAXEDES: Pois vá para Caxambú... Olha: um compadre, muito meu amigo - por sinal que bem burro - tinha mais ou menos o que tens, tristeza, fastio, cousas e lousas... estava magro, abatido... pois bem; foi para Caxambú, lá esteve dois meses e voltou são como um pero, gordo como um capado, alegre e satisfeito... é verdade que mais burro do que nunca! (*Parando novamente junto a Luiz*) Cuidemos, porém, do que é urgente. Sem dúvida desejas saber a causa da minha agitação...

LUIZ (*com grande indiferença*): De forma alguma."⁴²

A diversidade de interesses entre pai e filho encontra ressonância na série de mal-entendidos lingüísticos que se somam uns aos outros. Destaco apenas três dessas ocorrências:

"PRAXEDES: (...) Olha: estou certo que em Paris havias de ser mais bem acolhido como filho de um coronel... É um país de tradições militares... Lembra-te de Napoleão!... Não imaginas o alcance e as conseqüências deste decreto... Se quisesses assentar praça... eras logo primeiro cadete... Minha mulher terá o tratamento de *dona* e eu de *senhoria*... tudo isso *de jure*, como quem diz capital com juros...

LUIZ (*sorrindo-se*): O latim não é da Sorbona.

PRAXEDES: Não... é do Caraça."

"LUIZ (*distraído sempre*): Hoje Emma...

PRAXEDES (*dando um pulo para trás*): Como ema? Tu me chamas agora de ema?

LUIZ (*com vivacidade*): Não era capaz, meu pai!... seguia outra ordem de idéias..."

LUIZ (*sai arrastando os passos*): Com muito gosto... Ah! minha Emma!... minha Emma!...

PRAXEDES (*com sobressalto*): Ema?... ainda ema?... Que diabo de rapaz! (*Voltando-se para Fiúsa*). Meu filho... vive só pensando nos seus estudos...

FIUSA (*com derretimento de bajulação*): Logo se vê, Excelentíssimo!... Não vá lhe fazer mal à saúde..."⁴³

O argumento alegado para inviabilizar o casamento de Albertina e Raymundo é o respeito à pretensa fidelidade partidária. A resistência à idéia desta união pretende se valer até mesmo do sacrificio pessoal em nome do partido, o que é inconcebível nos termos em que a indefinição partidária se coloca:

⁴² *Idem, ibidem*, p.57.

⁴³ *Idem, ibidem*, respectivamente às pp. 62, 63 e 67.

D. GENOVEVA: (...) Vim só avisar-te que o filho do compadre Gualberto acaba de chegar... está lá dentro com Albertina...

PRAXEDES: Hum! Muito mistério e cautela com esse sujeitinho... Não é mau moço, não senhora... mas enfim debes lembrar-te do que hoje conversamos... Não é partido para Albertina...

D. GENOVEVA: O mal é que a menina está muito inclinada...

PRAXEDES: Venha a patente e mostrarei ao tal compadre que um coronel comandante da guarda nacional e chefe do partido liberal não tem filhas para casar com caramurus... Busquem gente da sua raça.

D. GENOVEVA: Decerto... decerto!... Mas se houver inclinação?

PRAXEDES (*com ar muito importante*): Se houver inclinação, falarei à menina em nome dos princípios liberais... Hei de convencê-la. Se for preciso, exigirei um sacrifício às dragonas do seu pai... Demais, pretendo levá-las breve para o Rio de Janeiro."⁴⁴

"PRAXEDES: (...) Lembre-se que entre as nossas duas famílias há um abismo... um abismo muito fundo!

GUALBERTO (*pasmado*): Um abismo?

PRAXEDES: O senhor o disse!

GUALBERTO: Mas que abismo? Não compreendo nada.

PRAXEDES: Que abismo?... A divergência política!... O senhor é conservador, eu liberal! Cada um de nós empunha uma bandeira... Basta de disfarces e contemplações!... Máscaras abaixo, Sr. Gualberto! O senhor deve ser inimigo meu... Eu devo ser o seu!...

GUALBERTO (*levantando-se*): Que histórias são estas, Sr. compadre? Você que nunca fez caso de política... Do meu lado, como bem sabe, só sou político, quando o meu partido está de cima na Corte... No mais, me encolho... me encolho... que ninguém me vê..."⁴⁵

O desprezo de Praxedes pelos conservadores é tal que ele chega mesmo a pensar na idéia de descartar o trombone e o bumbo da banda de música, e justamente por serem conservadores. O episódio acontece na cena em que ele e Fiúsa, em meio a inúmeras manifestações de bajulação, acertam os últimos detalhes da festa popular "espontânea":

"FIUSA (*persuasivo*): Estive parafusando os meios de impedir mais esta despeza, mas não foi possível!... À última hora, agora mesmo, o trombone e o bumbo recusaram-se a vir tocar na banda de música sem esse pequeno aumento... São justamente dois conservadores... e precisamos comprar aquelas duas consciências...

PRAXEDES: E se dispensássemos esses instrumentos conservadores?

FIUSA: Impossível, amigo (*atalhando*) oh! desculpe, Excelentíssimo... Uma banda de música sem trombone e bumbo... nunca se viu!...

PRAXEDES: Tem razão, mas quero a coisa bem animada..."⁴⁶

A partir de então, a trama sofre uma reviravolta imprevista: a festa começa a acontecer e os gritos são de "Viva o partido conservador!", "Viva o sr.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 65.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 74.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 69.

coronel!", causando uma grande surpresa e muita decepção em quem esperava ouvir "Viva o partido liberal!". Eis a explicação de Fiusa, numa clara manifestação de adesismo oportunista:

FIUSA: O correio acaba de chegar!... Caiu o partido liberal e, no meio da alegria geral, subiram os conservadores... triunfou a moralidade, e o Sr. Gualberto, o nosso chefe e amigo, teve a patente de coronel comandante superior da guarda nacional de Itatuboca...⁴⁷

E, apesar de D. Genoveva dizer: "Meu Deus, se isto acaba em matança..."⁴⁸, o final é feliz: o casamento de Albertina e Raymundo pode enfim se realizar e o Dr. Luiz consegue a autorização paterna para voltar a Paris: "Sim, querido filho!... Segue... segue para a terra do exílio!"⁴⁹. E a posse da figueira é, de novo, uma mera questão de tempo...

As duas comédias retomam, como espero ter ficado claro, questões cruciais relativas ao momento histórico que envolve o ano de 1868. A transição que marca este período, já explorada por Taunay no romance *A mocidade de Trajano*⁵⁰, é entrevista na primeira comédia sob o ponto de vista dos interesses econômicos imediatamente subseqüentes ao período da guerra; e na segunda, a mesma questão da transição é tratada sob o ponto de vista exclusivamente político, nas indefinições ideológicas e nas conseqüências para a nação da oscilação abrupta entre os partidos que ocupavam o poder na época⁵¹.

⁴⁷ *Idem. ibidem*, pp. 77-8.

⁴⁸ *Idem. ibidem*, p. 77.

⁴⁹ *Idem. ibidem*, p. 80.

⁵⁰ Vide o item "Um nó em uma rede", do capítulo III.

⁵¹ Para uma outra discussão a respeito do mesmo momento histórico, sugiro a leitura do meu "Isto acaba: uma leitura do conto 'D. Benedita', de Machado de Assis", publicado na revista *Remate de Males*, Campinas, (14): 111-28, 1994.

À GUIA DE CONCLUSÃO:

OS FIOS DA MEMÓRIA (sobre inclusões e exclusões)

"Nestes dois documentos [o *Relatório geral da comissão de engenheiros* e *A Retirada da Laguna*], e em diversas partes, das *Histórias brasileiras* e *Narrativas militares*, encontram-se todas as informações, já sistematizadas, já escritas ao correr da pena e do capricho, a respeito daquelas forças de Mato Grosso que tanto e tão inutilmente sofreram e de cujas aventuras dramáticas e até trágicas não restaria hoje o mais leve sinal, a mais apagada lembrança, se eu as não tivesse - talvez para sempre! - livrado do esquecimento.

Talvez para sempre, pode parecer imodéstia de minha parte, mas não sei, nutro a ambição de que hão de chegar à posteridade duas obras minhas, *A Retirada da Laguna* e *Inocência...* Quem me dera a segurança de Horácio, a convicção do grande cinzelador de versos impecáveis - *Non omnis moriar!*"
(Visconde de Taunay, *Memórias*)

A frase latina que encerra a longa epígrafe acima é um pensamento de Horácio, retirado de suas *Odes* (III, 30, 6), que significa: 'Eu não morrerei inteiramente, pois minha obra sobreviverá a mim'. A expressão - convicta no caso de Horácio e esperançosa no de Taunay - conclui o trecho memorialístico em que este acentua a importância histórica dos seus registros a respeito da guerra contra o Paraguai. A vaidade e a ambição nutrida pelo escritor são responsáveis pelo desejo de atingir a posteridade e, no que respeita os dois últimos livros mencionados, esse desejo foi e continua sendo satisfeito pela história cultural brasileira. Mas o estudo desses registros revela, ainda, que a memória se espalha sob formas e gêneros diversos, aí incluídos os ficcionais, e que alguns deles são mais conhecidos, porque mais valorizados, que outros. O próprio escritor acredita no poder maior de sobrevivência de uns, em detrimento dos restantes. E ele acredita também no poder de abrangência desses registros, ao creditar a eles a reunião de "todas as informações" relativas ao episódio que envolveu a coluna de Mato Grosso, numa crença de que a verdade está (também) no caráter de exaustão que atribui a eles. Além disso, a distinção entre tais registros seria tributada aos modos como a memória dos acontecimentos foi registrada, dado que as tais "informações" estariam "já sistematizadas, já escritas ao correr da pena e do capricho", numa clara alusão aos diferentes tipos de textos, resultantes das diferentes maneiras pelas quais os fios da memória se entrelaçaram.

I- OS CRITÉRIOS PARA ESQUECER

"Sempre (...) me doeu a espécie de condescendência com que os homens de letras brasileiros me colocam entre os literatos de meu país. A tendência é dar-me, quando muito, a feição de amador, e certamente não é este o lugar que deve ocupar o autor da *Retirada da Laguna* e de *Inocência*, a querer-se nulificar todos os mais livros que tenho escrito."
(Visconde de Taunay, *Memórias*)

As considerações feitas anteriormente a respeito de dois parágrafos das *Memórias* de Taunay resumem muito do que foi estudado nesta tese e fazem também pensar em outras, que quero desenvolver aqui. Penso sobretudo nos princípios de exclusão que teriam determinado o esquecimento de grande parte dos livros de Taunay e a celebração de outros - princípio que é, aliás, admitido e exercido pelo próprio escritor. E isto num momento em que a "sociedade do discurso literário" estava em vias de se institucionalizar através, por exemplo, de entidades como a Academia Brasileira de Letras e as revistas literárias que começavam a impor um poder relativamente maior de penetração em meio ao público leitor.

A reflexão que desenvolvo aqui é inspirada em Michel Foucault, ao mencionar as "sociétés de discours" como uma das responsáveis pelos procedimentos de exclusão dos discursos:

"Il se pourrait bien que l'acte d'écrire tel qu'il est institutionnalisé aujourd'hui dans le livre, le système de l'édition et le personnage de l'écrivain, ait lieu dans une 'société de discours' diffuse peut-être, mais contraignante à coup sûr. La différence de l'écrivain, sans cesse opposée par lui-même à l'activité de tout autre sujet parlant ou écrivant, le caractère intransitif qu'il prête à son discours, la singularité fondamentale qu'il accorde depuis longtemps déjà à l'écriture, la dissymétrie affirmée entre la 'création' et n'importe qu'elle mise en jeu du système linguistique, tout ceci manifeste dans la formulation (et tend d'ailleurs à reconduire dans le jeu des pratiques) l'existence d'une certaine 'société de discours'."¹

O caráter socialmente diferenciado atribuído a si mesmo enquanto escritor é constantemente acentuado por Taunay e pelos críticos seus contemporâneos. A distinção já era, aliás, marcada pela linhagem aristocrática e artística da família, e, em consequência, por uma submissão irrestrita a certos ditames cultuados pela tradição. Mas ela se estende para outras esferas, como a da atuação como orador, nos discursos epidícticos e parlamentares, na qual, como vimos, a diferença pôde

¹ 5.32, pp. 42-3.

ser apreciada como um valor - no caso do IHGB - ou, ao contrário, depreciada pelos pares do parlamento.

Por outro lado, se, como quer Foucault, o escritor empresta ao seu discurso um caráter *intransitivo*, acredito que, no caso de Taunay, a diferença se dá pela *transitividade* discursiva. Talvez o conceito foucaultiano não seja o mesmo desta tese - talvez ele se refira à intransitividade estilística, que responde pela originalidade própria a cada escritor - , mas creio poder sustentar, como procurei demonstrar, a importância cultural das marcas da transitividade histórica e histórico-literária de alguns de seus discursos. E, mesmo aí, considero tal aspecto como um traço estilístico do escritor.

Quanto à dissimetria entre a "criação" e outras atualizações do sistema lingüístico, pude constatar em algumas análises, como a da descrição e do espaço, ou mesmo a do romance *A Mocidade de Trajano*, que em Taunay tal dissimetria deve poder ser concebida em função seja das injunções históricas, seja da consideração dos textos como parte da formulação de um grande projeto de nação, em que o conhecimento enciclopédico se erige como base metodológica.

Para ilustrar como esse processo de exclusão foi se constituindo e se consolidando no Brasil do final do século XIX, lembro a publicação, no penúltimo ano de existência da *Revista Brasileira*, em meio a artigos e sessões de tipo e formato já familiares para o seu leitor, de um apelo aparentemente inusitado, nos seguintes termos:

"Notas e Observações

Uma Biblioteca de autores brasileiros

Temos desde o nosso primeiro ano de existência recebido várias cartas em que se nos pediam informações e conselhos sobre os melhores livros nacionais. Alguns dos nossos correspondentes, confessando-nos o seu desejo de se instruírem na nossa literatura e de constituírem com elementos dela uma biblioteca, nos pediam lhes indicássemos quais deviam preferir. Outros queriam que entre os livros de autores que citavam lhes disséssemos quais nos pareciam os melhores. Repetindo-se estas consultas, que nem sempre podíamos satisfazer e que satisfariamos acaso imperfeitamente, pareceu-nos útil sujeitar a questão a uma espécie de plebiscito, ouvindo sobre ela os nossos leitores. Para fazê-lo, porém, com utilidade não só para os que se achem nos casos daqueles nossos correspondentes, mas para nós mesmos e para o público em geral, precisamos bem defini-la.

Em primeiro lugar, não se trata de satisfazer a uma vã curiosidade literária, em que estivesse também empenhada a vaidade dos escritores. A nossa hipótese é da necessidade real que pode sentir um espírito curioso de informar-se da nossa produção espiritual em todos os gêneros e mediante ela dos vários aspectos da nossa vida. Quais serão os livros que deve possuir para isso? Quais lhe dariam o que poderíamos chamar uma cultura nacional, isto é, o conhecimento de nós mesmos

mediante nós mesmos? Está claro que se trata de todos aqueles interesses permanentes de um espírito brasileiro, querendo conhecer o Brasil pela sua literatura, isto é, a sua história, a sua geografia, a sua etnografia, as suas boas letras no sentido restrito da sua poesia, do seu romance e do seu teatro, a sua história literária, a sua ciência, a sua arte e mais aspectos da sua existência que tenham sido objeto de trabalhos literários. Que livros precisamos ler para de tudo isto nos informarmos? Para o nosso inquérito limitamos o seu número a cem, e exigimos mais, que as indicações se refiram a "livros", no sentido literário do vocábulo, excluídos tratados didáticos, relatórios, memórias, teses, publicações periódicas de qualquer gênero. As listas devem pois compreender poesia, romance, teatro, história política e econômica, geografia, viagens, descrições do país e de seus costumes, etnografia, história e crítica literária e artística, generalizações científicas, eloquência sagrada e profana, filosofia e sociologia.

Os que quiserem auxiliar-nos, deverão remeter-nos a sua opinião em carta fechada, franqueada e assinada com indicação de lugar e data. É claro que as assinaturas não serão divulgadas. Estimariamos que as senhoras concorressem também a este escrutínio. Não exigimos que nos indiquem o número total de livros. Aceitaremos as comunicações com qualquer número, e as receberemos até o dia 30 de setembro vindouro.

Eis agora como pretendemos fazer para a lista dos cem livros de uma biblioteca brasileira. Contados os votos recebidos daremos uma primeira lista dos livros que tiverem obtido maior número deles, e, após esta, uma outra, por nós mesmos organizada, ouvido um júri, que em tempo constituiremos."²

A necessidade dos leitores de formar uma biblioteca particular que contivesse os "melhores livros brasileiros" parece ter sido expressa pelo menos desde 1895³ - "desde o nosso primeiro ano de existência" - e representam a ânsia e a vontade pública de estabelecimento do cânone da literatura nacional. A consulta foi, então, dirigida a quem tinha autoridade para isso: à direção de uma revista cujas preocupações eram exatamente a de procurar sistematizar e publicar os conhecimentos especializados sobre assuntos brasileiros e que, além disso, já contava com o respeito e o reconhecimento do público como uma instituição devidamente habilitada para se manifestar a respeito dessa e de outras inquietações ligadas à cultura brasileira. O texto é publicado sem assinatura, mas é possível supor que ele tenha sido escrito por José Verissimo, que dirigia a revista nesta fase.

A resposta da instituição é a da confissão da incapacidade de satisfazer imediatamente às consultas e de uma hábil democratização da decisão⁴, sob a forma de um plebiscito "entre nossos leitores". O resultado do plebiscito não chegou a ser divulgado, mas uma das conclusões inequívocas que se pode tirar

² *Revista Brasileira*, (4)15, Rio de Janeiro, Sociedade Revista Brasileira, 114-6, 1898.

³ Isto se levamos em conta que o autor do apelo está considerando que o primeiro ano da *Revista* é o primeiro ano da sua terceira fase. Lembro que ela teve três fases: 1ª (1857-1860), 2ª (1879-1881) e 3ª (1895-1899).

⁴ O grau de democracia do ato é obviamente relativo, já que o número de votantes dependia, além da quantidade de leitores capacitados, daqueles que eram os assinantes da *Revista*, ou pelo menos, dos eventuais leitores deste número.

desta proposta é a de que a lista dos cem melhores livros que comporiam a biblioteca seria, inevitavelmente, - pelo menos a resultante desta primeira triagem -, formada pelos cem livros *mais lidos* entre os manifestantes cuja identidade não seria revelada. E, também, dado que esta triagem concorreria com uma outra, estabelecida por um júri capacitado para isso, supõe-se que os critérios seriam diversificados: os estudos de Antonio Candido e de João Alexandre Barbosa⁵ demonstram que os ensaios de formulação do cânone da literatura nacional, expressos sob a forma de "bosquejos", de "florilégios" ou "parnasos", de "galerias" ou "pantheons", ou mesmo nas primeiras histórias literárias, já seriam determinantes de uma certa especialização crítica.

Mais importante, porém, que esta constatação da índole "democrática" da proposta talvez seja a do rigor com que os critérios são estabelecidos para a votação. Que tipos de livros seriam "canonizáveis" na esfera da cultura nacional? A resposta a isso aparece sob a forma de três listas que se sucedem neste pequeno texto: a primeira vem sob o rótulo de "literatura" ou de "trabalhos literários", abrangendo uma série de gêneros (ou disciplinas?) - história, geografia, etnografia, as "boas letras" (poesia, romance e teatro), história literária, ciência e arte; a segunda lista aparece claramente sob a forma de um princípio de exclusão: as indicações deviam se referir a "livros", no sentido literário do vocábulo", do que se devia excluir necessariamente uma série de outros tipos de textos; e, finalmente, tendo esclarecido as possibilidades e as impossibilidades, a lista resultante é claramente delimitada, incluindo desde a poesia até a sociologia, que são apenas dois dos treze "gêneros" relacionados. A insistência quase-didática contida na repetição destas listas é sintomática de que tais critérios (ainda) não eram consensuais ou vigentes entre o público leitor.

Os princípios de inclusão e de exclusão se dão em nome do que se entende por cultura nacional - "o conhecimento de nós mesmos mediante nós mesmos" -, o que já elimina hipóteses de assimilação à lista de títulos de autores estrangeiros que tivessem escrito sobre o país, e demonstra a manipulação de outros conceitos, cuja definição parece estar em vias de consolidação: ainda se distinguia, por exemplo, a abrangência do termo "literatura", de um lado, da especificidade das "boas letras", de outro, e havia um conceito literário de "livro", que respondia pela exclusão de "coisas" como tratados didáticos e memórias⁶.

⁵ Refiro-me aos textos "Formação do cânon literário" (3.37, vol. 2, pp. 348-56) e "A biblioteca imaginária, ou o cânone na história da literatura brasileira" (3.10).

⁶ Acredito que o autor do texto se refira aqui exclusivamente a uma das inúmeras acepções que a palavra "memória" pode admitir; creio tratar-se da de número 11 do *Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda*, 1 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d., p. 910: "Dissertação acerca de assunto científico, literário ou artístico, para ser apresentada ao governo, a uma corporação, a uma academia, etc., ou a ser publicada".

Se compararmos esta tipologia, ou classificação por gêneros, com aquelas sob as quais Taunay foi apresentado por Arthur Mota, por Affonso d'Escragnolle Taunay, ou por Odilon Nogueira de Matos, pode-se facilmente constatar flagrantes coincidências de critérios. E disso se pode concluir que, se se admite a existência de um projeto "literário" na obra de Taunay, ele teria tido uma abrangência "cultural" capaz de preencher quase todas as instigações do apelo formulado, quem sabe, por José Veríssimo.

Tentar explicar, então, por que Taunay foi tão esquecido seria talvez responder parte da pergunta sobre a vigência ou a permanência histórica do interesse "cultural" nos termos do apelo ao plebiscito. Pois, se José Veríssimo procurou sistematizar o conjunto de gêneros sob os quais poderiam ser incluídos títulos que dessem conta do que chamou de "cultura nacional", Taunay, por sua vez, se tornou apto, com sua obra, e graças à sua memória, a concorrer como candidato a vários títulos dentre os gêneros enumerados pelo então diretor da *Revista Brasileira*, que expirou no mesmo ano da morte de um de seus colaboradores.

Dado que o termo *memória* também pode admitir o sentido popular de 'Poder criador, imaginação; talento, sobretudo poético'⁷, e eu acredito que este sentido se aplique à capacidade de memória associada a um tipo de artista popular que lida sobretudo com a modalidade oral, como os cantadores de viola ou os repentistas nordestinos; e considerando a influência confessa da memória na criação de peças ficcionais como, dentre várias outras, o romance *Inocência* ou os contos "Camiran a Kinikinao" e "Juca, o tropeiro"⁸, publicados no livro *Histórias brasileiras*, acredito que tal acepção de origem popular, ligada à imaginação criadora possa ser associada também a Taunay.

A este propósito, aliás, é significativa a "Advertência" que antecede o segundo conto mencionado:

"A autoria da presente narração pertence mais a um ex-sargento de voluntários de Minas, que nos disse haver conhecido de perto o personagem que nela figura, do que à nossa pena.

O que fizemos foi desbastar o correr da história de incidentes por demais longos, de inúmeros termos familiares, e sobretudo de locuções chulas e sertanejas que podiam por vezes parecer inconvenientes. Havendo contudo reconhecido a originalidade e força de colorido dessa linguagem, e desejando conservar ainda um quê da ingênua, mas pitoresca expressão do narrador, resultou uma coisa esquisita, nem como era quando contada pelo ex-sargento, nem como devera ser, saída da mão de quem se atira a escrever para o público.

⁷ Vide a acepção de número 14 no mesmo *Dicionário*.

⁸ Vide 1.1.33, pp. 117-237. Este livro reúne sobretudo histórias que Taunay conheceu durante a guerra.

Batemos de arrependido nos peitos."⁹

No caso de *Inocência*, lembro o trecho das *Memórias*, amplamente citado pelos críticos¹⁰, onde se pode saber de que maneira certas personagens reais, conhecidas durante a guerra, foram responsáveis pela inspiração que resultou na "construção" das personagens do romance¹¹. Cito, a este propósito, um trecho significativo:

"Aliás, nesse sertão, próximo já da vila de Sant'Ana do Paranaíba, colhi os tipos mais salientes daquele livro, escrito uns bons cinco anos depois de lá ter transitado.

Assim na casa do senhor Manoel Coelho achei o eterno doente das solidões, a se queixar sempre da falta de médicos, a agarrar-se a quanto curandeiro aviste e encontre, dele aceitando as mezinhas mais enjoativas e complicadas.

(...)

Jacinta Garcia deu, pois, nascimento moral a *Inocência*. Não levei, porém, a exatidão e maldade a ponto de, também, desta fazer desgraçada morfética. Não! fora demais! Do avô tirei o tipo do desconsolado leproso, repellido do rancho de Pereira, o Mineiro, e conservei-lhe no romance o nome verídico."¹²

Se, no primeiro caso, o resultado do registro da história ouvida por outro narrador passou por um processo de "higienização" que, segundo Taunay, retirou dela o seu encanto e a transformou em "uma coisa esquisita", no segundo caso, a confissão dos modelos inspirativos das personagens também revela a transfiguração, a "maior elaboração artística dos dados, fundidos pela imaginação para afeiçoá-los ao tratamento romanesco", nas palavras de Antonio Candido¹³. Nos dois casos, porém, apesar de o resultado revelar tessituras diferenciadas, a influência da memória é inegavelmente decisiva.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 183.

¹⁰ 1.1.44, pp. 395-9.

¹¹ Entre outras manifestações da crítica neste sentido, cito o item "Os modelos conscientes" do capítulo da *Formação da literatura brasileira* em que Antonio Candido escreve sobre Taunay (Vide 3.37, vol. II, pp. 310-2)

¹² 1.1.44, pp. 395 e 399.

¹³ *Op. cit.* p. 311.

ANEXO I

CRONOLOGIA DAS PUBLICAÇÕES¹

- 1862 - "Soneto" e "Ode" (assinados com um "T." atribuído ao escritor). In: *À inauguração da estátua eqüestre do fundador do Império*. Rio de Janeiro, Tipografia de Paula Brito, pp. 31-2.
- 1867 - "Relatório geral da comissão de engenheiros junto às forças em expedição para a Província de Mato Grosso (1865-1866)" (anexo ao *Relatório do Ministério da Guerra*) [ver 1874 (com alterações do autor) e 1928].
- 1868 - *Cenas de viagem*. Rio de Janeiro, Tipografia Americana, 189 pp. [ver 1923].
- 1869 - Viagem de regresso de Matto Grosso à corte. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 32, p. II, 5-51. [inserido em *Viagens de outrora* / ver 1921, 1925 e 1948].
- 1870 - *Diário do Exército/Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 404 pp. [ver 1926].
- Discurso na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1870 (como orador interino). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 33, p. II, 437-59 [ver 1871].
- 1871 - *A Mocidade de Trajano* (romance / pseudônimo de Sylvio Dinarte). 2 vol., Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 168 e 250 pp. [ver 1984].
- *Discurso na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1870*. 2 ed. Rio de Janeiro, Tipografia de Pinheiro & C., 24 pp.
- *La retraite de Laguna*. 1 ed. em francês. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 224 pp. [ver 1879, 1891, 1913 e 1995 para as edições do original em língua francesa, e, para as traduções para o português, ver 1874 (Salvador de Mendonça), 1901 (Ramiz Galvão/há 4 outras reedições), 1927 (Affonso de Escragnolle Taunay, 1952, 1975: no total, há 18 edições desta tradução)].
- sem data: *A retirada da Laguna* (Tradução para o alemão pelo conselheiro Schneider, leitor do imperador Guilherme I).
- sem data: *A retirada da Laguna* (Tradução para o sueco pelo cavaleiro Rosen).
- sem data: *A retirada da Laguna* (Tradução para o espanhol por S. Maramaya).

¹ As fontes para esta cronologia foram 2.63, 2.82, 2.120, além dos prefácios constantes das várias edições consultadas.

- 1872 - *Inocência* (romance / pseudônimo de Sylvio Dinarte). Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 289 pp. (até 1929: 22 edições e até 1952: 33 edições em português/ ver o processo contra a edição não-autorizada, de 1920) [ver 1883, 1889, 1893, 1894, 1896, 1897, 1899 (ou 1901?), 1902, 1905, 1906, 1912, 1922, 1923*, 1925, 1931, 1933, 1945 e sem data (abaixo), para as traduções e 1881, 1896, 1898, 1899, 1903, 1906, 1912, 1915, 1920, 1921, 1922, 1924, 1927, 1930, 1936, 1939, 1941, 1942, 1944, 1986 e sem data (abaixo) para as edições em português] [há outras edições].
- sem data: *Inocência*. 20 ed. São Paulo, Francisco Alves, Paulo de Azevedo e Cia., Imp. Paulista, 296 pp.
 - sem data: *Inocência* (Tradução para o alemão por Karl Schüller, plágio da de Arno Philipp, com alteração do original). Berlim, D. Dreyer & Cia., 200 pp.
 - sem data: *Inocência* (Tradução para o alemão por Karl Schüller, ilustrações de Max Tilke). Berlim, D. Dreyer & Cia., 218 pp.
 - sem data: *Inocência* (Tradução para o espanhol Arturo Costa Alvarez). Buenos Aires, *La Nacion* (em folhetim).[ver 1905 e 1906]
 - sem data: *Inocência* (Tradução para o espanhol de ?). No jornal portenho de José C. Soto.
 - sem data: *Inocência* (Tradução para o polonês pelo engenheiro Kowalski). Num diário de Varsóvia.
 - sem data: *Inocência* (Tradução para o polonês, inédita, por Joana Piwiniecka)
 - As Caldas da Imperatriz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 42, p. II, pp. [inserido nas *Paisagens brasileiras* / ver 1926 e 1948].
 - *Lágrimas do coração: manuscrito de uma mulher* (romance / pseudônimo de Sylvio Dinarte). Rio de Janeiro, F. Thompson, 259 pp. [ver 1899 (com alterações do autor), 1900, 1928].
- 1874 - *Histórias brasileiras* (contos e a peça "Da mão à boca se perde a sopa" / pseudônimo de Sylvio Dinarte). Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 327 pp. [única edição / ver 1931 para a peça]
- *A Retirada da Laguna* (tradução de Salvador de Mendonça). 1 ed. [a única] Rio de Janeiro, Tipografia Americana, 240 pp.
 - Relatório geral da comissão de engenheiros junto às forças de Mato-Grosso (1865-1866). 2 ed. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 37, p. II, 79-177 e 209-339.
- 1875 - *Ouro sobre azul* (romance / pseudônimo de Sylvio Dinarte). 2 vol., Rio de Janeiro, Gomes de Oliveira & Cia., 386 pp. [originalmente publicado em folhetim, no jornal *O Globo* do Rio de Janeiro / ver 1897, 1921, 1924, 1929, 1938, 1947].
- Tradução de FLORENCE, Hercules - A expedição do cônsul Langsdorff no interior do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 38, p. I, 355-469; 38, p. II, 231-301. [ver 1876 (continuação) e 1929 e 1941 e 1948]

- Vocabulário da língua Guaná ou Chané. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 38, p. II, data?. (inserido em *Cenas de viagem*, em 1868, e *Entre os nossos índios* / ver 1931).
 - discurso pronunciado à beira do túmulo do marquês de Sapucaí, em 24 de janeiro de 1875. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 38, p. I, 245-8.
 - sem data: orações fúnebres à beira do túmulo do Marquês de Herval, do Duque de Caxias, do Visconde do Rio Branco etc.
- 1876 - Tradução de FLORENCE, Hercules - Zoofonia: memória pelo senhor Hercules Florence no ano de 1829. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 39, p. II, 321-36.
- Tradução de FLORENCE, Hercules - A expedição do cônsul Langsdorff no interior do Brasil (continuação). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 39, p. II, 157-82.
 - *A província de Goiás na exposição nacional de 1875*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 62 pp. [ver 1931].
- 1877 - *Relatório ao deixar a presidência de Santa Catarina*. Desterro, J. J. Lopes, 96 pp. [única edição]
- *Questões políticas e sociais / Sobre o projeto de fixação das forças de terra, a 16 de abril de 1877; sobre os limites de Goiás e Minas Gerais, a 14 de maio de 1877* (discursos na Câmara dos Deputados). Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 64 pp. [única edição]
 - Dois discursos do Visconde de Taunay / À beira dos túmulos de duas das maiores glórias do Brasil: I- O Conde de Porto Alegre; II- José de Alencar. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 65 (42), 96-100, jan /jun 1943.
- 1878 - *Narrativas militares* (contos / pseudônimo de Sylvio Dinarte). Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 270 pp. [única edição].
- 1879 - Estudos sobre belas artes - I. O Renascimento - Giotto - O Pegino. *Revista Brasileira*, 1 (I), Rio de Janeiro, N. Midosi, 556-60. [única edição]
- Meyerbeer e a ópera os huguenotes. *Revista Brasileira*, 2 (I), Rio de Janeiro, N. Midosi, 151-68. [única edição]
 - *Questões militares (A Classe Militar perante as Câmaras)*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 32 pp. [única edição]
 - A araponga e a onça: conto humorístico do sertão (pseudônimo de Sylvio Dinarte). *Revista Brasileira*, 1 (I), Rio de Janeiro, N. Midosi, 103-115. [inserido em *Céus e terras do Brasil* / edição de 1922 (5a) e seguintes]
 - *La retraite de Laguna*. 2 ed. em francês. Paris, Plon Nourrit.
- 1880 - Por um triz coronel (Tua a figueira e eu à beira)/ provérbio em 1 ato (peça teatral, com o pseudônimo de Eugênio de Mello). *Revista Brasileira*, 3 (III), pp. 310-335. [ver 1931]

- *Em homenagem a Carlos Gomes a 25 de julho de 1880* (discurso no Congresso Militar, I. H. G. B.). Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 15 pp. [única edição]

1881 - *Estudos críticos (1º volume: História da guerra do Pacífico)*, Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 92 pp. [publicado originalmente sob forma de artigos na imprensa do Rio de Janeiro/ver 1925 / ver 1883 e 1932 para o 2º volume]

- *Inocência*. 2 ed. Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 311 pp.

sem data [depois de 1881] - TAUNAY, Alfredo d'E. e PARAVICINI, Rodolfo - *A. C. Gomes. Lo Schiavo: dramma lirico in quattro atti*. Milão, G. Ricordi e C., s.d.

1882 - *Céus e Terras do Brasil* (pseudônimo de Sylvio Dinarte). Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 126 pp. [ver 1904, 1910, 1918, 1922, (ano da 6ª?) e 1930 e 1948 / até 1952: 8 edições/ver sem data (abaixo)].

- sem data: *Céus e terras do Brasil* (Tradução para o alemão por Carlos Muller). Halle.

- sem data: *Céus e terras do Brasil* (Tradução para o espanhol por V. Quesada). Na imprensa.

- *Sobre a Barra do Rio Grande. A D. Pedro I Railway, a 17 de junho de 1882* (discurso na Câmara dos Deputados). Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 44 pp. [única edição].

- *Sobre a fixação das forças de terra, a 14 de abril de 1882* (discurso na Câmara dos Deputados). Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 39 pp. [única edição]

- *Sobre o orçamento da Fazenda, a 22 de agosto de 1882* (discurso na Câmara dos Deputados). Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 59 pp. [única edição]

- *Sobre o orçamento da Justiça, a 1º de maio de 1882* (discurso na Câmara dos Deputados). Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 40 pp. [única edição]

- *Sobre o orçamento da Marinha, a 20 de junho de 1882* (discurso na Câmara dos Deputados). Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 50 pp. [única edição]

- *Discurso na sessão de 30 de janeiro de 1882* (discurso na Câmara dos Deputados).

1883 - *Sobre o orçamento da Guerra, a 5 de julho de 1883* (discurso na Câmara dos Deputados). Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 76 pp. (conhecido sob o título "Classificação de Comarcas"). [única edição]

- *Discurso na sessão de 12 de julho de 1883* (discurso na Câmara dos Deputados). Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 36 pp. [única edição]

- *Inocência* (Tradução para o francês por ?). Paris, *Courier International* (em folhetim).

- *Estudos críticos (2º volume: Literatura e filologia)*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 162 pp. [publicado originalmente sob a forma de artigos na

imprensa do Rio de Janeiro/ver 1932, com o título *Brasileiros e estrangeiros*]

- 1884 - *O Visconde do Rio Branco* (biografia). Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 88 pp. [ver 1930 e 1988].
- Reclamação do sócio Alfredo d'Escragnolle Taunay sobre a ortografia sônica em que está sendo impressa a *Revista*, e proposta para que seja empregada a ortografia etimológica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 47, p. II, 595. [única edição]
- 1885 - *Divisão em lotes para imigrantes das fazendas hipotecadas ao Banco do Brasil* (Sociedade Central de Imigração). Rio de Janeiro, Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1885 [única edição].
- 1886 - *A Nacionalização, a grande naturalização e a naturalização tática*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 138 pp. [única edição]
- *O Casamento civil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 107 pp. [2ª ed. no mesmo ano].
- *Amélia Smith* (peça teatral). Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 152 pp. [ver 1930].
- *Relatório ao deixar a presidência do Paraná*. Curitiba, Typ. da Gazeta Paranaense, 145 pp. [única edição]
- *Sobre o orçamento da Agricultura, a 10 e 14 de setembro de 1886; sobre o porto de São Francisco, a 7 de setembro de 1886* (discursos no Senado). Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 91 pp. [única edição]
- *A nova lei de terras* (parecer). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, pp.
- 1887 - *Que é a imigração?* (opúsculo de propaganda)
- Na sessão magna aniversário do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1887 (discurso, orador oficial). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 50, p. II, 419-32. [ver 1889]
- Alocução à saudosa Princesa Imperial, no dia 2 de dezembro de 1887. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 50, p. II, 372-5. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Pedro II* / ver 1933]
- Viagem do presidente Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay ao Rio Iguaçu (provincia do Paraná), em março de 1866. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 50, p. II, 157-75. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Paisagens Brasileiras*/ ver 1926]
- Tradução de COUTY, Louis - *Pequena propriedade e imigração européia* (com uma introdução biográfica do Taunay). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 149 pp.
- 1888 - *Os índios caingangues* (Monografia acompanhada de um vocabulário do dialeto de (*sic*) que usam). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, suplemento do 51, 251-?. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Entre os nossos índios*/ver 1931].
- *Nativismo e patriotismo* (opúsculo)

- Ao cumprimentar Sua Majestade Imperial, a 2 de dezembro de 1888 (discurso). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, p. II, 315-6. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Pedro II*, ver 1933]

- Na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1888 (discurso). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, p. II, 351-83. [ver 1889]

- Na sessão solene do jubileu do Instituto, a 21 de outubro de 1888 (discurso). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, suplemento do 51, 39-48. [ver abaixo/inserido em *O Grande Imperador*/ver 1932]

- *Na sessão solene do jubileu do Instituto, a 21 de outubro de 1888* (discurso). 2 ed. Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 16 pp.

- Alocução dirigida a Suas Altezas, por ocasião da extinção da escravidão no Brasil, a 16 de maio de 1888. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, p. I, XX-XXII. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Pedro II*, ver 1933]

1889 - *Cartas políticas*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 77 pp. [única edição/trecho inserido por Affonso d'E. Taunay em *Pedro II*, ver 1933]

- *Na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1888* (discurso). 2 ed. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 35 pp.

- *Inocência* (Tradução para o inglês por James W. Wells). Londres, Chapman and Hall, 312 pp. [ver 1899 (ou 1901?) e 1922]

- *Discurso na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1887* (orador oficial). 2 ed. Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 19 pp.

- Alocução aos sócios D. Antonio de Macedo Costa, conselheiro José Francisco Diana e Duarte Gustavo Nogueira Soares, ministro de Portugal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 505-7. [única edição]

- Discurso ao cumprimentar Suas Altezas a Princesa Isabel e o Conde d'Eu, no dia 15 de outubro de 1889, 25^o aniversário de seu casamento. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 512-3. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Pedro II*/ver 1933]

- Discurso ao dar os pêsames a Sua Majestade pelo falecimento de D. Luiz, rei de Portugal, a 26 de outubro de 1889. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 525. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Pedro II* ver 1933]

- Discurso na sessão solene comemorativa do centenário da morte de Cláudio Manuel da Costa, a 4 de julho de 1889. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. II, 26-32. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *O Grande Imperador*/ver 1932]

- Discurso na sessão solene em homenagem ao Chile. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - Chile e Brasil*, p. I, 53-9. [única edição]

- Discurso saudando o Imperador, no dia 7 de setembro de 1889. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 475-6. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Pedro II* ver 1933]

- Discurso saudando o ministro argentino D. Henrique B. Moreno, como sócio honorário do Instituto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 471-3. [única edição]
- 1890 - Curiosidades naturais da província do Paraná. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. I, 193-241. [inserido em *Paisagens Brasileiras*, ver 1926].
- Considerações acerca da idéia de elevar-se uma estátua a Cristóvão Colombo, no Pão de Açúcar. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. II, 441-4. [única edição]
- Discurso proferido no dia 15 de outubro de 1889, cumprimentando Sua Alteza a Princesa Imperial. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. II, 524-6. [única edição]
- 1891 - *Algumas verdades (a propósito de um opúsculo)*. Rio, G. Leuzinger, 37 pp. [inserido em *Império e República*, ver 1933].
- *La retraite de Laguna*. 3 ed. em francês. Paris, Plon-Nourrit et Cie., 266 pp.
- A Cidade de Mato Grosso, o rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 54, p. II, 1-108. [ver 1923]
- 1892 - O Coronel Antonio Florêncio do Lago. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 56, p. II, 73-90. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Servidores ilustres do Brasil* / ver 1930]
- Remessa de quatro volumes de suas memórias, para que sejam encerradas na Arca do Sigilo do Instituto, as quais deverão ser abertas em 1943. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 55, p. II, 344. [única edição]
- 1893 - *Inocência* (Tradução para o italiano por G. P. Malan). Turim, L. Roux & Cia., 296 pp. [única edição]
- *Inocência* (Tradução para o dinamarquês por Bjarwing Petersen). Num diário de Copenhagem. [ou 1896 ? ou 1894 ?]
- 1894 - *O Encilhamento: cenas ontemporâneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892* (pseudônimo de Heitor Malheiros). 2 vol., Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães & Cia, 246 e 204 pp. [publicado originalmente em folhetim, na *Gazeta de Notícias*, em 1893/ver 1925, 1943 e 1947].
- *Inocência* (Tradução para o alemão por Arno Philipp). Porto Alegre, *Deutsche Zeitung* (em folhetim). [ver 1899 (ou 1901?) e 1922]
- 1895 - *Como me tornei kneippista* (pseudônimo de Jorge Palmer). Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 213 pp. [ver 1896 e procurar outras cinco, pelo menos].
- Esboço biográfico do Visconde de Beaurepaire-Rohan. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 58, p. I, 75-89. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Servidores ilustres do Brasil* / ver 1930]

- O padre José Maurício. *Revista Brasileira*, IV (I), 229-33 e 334-41, out/dez. [ver continuação em 1896 e ver 1930]

- Relação dos estrangeiros ilustres que concorreram para o engrandecimento do Brasil, desde princípios do século XIX até 1892. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 58, p. II, 225-48. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil*/ ver 1932]

- Resenha de *Navegação no interior do Brasil*, por Eduardo José de Moraes. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro/São Paulo, Laemmert & C., II (I), 190-1, abr/jun. [única edição]

- Resenha do *Boletim do Museu Paraense de história natural e etnográfica*. *Revista Brasileira* n° 2, abr 1895, vol. 1, Rio de Janeiro/São Paulo, Laemmert & C., III (I), 59-60, jul/set. [única edição].

- Um literato argentino: D. Martin Garcia Merou. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro/São Paulo, Laemmert & C., I (I), 280-9, jan/jun; II (I), 32-41, abr/jun. [única edição]

1896 - *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 58, p. II, pp. [ver abaixo e 1932].

- *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro, Companhia Tipográfica do Brasil, 26 pp.

- *Inocência*. 3 ed. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 414 pp.

- *Inocência* (Tradução para o francês por Olivier du Chastel). Paris, Léon Chailley, 238 pp.

- *Inocência* (Tradução para o francês por ?). Paris, *Le Temps* (em folhetim).

- *Inocência* (Tradução para o italiano por ?). Milão, *Corriere della Sera* (em folhetim).

- *Inocência* (Tradução para o sueco por Karl Hagberg). Estocolmo, jornal *Aftonbladet* (em folhetim).

- *Como me tornei kneippista*. 2 ed. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 213 pp.

- O padre José Maurício (cont.). *Revista Brasileira*, V (II), 96-102 e 235-44 e 375-9, jan/mar; VIII (II), 72-80 e 196-204, out/dez. [ver continuação em 1897 e ver 1930]

- Resenha do *Boletim do Museu Paraense* n° 3, jun, vol. 1. *Revista Brasileira*, VII (II), 388-9, jul/set. [única edição]

- Resenha do *Ensaio sobre o Dr. Alexandre R. Ferreira*, de Emilio A. Göeldi. *Revista Brasileira*, V (II), 61-2, jan/mar. [única edição]

- Um soneto célebre. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Sociedade - *Revista Brasileira*, VIII (II), 364-70, out/dez. [única edição]

1897 - *Ouro sobre azul*. 2 ed. Rio de Janeiro, H. Garnier, 345 pp.

- *Inocência* (Tradução para o japonês por Kawana Kwandzo, a partir da tradução inglesa de James W. Wells). Na revista *Fastos*. [ou 1890 ?]

- *Inocência* (Tradução para o espanhol por José Clementino Soto). Buenos Aires (em folhetim).

- Biografia de Augusto Leverger, barão de Melgaço. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 60, p. II, 89-95. [ver 1898 e 1931]
 - Esboço biográfico do Dr. Luis Couty. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 60, p. II, 73-88 [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil*/edição de 1932]
 - Memórias do Segundo Reinado. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Sociedade Revista Brasileira, IX (III), 265-73, jan/mar. [única edição]
 - O padre José Maurício (cont.). *Revista Brasileira*, IX (III), 43-9, jan/mar. [ver 1930]
 - Resenha do livro *Estudos agrícolas, de A. de Medeiros*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Sociedade - *Revista Brasileira*, IX (III), 122-3, jan/mar. [única edição]
 - Um romance goense (resenha do livro *Jacob e Dulce: scenas da vida indiana*, de Gip). *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Sociedade - *Revista Brasileira*, X (III), 264-77, abr/jun. [única edição]
- 1898 - *Inocência*. (Tradução para o italiano por ?). São Paulo, *Tribuna* (em folhetim). [ou 1896 ?, ou 1889 ?]
- *No Declínio* (romance). Rio de Janeiro, *Gazeta da Tarde* (em folhetim). [ver 1899, 1900 e 1926].
 - Augusto Leverger. *Revista Brasileira*. XIII (IV), 270-97, jan/mar; XIV (IV), 209-30, abr/jun; XIV (IV), 353-64, abr/jun; XV (V), 31-46, jul/set; XV (V), 204-17, jul/set.
 - Resenha do livro *Boto & C.*, de Xavier Marques. *Revista Brasileira*, XIII (IV), 119-20, jan/mar. [única edição]
 - Singelos apontamentos biográficos sobre o capitão de artilharia João Batista Marques da Cruz, o *Vauvenargues* brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 60, p. II, 293-302. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Servidores ilustres do Brasil*/ ver 1930]
- 1899 - *Manuscrito de uma mulher* (novo título de *Lágrimas do coração*). 2 ed. Rio de Janeiro, H. Garnier, 253 pp. [2200 exemplares]
- *No declínio* (romance). 2 ed. Rio de Janeiro, Ribeiro, Macedo & Cia, 274 pp.
 - *Inocência*. (5 e 6 ed./no mesmo ano). Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 421 pp.
 - *Inocência* (Tradução para o alemão por Arno Philipp). 2 ed. Porto Alegre, Cesar Reinhardt, 205 pp. [ou 1901?]
- 1900 - *Manuscrito de uma mulher* (novo título de *Lágrimas do coração*). 3 ed. Rio de Janeiro, H. Garnier, 253 pp. [2200 exemplares]
- *No declínio* (romance). 3 ed. Rio de Janeiro, H. Garnier, pp.
- 1901 - *Ao entardecer* (contos). Rio de Janeiro, H. Garnier, 198 pp. [os dois primeiros contos foram publicados originalmente na *Gazeta de Notícias*, com o pseudônimo Heitor Malheiros e o conto "Cabeça e coração", num jornal de São Paulo/ver 1926]

- *A Retirada da Laguna* (tradução de Ramiz Galvão). 1 ed. Rio de Janeiro, H. Garnier, 240 pp.
- *Inocência*. [ver 1899, para a tradução de Arno Philipp]
- 1902 - *Inocência* (Tradução para o espanhol por Arturo da Costa Alvarez). Buenos Aires, La Nacion, 291 pp. [ver 1906].
- 1903 - *Inocência*. 7 e 8 ed./no mesmo ano. São Paulo, Miguel Melilo & Cia., 415 pp.
- 1904 - *Céus e terras do Brasil*. 2 ed. N. Falcone & Cia., 127 pp.
- 1905 - *Inocência* (Tradução para o espanhol por José Vicente Concha, presidente da Colômbia). Bogotá, Libreria Americana, 247 pp. (prefácio de Antonio Gomez Restrepo).
- *Inocência*. (Tradução para o espanhol por Arturo Costa Alvarez). 2 ed. Buenos Aires, Biblioteca de La Nacion, 291 pp.
- 1906 - *Inocência* (Tradução para o espanhol por Arturo da Costa Alvarez). 3 ed. Buenos Aires, Biblioteca de La Nacion, 291 pp.
- *Inocência*. 9 ed. São Paulo, N. Falcone & Cia., 272 pp.
- João Batista Marques da Cruz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 69, p.II, . [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Servidores ilustres do Brasil*/ ver 1930]
- 1908 - *Reminiscências*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 339 pp. [dividido por Affonso d'E. Taunay em *Reminiscências* e *Homens e coisas do Império* / ver 1923 e 1924].
- 1910 - *Céus e terras do Brasil*. 3 ed. São Paulo, Francisco Alves, 126 pp.
- 1912 - A conquista do filho (peça em 4 atos). *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 7, pp. [ver 1931]
- *Inocência*. 10 ed. São Paulo, Francisco Alves & Cia., 292 pp.
- *Inocência* (Tradução para o flamengo pelo cônego Salvers). Num grande diário belga.
- 1913 - *La retraite de Laguna*. 4 ed. em francês. Tours, E. Arrault et Cie., 268 pp.
- 1915 - *Inocência*. 11 ed. São Paulo, Francisco Alves & Cia.; Tours, Arrault et Cie., 293 pp.
- Notas de D. Pedro II às *Curiosidades naturais do Paraná* e a *Algumas verdades* / D. Pedro II e o barão de Taunay / Na biblioteca do Imperador / A partida da família Imperial / Notas de D. Pedro II às *Japonneries d'automne*, de P. Loti / André Rebouças. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 77, p. II, 87-124. [inserido por Affonso d'E. Taunay em *Homens e coisas do Império*/ ver 1924]

- 1918 - *Céus e terras do Brasil*. 4 ed. Francisco Alves, 126 pp.
- 1920 - *Dias de guerra e de sertão*. São Paulo, Revista do Brasil, 189 pp. [ver 1923, 1928].
 - *Recordações de guerra e de viagem*. São Paulo, Weiszflog Irmãos, 198 pp. [ver 1924].
 - *Inocência* (13 ed./edição não autorizada pelos herdeiros). Rio de Janeiro, José Joaquim de Azevedo, 159 pp.
 - *Inocência*. 12 ed. São Paulo, Francisco Alves & Cia.; Tours, Arrault et Cie., 291 pp.
- 1921 - *Viagens de outrora*. São Paulo, Melhoramentos, 164 pp. [ver 1925 e 1948].
 - *Filologia e crítica (Impressões e estudos)*. São Paulo, Melhoramentos, 191 pp. [única edição]
 - *Cartas da Campanha*. São Paulo, Weiszflog Irmãos, 200 pp. [única edição]
 - *Inocência*. 14 ed. São Paulo, Francisco Alves & Cia.; Tours, Arrault et Cie., 293 pp.
 - *Ouro sobre azul*. ed. São Paulo, Melhoramentos, 298 pp.
- 1922 - *Trechos de minha vida*. São Paulo, Melhoramentos, 218 pp. [única edição]
 - *Inocência*. 15 ed. São Paulo, Tipografia Ideal (de Heitor L. Canton), 160 pp.
 - *Inocência* (Tradução para o alemão por Arno Philipp). 3 ed. Porto Alegre, Germano Gundlach, 216 pp.
 - *Céus e terras do Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo & Cia..
- 1923 - *O Encilhamento*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 318 pp. [Affonso d'E. Taunay menciona 1925]
 - *A Cidade do ouro e das ruínas*. 2 ed. com acréscimo de inéditos. São Paulo, Melhoramentos, 186 pp. [com acréscimos de Affonso d'E. Taunay/Artur Mota menciona 1925]
 - *Visões do sertão*. São Paulo, Monteiro Lobato & Cia., 247 pp. [ver 1928]
 - *Campanha de Mato Grosso/Cenas de viagem*. 2 ed. São Paulo, Irmãos Marrano, 210 pp.
 - *Inocência* (*Text book* em português e notas em inglês por Maro B. Jones). Boston, D. C. Heath and Co., 196 pp.
 - *Inocência* (Tradução para o espanhol por um anônimo). Madri, Editorial Pueyo, 267 pp.
 - *Reminiscências*. 2 ed. Francisco Alves & Cia., 219 pp.
 - *Dias de guerra e de sertão*. 2 ed. São Paulo, Monteiro Lobato & Cia., pp.
- 1924 - *Homens e coisas do Império*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 168 pp.
 - *Inocência*. 16 ed. São Paulo, Melhoramentos, 239 pp.

- *Inocência*. 17 ed. São Paulo, Francisco Alves & Cia.; Tours, Arrault et Cie., 292 pp.
 - *Ouro sobre azul*. ed. São Paulo, Melhoramentos, 298 pp.
 - *Recordações de guerra e de viagem*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 186 pp.
- 1925 - *Viagens de outrora*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 164 pp.
- *Inocência* (Tradução para o croata por Zoran Ninich). Zagreb (Iugoslávia), Zabavna Biblioteka, 196 pp.
 - *A Guerra do Pacífico: Chile versus Peru e Bolívia*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 169 pp.
- 1926 - *Diário do Exército: a Campanha da Cordilheira*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 217 pp. [vide abaixo]
- *Diário do Exército: de Campo Grande a Aquidaban*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 221 pp.
 - *Paisagens brasileiras*. São Paulo, Melhoramentos, 134 pp. [ver 1948]
 - *No declínio* (romance). 4 ed. São Paulo, Melhoramentos, 156 pp.
 - *Ao entardecer* (contos). 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 152 pp.
- 1927 - *Inocência*. 18 ed. São Paulo, Melhoramentos, 234 pp.
- *A retirada da Laguna* (Tradução de Affonso de Escragolle Taunay). 1 ed. (7ª como tradução). São Paulo, Melhoramentos, 288 pp.
- 1928 - *Marcha das forças*. São Paulo, Melhoramentos, 148 pp. [3 ed. do "Relatório da comissão...", com as notas originais inseridas no corpo do texto por Affonso d'E. Taunay]
- *Manuscrito de uma mulher*. 4 ed. São Paulo, Melhoramentos, 171 pp.
 - *Dias de guerra e de sertão*. 3 ed. São Paulo, Melhoramentos, 156 pp.
 - *Visões do sertão*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 160 pp.
- 1929 - *Em Mato Grosso invadido*. São Paulo, Melhoramentos, 152 pp. [a partir de textos inéditos e de outros publicados anteriormente em periódicos/única edição]
- *Ouro sobre azul*. ed. São Paulo, Melhoramentos, 298 pp.
 - Tradução de FLORENCE, Hercules - *De Porto Feliz a Cuiabá: diário de viagem de um naturalista da expedição de Langsdorff em 1826 e 1827*. *Revista do Museu Paulista*, XVI (separata). São Paulo, Diário Oficial, pp.
- 1930 - *José Maurício Nunes Garcia* (biografia). São Paulo, Melhoramentos, 130 pp. [os 12 primeiros capítulos foram publicados originalmente na *Revista Brasileira* e os cinco últimos, no *Jornal do Comércio*/única edição]
- *Servidores ilustres do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 142 pp. [única edição]
 - *Dois artistas máximos: José Maurício e Carlos Gomes*. São Paulo, Melhoramentos, 158 pp. [única edição]
 - *Inocência*. 19 ed. São Paulo, Melhoramentos, 234 pp.

- *Céus e terras do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 127 pp.
 - *O visconde do Rio Branco: glória do Brasil e da humanidade*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 155 pp. [nesta edição, os capítulos 20, 21, 24 e 25 são de autoria de Affonso d'E. Taunay/ver 1988]
 - *Amélia Smith* (peça teatral). 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 153 pp.
- 1931 - *Entre os nossos índios*. São Paulo, Melhoramentos, 131 pp. [única edição]
- *Augusto Leverger* (biografia). 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 166 pp. [alguns capítulos são de autoria de Virgílio Correia Filho]
 - *Inocência* (Tradução para o italiano por Maranca e Beccari). Ed. não autorizada, Florença, A. Vallecchi e Cia.
 - *Goyaz*. 2 ed. (novo título de *A província de Goyaz na exposição nacional de 1875*). São Paulo, Melhoramentos, 109 pp. [acréscimo do capítulo "Relatório dos estudos...", por Affonso d'E. Taunay]
 - *Por um triz coronel*. [reunindo as peças *A conquista do filho* (1 ed./escrita originalmente em francês, em 1896), *Por um triz coronel* (2 ed.) e *Da mão à boca se perde a sopa* (2 ed./ a 1ª está em *Histórias brasileiras*)]. São Paulo, Melhoramentos, 151 pp.
- 1932 - *O Grande Imperador*. São Paulo, Melhoramentos, 128 pp. [única edição/a partir de inéditos e de artigos originalmente publicados na imprensa/há um capítulo de autoria de Affonso d'E. Taunay]
- *Brasileiros e estrangeiros* (novo título de *Estudos críticos: Literatura e filologia*) 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 128 pp.
 - *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil (1800-1892) e outros escritos*. 3 ed. São Paulo, Melhoramentos, 126 pp.
- 1933 - *Pedro II*. Companhia Editora Nacional, 244 pp. [única edição/a partir de inéditos e de artigos publicados originalmente na imprensa]
- *Império e República*. São Paulo, Melhoramentos, 110 pp. [única edição/a partir de folhetos avulsos e de artigos publicados originalmente na imprensa]
 - *Inocência* (Tradução para o alemão por Henrique von Wieser). São Paulo, *Deutsche Zeitung* (em folhetim).
- 1936 - *Inocência*. 21 ed. São Paulo, Melhoramentos, 256 pp.
- 1938 - *Ouro sobre azul*. ed. São Paulo, Melhoramentos, 298 pp.
- 1939 - *Inocência*. 22 ed. São Paulo, Melhoramentos, 256 pp.
- 1941 - *Inocência*. 23 ed. São Paulo, Francisco Alves, Paulo de Azevedo e Cia., 240 pp.
- Tradução de FLORENCE, Hercules - *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: de 1825 a 1829* (com texto introdutório do escritor). 2 ed. ?. São Paulo, Melhoramentos, 218 pp. [ver 1944]

- A Camões (poema/no terceiro centenário de sua morte). *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 64 (41), 48-50, jul/dez. [única edição]
- 1941/2 - A Caminho de Mato Grosso . Primeira parte: "De Santos às terras de Goiás" (Cartas da Campanha, 1865) (tradução de ?). *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 61 (40), 249-87; 62 (40), 298-312; 63 (41), 88-128. [publicadas originalmente no *Jornal do Comércio*/ver 1944]
- 1942 - *Inocência*. 24 ed. São Paulo, Melhoramentos, 256 pp.
- Um poema francês de autor argentino. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 64 (41), 15-26, jul/dez. [única edição]
- 1943 - *O Encilhamento*. 3 ed. São Paulo Melhoramentos, 318 pp.
- Dois discursos do Visconde de Taunay / À beira dos túmulos de duas das maiores glórias do Brasil: I- O Conde de Porto Alegre; II- José de Alencar. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 65 (42), 96-100, jan/jun [há outra edição?]
- 1944 - *Cartas da Campanha de Mato Grosso: 1865-1866*. (tradução de Affonso de Escragnolle Taunay). Rio de Janeiro, Biblioteca Militar/Instituto de Geografia e História Militar, 224 pp.
- *Inocência*. 25 ed. São Paulo, Melhoramentos, 256 pp.
- 1945 - *Inocência* (Tradução para o inglês por Henriqueta Chamberlain). Nova York, The MacMillan Company, 209 pp.
- 1947 - *Ouro sobre azul*. ed. São Paulo, Melhoramentos, 298 pp.
- *O Encilhamento*. 4 ed. São Paulo, Melhoramentos, 318 pp.
- 1948 - *Memórias*. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 649 pp. [com acréscimos dos organizadores da publicação/ver 1960]
- Tradução de FLORENCE, Hercules - *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: de 1825 a 1829* (texto introdutório do escritor). 3 ed. ? São Paulo, Melhoramentos, pp.
- *Céus e terras do Brasil* (reunindo *Céus e terras do Brasil* (8 ed.), *Viagens de outrora* (3 ed.) e *Paisagens brasileiras* (2 ed.)). São Paulo, Melhoramentos, ? pp.
- 1952 - *A retirada da Laguna* (Tradução de Affonso de Escragnolle Taunay). 13 ed. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 165 pp.
- 1960 - *Memórias*. 2 ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, pp.
- 1975 - *A Retirada da Laguna* (Tradução de Affonso de Escragnolle Taunay). 18 ed. brasileira. São Paulo, Melhoramentos/INL/MEC, 202 pp.
- Discurso ao receber seu retrato como homenagem dos militares (pronunciado em 10 de março de 1878). [Ver em TAUNAY, Visconde de -

A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai. (trad. de Afonso d'Escragnolle Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, pp. 24-25 - única edição].

1984 - *A Mocidade de Trajano.* 2 ed. São Paulo, Biblioteca Academia Paulista de Letras, 237 pp.

1986 - *Inocência.* ed. (14ª desta editora). São Paulo, Ática, 128 pp.

1988 - *O Visconde do Rio Branco: glória do Brasil e da humanidade.* 2 ed. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 188 pp. (Coleção Afrânio Peixoto, vol. 10).

1992 - *Inocência: livro do professor.* ed. São Paulo, FTD, 196 pp.

1995 - *La Retraite de Laguna: récit de la guerre du Paraguay (1864-1870).* 5 ed. em francês. Paris, Phébus.

ANEXO II

LISTAGEM DOS DISCURSOS (na ordem cronológica em que foram pronunciados)

1. (1.2.17) Discurso na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1870. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 33, p. II, 437-59, 1870.
2. (1.2.24) Discurso pronunciado à beira do túmulo do marquês de Sapucaí, em 24 de janeiro de 1875. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 38, p. I, 245-8, 1875.
3. (1.1.62) *Questões políticas e sociais: discursos proferidos nas duas primeiras sessões da 16ª legislatura da Assembléia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1877.
4. (1.2.27) Dois discursos do Visconde de Taunay / À beira dos túmulos de duas das maiores glórias do Brasil: I- O Conde de Porto Alegre; II- José de Alencar. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 65 (42), 96-100, jan /jun 1943.
5. (1.2.16) Discurso ao receber seu retrato como homenagem dos militares (pronunciado em 10 de março de 1878). In: TAUNAY, Visconde de - *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (trad. de Afonso d'Escragnoille Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, pp. 24-25.
6. (1.1.2) *A Classe militar perante as Câmaras*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1879.
7. (1.1.27) *Em homenagem a Carlos Gomes, no Congresso Militar, a 25 de julho de 1880* (discurso). Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1880 (republicado em 1930, no livro *Dois artistas máximos*, pp. 91-102 - vide 1.1.26, na bibliografia geral).
8. (1.1.71) *Sobre a eleição do 2º distrito da Província de Santa Catarina, a 30 de janeiro de 1882* (discurso). Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
9. (1.1.72) *Sobre a fixação das forças de terra, a 14 de abril de 1882, na Câmara dos Deputados*(discurso). Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
10. (1.1.75) *Sobre o orçamento da Justiça, a 1º de maio de 1882*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
11. (1.1.69) *Sobre a Barra do Rio Grande: a D. Pedro I Railway, a 17 de junho de 1882* (discurso). Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.

12. (1.1.76) *Sobre o orçamento da Marinha, a 20 de junho de 1882* (discurso). Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
13. (1.1.73) *Sobre o orçamento da Fazenda, a 22 de agosto de 1882* (discurso). Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
14. (1.1.74) *Sobre o orçamento da Guerra, a 5 de julho de 1883* (discurso). Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1883.
15. (1.1.70) *Sobre a classificação de comarcas, a 12 de julho de 1883* (discurso). Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1883.
16. (1.2.39) Reclamação do sócio Alfredo d'Escragnolle Taunay sobre a ortografia sônica em que está sendo impressa a Revista, e proposta para que seja empregada a ortografia etimológica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 47, p. II, 595, 1884.
17. (1.1.25) *Divisão em lotes para imigrantes das fazendas hipotecadas ao Banco do Brasil* (Sociedade Central de Imigração). Rio de Janeiro, Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e C., 1885.
18. (1.1.8) *A nacionalização, a grande naturalização e a naturalização tácita* (Livros de propaganda da Sociedade Central de Imigração II). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886.
19. (1.1.51) *O casamento civil* (Livros de propaganda da Sociedade Central de Imigração I). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886.
20. (1.1.63) *Questões políticas e sociais: discursos proferidos na primeira sessão da 20ª Legislatura da Assembléia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1886.
21. (1.1.77) *Sobre o orçamento do ministério da Agricultura, a 10 e 14 de setembro de 1886; sobre o porto de São Francisco, a 7 de setembro de 1886* (discursos). Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1886.
22. (1.1.9) *A nova lei de terras* (parecer). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886.
23. (1.1.60) *Que é a imigração?*. 1887.
24. (1.2.5) *Alocução à saudosa Princesa Imperial, no dia 2 de dezembro de 1887*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 50, p. II, 372-5, 1887.
25. (1.2.18) *Discurso na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1887*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 50, p. II, 419-32, 1887.

26. (1.2.7) Alocução dirigida a Suas Altezas, por ocasião da extinção da escravidão no Brasil, em maio de 1888. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, p. I, XX-XXII, 1888.
27. (1.2.20) Discurso na sessão magna comemorativa do quinquagenário em 21 de outubro de 1888. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, suplemento, 39-48, 1888 (republicado em livro no mesmo ano, pela editora G. Leuzinger & Filhos).
28. (1.2.13) Discurso ao cumprimentar Sua Majestade Imperial, no dia 2 de dezembro de 1888. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, p. II, 315-6, 1888.
29. (1.2.19) Discurso na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1888. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, p. II, 351-83, 1888 (republicado em livro no ano seguinte pela editora Laemmert & C.).
30. (1.1.49) *Nativismo e patriotismo*. 1888.
31. (1.1.61) *Questões de imigração*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1889.
32. (1.2.6) Alocução aos sócios D. Antonio de Macedo Costa, conselheiro José Francisco Diana e Duarte Gustavo Nogueira Soares, ministro de Portugal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 505-7, 1889.
33. (1.2.25) Discurso saudando o imperador, no dia 7 de setembro de 1889. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 475-6, 1889.
34. (1.2.14) Discurso ao cumprimentar Suas Altezas a Princesa Isabel e o Conde d'Eu, no dia 15 de outubro de 1889, pelo 25º aniversário de seu casamento. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. I, 524-6, 1890.
35. (1.2.21) Discurso na sessão solene comemorativa do centenário da morte de Cláudio Manuel da Costa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. II, 26-32, 1889.
36. (1.2.22) Discurso na sessão solene em homenagem ao Chile. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-Chile e Brasil*, p. I, 53-9, 1889.
37. (1.2.15) Discurso ao dar os pêsames a Sua Majestade pelo falecimento de D. Luiz, rei de Portugal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 525, 1889.

38. (1.2.26) Discurso saudando o ministro argentino D. Enrique B. Moreno, como sócio honorário do Instituto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 471-3, 1889.
39. (1.2.10) Considerações acerca da idéia de elevar-se uma estátua a Cristóvão Colombo, no Pão de Açúcar. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. II, 441-4, 1890.
40. (1.1.5) *Algumas verdades (a propósito de um opúsculo)*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1891.
41. (1.1.19) *Cartas políticas*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1899.

ANEXO III

POEMAS DO VISCONDE DE TAUNAY¹

Os poemas de Taunay são raros e encontram-se reproduzidos aqui e ali em sua obra, em meio a outros textos em prosa, que em geral recuperam a situação que gerou a sua produção. O primeiro poema transcrito a seguir foi retirado do livro *Memórias*² e foi escrito em meados de abril de 1869, no vapor *Alice*, ancorado em Assunção, num momento de grande distensão da guerra contra o Paraguai. Feito em homenagem ao cozinheiro Maciel, e em meio a outras produções, de outros autores, restam somente as duas primeiras quadras de uma composição cujo manuscrito foi perdido pelo autor. O segundo é a epígrafe do livro *Manuscrito de uma mulher*, assinado por "A. de Taunay", que acredito ser mesmo o Alfredo³. O terceiro é o próprio epitáfio, composto meses antes de morrer, em 1899, e que se encontra na lápide de seu túmulo no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro⁴. O quarto foi feito por ocasião da morte de seu amigo André Rebouças, em 9 de maio de 1898, tendo sido publicado anonimamente no *Jornal do Comércio*⁵. O quinto, uma quadra satírica, foi feito a propósito de um colega de escola chamado Corrêa, que gostava de demonstrar ilustração e citar opiniões de autoridades. Dele, Taunay escreve o seguinte: "Certa vez, por causa da monótona insistência com que se referia a conhecido escritor [Guizot], circulou a seguinte quadrinha, então muito apreciada e - hoje, confesso-o, da minha lavra, *mau grado a minha rebeldia a tudo quanto se parecesse com poesia*"⁶. E o último, transcrito em *Paisagens Brasileiras*⁷, foi composto por ocasião das eleições disputadas e perdidas por Taunay para a província de Santa Catarina; dele, Odilon Nogueira de Matos dá a seguinte notícia: "Certo de ganhar o prélio, Taunay humoristicamente decantou a campanha de 84, num poemeto herói-cômico, começado no Itapocu e nunca terminado (provavelmente, em virtude do resultado desfavorável do pleito), mas que seu filho Afonso encontrou entre os rascunhos deixados pelo autor."⁸.

¹ O soneto e a ode analisados no capítulo 3 não foram aqui transcritos.

² 1.1.44, p. 465.

³ 1.1.42, p. 3.

⁴ Reproduzido em 1.1.34, p. XXIV.

⁵ Cf. em 2.25, pp. 12-3.

⁶ 1.1.44, p. 59 (os itálicos são meus).

⁷ 1.1.58, pp. 97-8.

⁸ 2.63, pp. 21-3.

I

Pai da vida interminável,
Ó divino Maciel,
Tu mereces da cozinha
O bonet de bacharel!
Tu dominas temerário
As águas do Paraná...
Manda-nos dar chocolate
Não nos mates com o teu chá!...

II

Coulez, coulez douces larmes,
Vous calmez les flots du coeur.
La joie y trouve des charmes,
Aussi bien que la douleur.
(A. de Taunay)

III

EPITÁFIO

Aqui jaz o autor de duas obras
Que alcançaram renome valioso
De *Inocência* a história sertaneja
E da *Laguna* o feito glorioso.

IV

ANDRÉ REBOUÇAS

Qual sinistro clarão de ingente raio,
Que em tenebrosa noite estala e aterra,
Assim, da tua vida, ó bom Rebouças,
O trágico final a mente obumbra!...
Quantas dores cruéis, quantas torturas,
Que soma de vexames e desgraças,
Para quebrar-te a calma e a valentia,
Em trevoso tropel não se juntarão?

Longe, longe da pátria, em solo estranho,
Ao lado do teu peito de agonias,
Não te foi dado ver um rosto amigo!
Da gente mercenária, afeita ao ganho,
Comprar sequer podias falso zelo,
Quando negra penúria, a custo oculta,
Em perenes angústias te fechava
As generosas mãos, tão largas sempre,
No tempo em que a fortuna te sorria
E que a flux benefícios derramavas,
Sem vestigio esquecidos, bem depressa...
Da triste ingratidão seara amarga!
Nada poupou-te a sorte - qual matilha
Feroz, sanguisedenta, impiedosa,
De cães enraivecidos sobre a presa
Fraca, imbele, inocente, moribunda!
Tudo inútil... em vão! Desinteresse,
Saber, como de raros neste mundo,
Altruísmo, meiguice, amparo forte
Dos escravos, dos fracos conculcados,
Horror à iniquidade, às injustiças,
Sacrifícios sem fim ao Brasil feitos...
Tudo o que te inflamou o peito ardente
Pela mirrada mão da férrea morte
Foi agora concluso, em dia infausto
Para a terra que tanto estremeceste!
Por cruciante mal minado aos poucos,
Implacável, terrível nos seus golpes,
Longos meses lutaste resoluto,
Em estreito aposento de um albergue,
Contemplando sereno a desventura,
As ilusões perdidas, desfolhadas,
De outrora as esperanças, os triunfos
Que mais duro tornavam o teu abandono...
Da longínqua amizade, quando muito,
Uns ecos esvaídos lá chegavam...
E a moléstia a crescer em seus estragos,
Com transes indizíveis, pavorosos,

A aniquilar-te as forças, a vontade...
Sempre isolado, só, envolto em trevas...
Fatal conturbação, ó Deus, piedade!...
Ah! que atroz pungimento hoje constringe
Quantos sabiam ao certo o que valesse.
E mais e mais a dor em nós se agrava
Quão perto já te achavas de sua meta
Por que tanto ansiaste - a paz suprema,
Bondosa, inquebrantável, justiceira,
De contínuo perdida, em branda prece,
Ao Senhor do universo - o foco imenso,
Fulgurante, imanente, inexcelsível,
De consolo, de luz e poderio,
A glória dos espaços insondáveis,
O mistério vital, irradiante,
Que centelhas do gênio em ti lançara!

V

Voz rouquenha e enferrujada
Só nos faz citar Guizot;
E, depois de o ter citado,
Não sabe mais se o citou.

VI

Da célebre campanha eleitoral
Que no ano da graça oitenta e quatro
Em reboição pôs o povo todo
Do belo litoral catarinense,
Eu canto as peripécias e façanhas
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

Do José Brito eu canto a macieza,
O *savoir faire*, a elegância inata.
Do Lídio Livramento o comodismo,
Do Trompowsky a contínua distração,
Os olhos azulados do Hackradt

Do Moreira a suprema direção.

Esforçados heróis por toda a parte
Ou de dia, ou de noite, à toda hora
Molhados pelas chuvas como pintos
Ou sofrendo sem queixas ardentes sóis
Valentes cabalavam o eleitorado
Com penas de pavão armados todos.

Oh! quanta valentia demonstraram
Debaixo dessa ação estimulante!
Batalhavam, conquistavam, derrotavam
E, cumprindo o dever que a pátria impõe,
Com seus roncões medonhos abalavam
As casas em que iam se hospedar.

Que valente apetite! Quantos brindes!
Quanta história engraçada, que pilhérias!
Ao Taunay respondia o José Brito
E no Itapocu, qual tigre ingente
Urrava sem cessar o João Samy,
Aterrando o Mingote em sua toca!

Qual vítima pacata e inocente,
Com tímidos gemidos abafados
O Lídio Livramento se queixava
Dos trancos e pinotes do cavalo
E zeloso lavava com cachaça
As carnes anafadas e moídas.

Alegrias porém, soube fruir
Ao receber do Júlio as ovações
Foguetes, flores, vivas e discursos
Pão-de-ló, bolachinhas e mães-bentas
Com que o esperavam em Barra Velha
O Trompowsky e mais manifestantes.

O Taunay candidato de alta popa
Ia à frente de todos, sempre ovante
E fazendo valer a imigração,
Meetingando nos matos e choupanas,
Tomava para si os bons cavalos
E comia por três ou mais ainda.

BIBLIOGRAFIA GERAL

1. Obras do Visconde de Taunay:

1.1. em livro ou sob forma de opúsculo:

- 1.1.1. TAUNAY, Alfredo d'Escragnoille (Visconde de Taunay) - *A Cidade do ouro e das ruínas: Mato-Grosso, antiga Villa-Bella, o rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1923.
- 1.1.2. _____ - *A Classe militar perante as Câmaras*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1879.
- 1.1.3. _____ - *A Conquista do filho. Por um triz coronel! Da mão à boca se perde a sopa*. (peças teatrais). São Paulo, Melhoramentos, 1931.
- 1.1.4. _____ - *A Guerra do Pacífico: Chile versus Peru e Bolívia*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1925.
- 1.1.5. _____ - *Algumas verdades (a propósito de um opúsculo)*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1891.
- 1.1.6. _____ - *Amélia Smith*. (peça teatral). 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1930.
- 1.1.7. _____ - *A Mocidade de Trajano* (romance). 2 ed. São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1984.
- 1.1.8. _____ - *A nacionalização, a grande naturalização e a naturalização tácita* (Livros de propaganda da Sociedade Central de Imigração II). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886.
- 1.1.9. _____ - *A nova lei de terras* (parecer). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886.
- 1.1.10. _____ - *Ao entardecer: contos vários*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1926.
- 1.1.11. _____ - *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (trad. de Afonso d'Escragnoille Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975.
- 1.1.12. _____ - *A retirada da Laguna*. (trad. de Salvador de Mendonça). Rio de Janeiro, Typ. Americana, 1874.
- 1.1.13. _____ - *A retirada da Laguna* (trad. de Ramiz Galvão). Rio de Janeiro, Garnier, 1901.
- 1.1.14. _____ - *Augusto Leverger, almirante barão de Melgaço*. São Paulo, Melhoramentos, 1931.
- 1.1.15. _____ - *Brasileiros e estrangeiros*. São Paulo, Melhoramentos, 1931.
- 1.1.16. _____ - *Campanha de Mato Grosso: cenas de viagem*. 2 ed. São Paulo, Irmãos Marrano, 1923.
- 1.1.17. _____ - *Cartas da Campanha: a Cordilheira / Agonia de Lopez*. São Paulo, Melhoramentos, 1921.
- 1.1.18. _____ - *Cartas da Campanha de Mato Grosso: 1865 a 1866*. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1944.

- 1.1.19. _____ - *Cartas políticas*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1899.
- 1.1.20. _____ - *Céus e terras do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1930.
- 1.1.21. _____ - *Como me tornei kneippista*. 2 ed. Rio de Janeiro / São Paulo, Laemmert & C., 1896.
- 1.1.22. _____ - *Diário do Exército - vol. 1 / A Campanha da Cordilheira*. São Paulo, Melhoramentos, 1926.
- 1.1.23. _____ - *Diário do Exército - vol. 2 / De Campo Grande a Aquidaban*. São Paulo, Melhoramentos, 1926.
- 1.1.24. _____ - *Dias de guerra e de sertão*. 3 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1927.
- 1.1.25. _____ - *Divisão em lotes para imigrantes das fazendas hipotecadas ao Banco do Brasil (Sociedade Central de Imigração)*. Rio de Janeiro, Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e C., 1885.
- 1.1.26. _____ - *Dois artistas máximos: José Maurício e Carlos Gomes*. São Paulo, Melhoramentos, 1930.
- 1.1.27. _____ - *Em homenagem a Carlos Gomes, no Congresso Militar, a 25 de julho de 1880 (discurso)*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1880.
- 1.1.28. _____ - *Em Mato Grosso invadido (1866-1867)*. São Paulo, Melhoramentos, 1929.
- 1.1.29. _____ - *Entre os nossos índios: chanés, terenas, kinikinaus, guanás, laianas, guatós, guaycurus, caingang*s. São Paulo, Melhoramentos, 1931.
- 1.1.30. _____ - *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil (1800-1892) e outros escritos*. São Paulo, Melhoramentos, 1932.
- 1.1.31. _____ - *Filologia e crítica: impressões e estudos*. São Paulo, Melhoramentos, 1921.
- 1.1.32. _____ - *Goiás (título original: A província de Goiás na exposição nacional de 1875)*. São Paulo, Melhoramentos, 1931.
- 1.1.33. _____ - *Histórias brasileiras (contos)*. Rio de Janeiro, Garnier, 1874.
- 1.1.34. _____ - *Homens e coisas do Império*. São Paulo, Melhoramentos, 1924.
- 1.1.35. _____ - *Império e República*. São Paulo, Melhoramentos, 1933.
- 1.1.36. _____ - *Inocência*. (romance) 14 ed. São Paulo, Ática, 1986.
- 1.1.37. _____ - *Inocência: livro do professor*. São Paulo, FTD, 1992.
- 1.1.38. _____ - *Inocência*. 24 ed. (ilustrada por F. Richter). São Paulo, Melhoramentos, 1944.
- 1.1.39. _____ - *La retraite de Laguna: épisode de la guerre du Paraguay*. 3 ed. Paris, Librairie Plon, 1891.
- 1.1.40. _____ - *La Retraite de Laguna: épisode de la guerre du Paraguay* 4 ed. Tours, E. Arrault, 1913.
- 1.1.41. _____ - *La Retraite de Laguna: récit de la guerre du Paraguay (1864-1870)*. Paris, Phébus, 1995.

- 1.1.42. _____ - *Manuscrito de uma mulher* (título original: *Lágrimas do coração* - romance). 4 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1928.
- 1.1.43. _____ - *Marcha das forças: expedição de Mato Grosso (1865-1866)*. (título original: *Relatório Geral da Comissão de engenheiros junto às forças de Mato Grosso*). São Paulo, Melhoramentos, 1928.
- 1.1.44. _____ - *Memórias*. Rio de Janeiro, Instituto Progresso Editorial, 1948.
- 1.1.45. _____ - *Memórias*. 2 ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1960.
- 1.1.46. _____ - *Na sessão magna aniversária do I.H.G.B., a 15 de dezembro de 1888* (discurso). Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1889.
- 1.1.47. _____ - *Na sessão solene do jubileu do I.H.G.B., a 21 de outubro de 1888* (discurso). Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1888.
- 1.1.48. _____ - *Narrativas militares: cenas e tipos*. Rio de Janeiro, Garnier, 1878.
- 1.1.49. _____ - *Nativismo e patriotismo*. 1888.
- 1.1.50. _____ - *No declínio: romance contemporâneo*. 3 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1926.
- 1.1.51. _____ - *O casamento civil* (Livros de propaganda da Sociedade Central de Imigração I). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886.
- 1.1.52. _____ - *O Encilhamento: cenas contemporâneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1923.
- 1.1.53. _____ - *O grande imperador*. São Paulo, Melhoramentos, 1932.
- 1.1.54. _____ - "O português de Portugal e do Brasil" (trechos). In: PINTO, Edith Pimentel (sel.) - *O Português do Brasil/textos críticos e teóricos (1- 1820/1920 - Fontes para a teoria e a história)*. São Paulo, EDUSP, data?, pp. 373-5.
- 1.1.55. _____ - *O Visconde do Rio Branco: glória do Brasil e da humanidade*. São Paulo, Melhoramentos, 1930.
- 1.1.56. _____ - *O Visconde do Rio Branco: glória do Brasil e da humanidade*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1988.
- 1.1.57. _____ - *Ouro sobre azul* (romance). São Paulo, Melhoramentos, 1921.
- 1.1.58. _____ - *Paisagens brasileiras*. São Paulo, Melhoramentos, 1926.
- 1.1.59. _____ - *Pedro II*. São Paulo, Melhoramentos, 1933.
- 1.1.60. _____ - *Que é a imigração?*. 1887.
- 1.1.61. _____ - *Questões de imigração*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1889.
- 1.1.62. _____ - *Questões políticas e sociais: discursos proferidos nas duas primeiras sessões da 16ª legislatura da Assembléia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1877.
- 1.1.63. _____ - *Questões políticas e sociais: discursos proferidos na primeira sessão da 20ª Legislatura da Assembléia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1886.

- 1.1.64. _____ - *Recordações de guerra e de viagem*. São Paulo / Rio de Janeiro, Weiszflog Irmãos, 1920.
- 1.1.65. _____ - *Relatório ao deixar a presidência de Santa Catarina*. Desterro, J. J. Lopes, 1877.
- 1.1.66. _____ - *Relatório ao deixar a presidência do Paraná (Exposição com que S. Ex. Dr. Alfredo d'Escragolle Taunay passou a administração da Província do Paraná ao Exm. Snr. Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, 1º vice-presidente, a 3 de maio de 1886)*. Curitiba, Tip. da Gazeta Paranaense, 1886.
- 1.1.67. _____ - *Reminiscências*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1923.
- 1.1.68. _____ - *Servidores ilustres do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1930.
- 1.1.69. _____ - *Sobre a Barra do Rio Grande: a D. Pedro I Railway, a 17 de junho de 1882 (discurso)*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
- 1.1.70. _____ - *Sobre a classificação de comarcas, a 12 de julho de 1883 (discurso)*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1883.
- 1.1.71. _____ - *Sobre a eleição do 2º distrito da Província de Santa Catarina, a 30 de janeiro de 1882 (discurso)*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
- 1.1.72. _____ - *Sobre a fixação das forças de terra, a 14 de abril de 1882, na Câmara dos Deputados (discurso)*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
- 1.1.73. _____ - *Sobre o orçamento da Fazenda, a 22 de agosto de 1882 (discurso)*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
- 1.1.74. _____ - *Sobre o orçamento da Guerra, a 5 de julho de 1883 (discurso)*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1883.
- 1.1.75. _____ - *Sobre o orçamento da Justiça, a 1º de maio de 1882*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
- 1.1.76. _____ - *Sobre o orçamento da Marinha, a 20 de junho de 1882 (discurso)*. Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882.
- 1.1.77. _____ - *Sobre o orçamento do ministério da Agricultura, a 10 e 14 de setembro de 1886; sobre o porto de São Francisco, a 7 de setembro de 1886 (discursos)*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1886.
- 1.1.78. _____ - *Sobre o projeto de fixação das forças de terra; sobre os limites de Goiás e Minas Gerais (discursos)*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1877.
- 1.1.79. _____ - "Soneto" e "Ode". In: *À inauguração da estátua equestre do fundador do Império*. Rio de Janeiro, Tip. de Paula Brito, 1862, pp. 31-2.
- 1.1.80. _____ - *Trechos de minha vida*. São Paulo, Melhoramentos, 1922.
- 1.1.81. _____ - *Uma grande glória brasileira: José Maurício Nunes Garcia (1767-1830)*. São Paulo, Melhoramentos, 1930.
- 1.1.82. _____ - *Viagens de outrora*. São Paulo, Melhoramentos, 1921.
- 1.1.83. _____ - *Visões do sertão*. São Paulo, Melhoramentos, 1928.

- 1.1.84.TAUNAY, Visconde de e PAIVA, Miguel - *Romeus e Julietas*. São Paulo, Melhoramentos, 1988.
- 1.1.85.TAUNAY, Visconde de e PARAVICINI, Rodolfo - *A. C. Gomes. Lo Schiavo: dramma lirico in quattro atti*. Milão, G. Ricordi e C., s.d.

1.2. em revistas:

- 1.2.0.TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle (Visconde de Taunay). A araponga e a onça - (conto humorístico do sertão). *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, N. Midosi, I (1), 103-15, 1879.
- 1.2.1. _____ - A Camões (no terceiro centenário de sua morte). *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 64 (41), 48-50, jul/dez 1941.
- 1.2.2. _____ - A Cidade de Mato Grosso, o rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 54, p. II, 1-108, 1891.
- 1.2.3. _____ - A Conquista do filho (rascunho de uma peça em 4 atos). *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 7 (III), 71-113, jan 1912.
- 1.2.4. _____ - A expedição do cônsul Langsdorff ao interior do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. PARTE I: 38, p. I, 337-354, 1875.
- 1.2.5. _____ - Alocução à saudosa Princesa Imperial, no dia 2 de dezembro de 1887. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 50, p. II, 372-5, 1887.
- 1.2.6. _____ - Alocução aos sócios D. Antonio de Macedo Costa, conselheiro José Francisco Diana e Duarte Gustavo Nogueira Soares, ministro de Portugal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 505-7, 1889.
- 1.2.7. _____ - Alocução dirigida a Suas Altezas, por ocasião da extinção da escravidão no Brasil, em maio de 1888. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, p. I, XX-XXII, 1888.
- 1.2.8. _____ - Augusto Leverger. *Revista Brasileira*. PARTE I: XIII (IV), 270-97, jan/mar 1898; PARTE II :XIV (IV), 209-30, abr/jun 1898; PARTE III: XIV (IV), 353-64, abr/jun 1898; PARTE IV: XV (V), 31-46, jul/set 1898; PARTE V: XV (V), 204-17, jul/set 1898.
- 1.2.9. _____ - Biografia de Augusto Leverger, barão de Melgaço. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 60, p. II, 89-95, 1897.
- 1.2.10. _____ - Considerações acerca da idéia de elevar-se uma estátua a Cristóvão Colombo, no Pão de Açúcar. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. II, 441-4, 1890.
- 1.2.11. _____ - Correspondência do Visconde de Taunay: de Santos às terras de Goiás (Cartas da Campanha, 1865). *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Cartas de I a XVIII: 61 (40), 249-287, jan/ jun 1941; Cartas de XIX a XXIX: 62 (40), 298-312, jul/dez 1941; Cartas de XXXII a LIII: 63 (41), 88-128, jan/ jun 1942.
- 1.2.12. _____ - Curiosidades naturais da província do Paraná. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. I, 193-241, 1890.

- 1.2.13. _____ - Discurso ao cumprimentar Sua Majestade Imperial, no dia 2 de dezembro de 1888. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, p. II, 315-6, 1888.
- 1.2.14. _____ - Discurso ao cumprimentar Suas Altezas a Princesa Isabel e o Conde d'Eu, no dia 15 de outubro de 1889, 25^o aniversário de seu casamento. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 512-3, 1889.
- 1.2.15. _____ - Discurso ao dar os pêsames a Sua Majestade pelo falecimento de D. Luiz, rei de Portugal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 525, 1889.
- 1.2.16. _____ - Discurso ao receber seu retrato como homenagem dos militares. In: TAUNAY, Visconde de - *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (trad. de Afonso d'Escragnolle Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, pp. 24-25.
- 1.2.17. _____ - Discurso na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1870. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 33, p. II, 437-59, 1870.
- 1.2.18. _____ - Discurso na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1887. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 50, p. II, 419-32, 1887.
- 1.2.19. _____ - Discurso na sessão magna aniversária do I. H. G. B., a 15 de dezembro de 1888. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, p. II, 351-83, 1888.
- 1.2.20. _____ - Discurso na sessão magna comemorativa do quinquagenário em 21 de outubro de 1888. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, suplemento, 39-48, 1888.
- 1.2.21. _____ - Discurso na sessão solene comemorativa do centenário da morte de Cláudio Manuel da Costa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. II, 26-32, 1889.
- 1.2.22. _____ - Discurso na sessão solene em homenagem ao Chile. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-Chile e Brasil*, p. I, 53-9, 1889.
- 1.2.23. _____ - Discurso proferido no dia 15 de outubro de 1889, cumprimentando Sua Alteza a Princesa Imperial. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 53, p. II, 524-6, 1890.
- 1.2.24. _____ - Discurso pronunciado à beira do túmulo do marquês de Sapucaí, em 24 de janeiro de 1875. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 38, p. I, 245-8, 1875.
- 1.2.25. _____ - Discurso saudando o imperador, no dia 7 de setembro de 1889. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 475-6, 1889.
- 1.2.26. _____ - Discurso saudando o ministro argentino D. Enrique B. Moreno, como sócio honorário do Instituto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 52, p. II, 471-3, 1889.
- 1.2.27. _____ - Dois discursos do Visconde de Taunay / À beira dos túmulos de duas das maiores glórias do Brasil: I- O Conde de Porto Alegre;

- II- José de Alencar. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 65 (42), 96-100, jan /jun 1943.
- 1.2.28. _____ - Esboço biográfico do Dr. Luís Couty. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 60, p. II, 73-88, 1897.
- 1.2.29. _____ - Esboço biográfico do Visconde de Beaurepaire-Rohan. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 58, p. I, 75-89, 1895.
- 1.2.30. _____ - Estudos sobre belas artes. I- O Renascimento - Giotto - O Pegino. *Revista Brasileira*. tomo I, ano I, Rio de Janeiro, N. Midosi, 556-60, 1879.
- 1.2.31. _____ - João Batista Marques da Cruz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 69, p. II.
- 1.2.32. _____ - Memórias do Segundo Reinado. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, Sociedade - *Revista Brasileira*, IX (III), 265-73, jan/mar 1897.
- 1.2.33. _____ - Meyerbeer e a ópera *Os huguenotes*. *Revista Brasileira*, tomo II, ano I, Rio de Janeiro, N. Midosi, 151-68, 1879.
- 1.2.34. _____ - Notas de D. Pedro II às Curiosidades naturais do Paraná e a Algumas verdades - D. Pedro II e o barão de Taunay - Na biblioteca do Imperador - A partida da família Imperial - Notas de D. Pedro II às Japonneries d'automne, de P. Loti - André Rebouças. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 77, p. II, 87-124, 1915.
- 1.2.35. _____ - O Coronel Antonio Florêncio do Lago. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 56, p. II, 73-90, 1892.
- 1.2.36. _____ - Os índios caingangs. Monografia acompanhada de um vocabulário do dialeto de [sic] que usam. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, suplemento, 251, 1888.
- 1.2.37. _____ - O padre José Maurício. *Revista Brasileira*. PARTE I : IV (I), 229-233, out/dez 1895; PARTE II: IV (I), 334-41, out/dez 1895; PARTE III e IV: V (II), 96-102, jan/mar 1896; PARTE V: V (II), 235-44, jan/mar 1896; PARTE VI: V (II), 375-9, jan/mar 1896; PARTE VII e VIII: VIII (II) , 72-80, out/dez 1896; PARTE IX e X: VIII (II), 196-204, out/dez 1896; PARTE XI: IX (III), 43-9, jan/mar 1897.
- 1.2.38. _____ - Por um triz coronel (Tua a figueira e eu à beira)/provérbio em 1 ato (peça teatral). *Revista Brasileira*, 3 (II), pp. 310-35, 1880.
- 1.2.39. _____ - Reclamação do sócio Alfredo d'Escragnolle Taunay sobre a ortografia sônica em que está sendo impressa a Revista, e proposta para que seja empregada a ortografia etimológica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 47, p. II, 595, 1884.
- 1.2.40. _____ - Relação dos estrangeiros ilustres que concorreram para o engrandecimento do Brasil, desde princípios do século XIX até 1892. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 58, p. II, 225-48, 1895.
- 1.2.41. _____ - Relatório geral do comissão de engenheiros... . *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 37, p. II, 79-177 e 209-339, 1874.

- 1.2.42. _____ - Remessa de quatro volumes de suas memórias, para que sejam encerradas na Arca do Sigilo do Instituto, as quais deverão ser abertas em 1943. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 55, p. II, 344, 1892.
- 1.2.43. _____ - resenha de *Navegação no interior do Brazil*, por Eduardo José de Moraes. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro/São Paulo, Laemmert & C., II (I), 190-1, abr/jun 1895.
- 1.2.44. _____ - resenha do *Boletim do Museu Paraense n° 3, jun 1896, vol. 1*. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, Sociedade - *Revista Brasileira*, VII (II), 398-9, jul/set 1896.
- 1.2.45. _____ - resenha do *Boletim do Museu Paraense de história natural e etnográfica n° 2, abr 1895, vol. 1*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro/São Paulo, Laemmert & C., III (I), 59-60, jul/set 1895.
- 1.2.46. _____ - resenha do *Ensaio sobre o Dr. Alexandre R. Ferreira, de Emilio A. Göeldi, de 1895*. *Revista Brasileira*, V (II), Rio de Janeiro, Sociedade - *Revista Brasileira*, 61-2, jan/mar 1896.
- 1.2.47. _____ - resenha do livro *Bôto & C.*, de Xavier Marques. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Sociedade - *Revista Brasileira*, XIII (IV), 119-20, jan/mar 1898.
- 1.2.48. _____ - resenha do livro *Estudos agrícolas, de A. de Medeiros*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Sociedade - *Revista Brasileira*, IX (III), 122-3, jan/mar 1897.
- 1.2.49. _____ - Singelos apontamentos biográficos sobre o capitão de artilharia João Batista Marques da Cruz, o *Vauvenargues* brasileiros. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 60, p. II, 293-302, 1898.
- 1.2.50. _____ - Um literato argentino: D. Martin Garcia Merou. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo, Laemmert & C., PARTE I: I (I), 280-9, 1895; PARTE II: II (I), 32-41, abr/jun 1895.
- 1.2.51. _____ - Um poema francês de autor argentino. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 64 (41), 15-26, jul/dez 1942.
- 1.2.52. _____ - Um romance goense (resenha do livro *Jacob e Dulce: scenas da vida indiana*, de Gip). *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Sociedade - *Revista Brasileira*, X (III), 264-77, abr/jun 1897.
- 1.2.53. _____ - Um soneto célebre. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Sociedade - *Revista Brasileira*, VIII (II), 364-70, out/dez 1896.
- 1.2.54. _____ - Viagem de regresso de Mato-Grosso à Corte. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 32, p. II, 5-51, 1869.
- 1.2.55. _____ - Viagem do presidente Dr. Alfredo d'Escragolle Taunay ao Rio Iguaçu (provincia do Paraná) em março de 1866. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 50, p. II, 157-75, 1887.

1.3. traduções, prefácios e introduções:

- 1.3.1. COUTY, Louis - *Pequena propriedade e imigração européia* (obra póstuma anotada e precedida de uma introdução biográfica por Alfredo d'Escragolle Taunay). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1887.

- 1.3.2.FLORENCE, Hercules - *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: de 1825 a 1829* (tradução e texto introdutório do Visconde de Taunay). 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1948.
- 1.3.3. _____ - De Porto Feliz a Cuiabá: diário de viagem de um naturalista da expedição de Langsdorff em 1826 e 1827 (tradução do Visconde de Taunay). *Revista do Museu Paulista*, XVI (separata). São Paulo, Diário Oficial, 1929.
- 1.3.4. _____ - Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. (tradução do Visconde de Taunay). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, PARTE I: 38, p. I, 355-469, 1875; PARTE II: 38, p. II, 231-301, 1875; PARTE III: 39, p. II, 157-82, 1876.
- 1.3.5. _____ - Zoophonia: memória pelo senhor Hercules Florence no ano de 1829 (tradução de Alfredo d'Escragnoille Taunay). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 39, p. II, 321-36, 1876.2.169. e VIEILLARD, Jacques (org.) - *A zoophonia de Hercule Florence*. Cuiabá, UFMT: Editora Universitária, 1993, p. 42.

1.4.documentos:

1.4.1.- do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

- 1.4.1.1.LATA 6 - Doc. 8 TAUNAY (Alfredo d'Escragnoille) - Apontamentos sobre a 1ª representação da ópera *Lo Schiavo*, de Antonio Carlos Gomes, pelo Visconde de
- 1.4.1.2.LATA 35 - Doc. 4 TAUNAY (Alfredo d'Escragnoille) - Viagem de regresso de Mato Grosso à Corte - memória descritiva. (1869) 28/7/1869.
- 1.4.1.3.LATA 174 - Doc. 2 TAUNAY (Alfredo d'Escragnoille) - Carta do senador ... a F. A. de Menezes Dória enviando a importância de sua assinatura da *Revue Diplomatique* e pedindo lhe seja remetido o diploma de oficial da Ordem da Rosa conferido a seu amigo o Sr. Eugenio Plou, que ainda não teve comunicação desta distinção. S. L. 19/7/1889. Vol. II, p. 78, Col. Loreto.
- 1.4.1.4.LATA 180 - Doc. 54 TAUNAY (Alfredo d'Escragnoille) - Ofício de ... ao Sr. Carlos Honorio de Figueiredo, comunicando a sua ausência temporária do Instituto Histórico. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1876.
- 1.4.1.5.LATA 311 - Doc. 83 TAUNAY (Alfredo d'Escragnoille) - 1883 - Carta de Ferdinand Denis ao Visconde de ... comentando sobre o quadro de Vitor Meirelles, inspirado na guerra do Paraguai, e recomendando-lhe um amigo.
- 1.4.1.6.LATA 311 - Doc. 84 TAUNAY (Alfredo d'Escragnoille) - senador, 1886 - Carta de F. J. Bethencourt da Silva ao Sr. ..., convidando-o para a distribuição de prêmios aos alunos do Liceu de Artes e Ofícios, no Teatro São Pedro.
- 1.4.1.7.LATA 319 - Doc. 13 TAUNAY (Alfredo d'Escragnoille) - 1888 - Ofício do Sr. ... ao Sr. Carlos Raymford, pedindo em favor de Germano Wagner, injustamente condenado e preso há sete anos numa cadeia em Porto Alegre.

- 1.4.1.8.LATA 319 - Pasta 23 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1887 - Carta (em alemão) enviada ao Visconde de Barbacena sobre emigração alemã para o Brasil. Nota de ... sobre o assunto.
- 1.4.1.9.LATA 330 - Doc. 6 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - Incidente entre o ... e o I. H. G. B., pelo fato de haver sido proposto o general Manuel Deodoro da Fonseca, presidente honorário desse Instituto. Rio de Janeiro, abril de 1891 (Recortes do Jornal do Comércio).
- 1.4.1.10.LATA 331 - Doc. 15 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - Carta de ... ao 1º secretário do Instituto Histórico, desligando-se das funções que exercia. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1891.
- 1.4.1.11.LATA 351 - Doc. 63 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1886/1890 - Correspondência dirigida ao Visconde de ... quando presidente da Sociedade Central de Imigração.
- 1.4.1.12.LATA 351 - Doc. 64 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1886/1887 - Correspondência estrangeira dirigida ao Visconde de ... quando na presidência da Sociedade Central de Imigração.
- 1.4.1.13.LATA 352 - Pasta 25 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1910 - Esboço biográfico do Visconde de ... pelo Conselheiro Dr. José Antonio de Azevedo Castro.
- 1.4.1.14.LATA 355 - Pasta 29 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1885 - Carta do Visconde de Bom Retiro ao Conde de Mesquita, enviando rascunho da carta que este último deve enviar a ..., sobre o estabelecimento de colonos em fazendas de sua propriedade.
- 1.4.1.15.LATA 402 - Doc. 16 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1886 - Carta do Consulado da Itália e da Espanha ao Presidente da Sociedade Central de Imigração, Senador ..., sobre o emprego de menores italianos no estabelecimento do Dr. Domingos Maria Gonçalves.
- 1.4.1.16.LATA 402 - Doc. 19 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1886/1891 - Documentos relativos à Sociedade Central de Imigração, da qual era presidente o Visconde de ...
- 1.4.1.17.LATA 426 - Doc. 18 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1889 - Cartas a Afonso Celso de Assis Figueiredo agradecendo-lhe a pensão concedida aos filhos de José Bernardino da Silva, netos do Visconde do Rio Branco; e a A. Coelho Rodrigues pelo auxílio dispensado à família do finado Conselheiro Antonio de Almeida Oliveira.
- 1.4.1.18.LATA 435 - Pasta 10 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1843 - Certidão de batismo de Alfredo Maria Adriano, filho de Félix Emilio Taunay e de D. Gabriela d'Escragnolle Taunay.
- 1.4.1.19.LATA 459 - Doc. 44 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1930 - Cartas do ... ao Sr. João Brígido sobre assuntos políticos - *Gazeta de Notícias* de Fortaleza, 25/2/1930.
- 1.4.1.20.LATA 474 - Pasta 30 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - Carta do Dr. Oscar G. Santana ao Dr. Max Fleiuss, pedindo-lhe informações acerca da 11ª edição de *Inocência*, romance do Visconde de Rio de Janeiro, 6/10/1920.
- 1.4.1.21.LATA 475 - Pasta 2 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - Carta do Visconde de ... a seu cunhado Dr. Leopoldo Teixeira Leite, pedindo-lhe

para que seja nomeado o Dr. Max Fleiuss Diretor do *Diário Oficial*. Rio de Janeiro, 13/12/1889.

- 1.4.1.22.LATA 475 - Doc. 46 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - Artigo do Dr. Max Fleiuss sobre sua nomeação para o cargo de diretor da Revista do I. H. G. B.. Acompanha transcrição da carta dirigida ao Conde Afonso Celso pelo Dr. Afonso d'Escragnolle Taunay com esclarecimentos sobre o monumento existente na Cascatinha da Tijuca, erroneamente consagrado ao ... e solicitando retificação desta informação publicada na Revista do I. H. G. B.. Rio de Janeiro, 31 de maio e 20 de junho de 1938.
- 1.4.1.23.LATA 487 - Doc. 21 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - Petição dos herdeiros do ..., em que propõem ação contra José de Azevedo por haver publicado uma edição fraudulenta do romance *Inocência*. Rio de Janeiro, setembro de 1920.
- 1.4.1.24.LATA 555 - Pasta 124 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1897 - Carta do Visconde de ... a D. Maria Constança da Cunha Góes dando pêsames pelos falecimentos de seu sócio, Barão de Araújo Góes, de seu marido Dr. Inocêncio Marques de Araújo Góes e de sua mãe.
- 1.4.1.25.LATA, 556 - Pasta 41 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1889 - Carta do Visconde de ... ao Sr. Góes acusando o recebimento de uma carta . Petrópolis, 27 de março de 1889.
- 1.4.1.26.LATA 556 - Pasta 45 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1893 - Carta do Visconde de ... ao Sr. Inocêncio Góes Sobrinho sobre o major Carlos Augusto Taunay, sua vida e obra.
- 1.4.1.27.LATA 563 - Pasta 12 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1885 - Ofício de ... ao 1º secretário do I. H. G. B., comunicando ter sido nomeado pelo Governo Imperial, Presidente da província do Paraná (Revista, t. 48, p. II).
- 1.4.1.28.LATA 563 - Pasta 15 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1889 - Ofício de ... ao secretário do I. H. G. B., comunicando estar preparando um trabalho para a Revista - *Curiosidades dos Campos Gerais*, na província do Paraná.
- 1.4.1.29.LATA 563 - Pasta 16 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1891 - Ofício do Visconde de ... ao 1º secretário do I. H. G. B., comunicando que está escrevendo sobre Vila Bela, antiga cidade de Mato Grosso.
- 1.4.1.30.LATA 575 - Pasta 45 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1892 - Requerimento do Dr. César Augusto Marques para que seja relevado e esquecido o protesto do Visconde de ... sobre um ato praticado dentro da Lei orgânica do I. H. G. B. e que taxou de ofensiva ao Imperador D. Pedro II.
- 1.4.1.31.LATA 575 - Pasta 47 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1892 - Ofício (minuta) do Visconde de ... ao I. H. G. B. solicitando sejam guardados na Arca do Sigilo os quatro volumes de suas Memórias, a fim de serem publicados somente depois de 1943. Acompanha resposta (minuta) do Instituto.
- 1.4.1.32.LATA 583 - Pasta 3 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - s.d. - Exposição Visconde de Livros, documentos e objetos que figuraram na exposição.

- 1.4.1.33.LATA 612 - Doc. 59 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - s.d. (1884) - Bilhete do Dr. Escragnolle Taunay ao Conselheiro Filipe Franco de Sá, remetendo carta de José Delfino dos Santos sobre a pretensão de José Virgílio Vilela, de obter do governo o título de barão.
- 1.4.1.34.LATA 696 - Pasta 11 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - Cartas (cópia) do I. H. G. B. ao Major Coelho dos Reis e General Eurico Gaspar Dutra, sobre as comemorações relativas ao centenário natalício do Visconde de Resposta do General Eurico Gaspar Dutra. Rio de Janeiro, 1942.
- 1.4.1.35.LATA 696 - Pasta 12 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - 1943 - Ofícios de várias entidades que, por solicitação do I. H. G. B., comemorarão, a 22 de fevereiro, o 1º centenário do nascimento do Visconde de
- 1.4.1.36.LATA 696 - Pasta 13 TAUNAY (Alfredo d'Escragnolle) - Ofício de Colemar Natal e Silva, presidente do I. H. G. de Goiás, ao presidente do I. H. G. B., sobre a comemoração do centenário do nascimento do Visconde de Goiânia, 6/3/1943.

1.4.2.- do Arquivo Nacional:

- 1.4.2.1.uma pasta - "VISCONDE DE TAUNAY".

2. biografias e estudos criticos sobre o autor:

- 2.1.ABREU, João Capistrano de - Taunay. In: _____ - *Ensaio e estudos, crítica e história (4ª série)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1976, pp. 98-103. [publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 e 30 set 1879].
- 2.2.AIMÉ, Ernest - La Retraite de Laguna. *Revue bibliographique et littéraire*. Paris, tomo XIV, n. 9, set 1879 e In: KOSERITZ, Carl von - *Alfredo d'Escragnolle Taunay: esboço característico* (tradução de R. P. B.). 2 ed. Rio de Janeiro, Leuzinger & Filhos, 1886, pp. 21-9.
- 2.3. _____ - "Préface de cette 3^e édition". In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle - *La Retraite de Laguna: épisode de la guerre du Paraguay*. 3 ed., Paris, Plon, 1891, pp. IX-XVIII.
- 2.4. _____ - "Prólogo da terceira edição francesa". In: _____ - *A retirada da Laguna* (trad. de Ramiz Galvão). Rio de Janeiro, Garnier, 1901, pp. XV-XXIV.
- 2.5.AMARAL, J. A. Gurgel do - "Senador Taunay: editorial do jornal *Rio de Janeiro*, de 31 de agosto de 1886". In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle - *Questões políticas e sociais: discursos proferidos na primeira sessão da 20ª Legislatura da Assembléia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1886, pp. 82-7.
- 2.6.ANDRIC, Nikola - "Grof de Taunay: biografski pregled". In: TAUNAY, A. d'Escragnolle - *Inocencija: roman iz Brazilske Pustinja*. Zagreb, Naklada, 1925, pp. 3-7.

- 2.7. ARANHA, Graça - A Literatura atual do Brasil. *Revista Brasileira*, XIII (IV), 181-213, jan/mar 1898.
- 2.8. ARAÚJO, Dr. Ferreira de - "Coisas políticas - na *Gazeta de Notícias* de 6 de setembro de 1886". In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnole - *Questões políticas e sociais: discursos proferidos na primeira sessão da 20ª Legislatura da Assembléia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1886, pp. 87-8.
- 2.9. ARTIGO no jornal *Le Brésil* (anônimo) de 15 de outubro de 1886. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnole - *Questões políticas e sociais: discursos proferidos na primeira sessão da 20ª Legislatura da Assembléia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1886, pp. 90-1.
- 2.10. ATAÍDE, Tristão de - "Euclides e Taunay". In: *Primeiros estudos*. Rio de Janeiro, Agir, 1948, 287-92.
- 2.11. AZEVEDO, Gentil de - *O Visconde de Taunay: história de sua vida (estudo biográfico)*. Itatiba, Livraria Vanguarda, 1951.
- 2.12. BARBOSA, Antônio da Cunha - Visconde de Taunay. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza. Studart, VI, 11-31, 1901.
- 2.13. BARRETO, Tobias - "Alguma coisa também a propósito de Meyerbeer (Com o Sr. Visconde de Taunay) / 1880". In: MERCADANTE, Paulo e PAIM, Antonio - *Obras completas de Tobias Barreto / Edição comemorativa / Crítica de Literatura e Arte*. Brasília: INL/MEC, Rio de Janeiro/Record, 1990, pp. 221-39.
- 2.14. BARRETO, Tobias - "Ainda alguma coisa também sobre Meyerbeer (Ainda com o Sr. Visconde de Taunay) / 1880". In: MERCADANTE, Paulo e PAIM, Antonio - *Obras completas de Tobias Barreto / Edição comemorativa / Crítica de Literatura e Arte*. Brasília: INL/MEC, Rio de Janeiro/Record, 1990, pp. 240-61.
- 2.15. BEZERRA, Alcides - *O Visconde de Taunay: vida e obra*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1937.
- 2.16. BIBLIOGRAFIA de *Inocência*. In: TAUNAY, Visconde de - *Inocência*. 24 ed. (ilustrada por F. Richter). São Paulo, Melhoramentos, 1944, pp. 252-6.
- 2.17. BITTENCOURT, Feijó - Ata da sessão especial comemorativa do 1º centenário do nascimento do Visconde de Taunay, em 22 de fevereiro de 1943. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 181, 123-8, out/dez 1943.
- 2.18. BLAKE, Augusto V. A. Sacramento - "Alfredo d'Escragnole Taunay". In: *Dicionário Bibliográfico Brasileiro (vol. 1)*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1883, pp. 55-9. (Reimpressão de *off-set* / Edição do Conselho Federal de Cultura, 1970).
- 2.19. BRUNO, Emami da Silva - "Um livro de interesse literário e documental" (prefácio). In: TAUNAY, Visconde de - *A Mocidade de Trajano*. 2 ed. São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1984.
- 2.20. CABRAL, Oswaldo Rodrigues e SOUZA, Sara Regina Silveira de - *Taunaydes: um poemeto político do Conselheiro do Império João Silveira de Souza*. São Paulo, João Scortecci, 1991.

- 2.21. CALDEIRA Filho, João C. - Taunay e a música. *O Estado de S. Paulo*, 4, 18 fev 1943.
- 2.22. CARVALHO, Veridiano - "Prólogo". In: TAUNAY, Visconde de - *O Encilhamento: cenas contemporâneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1923, pp. IX-XVI.
- 2.23. CASSIANA & Seto - *História de Curitiba em quadrinhos (vol. I: Das origens à proclamação da República)*. Curitiba, Prefeitura Municipal de Curitiba, 1993, pp. 58 e 76.
- 2.24. CASTRO, Francisco de - "Elogio do Visconde de Taunay". In: *Discursos Acadêmicos*, vol. I. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934, pp. 67-86.
- 2.25. CASTRO, (José Antonio de) Azevedo - *In memoriam: Vicomte de Taunay*. Paris, Kugelmann, 1899.
- 2.26. CASTRO, José Antonio de Azevedo - "O Visconde de Taunay: esboço biográfico". In: TAUNAY, Visconde de - *Memórias*. Rio de Janeiro, Instituto Progresso Editorial, 1948, pp. 641-7 e In: TAUNAY, Visconde de - *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (trad. de Afonso d'Escragnolle Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, pp. 193-6.
- 2.27. CASTRO, José Antonio de Azevedo - "Le Vicomte de Taunay: esquisse biographique". In: TAUNAY, Visconde de - *La Retraite de Laguna: épisode de la guerre du Paraguay* 4 ed. Tours, E. Arrault, 1913, pp. XXVII-XL.
- 2.28. CELSO, Afonso - Discurso pronunciado pelo sr. Conde de ..., presidente do I. H. G. B., ao inaugurar, na sala da Diretoria, a 15 de agosto de 1912, o retrato do Visconde de Taunay. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 75, p. II, 484, 1912.
- 2.29. CHAGAS, Manuel Joaquim Pinheiro - *Brasileiros ilustres*. Porto e Braga, Ernesto Chardron, 1881.
- 2.30. _____ - "Retirada da Laguna". In: KOSERITZ, Carl von - *Alfredo d'Escragnolle Taunay: esboço característico* (tradução de R. P. B.). 2 ed. Rio de Janeiro, Leuzinger & Filhos, 1886, pp. 30-8.
- 2.31. CHAMBERLAIN, Henriqueta - "Introduction". In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle - *Inocência* (translated by H. Chamberlain). New York, Macmillan, 1946, pp. V-VII.
- 2.32. CHASTEL, Olivier du - "Préface du traducteur". In: DINARTE, Silvio (Vicomte d'Escragnolle-Taunay). *Innocencia*. Paris, Léon Chailly, 1896, pp. V-X.
- 2.33. COMUNICAÇÃO do falecimento de Alfredo d'Escragnolle Taunay. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 62, p. II, 284, 1899.
- 2.34. CORRÊA, Dom Aquino - "A Retirada da Laguna" e "Inocência" (poemas). *Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso*, II (I), 110-1 e 119-20, 9 dez 1919.
- 2.35. CORREIA, Roberto Alvim - "O Visconde de Taunay". In: *O Mito de Prometeu*. Rio de Janeiro, Agir, 1951, pp. 140-8.
- 2.36. COUTO, Ribeiro - *O francês Taunay, mestre da brasilidade*. Separata da *Revista de Cultura Afinidades*, 5. Lisboa, 1944, 7 pp.

- 2.37. CRÔNICA (anônima). *Revista da Academia Paulista de Letras*, 21 (VI), 3, 12 mar 1943.
- 2.38. DOM Pedro II - Cartas do exílio a Alfredo d'Escagnolle Taunay (1890-1891). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 75, p. II, 159-73, 1913.
- 2.39. DUARTE, Fortunato - Resenha do livro *Como me tornei kneippista, por Jorge Palmer (pseud.)*. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro / São Paulo, Laemmert & C., 261-2, 1895.
- 2.40. FERRARI, Antonio - Conferência realizada no Centro matogrossense em homenagem ao senador Visconde de Taunay. *Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso*, tomos XLIV a LII, anos XXV e XXVI, 95-104, 1943.
- 2.41. FILIZOLA, Anamaria - A retirada da Laguna: nacionalismo, modernidade e memória. *História: Questões & debates* (Associação Paranaense de História). Curitiba, ano 12, n. 22-23, 91-112, jun/dez 1991.
- 2.42. FONSECA, J. Severiano da - Retificações a tópicos de A Cidade de Mato Grosso.... *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 54, p. II, 211-3, 1891.
- 2.43. FRANCISCO III, Martim - Taunay. *Notícia Bibliográfica e Histórica*, 121, 76-8, jan/mar 1986.
- 2.44. FRANCO, Afonso Arinos de Mello - "Visconde de Taunay". In: *Notas do Dia*. São Paulo, Andrade, Mello e Cia., 1900, pp. 279-86.
- 2.45. GALVÃO, Ramiz - "Ao leitor". In: _____ - *A retirada da Laguna* (trad. de Ramiz Galvão). Rio de Janeiro, Garnier, 1901, pp. III-XIII.
- 2.46. GARCIA, Frederick C. H. - Três versões de um romance de Taunay. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 9, IEB/USP, 83-97, 1970.
- 2.47. GOES, Carlos - *Innocencia: peça de costumes do interior em cinco actos* (adaptação à cena do romance original do Visconde de Taunay). Edição do Autor, 1915.
- 2.48. GOMES, Antonio Carlos - Algumas cartas a Alfredo d'Escagnolle Taunay. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 73, p. II, 35-86, 1910 e In: TAUNAY, Visconde de - *Dois artistas máximos: José Maurício e Carlos Gomes*. São Paulo, Melhoramentos, 1930, pp. 141-56.
- 2.49. GRIECO, Agripino - *Evolução da prosa brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947, pp. 50-1.
- 2.50. GUIMARAENS Filho, Alphonsus de - *Inocência: o realismo há 100 anos*. *Jornal do Brasil*, 25 mar 1972.
- 2.51. INCIDENTES sobre a renúncia de Alfredo d'Escagnolle Taunay, sócio do Instituto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 54, p. II, 193, 1891.
- 2.52. JOBIM, Jorge - "Taunay". In: OLIVEIRA, Alberto de e JOBIM, Jorge - *Visconde de Taunay* (antologia). Rio de Janeiro, Garnier, 1922, pp. I-X.
- 2.53. JONES, Maro B. - "Preface, Introduction and Notes". In: TAUNAY, Visconde de. *Innocencia*. Boston, Heath, 1923, pp. V-XXIII.
- 2.54. KOSERITZ, Carl von - *Alfredo d'Escagnolle Taunay: esboço característico* (tradução de R. P. B.). 2 ed. Rio de Janeiro, Leuzinger & Filhos, 1886.

- 2.55.LAET, Carlos de - "Crônica semanal" do jornal *Microcosmo* de 12 de setembro de 1886. In: TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle - *Questões políticas e sociais: discursos proferidos na primeira sessão da 20ª Legislatura da Assembléia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1886, pp. 88-9.
- 2.56.LAFETÁ, João Luiz - "Visconde de Taunay". In: ?. Local?, data?, pp. 55-69.
- 2.57.LAURITO, Ilka Brunhilde - "Roteiro de Leitura". In: TAUNAY, Alfredo d'E. - *Taunay: livro do professor*. São Paulo, FTD, 1992, pp. 185-96.
- 2.58.LEÃO, Múcio - "O idealismo no romance". In: *Ensaio contemporâneos*. Rio de Janeiro, Coelho Branco, 1925, pp. 67-78.
- 2.59.LIMA Jr., Walter - *Inocência* (filme). Brasil, 1983, 110 m. (baseado em antigo roteiro de Lima Barreto). Com Fernanda Torres e Edson Celulari.
- 2.60.MACEDO, João Horta - *O Visconde de Taunay e Casa Branca*. Jundiaí, Vitória, 1950.
- 2.61.MALAN, G. P.- "Prefácio à edição italiana de *Inocência*". In: TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle - *Innocenza: romanzo brasiliano*. Roma/Turim, L. Roux e C., 1893, pp. V-VII.
- 2.62.MALHEIRO, A. M. Perdigão - Notícia sobre Alfredo d'Escagnolle Taunay. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 32, 1869, p. II, 298-301.
- 2.63.MATOS, Odilon Nogueira de - "A obra do Visconde de Taunay." In: *Afonso de Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil: perfil biográfico e ensaio bibliográfico*. São Paulo, Fundo de Pesquisas do Museu Paulista, 1977, pp. 229-52.
- 2.64._____ - A retirada da Laguna. Campinas, *Diário do Povo*, 25 jan 1991.
- 2.65._____ - Cartas de Campinas. Campinas, *Diário do Povo*, 22 fev 1991.
- 2.66._____ - Heróis de Laguna. Campinas, *Diário do Povo*, 8 fev 1991.
- 2.67._____ - O Monarquismo de Taunay. Itu, *A Federação*, 14 mar 1992.
- 2.68._____ - "O Visconde de Taunay no seu sesquicentenário". (Conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em julho de 1993). Texto datilografado, 18 pp.
- 2.69._____ - "Santa Catarina na obra dos Taunay". In: _____ . *Páginas Catarinenses*. 2 ed. Campinas, Pontes, 1993, pp. 11-39.
- 2.70._____ - Taunay, 150 anos. Itu, *A Federação*, 3 abr 1993.
- 2.71._____ - Taunay e o Imperador. Itu, *A Federação*, 14 dez 1991.
- 2.72._____ - Taunay e Rio Branco. Itu, *A Federação*, 6 jun 1992.
- 2.73._____ - Visconde de Taunay, o quase esquecido. Campinas, *Correio Popular*, 21 mar 1984.
- 2.74.MELLO, Mellilo Moreira de - *Discurso de posse na cadeira Visconde de Taunay da Academia Brasileira de Literatura*. Rio de Janeiro, Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 19 abr 1982.

- 2.75.MENEZES, Raimundo de - *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Livros técnicos e científicos, 1978, p. 669.
- 2.76.MENUCCI, Sud - Taunay, mau crítico de si mesmo. *Revista da Academia Paulista de Letras*, 24 (VI), 154-6, 12 dez 1943.
- 2.77.MEROU, Martin Garcia - *El Brasil Intelectual: impresiones y notas literarias*. Buenos Aires, Felix Lajouane, 1900, pp. 141-84.
- 2.78.MOISÉS, Maria Antonieta Raimundo - "TAUNAY, Alfredo d'Escragnole, VISCONDE DE". In: MOISÉS, Massaud e PAES, José Paulo (org.) - *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo, Cultrix, 1987. pp. 413-4.
- 2.79.MONTENEGRO, Artur - Visconde de Taunay. *Revista da Academia Cearense de Letras*, IV, 123-35, 1899.
- 2.80.MONTENEGRO, Olivio - "Alfredo de Taunay". In: _____ - *O romance brasileiro: as suas origens e tendências*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938, pp. 54-60.
- 2.81.MORAES Filho, Evaristo de - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *O Visconde do Rio Branco: glória do Brasil e da humanidade*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1988, pp. 3-21.
- 2.82.MOTTA, Arthur - Perfis acadêmicos: Visconde de Taunay. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 85, 42-62, jan/1929.
- 2.83.NABUCO, Joaquim - "O Sr. Taunay no Senado". In: *Eleições liberais e eleições conservadoras*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1886, p. 60.
- 2.84.NOTAS Diversas (anônimas) - Um grande brasileiro, As Memórias do Visconde de Taunay, Taunay e a música, O Visconde de Taunay e Casa Branca. *Revista da Academia Paulista de Letras*, 21 (VI), 139-43, 12 mar 1943.
- 2.85.ORLANDI, José de Oliveira - Taunay, jornalista, escritor e político. *O Estado de S. Paulo*, 4, 18 fev 1943.
- 2.86.OS EDITORES - "Prefácio da 4ª edição" e "Prefácio da 3ª edição". In: TAUNAY, Alfredo d'E. - *Inocência: livro do professor*. São Paulo, FTD, 1992, pp. 18-22.
- 2.87.PERDIGÃO, Henrique - *Dicionário universal de literatura (bibliográfico e cronológico)*. 2 ed. Porto: Latina, 1940, p. 389.
- 2.88.PEREIRA, Lúcia Miguel - Três romancistas regionalistas: Franklin Távora, Taunay e Domingos Olympio. *Revista do Brasil*, 35 (IV) - 3ª fase, 86-96, mai/1941.
- 2.89.PHILIPP, Arno - "Vorwort des Uebersetzers". In: *Innocencia: Poetische Erzählungen aus Brasilien* (tradução de Arno Philipp). Porto Alegre, Cesar Reinnhardt, 1899, pp. V-XII.
- 2.90.PINHO, Wanderley - Visconde de Taunay (conferência realizada no I. H. G. B., em 22 de fevereiro de 1943). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 181, 5-43, out/dez 1943.
- 2.91.PONTES, José Couto Vieira - "O romance regionalista: Taunay (o realismo bucólico e o sentimentalismo romântico)." In: _____ - *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo, Editora do Escritor, data?, pp. 84-92.

- 2.92.PRETI, Dino - "O regionalismo. Visconde de Taunay." In: _____ - *Sociolinguística: os níveis de fala (um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira)*. 3 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977, pp. 95-107.
- 2.93.PROENÇA, Ivan C. - "Biografia". In: TAUNAY, Visconde de - *A Retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai* (trad. de Affonso de E. Taunay). Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d., pp. 15-6.
- 2.94.PROPOSTA para que seja elevado a honorário o sócio Visconde de Taunay (anônima). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 51, p.II, 255, 1888.
- 2.95.RANGEL, Alberto - "Taunay e Euclides (a propósito do lugar que os esquece)". *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*. 15 ago 1939.
- 2.96.RAYMOND, Xavier - "Préface de la deuxième édition". In: TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle - *La Retraite de Laguna: épisode de la guerre du Paraguay*. 3 ed. Paris, Plon, 1891, XIX-XV.
- 2.97.REIS, Zenir Campos - "Tradição e traição". In: TAUNAY, Visconde de - *Inocência*. 14 ed. São Paulo, Ática, 1986, pp. 5-8.
- 2.98.RESENHA Anônima do livro *Dr. Luiz Couty (esboço biográfico) / Augusto Leverger, barão de Melgaço (Dados biográficos)*. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, Sociedade - Revista Brasileira, XIII (IV), 126-7, 1898.
- 2.99.RESENHA Anônima da tradução francesa de *Inocência* por Olivier du Chastel (1896). *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, Sociedade - Revista Brasileira, VII (II), 266, 1896. (Seção "Livros e Folhetos").
- 2.100.RESTREPO, Antônio Gomez - "Prefácio da tradução castelhana de *Inocência*". Bogotá, Libreria Americana, 1905.
- 2.101.RIBEIRO, João - "Visconde de Taunay". In: *Crítica. Clássicos e românticos brasileiros*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1952, pp. 202-5.
- 2.102.RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel - Retrato de uma província. *Anais da XII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Porto Alegre, 245-9, 1992.
- 2.102a. RIZZINI, Jorge - "Visconde de Taunay e a noite mediúnica." In: _____ - *Escritores e fantasmas*. São Bernardo do Campo, Correio Fraternal, 1992, pp. 207-9.
- 2.103.ROMERO, Silvio - "Visconde de Taunay: o homem de letras". In: *Outros estudos de literatura contemporânea*. Lisboa, A Editora, 1905, pp. 187-206.
- 2.104. _____ - *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943, Tomo I: pp. 296-8 / Tomo V: pp. 101-8.
- 2.105.SANCHEZ-SAEZ, Braulio - *Vieja y nueva literatura del Brasil*. Santiago, Ercilia, 1935, pp. 177-88.
- 2.106.SANTOS, Lery - *Pantheon Fluminense/Esboços biographicos*. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1880, pp. 103-15.
- 2.107.SEGURADO, Milton Duarte - "Lendo Taunay" (poema). Texto policopiado.

- 2.108.SERPA, Phocion - Impressões de *Inocência*. In: *Biblioteca da Academia Carioca de Letras*, 11. Rio de Janeiro, Sauer, 1944, pp. 37-67.
- 2.109. _____ - *Visconde de Taunay: ensaio biobibliográfico*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1952.
- 2.110.SILVA, Alfredo do Nascimento - Elogio Histórico de Alfredo d'Escragnolle Taunay. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 62, p. II, 439-446, 1899.
- 2.111.SILVA, Nicolau Duarte - Traços biográficos do Visconde de Taunay. *O Estado de S. Paulo*, 4-5, 18 fev 1943.
- 2.112.SILVA, Vera M. T. - Inocência, do literário ao visual. *Letras em Revista*. Instituto de Ciências Humanas e Letras/ UFGO, I (1/2), 14-40, jan/jun 1990.
- 2.113.SILVEIRA, Francisco Maciel - "Tragédia da Inocência - para ler sem Inocência." In: TAUNAY, Alfredo d'E. - *Inocência: livro do professor*. São Paulo, FTD, 1992, pp. 7-11.
- 2.114.SOARES, José Carlos de Macedo - Palavras sobre o 1º centenário do nascimento do Visconde de Taunay. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 181, 123-4, 1943.
- 2.115.SOUBLIN, Jean - "Un Xénophon Brésilien". In: TAUNAY, Alfredo de - *La Retraite de Laguna: récit de la guerre du Paraguay (1864-1870)*. Paris, Phébus, 1995, pp. 9-18.
- 2.116.SOUZA, José Galante de - "TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle". In: _____. *O teatro no Brasil / tomo II: subsídios para uma biobibliografia do teatro no Brasil*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1960, p. 535.
- 2.117.TAUNAY, Afonso d'E. - "Advertência". In: TAUNAY, Visconde de - - *Império e República*. São Paulo, Melhoramentos, 1933, pp. 3.
- 2.118. _____ - "Advertência desta 3ª edição". In: TAUNAY, Visconde de - *Dias de guerra e de sertão*. 3 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1927, pp 3-4.
- 2.119. _____ - Agradecimentos às homenagens prestadas no 1º centenário do Visconde de Taunay. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 181, 124-8, 1943.
- 2.120. _____ - "A obra do Visconde de Taunay (ensaio de bibliografia, 1952)". In: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle - *A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (tradução de Afonso d'E. Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, pp. 197-202.
- 2.121. _____ - Centenário do Visconde de Taunay: palavras de gratidão. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 66 (42), 60-79, jul/dez 1943.
- 2.122. _____ - "Duas palavras". In: TAUNAY, Visconde de - *Campanha de Mato Grosso: cenas de viagem*. 2 ed. São Paulo, Irmãos Marrano, 1923, pp. 5-6.
- 2.123. _____ - "Duas palavras". In: TAUNAY, Visconde de - *Filologia e crítica: impressões e estudos*. São Paulo, Melhoramentos, 1921, pp. 3-5.

- 2.124. _____ - "Duas palavras". In: TAUNAY, Visconde de - *O Encilhamento: cenas contemporâneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1923, pp. VII-VIII.
- 2.125. _____ - "Duas palavras". In: TAUNAY, Visconde de - *Ouro sobre azul* (romance). São Paulo, Melhoramentos, 1921, pp. 3-4.
- 2.126. _____ - "Duas palavras". In: TAUNAY, Visconde de - *Recordações de guerra e de viagem*. São Paulo / Rio de Janeiro, Weiszflog Irmãos, 1920, p. 3.
- 2.127. _____ - "Duas palavras". In: TAUNAY, Visconde de - *Servidores ilustres do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1930, pp. 3-4.
- 2.128. _____ - "Duas palavras". In: TAUNAY, Visconde de - *Trechos de minha vida*. São Paulo, Melhoramentos, 1922, pp. 3-4.
- 2.129. _____ - "Duas palavras". In: TAUNAY, Visconde de - *Viagens de outrora*. São Paulo, Melhoramentos, 1921, p. 3.
- 2.130. _____ - "Duas palavras". In: TAUNAY, Visconde de - *O Visconde do Rio Branco: glória do Brasil e da humanidade*. São Paulo, Melhoramentos, 1930, pp. 7-8.
- 2.131. _____ - "Duas palavras" e "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Homens e coisas do Império*. São Paulo, Melhoramentos, 1924, pp. III-XXIV.
- 2.132. _____ - "Explicação necessária". In: TAUNAY, Visconde de - *Uma grande glória brasileira: José Maurício Nunes Garcia (1767-1830)*. São Paulo, Melhoramentos, 1930, pp. 3-4.
- 2.133. _____ - "Nobilíssima manifestação de despedida". In: TAUNAY, Visconde de - *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (trad. de Afonso d'Escagnolle Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, pp. 9-17.
- 2.134. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *A Conquista do filho. Por um triz coronel. Da mão à boca se perde a sopa*. (peças teatrais). São Paulo, Melhoramentos, 1931, pp. 3-5.
- 2.135. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - - *Amélia Smith*. (peça teatral). 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1930, pp. 7-8.
- 2.136. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Augusto Leverger, almirante barão de Melgaço*. São Paulo, Melhoramentos, 1931, pp. 3-6.
- 2.137. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Brasileiros e estrangeiros*. São Paulo, Melhoramentos, 1931, pp. 3-4.
- 2.138. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Cartas da Campanha: a Cordilheira / Agonia de Lopez*. São Paulo, Melhoramentos, 1921, pp. 3-5.
- 2.139. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Cartas da Campanha de Matto Grosso (1865 a 1866)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1944, pp. 5-10.
- 2.140. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Diário do Exército - vol. I / A Campanha da Cordilheira*. São Paulo, Melhoramentos, 1926, pp. 3-4.

- 2.141. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Diário do Exército - vol. 2 / De Campo Grande a Aquidaban*. São Paulo, Melhoramentos, 1926, pp. 3-4.
- 2.142. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Dois artistas máximos: José Maurício e Carlos Gomes*. São Paulo, Melhoramentos, 1930, pp. 5-6.
- 2.143. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Entre os nossos índios: chanés, terenas, kinikinaus, guanás, laianas, guatós, guaycurus, caingang*. São Paulo, Melhoramentos, 1931, pp. 3-6.
- 2.144. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil (1800-1892) e outros escritos*. São Paulo, Melhoramentos, 1932, pp. 5-7.
- 2.145. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Goiás* (título original: *A província de Goiás na exposição nacional de 1875*). São Paulo, Melhoramentos, 1931, pp. 3-4.
- 2.146. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Inocência*. 24 ed. (ilustrada por F. Richter). São Paulo, Melhoramentos, 1944, pp. XII-XVIII.
- 2.147. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Marcha das forças: expedição de Mato Grosso (1865-1866)*. (título original: *Relatório Geral da Comissão de engenheiros junto às forças de Matto Grosso*). São Paulo, Melhoramentos, 1928, pp. 3-4.
- 2.148. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Manuscrito de uma mulher* (título original: *Lágrimas do coração - romance*). 4 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1928, pp. 5-6.
- 2.149. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *O grande imperador*. São Paulo, Melhoramentos, 1932, pp. 3-4.
- 2.150. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Paisagens brasileiras*. São Paulo, Melhoramentos, 1926, pp. 5-6.
- 2.151. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Pedro II*. São Paulo, Melhoramentos, 1933, pp. 5-8.
- 2.152. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Reminiscências*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1923, p. 3.
- 2.153. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Uma grande glória brasileira: José Maurício Nunes Garcia (1767-1830)*. São Paulo, Melhoramentos, 1930, pp. 5-14.
- 2.154. _____ - "Prefácio". In: TAUNAY, Visconde de - *Visões do sertão*. São Paulo, Melhoramentos, 1928, pp. 3-4.
- 2.155. _____ - "Prefácio da décima terceira edição". In: TAUNAY, Visconde de - *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (trad. de Afonso d'Escagnolle Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, pp. 7-8.
- 2.156. _____ - "Prefácio da quinta edição". In: TAUNAY, Visconde de - *Céus e terras do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1930, pp. 7-9.
- 2.157. _____ - "Prefácio da segunda edição". In: TAUNAY, Visconde de - *A Cidade do ouro e das ruínas: Mato-Grosso, antiga Villa-*

- Bella, o rio Guaporé e a sua mais ilustre vítima*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1923, pp. 7-8.
- 2.158. _____ - "Prefácio da segunda edição". In: TAUNAY, Visconde de - *A Guerra do Pacífico: Chile versus Peru e Bolívia*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1925, pp. 5-6.
- 2.159. _____ - "Prefácio desta segunda edição". In: TAUNAY, Visconde de - *Ào entardecer: contos vários*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1926, pp. 3-4.
- 2.160. _____ - "Prefácio desta terceira edição". In: TAUNAY, Visconde de - *No declínio: romance contemporâneo*. 3 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1926, pp. 3-4.
- 2.161. _____ - Resumo das sessões realizadas em dezembro de 1946. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 72 (45), 523-6, jul/dez 1946.
- 2.162. _____ - "Uma homenagem honrosíssima e um retrato magnífico". In: TAUNAY, Visconde de - *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (trad. de Afonso d'Escragnolle Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, pp. 19-25.
- 2.163. TAUNAY, Afonso de E. e TAUNAY, Raul de - "À guisa de intróito". - In: TAUNAY, Visconde de - *Memórias*. Rio de Janeiro, Instituto Progresso Editorial, 1948, pp. VII-XIV.
- 2.164. TÁVORA, Franklin - La retraite de Laguna. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, N. Midosi, II (I), 77-80, 1879.
- 2.165. TRIGUEIROS, Luís Forjaz - Um escritor de ontem no mundo de hoje. *Atlântico*, Lisboa, 3, 3ª série, 15-22, 1950.
- 2.166. VERÍSSIMO, José - resenha de *No Declínio*, do Visconde de Taunay. *Revista Brasileira*, XVIII (V), 125-8, 1899.
- 2.167. _____ - resenha de *O Encilhamento*, do Visconde de Taunay. *Revista Brasileira*, III (I), 325-6, jul/set 1895.
- 2.168. _____ - "Taunay e a Inocência". In: *Estudos de Literatura Brasileira (1ª série)*. Rio de Janeiro/Paris, Garnier, 1901, pp. 265-77.
- 2.169. VIEILLARD, Jacques (org.) - "A tradução de Taunay". *A zoophonia de Hercule Florence*. Cuiabá, UFMT: Editora Universitária, 1993, p. 42.
- 2.170. VIEIRA, Celso - Prêmio Visconde de Taunay (em sessão de 19 de julho de 1945): proposta, justificação, parecer, edital. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 71 (45), 175-80, jan/jun 1946.
- 2.171. VISCONDE de Taunay (anônimo) - *Revista Brasileira*, XVII (V), 129-40, jan/mar 1899.
- 2.172. WIMMER, Norma - *Marcas francesas na obra de Taunay* (tese de doutorado/USP - texto policopiado), 1992.

3.obras de teoria, crítica e história literária:

- 3.0.ABRAMS, M. H. - *Natural Supernaturalism: tradition and revolution in romantic literature*. Nova York/Londres, Norton, 1973.
- 3.1.AMORA, Antonio Soares - *O Romantismo (1833-1838/1878-1881)*. São Paulo, Cultrix, 1967.

- 3.2. ARARIPE Jr., Tristão de Alencar - *Teoria, crítica e história literária* (seleção e apresentação de Alfredo Bosi). Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, EDUSP, 1978.
- 3.3. ARRIGUCCI Jr., David *et alli* - "Jornal, Realismo, Alegoria (romance brasileiro recente)" (entrevista/debate). *Coleção Remate de Males 1 / Ficção em debate e outros temas*. São Paulo, Duas Cidades, 1979.
- 3.4. ASSIS, Joaquim Maria Machado de - *Bons Dias!: crônicas 1888-1889* (edição, introdução e notas de John Gledson). São Paulo, Hucitec/Editora da UNICAMP, 1990.
- 3.5. _____ - Crônicas de 24 de março e de 1º de abril de 1862 (do jornal *Diário do Rio de Janeiro*). In: _____ - *Crônicas/1º volume (1859-1863)*. Rio de Janeiro, W. M. Jackson Inc., 1938, pp. 152-64.
- 3.6. _____ - Crônica de 25 de março de 1894. *Obra completa/volume III*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1979, pp. 604-6.
- 3.7. AZEVEDO, Arthur - *O Tribofe: revista fluminense do ano de 1891* (estabelecimento de texto, notas e estudo lingüístico de Rachel Valença). Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Casa de Rui Barbosa, 1986.
- 3.8. AZEVEDO, Sílvia Maria - "De Revista Popular a Jornal das Famílias: a imprensa carioca do século XIX a serviço dos 'interesses das famílias brasileiras' ". In: *ANAIIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 3). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 25-35.
- 3.8a. BACHELARD, Gaston - "A poética do espaço". In: *Bachelard*. São Paulo, Abril Cultural, 1984. (Coleção "Os pensadores").
- 3.7. BAKHTIN, Mikhail - *Estética da criação verbal* (tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira). São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- 3.8. _____ - *Marxismo e filosofia da linguagem* (tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira). São Paulo, Hucitec, 1981.
- 3.9. _____ - *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (trad. de Aurora F. Bernardini *et alli*). 2 ed. São Paulo, Hucitec/Editora da UNESP, 1990.
- 3.10. BARBOSA, João Alexandre. "A biblioteca imaginária, ou o cânone na história da literatura brasileira". Texto policopiado, 45 pp.
- 3.11. BENJAMIN, Walter - *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo (Obras escolhidas III)*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- 3.12. _____ - *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas I)*. (trad. de Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo, Brasiliense, 1985.
- 3.13. _____ - "O narrador". In: *TEXTOS Escolhidos / Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas* (tradução de José Lino Grünewald *et alli*). 2 ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983, pp. 57-74.
- 3.14. _____ - *Origem do drama barroco alemão* (tradução de Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo, Brasiliense, 1984.
- 3.15. _____ - *Rua de mão única (Obras escolhidas II)* (trad. de Rubens R. Torres Filho e José Carlos M. Barbosa). 3 ed. São Paulo, Brasiliense, 1993.

- 3.16. BOLLE, Willi - *Fisiognomia da Metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo, Editora da USP, 1994.
- 3.17. BORGES, Jorge Luís - *Obras completas*. Buenos Aires, Emecê, 1974. pp. 485-90.
- 3.18. BOSI, Alfredo - *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- 3.19. _____ - *História concisa da Literatura Brasileira*. 2 ed. São Paulo, Cultrix, 1976.
- 3.20. _____ - *O pré-modernismo*. São Paulo, Cultrix, 1966.
- 3.21. BROCA, Brito - *A vida literária no Brasil - 1900*. 3 ed. Rio de Janeiro, José Olympio/Dep. de Cultura da Guanabara, 1975.
- 3.22. _____ - *Ensaio da mão canhestra: Cervantes, Goethe, Dostoiévski, Alencar, Coelho Netto, Pompéia*. São Paulo, Pólis; Brasília, INL, 1981.
- 3.23. _____ - *Horas de leitura*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957.
- 3.24. _____ - *Letras francesas*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura/Comissão Estadual de Literatura/Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo, (1969).
- 3.25. _____ - *Machado de Assis e a Política (mais outros estudos)*. São Paulo, Pólis; Brasília, INL/Fundação Pró-memória, 1983.
- 3.26. _____ - *Memórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.
- 3.27. _____ - *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1991.
- 3.28. _____ - *Papéis de Alceste*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1991.
- 3.29. _____ - *Pontos de referência*. Rio de Janeiro, MEC/Serviço de Documentação, s.d.
- 3.30. _____ - *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo, Pólis; Brasília, INL, 1979.
- 3.31. _____ - *Teatro das letras*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.
- 3.32. BROCA, Brito e SOUSA, J. Galante de - *Introdução ao estudo da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, INL/MEC, 1963.
- 3.33. CALVINO, Italo - *Por que ler os clássicos* (trad. de Nilson Moulin). São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- 3.34. CAMPOS, Maria Consuelo Cunha - "O Moço Loiro: a cena de família e a cruz de brilhantes." In: MACEDO, Joaquim Manoel de - *O Moço Loiro*. São Paulo, Ática, 1981, pp. 5-8.
- 3.35. CAMPOS, Haroldo de - "Texto e história". In: _____. *A operação do texto*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- 3.36. CANDIDO, Antonio - *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1987.
- 3.37. _____ - *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 5 ed. São Paulo, EDUSP; Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.
- 3.38. _____ - *O discurso e a cidade*. São Paulo, Duas Cidades, 1993.
- 3.39. _____ - *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo, EDUSP, 1988.

- 3.40. _____ - O romantismo, nosso contemporâneo (resumo da aula inaugural de A.C. no Dep. de Letras da PUC/RJ). *Jornal do Brasil/Idéias*. Rio de Janeiro, 7, 19 mar 1988.
- 3.41. _____ - Quatro esperas. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, 26, 49-76, mar 1990.
- 3.42. _____ - *Recortes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- 3.43. _____ CANDIDO, Antonio e CASTELLO, J. Aderaldo - *Do Romantismo ao Simbolismo/Presença da Literatura Brasileira (vol. II)*. 7 ed. Rio de Janeiro, São Paulo, DIFEL, 1978.
- 3.44. CANETTI, Elias - *A consciência das palavras: ensaios* (trad. de Márcio Suzuki e Herbert Caro). São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- 3.45. CARPEAUX, Otto Maria - *História da literatura ocidental (vol. IV)*. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1962.
- 3.46. _____ - *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.
- 3.47. CARVALHO, José Murilo de *et alli* - *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1988.
- 3.48. CARVALHO, Ronald de - *Pequena história da Literatura Brasileira*. 8 ed. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia., 1949.
- 3.49. CÉSAR, Guilhermino (org.) - *Historiadores e críticos do Romantismo*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, EDUSP, 1978.
- 3.50. CHARCOSSET, Jean-Pierre - *Paysage grandeur nature*. *Revue des sciences humaines*, LXXX, 209, janvier-mars 1988, 49-67.
- 3.51. COCO, Pina Maria Arnoldi - "O Triunfo do bastardo: uma leitura dos folhetins cariocas do século XIX". In: *ANALIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 3). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 19-24.
- 3.52. COUTINHO, Afrânio - *A Literatura no Brasil Era romântica*. 3 ed. Rio de Janeiro, José Olympio; Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1986.
- 3.53. _____ - *Introdução à literatura no Brasil*. 12 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.
- 3.54. _____ - *A tradição afortunada (O espírito de nacionalidade na crítica brasileira)*. Rio de Janeiro, José Olympio; São Paulo, EDUSP, 1968.
- 3.55. EAGLETON, Terry - *A função da crítica* (trad. de Jefferson Luiz Camargo). São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- 3.56. _____ - *A ideologia da estética* (trad. de Mauro Sá Rego Costa). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- 3.57. _____ - *Criticism and ideology: a study in marxist literary theory*. London, Verso, 1978.
- 3.58. _____ - *Teoria da Literatura: uma introdução* (tradução de Waltensir Dutra). São Paulo, Martins Fontes, s.d.
- 3.59. DERRIDA, Jacques - "Force et signification." In: _____. *L'Écriture et la différence*. Paris, Seuil, 1967, pp. 9-49.
- 3.60. GLEDSON, John - *Machado de Assis: ficção e história* (tradução de Sônia Coutinho). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

- 3.61. _____ - *Machado de Assis: impostura e realismo (uma reinterpretação de Dom Casmurro)* (tradução de Fernando Py). São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- 3.62. GAGNEBIN, Jeanne Marie - *História e narração em W. Benjamin*. São Paulo, Perspectiva; Campinas, Editora da UNICAMP, 1994.
- 3.62a. GENETTE, Raymonde Debray - *Métamorphoses du récit: autour de Flaubert*. Paris, Seuil, 1988.
- 3.63. GOUVÊA, Carolina Maia - "Mito político e memória literária". In: *ANAIIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 2). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 256-61.
- 3.64. GUINSBURG, Jacó (org.) - *O romantismo*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- 3.65. HAMON, Philippe - *La description littéraire: anthologie de textes théoriques et critiques*. Paris, Macula, 1991.
- 3.66. _____ - *Introduction à l'analyse du descriptif*. Paris, Hachette, 1981.
- 3.67. HARDMAN, Francisco Foot - Antigos mapas gizados à ventura. *Remate de Males*, Campinas, (12): 65-78, 1992.
- 3.68. _____ - "Antigos modernistas". In: NOVAES, Adauto (org.) - *Tempo e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, pp. 289-305.
- 5.68a. _____ - Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides da Cunha. *Estudos Avançados* 10 (26), 293-310, 1996.
- 3.69. HESSEL, Lothar e RAEDERS, Georges - *O Teatro no Brasil sob D. Pedro II (2ª parte)*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1986.
- 3.70. JAMESON, Fredric - *Marxismo e forma: teorias dialéticas da literatura no século XX* (trad. coord. por Maria Iumna Simon). São Paulo, Hucitec, 1985.
- 3.71. _____ - *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico* (trad. de Valter Lellis Siqueira). São Paulo, Ática, 1992.
- 3.72. JAUSS, Hans Robert - "L'Histoire de la littérature: un défi à la théorie littéraire". In: _____. *Pour une esthétique de la réception* (trad. de Claude Maillard). Paris, Gallimard, 1978, pp. 21-80.
- 3.73. KUSHNER, Eva - "Théorisation de l'Histoire Littéraire". In: *ANAIIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 1). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 51-9.
- 3.74. LAJOLO, Marisa - *A História da Literatura e o Vilão da História*. (texto policopiado), 1993, 83 pp.
- 3.75. _____ - *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo, Ática, 1993.
- 3.76. LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina - *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- 3.77. LEÃO, Angela Vaz - Formação da língua literária brasileira: século XIX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 22, IEB/USP, 77-95, 1980.
- 3.78. LECLERC, Yvan - *Manuscripts: l'oeuvre en chantier*. *Magazine littéraire* 330, Paris, 118-27, mars 1995.

- 3.79. LEITE, Dante Moreira - "Ficção, Biografia e Autobiografia". In: _____. *O amor romântico e outros temas*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1964, pp. 17-25.
- 3.80. LIMA, Alceu Amoroso - *Estudos literários*. São Paulo, Aguilar, 1966.
- 3.81. LIMA, Luiz Costa (org.) - *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- 3.82. _____. - *A aguarás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989.
- 3.83. _____. - *O controle do imaginário: razão e imaginação no Ocidente*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- 3.84. _____. - *Pensando nos trópicos: dispersa demanda II*. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.
- 3.85. _____. - "Persona e sujeito ficcional". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 1). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 114-33.
- 3.86. _____. - *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1986.
- 3.87. LÖWY, Michel e SAYRE, Robert - *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade* (tradução de Guilherme J. de F. Teixeira). Petrópolis, Vozes, 1995.
- 3.88. LÖWY, Michel - *Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukacs e Benjamin* (tradução de Myrian V. Baptista e Magdalena P. Baptista). São Paulo, Perspectiva/EDUSP, 1990.
- 3.89. LUCAS, Fábio - "Da epígrafe". *Revista do livro*. pp. 11-24.
- 3.90. LYOTARD, Jean-François - *Scapeland*. *Revue des sciences humaines* LXXX, 209, janvier-mars 1988, 39-48.
- 3.91. MARTINS, Wilson - *A crítica literária no Brasil*. São Paulo, Dep. de Cultura, 1952.
- 3.92. MENESES, Adélia Bezerra de - "Memória, história e ficção: *Blade runner*". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 2). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 207-17.
- 3.93. MINÉ, Elza - "Núcleos fixos da memória flutuante (imprensa e releitura)". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 1). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 562-73.
- 3.94. MITTERAND, Henri - *Zola: l'histoire et la fiction*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- 3.95. MITTERAND, Henri - *L'illusion réaliste: de Balzac à Aragon*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- 3.96. MOISÉS, Leyla Perrone (org.) - *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo, Brasiliense/EDUSP, 1988.
- 3.97. _____. Escolher e/é julgar. *Colóquio / Letras* 65, 5-13, jan 82.
- 3.98. _____. História literária e julgamento de valor. *Colóquio / Letras* 77, 5-18, jan 84.

- 3.99. _____, História literária e julgamento de valor II. *Colóquio / Letras* 100, 24-41, nov/dez 87.
- 3.100. _____ - "História Literária e julgamento de valor". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 1). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 141-51.
- 3.101. MOISÉS, Massaud e PAES, José Paulo (org.) - *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo, Cultrix, 1987.
- 3.102. MORICONI, Italo - "Chassez le naturel et il reviendra au galop". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 1). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 203-10.
- 3.103. MOTA, Marcus Santos - "O instinto de nacionalidade de Machado de Assis e a fundação de uma tradição crítica sobre o conceito de literatura nacional". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 2). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 111-7.
- 3.104. MUKAROVSKI, Jan - "Função, norma e valor estético como factos sociais". In: _____. *Escritos sobre estética e semiótica da arte* (trad. de Manuel Ruas). Lisboa, Editorial Estampa, 1981, pp. 19-94.
- 3.105. NUNES, Benedito - *O Tempo na narrativa*. São Paulo, Ática, 1988.
- 3.106. PAES, José Paulo - *Gregos e baianos*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- 3.107. _____ - "Sterne ou o horror à linha reta". In: STERNE, Laurence - *A Vida e as opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*. (tradução de José Paulo Paes). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, pp. 7-40.
- 3.108. PEREIRA, Lúcia Miguel - *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. São Paulo, EDUSP; Belo Horizonte, Itatiaia, 1988.
- 3.109. PIGLIA, Ricardo - "Memoria y tradición". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 1). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 61-6.
- 3.110. PONTES, Roberto - "Três modos de tratar a memória coletiva nacional". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 2). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 149-59.
- 3.111. RAMOS, Julio - *Desencuentros de la modernidad en América Latina: Literatura y política en el siglo XIX*. México, Fondo de Cultura Económica, 1989.
- 3.112. RIBEIRO, João - *Crítica: clássicos e românticos brasileiros (vol. I)*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1952.
- 3.113. RICHARD, Paule - *Ut naturae pictura poesis: le paysage dans la description littéraire au début du XIX^e siècle*. *Revue des sciences humaines*, LXXX, 209, janvier-mars 1988, 125-42.
- 3.114. RICOEUR, Paul - L'identité narrative. *Esprit* 7-8, juillet-août 1988, 295-314.
- 3.115. _____ - L'identité narrative. *Revue des sciences humaines* LXXXV, 221, 1991-1, janvier-mars, 35-47.

- 3.116.RIVAS, Pierre - *Encontro entre literaturas: França. Portugal. Brasil*. (trad. de Durval Ártico e Maria Leticia Guedes Alcoforado). São Paulo, HUCITEC, 1994.
- 3.117.ROMERO, Silvio - *Teoria, crítica e história literária* (seleção e apresentação de Antonio Candido). Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, EDUSP, 1978.
- 3.118._____ - "Explicações indispensáveis" (prefácio). In: BARRETO, Tobias - *Vários escritos*. Aracaju, Ed. do Estado de Sergipe, 1926, pp. XXIII-XXIV.
- 3.119.ROSENFELD, Anatol - *Texto/Contexto*. 3 ed. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- 3.120.ROUANET, Maria Helena - *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo, Siciliano, 1991.
- 3.120a.SANT'ANNA, Affonso Romano - *Paródia, paráfrase & Cia.*. São Paulo, Ática, 1985.
- 3.121.SANTIAGO, Silviano - *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- 3.122.SARAIVA, Juracy Assmann - *O circuito das memórias em Machado de Assis*. São Paulo, EDUSP; São Leopoldo, Editora Unisinos, 1993.
- 3.123.SARLO, Beatriz - "Memória cultural, memória política: la imaginación del futuro". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 1). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 152-61.
- 3.124.SCHLEGEL, Friedrich - *Conversa sobre poesia e outros fragmentos* (tradução de Victor-Pierre Stirnimann). São Paulo, Iluminuras, 1994.
- 3.125.SCHOLLHAMMER, Karl Erik - "Memória e esquecimento". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 2). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 202 e segs.
- 3.126.SCHÜLER, Donaldo - "A fragmentação da memória". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 3). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 417-27.
- 3.127.SCHWARZ, Roberto - *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo, Duas Cidades, 1977.
- 3.128._____ - *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo, Duas Cidades, 1990.
- 3.129._____ - *Que horas são? (ensaios)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- 3.130._____ - "Quien me dice que este personaje no sea el Brasil?". In: ASSIS, Machado de Assis - *Quincas Borba* (tradução de Margara Russoto). Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1979, pp. IX-XXXI.
- 3.131.SILVA, Janice Theodoro da - "O encanto dos mitos: Literatura e História". In: *ANAIS do 2º congresso da ABRALIC: Literatura e memória cultural* (vol. 1). Belo Horizonte, Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991, pp. 461-71.

- 3.132.SILVEIRA, Miroel - Derivantes literárias da Missão Francesa no Brasil - Inocência, a jovem divina: tentativa de interpretação junguiana. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 23, IEB/USP, 73-89, 1981.
- 3.133.SODRÉ, Néelson Werneck - *História da literatura brasileira (seus fundamentos econômicos)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.
- 3.134.STAROBINSKI, Jean - Le style de l'autobiographie. *Poétique: revue de théorie et d'analyse littéraires*. Paris, Seuil, nº 3, 257-65, 1970.
- 3.135.SUSSEKIND, Flora - *Papéis colados (ensaios)*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1993.
- 3.136._____ - *Tal Brasil, qual romance?*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.
- 3.137.THOMPSON, Patrice - Le paysage comme fiction. *Revue des sciences humaines*, LXXX, 209, janvier-mars 1988, 9-37.
- 3.138.VERÍSSIMO, José - *Estudos de literatura brasileira (1a, 2a, 3a, 4a, 5a, 6a, 7a séries)*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1977.
- 3.139._____ - *História da literatura brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.
- 3.140._____ - *Teoria, crítica e história literária* (seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa). Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, EDUSP, 1977.
- 3.141.WELLEK, René & WARREN, Austin - *Teoria da Literatura* (trad. de José Palla e Carmo). Mira-Sintra, Europa-América, s.d.
- 3.142.WILSON, Edmund - *Onze ensaios: literatura, política, história* (seleção e prefácio de Paulo Francis; tradução de José Paulo Paes). São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- 3.143.ZILBERMAN, Regina - *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo, Ática, 1989.

4.sobre a guerra em geral e a guerra do Paraguai, em particular:

- 4.0.ALAMBERT, Francisco - Os escritores e a guerra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 dez 1995, p. 4. (Suplemento "Idéias/Livros").
- 4.1.ALBERDI, Juan Batista - *Historia de la guerra del Paraguay*. Buenos Aires, Ediciones de la Patria Grande, 1962.
- 4.2.AMAYO, Enrique - "A guerra do Paraguai em perspectiva histórica". São Paulo: IEA/USP, *Estudos avançados* 9 (24), 1995, 255-68.
- 4.3.ANDRADE, Carlos Drummond de - "Tristeza do Império" (poema). In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1979, p. 123.
- 4.4.ASSIS, Anatólio Alves de - *Genocídio na guerra do Paraguai*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1986.
- 4.5._____ - *Pequena história da guerra do Paraguai*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1984.
- 4.6.ASSIS, Joaquim Maria Machado de - Crônicas de 24 de outubro e de 1º de novembro de 1864. In: *Chronicas (vol. 2): 1864-1867*. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1957, pp. 211-31.
- 4.7._____ - Crônica de 24 de janeiro de 1865. In: *Obras completas (vol. 21)*. Rio de Janeiro, W. M. Jackson Inc., 1957, pp. ?.

- 4.8. _____ - Crônica de 07 de fevereiro de 1865. In: *Obras completas* (vol. 21). Rio de Janeiro, W. M. Jackson Inc., 1957, pp. ?.
- 4.9. _____ - Crônica de 11 de novembro de 1894. In: *Obra completa* (vol. III). Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, pp. 629-30.
- 4.10. _____ - "Fulano" (conto). In: *Obra completa* (vol. II). Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, pp. 436-40.
- 4.11. _____ - "Hino patriótico", "A cólera do Império", "Daqui deste âmbito estreito" e "A Francisco Pinheiro Guimarães" (poemas). In: *Obra completa* (vol. III). Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1969, pp. 298-9 e 302.
- 4.12. _____ - *Iaiá Garcia* (romance). In: *Obra completa* (vol. I). Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, pp. 351-509.
- 4.13. _____ - "Troca de datas" (conto). In: *Obra completa* (vol. II). Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, pp. 934-42.
- 4.14. _____ - "Uma noite" (conto). In: *Obra completa* (vol. II). Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, pp. 1093-102.
- 4.15. _____ - "Um capitão de voluntários" (conto). In: *Obra completa* (vol. II). Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, 685-94.
- 4.16. BACK, Sylvio - *Guerra do Brasil: toda verdade sobre a guerra do Paraguai* (LM). Rio de Janeiro, Embrafilme / FNDE, 1987.
- 4.17. BAPTISTA, Fernando - *Elisa Lynch: mulher do mundo e da guerra*. São Paulo, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1986.
- 4.18. BARRETO, Mário - *A campanha Lopezguaya*. Rio de Janeiro, Papelaria Brazil, 1929.
- 4.19. BARROSO, Gustavo - *A guerra do Lopez (contos e episódios da Campanha do Paraguai)*. 4 ed. Rio de Janeiro, Getulio M. Costa, 1939.
- 4.20. BETHELL, Leslie - "O imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai". São Paulo: IEA/USP, *Estudos avançados* 9 (24), 1995, 269-85.
- 4.21. BORMANN, José Bernardino - *História da guerra do Paraguay*. Curitiba, Jesuino Lopez & Cia., 1897.
- 4.22. BOX, Pelham Horton - *The origins of the Paraguayan war*. Urbana, University of Illinois, 1927.
- 4.23. BUZZATI, Dino - *O deserto dos tártaros* (tradução de Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade). 2 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- 4.24. CANCOGNI, Manlio e BORIS, Ivan - *El Napoleón del Plata* (tradução de Enrique de Obregón). 2 ed, Barcelona/Madrid, Noguer, 1977.
- 4.25. CANDIDO, Antonio - "As cartas do voluntário". In: *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo, Editora da UNESP, 1992, pp. 222-8.
- 4.26. CÁRCANO, Ramon J. - *Guerra del Paraguay: acción y reacción de la Triple Alianza*. Buenos Aires, Domingos Viau y Cia., 1941.
- 4.27. _____ - *Guerra del Paraguay: origenes y causas*. Buenos Aires, Domingos Viau y Cia., 1939.
- 4.28. CARDOZO, Efraim - *Breve história del Paraguay*. Buenos Aires, Eudeba, 1965.
- 4.29. _____ - *Hace 100 años: cronistas de la guerra de 1864-1870*. Asunción, Emasa, 1967.

- 4.30. CARVALHO, Silvia M. S. - *Os Terena e a guerra do Paraguai*. Araraquara, UNESP/Centro de estudos indígenas, texto policopiado, s.d.
- 4.31. CASCUDO, Luís da Câmara - *López do Paraguay*. Natal, Typ. d'A República, 1927.
- 4.32. CELSO Jr., Afonso - "Na Guerra" e "Na Paz" (poemas). *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro, Garnier, 1904, pp. 163-4 e 191-5.
- 4.33. CERQUEIRA, Gen. Dionísio - *Reminiscências da campanha do Paraguai (1865-1870)*. 4 ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, s.d.
- 4.34. CHAGAS, Manuel J. Pinheiro - *A guerra do Paraguay*. Lisboa, Lucas & filho, 1874.
- 4.35. CHIAVENATTO, Júlio J. - *A guerra contra o Paraguai*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- 4.36. _____ - *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, s.d.
- 4.37. _____ - *Os voluntários da pátria e outros mitos*. São Paulo, Global, 1983.
- 4.38. COLLOR, Lindolfo - *No centenário de Solano Lopez*. São Paulo, Melhoramentos, s.d.
- 4.39. COVA, J. A. - *Solano Lopez y la epopeya del Paraguay*. Buenos Aires, Editorial Veneza, 1948.
- 4.40. DOCUMENTOS Brasileiros Oficiais sobre a Retirada da Laguna. In: TAUNAY, Visconde de - *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (trad. de Afonso d'Escragnolle Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, pp. 145-92.
- 4.41. DUARTE, Paulo de Queiroz - *Os voluntários da Pátria na guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1981.
- 4.42. EL SEMANARIO de Avisos y Conocimientos utiles, 690 (XV), 4ª época. Asunción, 13 jul 1867. (In: TAUNAY, Visconde de - *A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (trad. de Afonso d'Escragnolle Taunay). 18 ed. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1975, pp. 141-4.)
- 4.43. FIX, Theodoro - *História da guerra do Paraguay* (tradução de A. J. Fernando dos Reis). Rio de Janeiro, Garnier, s.d.
- 4.44. FOTHERINGHAM, Ignacio - *La vida de um soldado o reminiscencias de las fronteras*. Buenos Aires, Circulo Militar, 1970.
- 4.45. FRAGOSO, Tasso - *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro, Estado Maior do Exército, 1934.
- 4.46. GANYMEDES, José - *O dia em que a guerra passou por Casa Branca*. 3 ed. São Paulo, FTD, 1986.
- 4.47. GARMENDIA, José Ignacio - *Campaña de Humaytá*. Buenos Aires, Penser, 1901.
- 4.48. _____ - *Del Brasil, Chile y Paraguay: gratas reminiscencias*. Buenos Aires, Librería La Facultad, 1915.
- 4.49. _____ - *La cartera de un soldado*. Buenos Aires, Circulo Militar, 1973.
- 4.50. _____ - *Recuerdos de la guerra del Paraguay: batalha del Sauce, combate de Ytayty Corá, Curupayti*. Buenos Aires, Penser, 1883.

- 4.51. _____ - *Reflejos de antaño*. Buenos Aires, Faiban y Camilloni, 1909.
- 4.52. GOMES, Carlos de Oliveira - *A solidão segundo Solano Lopez* (romance). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- 4.53. GONZALEZ, J. Natalino - *La guerra al Paraguay: Imperialismo y Nacionalismo en el Plata*. Buenos Aires, Sudestada, 1968.
- 4.54. GRANZIERA, Rui G. - *A Guerra do Paraguai e o capitalismo no Brasil: moeda e vida urbana na economia brasileira*. São Paulo, Hucitec/Editora da UNICAMP, 1979.
- 4.55. GUIMARÃES, Acyr Vaz - *Seiscentas léguas a pé (A Campanha do Apa)*. Campo Grande, Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1988.
- 4.56. *HISTÓRIA da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguai e Paraguai* (anônimo). Rio de Janeiro, Livraria de A. G. Guimarães & Cia., 1870.
- 4.57. LOBATO, Monteiro - "Veteranos do Paraguai" e "Uruguaiana". In: *A Onda Verde*. 13ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- 4.58. LOPEZ, Solano - *Proclamas e cartas del Mariscal Lopez*. Buenos Aires, Asunción, 1957.
- 4.59. MAGALHÃES Jr., Raimundo - "Machado de Assis e a guerra do Paraguai". In: *Machado de Assis desconhecido*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1955.
- 4.60. MANSILLA, Lucio V. - *Entre nos: causeries des jueves*. Buenos Aires, Hachette, 1963.
- 4.61. _____ - *Una excursión a los indios ranqueles*. Buenos Aires, CEAL, 1980.
- 4.62. MARQUES, Maria Eduarda C. M. (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- 4.63. MICELI, Paulo - *O mito do herói nacional*. 2 ed. São Paulo, Contexto, 1989.
- 4.64. MOTA, Artur Silveira da (barão de Jaceguay) - *De aspirante a almirante (1858-1902): Minha fé de ofício documentada*. Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1906-1913.
- 4.65. _____ - *O dever do momento: carta a Joaquim Nabuco*. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1897.
- 4.66. _____ - *Reminiscências da guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro, Oficina de obras gráficas da S. A. Noite, 1935.
- 4.67. _____ - *Quatro séculos de atividade marítima/Portugal e Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900.
- 4.68. MOTA, Carlos Guilherme - "História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai: (1864-1870) 130 anos depois". São Paulo: IEA/USP, *Estudos avançados* 9 (24), 1995, 243-54.
- 4.69. NABUCO, Joaquim - *La guerra del Paraguay* (tradução de Congalo Reparaz). Paris, Garnier, s.d.
- 4.70. NORONHA, Eduardo de - *O guia de Matto Grosso: episódio da guerra do Paraguay, conforme o interessante livro do escritor brasileiro d'Escragolle Taunay, a Retirada da Laguna* (romance). Coimbra, França Amado, 1909.

- 4.71. PEREGRINO, Umberto - *A guerra do Paraguai na obra de Machado de Assis*. João Pessoa, UFPB/Dep. Cultural, 1969.
- 4.72. POMER, Leon - *A guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense* (tradução de Yara Paes). São Paulo, Global, 1980.
- 4.73. _____ - *Os conflitos da Bacia do Prata* (tradução de Luiz Roberto Seabra Malta). São Paulo, Brasiliense, 1979.
- 4.74. _____ - *Paraguai: nossa guerra contra esse soldado*. 2 ed. São Paulo, Global, 1985.
- 4.75. QUEIROZ, Paulo R. Cimó - *A guerra com o Paraguai*. Aquidauana, texto policopiado, s.d.
- 4.76. QUELL, H. Sanchez - *Política Internacional del Paraguay (1811-1870)*. Asunción, Imprenta Nacional, 1935.
- 4.77. REBOUÇAS, André - *Diário: a guerra do Paraguai (1866)*. São Paulo, IEB/USP, 1973.
- 4.78. SALLES, Ricardo - *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- 4.79. SARMIENTO, Domingo F. - *Vida de Dominguito*. Buenos Aires, Instituto Amigos del libro argentino, 1954.
- 4.80. SCHNOOR, Luiz - *A guerra do Paraguai: enciclopédia pela imagem*. Porto, Lello, s.d.
- 4.81. SEEBER, Francisco - *Cartas sobre la guerra del Paraguay (1865-1866)*. Buenos Aires, Talheres gráficos de L. J. Rosso, 1907.
- 4.82. SILVA, Deonísio da - *Avante soldados: para trás* (romance). São Paulo, Siciliano, 1992.
- 4.83. SILVA, José Luiz Rodrigues da - *Recordações da guerra do Paraguai*. São Paulo, Melhoramentos, 1924.
- 4.84. SPALDING, Walter - *A invasão paraguaia no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940.
- 4.85. SPANO, Carlos Guido *et alli* - *Proceso a la guerra del Paraguay* (seleção e introdução de Leon Pomer). Buenos Aires, Caldén, 1968.
- 4.86. TAUNAY, Afonso d'E. - D. Pedro II e a guerra do Paraguai. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 152, tomo 98, 291-301, 1925.
- 4.87. THOMPSON, George - *Guerra do Paraguai (com um esboço histórico do país e do povo paraguaio e notas sobre a engenharia militar durante a guerra)* (tradução de Homero de Castro Jobim). Rio de Janeiro, Conquista, 1968.
- 4.88. TOLSTOI, Leon - *Guerra e paz* (tradução, introdução e notas de Oscar Mendes). 3 ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1983.
- 4.89. TORAL, André Amaral de - "A participação dos negros na guerra do Paraguai". São Paulo: IEA/USP, *Estudos avançados* 9 (24), 1995, 287-96.
- 4.90. TUCÍDIDES - *História da guerra do Peloponeso* (tradução de Mário da Gama Kury). 3 ed. Brasília, Editora da UNB, 1987.
- 4.91. VERÍSSIMO, José - "O voluntário da pátria". In: _____ - *Scenas da vida amazonica*. 2 ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1899, pp. 155-205.

- 4.92. VERSEN, Max von - *História da guerra do Paraguai* (tradução de Manuel T. A. Nogueira). São Paulo, EDUSP; Belo Horizonte, Itatiaia, 1983.
- 4.93. WARREN, Harris G. - *Paraguay and the Triple Alliance: the postwar decade (1869-1878)*. Austin, Institute of Latin America Studies, 1978.
- 4.94. _____ - *Paraguay: an informal history*. Norman, University of Oklahoma Press, 1949.
- 4.95. WILLIAMS, John H. - *The rise and fall of the Paraguayan Republic: 1800-1870*. Austin, University of Texas/Institute of Latin America Studies, 1979.
- 4.96. XÉNOPHON - *L'Anabase* (tradução de Pierre Chambry). Oeuvres complètes 2. Paris, Garnier/Flammarion, 1967, pp. 23-249.
- 4.97. ZARZA, Idalia F. G. - *Juan Bautista Alberdi y la defensa del Paraguay en la guerra contra la Triple Alianza*. Buenos Aires, Republica Argentina, 1976.

5.obras de cunho histórico, cultural, político, sociológico:

- 5.1. ABENSOUR, Miguel - *O novo espírito utópico* (tradução de Claudio Stieltjes et alli). Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.
- 5.2. ALTAMIRANO, Carlos - Ideologia y sensibilidad postmodernas. *Punto de vista: revista de cultura* 25, VII, 20-3, dec 1985.
- 5.3. AUTHIER-REVUZ, Jacqueline - Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV revue de linguistique* 26. Paris, Centre de Recherche de l'Université de Paris VII, 91-151, 1982.
- 5.3a. BENVENISTE, Émile - *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 1966.
- 5.4. BOGHICI, Jean (org.) - *Missão Artística Francesa e pintores viajantes* (catálogo da exposição). Rio de Janeiro, Instituto Cultural Brasil-França/Fundação Casa França-Brasil/Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, nov/dez 1990.
- 5.5. BRAUDEL, Fernand - "Histoire et sciences sociales" e "Unité et diversité des sciences de l'homme (1)". In: _____. *Écrits sur l'histoire*. Paris, Flammarion, 1969, pp. 41-96.
- 5.6. BUBER, Martin - *Sobre comunidade* (tradução de Newton A. von Zuben; seleção e introdução de Marcelo Dascal e Oscar Zimmerman). São Paulo, Perspectiva, 1987.
- 5.7. BURKE, Peter - "A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa". In: BURKE, Peter (org.) - *A escrita da história: novas perspectivas* (trad. de Magda Lopes). São Paulo, Editora da UNESP, 1992, pp. 327-48.
- 5.8. CALMON, Pedro - *História de D. Pedro II*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- 5.9. CARDOSO, Ciro Flamarion S. - Iconografia e história. *Revista Resgate*, 1, Campinas, Papirus, 9-17, 1990.
- 5.10. CARDOSO, Vicente Licínio - *À margem da história do Brasil*. 3 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional; Brasília, INL, 1979.

- 5.11. CARDOZO, Efraim - "Paraguay independente". In: BALLESTEROS Y BERETTA, Antonio (dir.) - *Historia de america y de los pueblos americanos*. Barcelona, Mexico, Rio de Janeiro, Salvat Editores, 1949.
- 5.12. CARONE, Edgard - *A República Velha I: instituições e classes sociais (1889-1930)*. Rio de Janeiro/São Paulo, DIFEL, 1978.
- 5.13. _____ - *A República Velha II: evolução política (1889-1930)*. Rio de Janeiro/São Paulo, DIFEL, 1977.
- 5.14. CARVALHO, José Murilo de - *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.
- 5.15. _____ - *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- 5.16. _____ - *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- 5.17. _____ - *Teatro de sombras: a política imperial*. São Paulo, Vértice, 1988.
- 5.18. CARVALHO, Ronald de - *Estudos brasileiros*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar/INL/MEC, 1976.
- 5.19. CERTEAU, Michel de - *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.
- 5.20. CLASTRES, Pierre - *A Sociedade contra o Estado: pesquisas de Antropologia política* (tradução de Theo Santiago). Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- 5.21. CORRÊA Filho, Virgílio - *A História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, INL/MEC, 1969.
- 5.22. COSTA, Emília Viotti da - *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1979.
- 5.23. COSTA, João Cruz - *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- 5.24. CUNHA, Euclides da - *À margem da história*. São Paulo, Cultrix; Brasília, INL, 1975.
- 5.25. _____ - *Os Sertões*. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- 5.26. DARNTON, Robert - *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução* (tradução de Denise Bottmann). São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- 5.27. DEBRUN, Michel - *A Conciliação e outras estratégias (ensaios políticos)*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- 5.28. DUCROT, Oswald - "Esboço de uma teoria polifônica da enunciação". In: _____. *O dizer e o dito* (revisão da tradução de Eduardo Guimarães). Campinas, Papirus, 1987.
- 5.29. FAORO, Raymundo - *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.
- 5.30. _____ - *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Porto Alegre, Globo, 1977.
- 5.31. FOUCAULT, Michel - *A arqueologia do saber* (tradução de Luiz Felipe Baeta Neves). 3 ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- 5.31a. _____ - *Les mots et les choses*. Paris, Gallimard, 1967.
- 5.32. _____ - *L'ordre du discours: leçon inaugurale au Collège de France*. Paris, Gallimard, 1971.

- 5.33. _____ - *Microfísica do poder* (organização e tradução de Roberto Romano). 5 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- 5.34. FRANCO, Maria Sylvia C. - *Homens livres na sociedade escravocrata*. São Paulo, Ática, 1976.
- 5.35. GRAHAM, Richard - *A Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil (1850-1914)* (tradução de Roberto M. de Almeida). São Paulo, Brasiliense, 1973.
- 5.36. _____ - *Escravidão, reforma e imperialismo*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- 5.37. GRAMSCI, Antonio - *Introdução à filosofia da práxis* (tradução de Serafim Ferreira). Lisboa, Antidoto, 1978.
- 5.38. _____ - *Os intelectuais e a organização da cultura* (tradução de Carlos Nelson Coutinho). São Paulo, Circulo do Livro, s.d.
- 5.39. GINSBURG, Carlo - "Sinais: raízes de um paradigma indiciário." In: _____ - *Mitos, emblemas, sinais (morfologia e história)* (tradução de Federico Carotti). São Paulo, Companhia das Letras, 1991, pp. 143-179.
- 5.40. HALLEWELL, Laurence - *O livro no Brasil: sua história* (tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio L. de Oliveira). São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP, 1982.
- 5.41. HARDMAN, Francisco Foot - *Cidades errantes: representações do trabalho urbano-industrial nordestino no século XIX. Ciências sociais hoje, 1988 (Anuário de antropologia política e sociologia)*. São Paulo, Vértice/Ed. Revista dos Tribunais/ANPOCS, 64-80, 1988.
- 5.42. _____ - *Os negativos da história: a ferrovia-fantasma e o fotógrafo-cronista. Resgate: revista de cultura do Centro de Memória, nº 5. Campinas/UNICAMP, Papirus, 9-21, 1993.*
- 5.43. HOBSBAWM, Eric y STONE, Lawrence - *La historia como narrativa* (tradução de Luís Rodriguez). *Debats*, 4, Disputació de València, Institució Alfons el Magnànim, 91-110, 1982.
- 5.44. HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.) - *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, DIFEL, II (vol. 3, 4 e 5), 1964.
- 5.45. _____ - *Raízes do Brasil*. 17 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984.
- 5.46. _____ - *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 4 ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1985.
- 5.47. JANOTTI, Maria de Lourdes M. - *Os subversivos da República*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- 5.48. LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.) - *História: novas abordagens* (tradução de Henrique Mesquita). Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- 5.49. _____ - *História: novos problemas* (tradução de Theo Santiago). 2 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- 5.50. LÉVI-STRAUSS, Claude - *Tristes tropiques*. Paris, Union Générale d'Éditions, 1963.
- 5.51. LIMA, Manoel de Oliveira - *O Império brasileiro (1821-1889)*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1989.

- 5.52. LINHARES, Maria Yeda L. *et alli* - Debate/República. Revista *Resgate*, 1, Campinas, Papirus, 111-8, 1990.
- 5.53. LOBATO, Monteiro - *Cidades mortas. (contos e impressões)*. São Paulo: Revista do Brasil, 1919.
- 5.54. LÖWY, Michel - *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento* (tradução de Juarez Guimarães e Suzanne F. Léwy). 5 ed. São Paulo, Busca vida, 1987.
- 5.55. _____ - *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa Central: um estudo de afinidade eletiva* (tradução de Paulo Neves). São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- 5.56. LÖWY, Michel e SAYRE, Robert - *Révolte et mélancolie*. Paris, Payot, 1992.
- 5.57. LYRA, Heitor - *História de D. Pedro II*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo/EDUSP, 1977.
- 5.58. MANNHEIM, Karl - "O pensamento conservador". In: MARTINS, José de Souza (org.) - *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo, Hucitec, 1981, pp. 77-131.
- 5.59. _____ - *Ideologia e utopia* (tradução de Sérgio M. Santeiro). 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- 5.60. MARTINS, Wilson - *História da inteligência brasileira (vol. III, IV e V)*. São Paulo, Cultrix, 1977.
- 5.61. MATTOS, Ilmar Rohloff de - *O Tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial*. 2 ed. São Paulo, Hucitec/INL, 1990.
- 5.62. MATTOSO, José - *A escrita da história: teoria e métodos*. Lisboa, Estampa Editorial, 1988.
- 5.63. MORAES Filho, Mello - *Fatos e memórias*. Rio de Janeiro, Garnier, 1904.
- 5.64. MORAES, Antonio Carlos Robert de - *Ideologias geográficas*. São Paulo, Hucitec, 1988.
- 5.65. MORSE, Richard - *O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas* (tradução de Paulo Neves). São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- 5.66. MOURA, Carlos Francisco - *A expedição Langsdorff em Mato Grosso*. Campo Grande, Imprinta/UFMS, 1984.
- 5.67. MUMFORD, Lewis - *A Cidade na História (2 vol.)* (trad. de Neil R. da Silva). Belo Horizonte, Itatiaia, 1965.
- 5.68. NABUCO, Joaquim - *Minha formação*. 10 ed. Brasília, Editora da UNB, 1981.
- 5.69. _____ - *Um estadista do Império: Nabuco de Araújo*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1975.
- 5.70. NEEDEL, Jeffrey D. - *A Tropical Belle Époque: elite, culture and society in turn-of-the-century/Rio de Janeiro*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- 5.71. ORLANDI, Eni e GERALDI, João Wanderley - *Caderno de estudos lingüísticos 19: O Discurso e suas análises*. Campinas, IEL/UNICAMP, jul/dez 1990.

- 5.72.OSAKABE, Haquira - *Argumentação e discurso político*. São Paulo, Kairós, 1979.
- 5.73.OTTONI, Theophilo Benedicto - *A estátua eqüestre (carta)*. Rio de Janeiro, Typ. do Diário do Rio, 1862, 12 p.
- 5.74.PRADO Jr., Caio - *História econômica do Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1961.
- 5.75.RAGO, Margareth - As marcas da pantera: Foucault para historiadores. *Resgate: revista de cultura do Centro de Memória*, no 5. Campinas/UNICAMP, Papirus, 1993, 22-32.
- 5.76.RAMA, Angel - *A cidade das letras* (tradução de Emir Sader). São Paulo, Brasiliense, 1985.
- 5.77.RODRIGUES, José Honório - *Conciliação e reforma no Brasil: um desafio histórico-cultural*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- 5.78.ROMANO, Roberto - *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- 5.79.SALIBA, Elias Thomé - *As utopias românticas*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- 5.80.SANTOS, José Maria dos - *A política geral do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo/EDUSP, 1989.
- 5.81.SARMIENTO, Domingo F. - *Facundo o civilización y barbarie en las pampas argentinas*. 6 ed. Buenos Aires, Espasa-Calpe argentina, 1962.
- 5.82.SEVCENKO, Nicolau - *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3 ed. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- 5.83._____ - "O enigma pós-moderno". In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de *et alii - Pós-modernidade*. 2 ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988, pp. 43-55.
- 5.84.SCHLANGER, Judith E. *Les métaphores de l'organisme*. Paris, J. Vrin, 1971.
- 5.85.SOUSA, Octávio Tarquínio de - *História dos fundadores do Império do Brasil (vol. 1)*. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
- 5.86.SUBIRATS, Eduardo - Paisagens da solidão. In:_____. *Paisagens da solidão* (trad. de Denise G. Bottmann). São Paulo, Duas Cidades, 1986, pp. 47-67.
- 5.87.TAUNAY, Afonso d'E. - *A Missão Artística de 1816*. Brasília, Editora da UNB, 1983.
- 5.88._____ - *No Brasil Imperial*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922.
- 5.89.TÖNNIES, Ferdinand - *Communauté et société: catégories fondamentales de la sociologie pure*. (tradução de J. Leif). Paris, Presses universitaires de France, 1944.
- 5.90.TODOROV, T. *Poétique*. Paris, Seuil, 1973.
- 5.91.URICOECHEA, Fernando - *O Minotauro Imperial: a burocratização do Estado patrimonial no século XIX*. Rio de Janeiro/São Paulo, DIFEL, 1978.
- 5.92.VENTURA, Roberto - *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- 5.93.WHITE, Hyden - *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX* (trad. de José Laurêncio de Melo). São Paulo, EDUSP, 1992.

- 5.94. WILLIAMS, Raymond - *Cultura e sociedade (1780-1950)* (tradução de Leonidas H. B. Hegenberger *et alli*). São Paulo, Nacional, 1969.
- 5.95. _____ - *Marxismo e literatura* (tradução de Waltensir Dutra). Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 5.96. _____ - *O campo e a cidade: na história e na literatura* (tradução de Paulo Henriques Britto). São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- 5.97. WILSON, Edmund - *Rumo à Estação Finlândia: escritores e atores da história* (tradução de Paulo Henriques Britto). São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

6.sobre o nacionalismo:

- 6.1. ANDERSON, Benedict - *Nação e consciência nacional* (tradução de Lólio L. de Oliveira). São Paulo, Ática, 1989.
- 6.2. ASSIS, Joaquim Maria Machado de - "Notícia da atual literatura brasileira/ Instinto de Nacionalidade". In: *Obra completa (vol. III)*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, pp. 801-9.
- 6.3. CARDOZO, Efraim - *El Paraguay colonial: las raices de la nacionalidad*. Buenos Aires/Asunción, Nizza, 1959.
- 6.4. GRAMSCI, Antonio - *Literatura e vida nacional* (tradução e seleção de Carlos Nelson Coutinho). 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- 6.5. HOBBSBAWN, Eric J. - *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- 6.6. _____ - *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* (tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- 6.7. LÖWY, Michel - Nacionalismos: depois do vendaval. *Teoria e debate*, 18, São Paulo, 34-7, mai/jun/jul 1992.
- 6.8. OLIVEN, Ruben George - Nação e tradição na virada do milênio. *Resgate: revista de cultura do Centro de Memória*, no 5. Campinas/UNICAMP, Papyrus, 77-87, 1993.
- 6.9. POMER, Leon - Estado nacional: fracaso y desmembración. *V Encontro da A.D.H.I.L.A.C.*. São Paulo, texto policopiado, 20 p., s.d..
- 6.10. PRADO, Antonio Arnoni - "Nacionalismo literário e cosmopolitismo". Campinas, texto policopiado, s.d..
- 6.11. VELLOSO, Mônica Pimenta - A literatura como espelho da nação. *Estudos históricos*, 2 (vol. 1), Rio de Janeiro, 239-63, 1988.

7.sobre tradição e modernidade:

- 7.1. ANDERSON, Perry - Modernidade e revolução (tradução de Maria Lúcia Montes). *Revista Novos Estudos CEBRAP*, 14, 2-15, fev 1986.
- 7.2. ASSIS, Joaquim Maria Machado de - Carta a Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro, 22 set 1895). In: *Obra completa (vol. III)*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, p. 1040.

- 7.3. BENJAMIN, Walter - "A modernidade" (tradução de Heidrun K. M. da Silva). *Tempo Brasileiro/Vanguarda e Modernidade*, 26-27, 7-39, jan/mar 1971.
- 7.4. BERMAN, Marshall - *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade* (tradução de Carlos F. Moisés e Ana Maria L. Ioratti). São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- 7.5. HARDMAN, Francisco Foot - "Palavra de ouro, cidade de palha". In: SCHWARZ, Roberto (org.) - *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1983, pp. 79-87.
- 7.6. _____ - *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- 7.7. IANNI, Octávio - A idéia de Brasil moderno. *Revista Resgate*, 1, Campinas, Papyrus, 19-38, 1990.
- 7.8. LEFEBVRE, Henri - *Introdução à modernidade*. São Paulo, Paz e Terra, 1969.
- 7.9. LÖWY, Michel - Religion, utopia and counter-modernity: the allegory of the angel of History in Walter Benjamin. *Social compass/International review of sociology of religion*, 1 (vol. 36), 95-104, mar/1989.
- 7.10. MAYER, Arno - *A força da tradição: a permanência do antigo regime (1848-1914)* (tradução de Denise Bottmann). São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- 7.11. MICELI, Paulo - Os homens e suas pontes: comentários sobre a história da técnica. *Revista Resgate*, 1, Campinas, Papyrus, 57-66, 1990.
- 7.12. PEVSNER, N. - *Os pioneiros do desenho moderno*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- 7.13. SÜSSEKIND, Flora - *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Casa de Rui Barbosa, 1986.
- 7.14. _____ - *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

8.de e sobre memorialismo, viagens, índios:

- 8.1. BOGGIANI, Guido - *Os Caduveos* (trad. de Amadeu Amaral Júnior). Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1975.
- 8.2. BOSI, Ecléa - *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2 ed. São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP, 1987.
- 8.3. DEBRET, Jean Baptiste - *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, .
- 8.4. DENIS, Ferdinand - *Brasil* (tradução de João Etienne Filho e Malta Lima). Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980.
- 8.5. FREIREYSS, George W. - *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, .
- 8.6. GARDNER, George - *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP,
- 8.7. HALBWACHS, Maurice - *A memória coletiva* (tradução de Laurent L. Schaffter). São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

- 8.8.KOSERITZ, Carl von - *Imagens do Brasil* (traução, prefácio e notas de Afonso Arinos de Melo Franco). Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980.
- 8.9.LE GOFF, Jacques - "Memória". In: *Enciclopédia EINAUDI (vol. 1, Memória-História)*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, pp. 11-50.
- 8.10. _____ - *História e memória* (trad. de Irene Ferreira et alli). 2 ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992.
- 8.11.MAGALHÃES, Gen. Couto de - Carta a Joaquim Sena. In: *O Selvagem*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1975.
- 8.12.MANIZER, G. G. - *A expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828)* (organização de B. G. Xprintsin e tradução de Osvaldo Peralva). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.
- 8.13.MAWE, John - *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, .
- 8.14.MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de - A História, cativa da memória? (Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 34, 9-24, 1992.
- 8.15.NORA, Pierre - "Entre mémoire et histoire - la problématique des lieux". In: NORA, Pierre (dir.) - *Les lieux des mémoires. I- La République*. Paris, Gallimard, 1984, pp. XVII-XLII.
- 8.16.OLIVEIRA, Roberto Cardoso de - *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena*. 2 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- 8.17.ORLÉANS, Gastão de (Conde d'Eu) - *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1981.
- 8.18.RIBEYROLLES, Charles - *Brasil pitoresco*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP.
- 8.19.ROSSI, Paolo - *Il passato, la memoria, l'oblio: sei saggi di storia delle idee*. Bologna, Il Mulino, 1991.
- 8.20.RUGENDAS, Johann M. - *Viagem pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, .
- 8.21.SANTOS, Joaquim F. dos - *Memórias do distrito diamantino da Comarca de Serro Frio (província de Minas Gerais)*. 4 ed. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1976.
- 8.22.SILVA, Fernando Altenfelder - Mudança cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*, III, Araraquara, 271-391, s.d.
- 8.23.SÜSSEKIND, Flora - *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.